

CÉSAR APARECIDO NUNES

FILOSOFIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO:

as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

1996

CÉSAR APARECIDDO NUNES

FILOSOFIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO:

as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar.

Tese de Doutorado apresentada como exigência parcial para obtenção do Grau de **Doutor** em Educação, na área de **Filosofia da Educação**, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. **Pedro L. Goergen**.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1996

Este exemplar corresponde à
redação final da Tese defendida
por CÉSAR APARECIDDO NUNES

e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 28 Março 1996

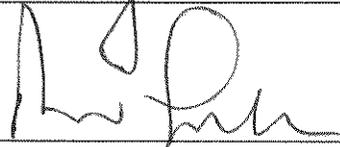
Assinatura: 

COMISSÃO JULGADORA



A handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a long horizontal stroke extending to the right.

depois J. Amuney



A handwritten signature in black ink, appearing to be a name with a large initial 'A' and a long horizontal stroke.



A handwritten signature in black ink, featuring a large initial 'P' and a long horizontal stroke.



A handwritten signature in black ink, with a large initial 'D' and a long horizontal stroke.



A handwritten signature in black ink, with a large initial 'T' and a long horizontal stroke.

"Na medida em que estamos sós, o amor e a morte tocam-se. (...) Este será o amor que, combatendo duramente, se completam, se limitam e se inclinam uma para outra, duas solidões que se protegem".

RILKE

AGRADECIMENTOS

... Aos meus pais, **Júlio Milton e Maria Helena**, pelo pouco tempo de nossa convivência, e pela intensidade com que viveram as contradições sobre desejo e afeto de sua época.

... À **Cleide**, companheira querida, pela forma amorosa e solidária com que partilha comigo a existência.

... Aos meus filhos, **César Augusto e César Adriano**, pelas ausências derivadas desta árdua luta de pesquisar o mundo para que lhes seja mais significativo.

... Ao professor **Pedro L. Goergen**, orientador e amigo, pela presença desafiante e serena condução de minhas contradições.

... Ao **CNPq**, pelo financiamento parcial deste estudo, à **Faculdade de Educação da UNICAMP**, pelo privilégio de ter compartilhado de um mundo de investigação e reflexão.

... À **PUCAMP**, onde exerço meu trabalho de professor, pela possibilidade de concluir a pesquisa dentro da Carreira Docente da Universidade, buscando novos horizontes para o saber e o magistério, ao **Núcleo de Educação**, pelo aprendizado constante e à Faculdade de Educação, pela paciência com que acompanhou e contribuiu com minhas dificuldades em concluir o presente trabalho.

... Ao **Programa de Mestrado em Educação da PUCAMP**, que soube compreender e socializar os momentos mais exigentes deste estudo.

... Ao **Curso de Especialização em Educação Sexual da UDESC - Florianópolis**, como laboratório constante de debates e contribuições.

... Ao **Fernando**, do Instituto Práxis, que pacientemente auxiliou na organização de muitos dos dados aqui apresentados,

... Ao **Luis Antonio**, amigo e instrutor, que decifrou comigo o código da organização dos textos e sua formalização,

... Aos leais companheiros no embate por um mundo de igualdades sociais, **Glauco, Roni, Reginaldo, Pedro Ivo, Paulo e Fátima**, pela solicitude em acompanhar os desafios vencidos na construção de mais este instrumento de luta teórica.

... A todos os meus amigos, aos queridos **alunos e professores**, companheiros de categoria e de classe, que sempre tiveram comigo a palavra certa e suficiente para incentivar a continuidade deste trabalho.

Chanson du geôlier

*Où vas-tu beau geôlier
Avec cette clé tachée de sang
Je vais délivrer celle que j'aime
S'il en est encore temps
Et que j'ai enfermée
Tendrement cruellement
Au plus secret de mon désir
Au plus profond de mon tourment
Dans les mensonges de l'avenir
Dans les bêtises des serments
Je veux la délivrer
Je veux qu'elle soit libre
Et même de m'oublier
Et même de s'en aller
Et même de revenir
Et encore de m'aimer
Ou d'en aimer un autre
Si un autre lui plaît
Et si je reste seul
Et elle en allée
Je garderai seulement
Je garderai toujours
Dans mes deux mains en creux
Jusqu'à la fin des jours
La douceur de ses seins modelés par l'amour.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
------------------	----

CAPÍTULO I

- FUNDAMENTOS HISTÓRICO-POLÍTICOS E FILOSÓFICOS PARA COMPREENDER A SEXUALIDADE HUMANA E OS DISCURSOS HEGEMÔNICOS SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO	18
1. A COMPREENSÃO DIALÉTICA DA SEXUALIDADE	37
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANTROPOLOGIA MARXISTA.....	47
3. FILOSOFIA, DIALÉTICA E SEXUALIDADE	61
4. O RECURSO À PERSPECTIVA HISTÓRICO-FILOSÓFICA.....	66
5. ESBOÇOS PRELIMINARES PARA A DELIMITAÇÃO DOS CONTORNOS EPISTEMOLÓGICOS.. "SEXUALIDADE" E "EDUCAÇÃO SEXUAL"	75
6. FRAGMENTOS PARA UMA FILOSOFIA DO CORPO	97

CAPÍTULO II

- OS ENFOQUES TIPOLÓGICOS DOMINANTES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO SEXUAL E SUAS MATRIZES FILOSÓFICO-POLÍTICAS	106
1. ELEMENTOS PARA COMPREENSÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO	110
2. A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA HISTÓRIA INSTITUCIONAL ESCOLAR BRASILEIRA	118
3. O CONTEXTO DA REVOLUÇÃO SEXUAL E SEUS IMPACTOS NA REALIDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	127
4. DA REVOLUÇÃO SEXUAL AO SEXO-SEGURO.....	131
5. A CONCEPÇÃO MÉDICO-BIOLOGISTA DA SEXUALIDADE	139
6. OS DETERMINANTES FILOSÓFICOS E SOCIAIS DA CONCEPÇÃO TERAPÊUTICO-DESCOMPRESSIVA DA SEXUALIDADE	150
7. A SEXUALIDADE NA ABORDAGEM NORMATIVO- INSTITUCIONAL	171
8. A CONCEPÇÃO CONSUMISTA E QUANTITATIVA PÓS-MODERNA	197

CAPÍTULO III

- PERSPECTIVAS E PROPOSITURAS PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA E LIBERTADORA NA ESCOLA	217
1. A CONCEPÇÃO DIALÉTICA E A PERSPECTIVA POLÍTICA DE UM DISCURSO EMANCIPATÓRIO SOBRE SEXUALIDADE	219
2. RAZÃO E CIÊNCIA COMO FUNDAMENTOS DA PRÁXIS LIBERTADORA	235
3. A SUPERAÇÃO DO CÉTICISMO POLÍTICO E ÉTICO	246
4. A NOVA SEXUALIDADE EM VISTA DE UMA NOVA SOCIEDADE	251
5. TÓPICOS PARA UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOBRE SEXUALIDADE NA ESCOLA	259
 CONCLUSÕES	 278
 BIBLIOGRAFIA	 304

RESUMO

O estudo visa descrever e analisar criticamente os pressupostos filosóficos e os fundamentos éticos dos atuais discursos e concepções sobre a articulação entre Sexualidade e Educação, presentes nos programas de Educação Sexual hegemônicos na década de 1980 na sociedade brasileira. Delimita e circunscreve as contradições de 5 abordagens tipificadas de discursos sobre Sexualidade e Educação que se constituíram em influentes núcleos de ações educacionais, no campo da educação sexual, durante os anos 80: o discurso médico-biologista; a concepção terapêutico-descompressiva; a abordagem normativo-institucional; a concepção consumista e quantitativa pós-moderna e apresenta eixos ético-filosóficos para uma abordagem emancipatória da sexualidade e Educação Sexual. Discute as bases antropológicas e os conceitos essenciais destas abordagens, questionando sua origem social e histórica, delineando os pressupostos filosóficos presentes no discurso e sua pertinente compreensão da sexualidade humana numa dimensão pedagógica.

Expõe os eixos lógicos, gnoseológicos e as bases ontológicas estruturais destas concepções tipificadas, buscando elucidar suas contradições e limites, sua vinculação sócio-política e ideológica, avaliando sua pertinência e validade, alcance e perspectivas na sociedade brasileira atual e na abrangência do discurso institucional escolar.

Apresenta as bases de uma concepção dinâmica e transformadora da sexualidade humana na perspectiva da dialética e os tópicos estruturais de uma abordagem educacional deste tema, configurando novos campos sócio-políticos e epistemológicos da investigação teórica sobre a articulação Sexualidade, Sociedade e Educação.

Discute a suposta especificidade de uma "Educação Sexual" e apresenta subsídios para uma compreensão globalizante da sexualidade humana, como dimensão ontológica essencialmente humana e culturalmente determinada. Apresenta elementos para a formação de professores e educadores sociais na área.

INTRODUÇÃO

A análise da sexualidade humana, de uma maneira crítica e científica, torna-se uma das tarefas mais exigentes e complexas da pesquisa em Ciências Humanas, por ser uma das áreas recentes de investigação. Somente logramos delinear os horizontes e fronteiras desta área, consideradas como marcos metodológicos, se partirmos da busca da multidisciplinaridade e de uma visão de globalidade do fenômeno sexual e suas manifestações. Os contornos epistemológicos e políticos desta área do conhecimento humano tornam-se de difícil apreensão, pois em Ciências Humanas não se julga adequado erigir um objeto único e determinado sobre um paradigma unilateral, sem considerar as múltiplas facetas e variantes deste objeto. Quando trata-se de assuntos que evocam repercussões éticas e políticas tão díspares, como é o caso da discussão sobre a sexualidade, nosso cuidado deve ser ainda maior. É o que pretendemos apresentar no estudo que ora empreendemos e buscamos sistematizar. Trata-se de um estudo sobre Sexualidade e Educação.

As Ciências Humanas, especialmente, são ciências que se completam na multidisciplinaridade, pois partimos sempre da consideração de que o foco central é o homem e sua ação histórica, social, política, ética. Assim, trabalhar a sexualidade humana como objeto teórico, quase sempre, para melhor cumprimento dos propósitos de globalidade e radicalidade na análise, é recomendável ao investigador uma instrumentação na amplitude pluralista destas mesmas ciências, visto que não se julga suficiente e eficaz a tentativa de

circunscrever o homem e sua ação histórica em processos restritivos ou documentários.

Para estudar a sexualidade humana recomenda-se, portanto, uma predisposição investigativa de humildade e de paciência. Torna-se de melhor monta a postura observadora da complexidade do tema e de sua riqueza, incitando este investigador ou pesquisador, além da predisposição teórica multidisciplinar, a dar conta de sua tarefa a partir de um profundo rigor metodológico.

Freqüentemente as análises sobre a sexualidade humana têm sido pautadas sobre "modelos " ou paradigmas copiados ou "emprestados" das Ciências Naturais. Esta tradição tem sido criticada por, quase sempre, redundar numa forma restrita de análise do mundo dinâmico da sexualidade e seus potenciais campos de investigação, condicionada pela estrutura de concepções extremamente unilaterais e fragmentárias que têm predominado nas Ciências da Natureza. Pretendemos evitar tais erros, embora possamos ter cometido outros similares. Nossa intenção é a de analisar a sexualidade numa interpretação dialética, isto é: compreendendo-a como construção social a partir da práxis humana, e portanto, condicionada pelos diferentes momentos históricos e políticos.

O que move a presente pesquisa, é o desejo de elucidar os diferentes paradigmas que fundamentam os projetos de educação sexual e os discursos sobre sexualidade humana na história da educação brasileira recente. Pretendemos ainda circunscrever o suporte filosófico e epistemológico destes projetos e destes discursos, que apresentaremos tipificados e com excertos de suas principais liturgias institucionais no capítulo segundo da presente pesquisa, elucidando suas concepções ou cosmovisões, e ainda tencionamos propor questões desafiadoras ao seu alcance histórico-social e até político-pedagógico,

que se configuram nos propósitos do terceiro capítulo. Desta maneira, buscamos construir nossa reflexão com todas as desafiadoras exigências da reflexão filosófica, conquanto aquela que busca a compreensão de algo a partir de seus fundamentos e exige uma resposta de globalidade e radicalidade. Nisto encerra-se o recurso à Filosofia...

A filosofia surge então, como uma investigação sobre o estatuto epistemológico destas iniciativas e destes discursos e projetos, bem como a ciência que analisa profundamente seu alcance social, ético e pedagógico. Não compartilhamos de concepções restritas da Filosofia, mas a entendemos como uma "ciência de globalidade", como um questionamento que exige radicalidade, buscando atingir, os delineamentos axiológicos da estrutura ontológica humana.

A dialética, como referencial também metodológico, compreendêmo-la aqui como a forma mais ampla da recuperação da tradição histórico-social materialista originada nos grandes movimentos de pensadores do século XVIII. Entendemos a dialética no sentido dado por PRADO e KRAPRIVINE, como "concepção de mundo", como um método que:

"em oposição ao método metafísico de abordar e analisar os objetos do pensamento e do conhecimento, considera antes as relações, o "conjunto" e a "unidade" universal donde decorrem tais relações; e é nessas relações, sejam no espaço, sejam no tempo (quando mais propriamente se denominam "processos") é nelas que a Dialética vai procurar e determinar os "indivíduos" e sua "individualidade" própria: o homem será caracterizado, individualizado, em função de suas relações biológicas, sociais, etc.(...)".¹

Compreendêmo-la como concepção de mundo, que busca ver as coisas em suas relações de dinamismo e mudança e, ao mesmo tempo, como método de

¹ PRADO, C. DIALÉTICA DO CONHECIMENTO., São Paulo: Editora Brasiliense, 1969, p. 13.

investigação da realidade. A dialética não é uma palavra ou termo que se possa esgotar numa definição sumária. Compreender o mundo como realidade dinâmica, a partir das condições materiais e históricas privilegiando sua gênese social e material, considerando as relações mais do que as individualidades formais são as categorias e o suporte fundamental para a análise dialética.

Para produzir um "discurso dialético" sobre a sexualidade humana, dentro da tradição brasileira de pensamento, requer-se das investigações uma larga dose de criatividade e pioneirismo além de um inusitado rigor também na ampliação das fontes históricas, econômicas e sociais de que dispomos. Pode-se afirmar que na tradição brasileira a dialética não passou de um discurso recente, presente nas obras dos historiadores, filósofos e pedagogos, a partir do séc. XX, quase sempre voltado para uma análise das lutas sociais e econômicas que se travavam no seio do mundo do trabalho.

Até meados dos anos 80 eram significativamente raros e escassos os trabalhos teóricos de inspiração crítico-dialética na tradição cultural brasileira. Podemos afirmar que, no transcorrer de todo este século, poucas obras e estudos inspirados na tradição dialética e materialista tiveram repercussão em nosso país. O século XX guarda algumas obras esparsas que não autorizam a falar de uma tradição ou escola. Depois da Segunda Guerra Mundial a investigação de natureza dialética ou materialista-dialética, esteve presente também nas obras proeminentes da recente academia brasileira. Estudos contemporâneos apontam resultados e identificam produções teóricas na década de 80, que permitem reconhecer a estruturação de uma incipiente pesquisa em educação no Brasil, de inspiração materialista-dialética. É o que afirma GAMBOA, em seu estudo sobre a pesquisa em educação no Brasil, configurando algumas etapas históricas vinculadas à produção teórica, especificamente citando o pioneirismo da pesquisa em Pós-Graduação da PUC-SP:

“No segundo período (77-80), aparecem as primeiras dissertações com preocupação crítica e com referencial teórico centrado no materialismo histórico, chegando a representar 16% das pesquisas produzidas na área de filosofia da PUCSP, 30% na área de Pesquisa Educacional da UFSCar e 28% na área de Metodologia de Ensino da Unicamp”.²

Todavia, apesar desta presença, ainda que incipiente, embora qualitativamente marcante, no campo da Educação, não é arbitrário afirmar que não há uma investigação consolidada, a partir das leis e concepções da dialética materialista sobre a sexualidade humana e seus desdobramentos na tradição escolar ou na dimensão pedagógica recente. Temos então uma responsabilidade lacunar de prover com discursos materialistas dialéticos uma interpretação que resulte em propostas, sociais e políticas amplas, para viabilizar, tanto o discurso da sexualidade humana, quanto sua efetivação na realidade educacional.

É necessário considerar que, para uma reflexão sobre sexualidade tornar-se possível, depararamo-nos com a exigência de apresentar nossas categorias de compreensão de seus limites e manifestações. Trata-se de definir precisamente o que se entende por isto, explicitando os termos e categorias do discurso, a partir de sua conformação etimológica e significação histórica. Tomamos aqui o alcance do que se circunscreve sobre o conceito de "sexualidade", no sentido antropológico amplo, como dimensão ontológica essencial do ser humano. A experiência educacional que acumulamos nos autoriza a buscar diferenciar, conceitual e metodologicamente os termos "sexo" e "sexualidade".

No senso comum o termo "sexo" diz respeito, genericamente, à marca biológica e procriativa do seres vivos. Confunde-se esta dimensão biológica com o conceito de sexualidade, que, ao nosso ver, é muito mais abrangente e

² GAMBOA, S. EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO, Tese de Doutorado, Faculdade de Educação/ UNICAMP/1990, Campinas: p. 230.

específico, por referendar uma qualidade do sexo biológico e ser somente atribuído aos seres humanos em sua luta e processo histórico.

Todavia, se a palavra "sexo" diz respeito a uma dimensão estritamente procriativa, restrita a uma interpretação naturalista, já a palavra e o conceito de "sexualidade" nos remete imediatamente para o mundo da cultura ou da amplitude cultural histórica da ação humana. Sexualidade significaria portanto uma "qualidade do sexo", no sentido de uma intencionalidade, uma dimensão qualificante da definição instintivo-biológica estreita.

Sobre o que seja o sexo nos afirma C. JARMAN:

“O mecanismo da determinação do sexo da progênie humana é definido pela sua configuração genética. No homem, em outros mamíferos e na maioria dos insetos, o sexo heterozigoto é o masculino. Entretanto, embora prevaleça aproximadamente o mesmo princípio, observou-se que o mecanismo da determinação do sexo varia em diferentes organismos. Em aves, borboletas, mariposas, alguns anfíbios e répteis, o zigoto XY dá origem a fêmeas, enquanto o XX produz machos. Descobriu-se que os cromossomos sexuais não contêm apenas genes controladores do sexo do indivíduo. Contêm também muitos genes que se relacionam com outros caracteres do indivíduo”³.

A abordagem da Biologia configurou uma dimensão estritamente reprodutiva, acentuada por determinantes genéticos e tornou-se quase incapaz de explicitar, no conceito de sexo, as dimensões existenciais e culturais. Já a concepção de sexualidade que pretendemos assumir na presente pesquisa têm a conotação de uma qualidade humana, que incorpora os componentes biológicos e a variação evolutiva da espécie humana, mas busca atingir significações culturais e existenciais muito mais exigentes. Diz VASCONCELOS:

³ JARMAN, Catherine. EVOLUÇÃO DA VIDA. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1981, p. 52.

“(...) tudo isso faz da sexualidade humana o que ela pode ser: uma descoberta, uma elaboração, uma busca. Um peso que a estrutura como um existencial, como uma dimensão do ser-no-mundo do homem, posto que não nos referimos a uma sexualidade animal, sem história e sem cultura, mas à sexualidade enquanto imersa na temporalidade, nela recebendo sua revelação vivencial, suas formalizações conceituais, sua expressão estética, seu tratamento moral e social.”⁴

Neste sentido, somente o ser humano é dotado de uma "sexualidade", pois os animais e o mundo material dos seres vivos que conseguiram, através de sua evolução biológica, a dimensão da reprodução sexual, estariam circunscritos ao mundo natural biológico.

Disto decorre, portanto, que a sexualidade é uma qualidade essencialmente humana, não podendo ser reduzida ao nível da sexualidade do mundo animal; a sexualidade humana configura uma realidade essencialmente determinante do ser humano. Isto nos impulsiona a investigar as formas pelas quais a sexualidade se constituiu em modelo hegemônico ou tomou contornos específicos em diferentes épocas históricas. Assim, antes de enveredarmos pelo caminho da história, é de fundamental importância compreender melhor o que nos diz M. FOUCAULT (1926-1984):

“Falar da “sexualidade” como uma experiência historicamente singular suporia, também, que se pudesse dispor de instrumentos susceptíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos desta sexualidade.(...)”⁵

⁴ VASCONCELOS, Naumi. OS DOGMATISMOS SEXUAIS. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1971, p. 3.

⁵ FOUCAULT, M. HISTÓRIA DA SEXUALIDADE, vol. II, Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984, p. 11.

A forma com que se constrói o discurso da sexualidade humana define-se pelas relações entre discursos e poder. FOUCAULT aponta duas formas estruturais de construções de discursos sobre a sexualidade na história recente da cultura humana. Retrata como "*ars erotica*" a forma emancipadora do discurso e significação da sexualidade no Oriente, onde o mistério, a interiorização nos rituais da sexualidade comum sempre fora mantida como uma tradição enigmática semi-religiosa, pondo a salvo o erotismo e até resguardando a sexualidade do discurso usual cotidiano. A compreensão Oriental e as práticas sobre a sexualidade, revestem-se de uma aura de mistério e imersão no "erotismo de revelação" aos iniciados, contrastando aparentemente com a reserva e com a discussão pública, pois a sexualidade é vivida socialmente no mundo privado, como aquisição gradativa de condições de iniciações para tal.

A "*ars erotica*" é, portanto, um paradigma essencial e fundamental para a compreensão da sexualidade dentro dos modelos sociais e culturais orientais. Para FOUCAULT, o Ocidente não desenvolveu a "*ars erotica*". Pelo contrário, desenvolveu a "*scientia sexualis*", isto é, a multiplicação de práticas discursivas e formas que engendram discursos, textos, conversas, mas que não captam a sexualidade numa dimensão de erotismo, e sim de dominação, controle, normatização e poder. FOUCAULT inspira-se na obra de S. FREUD (1856-1939), pesquisador pioneiro na vinculação entre sexo, desejo, poder e sociedade de maneira nova, crítica e antropológico-histórica. A "*ars erotica*" oriental contrasta com a "*scientia sexualis*" do Ocidente.

Embora o pensamento de FOUCAULT nos tenha inspirado particularmente em nossa pesquisa, não compreendemos estas categorias de análise, a "*ars erotica*" e a "*scientia sexualis*" de modo estanque e restrito, opondo o Ocidente e o Oriente, com fortes configurações maniqueístas. São muitos os exemplos e denúncias históricas dos códigos de repressão e violência sexual presentes na tradição japonesa, chinesa ou vietnamita. O mundo árabe também

reserva sombrias significações sobre a sexualidade feminina. Deste modo, não podemos desconsiderar as contradições que a própria concepção dialética nos reserva, ao comparar as sexualidades ocidentais com o Oriente. As categorias de FOUCAULT nos fornecem elementos para visualizar as conformações históricas das práticas e dos discursos sobre sexualidade, permitindo-nos comparações metodológicas. Não poderemos nunca referendar um tipo de comparação axiológica que nos pusesse a elogiar, simplistamente, as sexualidades orientais, revestindo-as de encantamento e admiração, num recurso idealista, ao mesmo tempo em que nos fosse exigido uma contundente crítica às práticas sexuais ocidentais.

Temos então a necessidade de fundamentar uma compreensão ampla dos discursos e práticas sobre sexualidade; para FOUCAULT no Ocidente ocorreram rupturas fundamentais da sexualidade humana. Assim, a era vitoriana nos transformou a todos numa sociedade de tabus e preconceitos, engendrando discursos e permissões para o controle normativo social da sexualidade.

Sua perspectiva metodológica de analisar a constituição dos saberes dominantes e dentro destes explicitar os códigos de poder, parecem ser instrumentos precários para uma tarefa tão difícil, que é a de tentar delinear a genealogia das dominações sobre sexo, em diferentes épocas, em diferentes processos históricos. Mas não encontramos outra forma senão esta, ainda que correndo alguns riscos teóricos e políticos, tomando de antemão o cuidado de assumir por conta própria a precariedade de nossas interpretações da obra deste pesquisador francês. Ressaltamos que, de nosso entendimento, todos os discursos sobre a sexualidade estão vinculados a uma pré-disposição ontológica e política que, na obra foucaultiana, se traduz em dois suportes, "*scientia sexualis e ars erotica*".

As proibições, os discursos consumistas e, propriamente, a banalização da sexualidade são, na visão de FOUCAULT, variantes da repressão histórico-

institucional sobre a dimensão da sexualidade. Não revestimos a sexualidade da compreensão erótica, antropológico-mística, mas sim revestimos a vida social de uma ausência desta plenitude que se traduz e materializa em normas, controles, interditos, repressões.

O pensamento de FOUCAULT, a nosso juízo, alterou profundamente as bases de análise do poder nas sociedades atuais. FOUCAULT estendeu o campo da análise para a “analítica do poder”, incitando os pensadores a uma percepção para além das dimensões institucionais mais explícitas. Há uma nova possibilidade de organizar o poder que transcende as formas coercitivas tradicionais, materializada nas estruturas macropolíticas que têm o Estado como referência básica, segundo a tradição crítico-política mais ortodoxa. A maneira negativa e repressiva de dominar e violentar daria origem a outras constituições do exercício do poder, mais sutis, que tanto incitam, controlam, normatizam que são muito mais eficientes que as redes e sistemas objetivos. São os micropoderes de constituição positiva e produtiva. Para FOUCAULT o poder gera saberes e discursos, a saber:

“(...) existe, e tentei fazê-la aparecer, uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não nos podemos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou de tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e as utiliza. Não se pode compreender nada sobre o saber econômico se não se sabe como se exercia, quotidianamente, o poder, e o poder econômico. O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeito de poder. (...) O humanismo moderno se engana, assim, ao estabelecer a separação entre saber e poder. Eles estão integrados, e não se trata de sonhar com um momento em que o saber não dependeria mais do poder, o que seria uma forma de reproduzir, sob a forma utópica, o mesmo humanismo.

*Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”.*⁶

É precisamente por tematizar de maneira exemplar esta relação entre saber e poder, na constituição dos discursos, que o pensamento de FOUCAULT no auxilia. Abandonamos a prescrição doutrinária para tentar fazer Filosofia, e buscar verdade no chão movediço da discutibilidade, na inquietante flexibilidade do pensamento. FOUCAULT ousa investigar novas áreas, antes insondadas, sem abandonar o rigor metódico ou prescindir da matriz materialista. É certo que circunscreve objetos mais próximos da investigação de unidades singulares ou individualidades, mas não deixa de ser racional, materialista, fiel às fontes e premissas. Devemos distinguir claramente os grandes eixos do pensamento de FOUCAULT da recepção vulgar de seu legado, presente em nossa tradição acadêmica recente e conseqüentemente no mercado editorial brasileiro.

Além dessa consideração de ordem epistemológica e política, é necessário compreender um método para investigar a sexualidade. A dialética permite-nos compreendê-la como uma dimensão dinâmica, histórico-social, e portanto condicionada pelos fatores determinantes da realidade econômico-política de cada época. Nesse sentido, fugimos dos paradigmas biologistas ou que buscam condicionar a sexualidade à uma dimensão meramente biológico-natural e compreendê-la como resultado da evolução cultural da espécie humana em sociedade. Este caminho nos permite evitar os reducionismos biologistas ou psicologistas que pairam freqüentemente sobre os discursos e as propostas pedagógicas relacionadas à sexualidade humana.

A compreensão dialética nos remete ao universo econômico-social e histórico e daí decorre a necessidade de fundamentação para compreender o alcance ético-existencial e sócio-político das propostas sobre sexualidade

⁶ FOUCAULT, M. MICROFÍSICA DO PODER. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1984, p 142.

humana. Na realidade, para definirmos um caminho ou projeto de compreensão da sexualidade como dimensão humana e social, primeiro torna-se necessário uma apreensão crítica de nossa trajetória histórica, isto é, compreender os movimentos e modelos hegemônicos da sexualidade, na tradição ocidental. É certo que os modelos hegemônicos não esgotam a análise da sexualidade. Pelo contrário, abrem novas pistas de investigação sobre as sexualidades negadas, interditas, proibidas. Todavia, para delinear um caminho histórico e social amplo, é preciso que se tenha compreensão dos modelos hegemônicos sem desconsiderar a multiplicidade dos processos resistentes e dos processos negados na vigência destes modelos ou, mais propriamente, concepções ou abordagens. Somente uma apropriação histórica e social da sexualidade humana nos permite compreendê-la como dialética, isto é, dinâmica, construída a partir das contradições políticas e econômicas, antropológicas e sociais.

O segundo recorte necessário dá-se exatamente na busca da visão multidisciplinar, oriunda das partes das Ciências Humanas, que se preocuparam com a relação entre sexualidade, individualidade, subjetividade e poder. É necessário compreender que estas ciências, a partir de uma análise social da evolução da Psicologia no final do século XIX, trouxeram a discussão da sexualidade para o campo da investigação humana, retratando as contradições existentes na estruturação dos modelos sexuais e na sua vivência na sociedade. Para avaliar este processo, manteremos a exigência de uma reflexão atenta sobre a obra de FREUD, e seus desdobramentos e impactos na sociedade contemporânea. Talvez esta análise possa resultar numa compreensão fragmentária quando a deslocamos do contexto social político de sua época e a transportamos simplistamente para nossos dias, reduzindo a sexualidade a uma dimensão meramente pessoal ou subjetivista. Não é este nosso propósito: compreendemos a sexualidade e a própria organização dos discursos científicos

sobre ela, como um movimento da matriz "*scientia sexualis*", em estruturação no Ocidente. Não temos a pretensão de interpretar a obra freudiana como uma heurística da individualidade, mas sim compreendê-la como um discurso histórico, como uma das expressões da "consciência possível" de que nos fala L. GOLDMANN (1913-1971):

"uma visão de mundo é precisamente esse conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que reúne os membros de um grupo (mais freqüentemente, de uma classe social) e os opõem aos outros grupos. (...) o indivíduo só raramente tem uma consciência verdadeiramente completa da significação e da orientação de suas aspirações, de seus sentimentos, de seu comportamento, nem por isso ele deixa de ter uma consciência relativa... (...) Na medida que chegam a exprimi-la, no plano conceitual ou imaginativo, serão filósofos ou escritores; e suas obras serão tanto mais importantes quanto mais se aproximarem da coerência esquemática de uma visão de mundo, quer dizer, do máximo de consciência possível do grupo social que exprimem".⁷

Por último, uma terceira dimensão desta empreitada de reflexão, exige uma crítica teórica e histórica dos atuais modelos ou paradigmas éticos que embasam diferentes projetos de educação sexual. Trata-se de investigar que impactos comportamentais e axiológicos decorrem de seus programas e formas de dizer a sexualidade. Nesta reflexão pretendemos delinear os principais projetos ou formas históricas destes discursos ou propostas de educação sexual, destacando seus contornos, limites, contradições e perspectivas. Nesta direção a Filosofia, a partir da sua construção histórica, torna-se um elemento fundamental de análise e compreensão, dadas suas categorias de radicalidade e totalidade. Compreender um objeto ou um campo de investigação requer, para uma boa ciência, compreendê-lo na trama das relações, elucidar seu sentido exatamente na busca de suas correlações; isto precisamente garante a totalidade e

⁷ GOLDMANN, L. DIALÉTICA E CULTURA. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1979, p. 20.

universalidade histórica do discurso filosófico. A sexualidade, considerada como uma das dimensões mais amplas da condição humana, nos parece ser exatamente o campo híbrido entre a subjetividade e a sociedade; disto decorre o razoável cuidado com que se analisa esta dimensão, dado que nenhuma pessoa e nenhum grupo social torna-se ou constitui-se como suporte exclusivo da verdade, encarada como doutrinária e rígida. Acentuar uma ou outra dimensão redundaria quase sempre num traço reducionista, desaconselhável para quem põe-se a filosofar; assim evitaremos de pronto o biologismo descritivo e ao mesmo tempo o psicologismo subjetivista. Importa-nos a fundamentação materialista que se edifica a priori; não são as idéias, os sentidos ou significados que emprestam configuração à realidade, mas é exatamente a realidade material que determina a dimensão do homem.

Assim, o presente trabalho quer investigar estas três dimensões que engendram os projetos de educação sexual, a sua fundamentação histórico-social, a estruturação do discurso sobre SEXUALIDADE e SOCIEDADE a partir da rede de saberes que se apresentam produtivos e normativos e seus desdobramentos, e os pressupostos e contradições de modelos atuais de educação sexual no Brasil. Ao compreender estes três campos, nos colocamos o desafio de propor uma análise da sexualidade que busque o homem e a sociedade numa perspectiva de articulação mútua, e que não obstrua a vinculação entre sexualidade, sociedade e poder.

Desta investigação resulta que, sem compreender estes elementos nós não poderemos entender nenhuma proposta de educação sexual presente, dado que a educação sexual quase sempre realizada pela instituição escolar ou outras organizações sociais, estão também condicionadas pelas idéias e concepções de cada época.

Revestir-se das análises e interpretações deste ou daquele momento, tomar ciência de que nenhuma abordagem está imune à ideologia e aos

condicionamentos antropológicos, políticos, históricos de cada momento é uma premissa fundante, senão a mais considerável.

Por último, pretendemos fazer do presente trabalho uma alavanca na pesquisa sobre sexualidade humana numa dimensão pedagógica, isto é, a reflexão sobre sua pertinência e ensinabilidade; buscando propor um novo enfoque para a educação sexual realizada na escola. Trata-se de um estudo bibliográfico, com base na metodologia dialética, que tem como objetivo discutir os principais perfis éticos e políticos dos atuais projetos de educação sexual e suas implicações institucionais.

Nosso principal objetivo é o de acrescentar elementos conceituais e filosófico-políticos aos atuais discursos e práticas sobre educação sexual. A presente pesquisa não pretende construir propostas concretas formais sobre educação sexual, em suas múltiplas abordagens. Não pretende também analisar este ou aquele manual de educação sexual escolar em particular. Procura, sim, explicitar as matrizes genéricas da atual educação sexual presente na escola e, ao mesmo tempo, apontar paradigmas genéricos a partir dos quais poderão ser construídas propostas concretas de educação sexual nos diferentes contextos institucionais.

Temos ainda como particular motivação a intenção de que a investigação sobre a sexualidade seja encarada como um campo epistemológico próprio, capaz de delinear-se como uma área preciosa de pesquisa em Ciências Humanas, congregando a História, a Filosofia e a própria área abrangente da Educação.

Ao analisarmos a sexualidade numa dimensão investigativa e crítica, devemos sempre buscar definir os contornos da sexualidade como um tema científico, para isso é fundamental superar a chamada visão "senso comum", que é exatamente o nível primário do conhecimento, quase sempre carregado de contradições, comumente voltado para a manutenção de uma sociedade sobre os

elementos dominantes e hegemônicos. O senso comum, primeiro nível do conhecimento humano, caracteriza-se pela aquisição de uma consciência social básica, que enquadra as pessoas todas numa forma de padronização de comportamentos e mentalidades. Desde FREUD, apreendemos as relações entre desejo e poder, como elementos constantes da cultura e da sociedade, e a análise desta base social primária, ainda hoje, confirma o axioma central de seu pensamento: de que não há sociedade sem normatização da sexualidade.

Todavia, para que um grupo social permaneça coeso, sabemos que é necessário um processo amplo de educação social; definimos "educação" não no sentido de uma forma ou instituição de escolarização, mas educação como comportamento social, conjunto de procedimentos amplos de uma sociedade para enquadrar, através de normas, interditos e da socialização de uma grade de significações, os seres e os grupos de uma sociedade no padrão dominante.

Educação é portanto, o conjunto de representações, hábitos, normas, costumes e leis, regras e instituições que regem um grupo humano. Assim, a educação é um dos elementos básicos da estrutura social, e como instituição torna-se a estrutura ideológica mais importante para a reprodução e manutenção dos grupos sociais. As sociedades serão mais ou menos eficientes em sua reprodução como grupo social e seus valores, mantendo por mais tempo sua própria sobrevivência institucional, se puder manter um sistema de educação sólido, sustentado sobre elementos que lhe garantam a reprodução e continuidade, das antigas para as novas gerações.

Para delimitar estas interrelações, propusemo-nos investigar os modelos hegemônicos de projetos e iniciativas sobre a sexualidade humana presentes na recente estruturação das abordagens de "Educação Sexual" na escola. O estudo que empreendemos analisa as relações entre uma significação de mundo e de homem para cada uma das abordagens tipificadas de Educação Sexual,

presentes na escola hoje. Ao final, tentamos delinear as linhas mestras de uma concepção a que definimos como “emancipatória”, fundada na tentativa de superar as contradições apontadas nas demais concepções, de modo a possibilitar a cada um de nossos interlocutores, quer na escola ou na sociedade, a possibilidade de perceber a sexualidade em sua globalidade e totalidade e não como uma parte misteriosa ou alienada de seu corpo. Esperamos que a sistematização da pesquisa possa dar conta de tantas perguntas que tomaram conta de nossas reflexões, de modo a encaminhar considerações, sem nunca pretender dar respostas.

A pesquisa em Educação Sexual sempre infere uma atitude de observar profundamente as mentalidades e comportamentos sociais, de modo a sempre buscar compreender os seus fundamentos e as causas últimas que explicam tais e tais representações. Neste sentido, guarda a provisoriedade do tempo e do contexto em que situa suas principais questões. Não desconsideramos esta dimensão, pelo contrário, acreditamos que ela incita outros estudos, mais perfeitos e aprofundados, a perscrutar as significações mais recônditas que se inscrevem na articulação entre o mundo do desejo e a representação e vivência da sexualidade.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS HISTÓRICO-POLÍTICOS E FILOSÓFICOS PARA COMPREENDER A SEXUALIDADE HUMANA E OS DISCURSOS HEGEMÔNICOS SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

"Tanto as condições objetivas quanto as subjetivas, (...) não são mais do que duas formas diferentes das mesmas condições sociais".

(K. Marx, Grundrisse, p. 395).

Os objetivos fundamentais deste capítulo são o de apresentar a sexualidade humana como uma área específica de investigação das Ciências da Educação, constituída a partir da proliferação de discursos e modelos de análise da sexualidade humana, ocorridas no pós-guerra do Ocidente e de largos impactos na sociedade brasileira nos anos 60 e posteriores e o de discorrer sobre a possibilidade de novas formas de conceituação das sexualidades históricas nos diferentes grupos sociais.

Principiamos por definir uma metodologia de pesquisa no campo da Educação, configurada como a análise dialética. Para explicitar nosso

entendimento da dialética, conquanto uma das mediações sócio-analíticas e uma determinada visão de mundo, enveredamos pela Filosofia, resgatando o conceito de "dialética" na tradição própria da construção social e histórica da Filosofia.

Dentro desta perspectiva desenvolvemos uma reflexão sobre a antropologia marxista. Era fundamental explicitar, nos preâmbulos desta pesquisa, que rejeitamos a tese reducionista de que não haveria, nos limites do Marxismo, uma teoria da subjetividade. A compreensão mais profunda da Filosofia nascida de K. MARX (1818-1883) e F. ENGELS (1820-1895), definida como Socialismo Científico ou Materialismo Dialético tem ainda fecundas contribuições para explicitar as contradições que envolvem nosso tempo e significações culturais e políticas.

O recurso à Filosofia e a mediação da perspectiva histórica também foram fundamentais para estabelecer a possibilidade da investigação crítica da sexualidade. Tivemos que desenvolver tópicos especiais para deixar claro a mediação sócio-histórica sem abandonar a Filosofia e suas potencialidades interpretativas, sempre a partir do que entendemos por concepção dialética da História e da própria Filosofia.

Por fim, circunscrevemos o contexto da eclosão dos discursos sobre Sexualidade e Educação, sem descurar das importantes observações epistemológicas e políticas de M. FOUCAULT (1926-1984), um dos mais importantes pesquisadores da Sexualidade Humana numa perspectiva filosófico-histórica da contemporaneidade e um dos marcos teóricos de referência sobre esta área de investigação.

A assimilação das práticas discursivas sobre Sexualidade e Educação, na instituição escolar brasileira, será objeto de investigação de nosso segundo Capítulo. Nesta primeira parte de nossa exposição limitamo-nos a apresentar os

pressupostos da Sexualidade e seus eixos como suporte antropológico e objeto de pesquisa.

A abordagem da sexualidade numa dimensão histórico-filosófica requer definir sua natureza híbrida, permeando significativamente a subjetividade existencial e a realidade de nossa dimensão política. Na dimensão ontológica da sexualidade estão presentes elementos de natureza íntima e subjetiva, mas também ali se encontram exigências de ordem externa, social, ética e política. Isto requer que façamos sempre uma delimitação abrangente da análise deste campo, de modo a não cair em reducionismos subjetivistas radicais, que tornam-se expressões da individualidade, ou ainda que possamos produzir discursos tão exteriores, sem atingir sua rica e dinâmica globalidade e articulação.

Para compreender esta dinamicidade exige-se uma adequada metodologia de análise, que possa abarcar a polaridade exigente entre a esfera da subjetividade e as implicações de ordem social que enquadram e determinam as significações e vivências da sexualidade. Esta tensão só poderá ser captada se buscarmos os referenciais da Ciência e da Filosofia, articuladas como suporte de uma concepção dialética da realidade. O conhecimento que buscamos quer do mundo material quer da cultura e história humana, justifica-se como busca da identidade precária e provisória da nossa própria condição.

Uma pesquisa na área da Educação, particularmente desenvolvida dentro do campo da Filosofia da Educação que venha a circunscrever a sexualidade como tema de investigação, deverá fundamentar-se numa sólida antropologia e ontologia, politicamente definidas. A delimitação desta investigação obedece sempre a determinantes metodológicos da área das Ciências Humanas e encontra neste campo a pluralidade teórica e epistemológica que lhe é própria. Esta metodologia adotada pretende explicitar as contradições do processo de conhecer a realidade, que significa desvendar suas significações históricas, éticas e políticas. Como uma realidade essencialmente humana, a sexualidade não

poderá permanecer como assunto especializado das Ciências Biológicas ou de posturas institucionais restritas. A sexualidade configura-se como uma dimensão ontológica essencialmente humana.

Para tanto, é de proeminente importância apresentar-se uma clara definição do que se entende por dialética, visto ter esta concepção e termo tomado diferentes e diversos sentidos no campo da pesquisa nas Ciências Humanas atuais. A fundamentação do alcance da dialética como mediação sócio-analítica já encontra alguns raros mas sólidos subsídios, no campo da pesquisa em Educação ¹.

Nestes estudos, que se tornaram marcos teóricos fundamentais para a pesquisa em Educação, solidificaram-se as interpretações que definem três grandes matrizes filosóficas da pesquisa em Educação recente, a saber, o Positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. Destas matrizes teriam sido reconhecidas três grandes tendências metodológicas; a empírico-analítica, as pesquisas de inspiração fenomenológico-hermenêutica e as de fundamentação crítico-dialética. Não é, por certo, nosso propósito discorrer sobre estas pesquisas, embora reconheçamos seu caráter pioneiro e excelência interpretativa no campo da Epistemologia vinculada aos estudos da Educação. Todavia, ao definirmo-nos pela dialética pressupomos que esta seja capaz de superar a constante crítica de TRIVIÑOS, que relatamos a seguir:

"(...) Esta visão ahistórica da fenomenologia tem originado outra crítica forte: a de ser ela conservadora, o mesmo que o positivismo. Isto significa que o fenomenólogo estuda a realidade com o desejo de descrevê-la, de apresentá-la tal como ela é, em sua experiência pura, sem o propósito de introduzir transformações substanciais nela. A fenomenologia exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência. Por isso, na pesquisa, eleva o ator, com suas

¹ FAZENDA, Ivani (Org) METODOLOGIA DA PESQUISA EDUCACIONAL. São Paulo: Editora Cortez, 1989; ver ainda GAMBOA, Silvio EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO, Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1988.

percepções dos fenômenos, sobre o observador positivista. Os positivistas reificaram o conhecimento, transformaram-no num mundo objetivo, de "coisas". A fenomenologia, com sua ênfase no ator, na experiência pura do sujeito, realizou a desreificação do conhecimento, mas a nível da consciência, em forma subjetiva".²

A determinação de buscar compreender a sexualidade a partir das referências metodológicas da dialética materialista não exige de compreender também sua historicidade e dimensões estruturais de formação. A atitude política que nos move é a de buscar romper com o pensamento dominante sobre a sexualidade, que pretende reduzi-la a um amontoado de noções biologistas, instintivas ou institucionais morais. Nosso objetivo é compreender a sexualidade na trama das relações sociais e culturais de cada época humana, explicitar seus determinantes econômicos, mormente dos modelos hegemônicos, decifrar seus eixos de sentido e desvendar as contradições dos códigos de poder que a envolvem. Na concepção dialética da pesquisa em educação, a metodologia está intrinsecamente envolvida com uma concepção de realidade, uma concepção de mundo, uma visão do homem, da vida e da história.

A aceitação deste desafio nos coloca na busca da superação do que temos como "senso comum", que delimita a primeira síntese de pensamento de um determinado grupo social e de determinadas épocas e classes sociais. A sexualidade é sempre uma área de saber e de investigação essencialmente polêmica, visto envolver-se com elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos. A crítica ao senso comum, entendido como o pensamento simplista, preconceituoso, carregado de equívocos, eivado da ideologia dominante, deve ser nossa primeira atitude. A. GRAMSCI (1891-1937) afirmava que "uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, como uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou

² TRIVIÑOS, Augusto. INTRODUÇÃO À PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: Editora Atlas, 1992, p. 47.

mundo cultural existente). E, portanto, antes de tudo, como crítica do "senso comum".³.

Para conseguir esta superação do senso comum, a atitude filosófica nos impulsiona a buscar metódica e rigorosamente, um maior conhecimento possível da realidade que nos cerca. Assim, a busca da globalidade da sexualidade nos parece ser melhor delineada na metodologia dialética. Torna-se necessário definir, com as impropriedades deste termo o que entendemos por dialética. Não acreditamos que definições formais possam dar conta das significações básicas de um termo ou conceito. Optamos por definir a dialética em sua conformação processual e histórica. Todavia, para ilustração desta trajetória, adotamos a definição de SARTRE, que diz:

“Nada mais é dialético do que o movimento real, o complexo movimento do mundo e do pensamento, numa síntese dinâmica, ação recíproca, a negação, a contradição e o dinamismo, à qual a lógica estática não atribui senão valor negativo, mas a consciência dialética transforma-a em elemento ativo e fecundo, sem o qual não há desenvolvimento nem vida”.⁴

Não se trata de buscar uma metodologia científica que venha a dar conta da realidade do mundo de maneira fria e supostamente neutra ou imparcial, pois não buscamos a ciência como uma descoberta de coisas ou verdades. Para nós o pensamento dialético exige uma visão de globalidade, uma árdua investigação de todos os processos e dimensões envolvidas na realidade e uma relevância comprometedora do papel político do próprio pesquisador ou pensador.

Exatamente esta é a atitude de quem se coloca na direção de discutir a sexualidade humana como objeto de investigação. Não se trata de cair no idealismo de pleitear uma assepsia do senso comum ou uma inversão maniqueísta vulgar, ao ponto de aceitar ser a superação do senso comum um ato

³ GRAMSCI, Antonio. CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978, p. 39.

⁴ SARTRE, J.P. Critique de la Raison Dialectique. Paris: Ed. Gallimard, 1960, p. 55.

soteriológico misteriosamente eficaz; ao contrário, a pretensão das Ciências Humanas é a de fazer cronicamente um esforço de compreender seus contornos. Disto decorre nossa busca dos referenciais científicos da dialética materialista.

Entendemos a dialética a partir das suas matrizes filosóficas, encontradas nas origens do pensamento grego. O pensamento de HERÁCLITO DE SAMOS (Séc. VI a.C) já captava a trama da dinamicidade do mundo e das coisas ao afirmar que "tudo muda, nada permanece igual, como este fogo eternamente vivo, como a união dos contrários de amor e ódio".⁵

Tal pensamento opunha-se aos conceitos dos filósofos de Eléia, liderados por ZENON (490-430 a.C), que pregava a unicidade e imutabilidade das coisas e do mundo como paradigma da perfeição. HERÁCLITO DE SAMOS (540 a.C -476 a.C) afirmava a tensão da realidade, sua mutabilidade voraz, seu dinamismo incessante que a todos envolveria numa mudança e devir radical. Esta matriz conceitual da "dialética", congregando a composição da mutabilidade e do dinamismo das coisas e do ser do mundo é a raiz fundante de nosso pensar.

PLATÃO (428-347 a.C) define como dialética sua metodologia filosófica investigativa, de partir das coisas sensíveis até atingir as verdades plenas e perfeitas. A compreensão platônica, no campo da gnoseologia, assemelha-se a uma ascese da razão, das coisas sensíveis para a imutabilidade das verdades eternas, das aparências para a essência, num exercício ascético que seria reservado ao filósofo e espíritos preparados para tal feito. Neste caso, a dialética seria a transcendência da realidade sensível para atingir, por este movimento do pensamento e do espírito, o mundo das idéias. A concepção dialética de Platão encontra-se definida nos seguintes termos do diálogo SOFISTA (367 a.C,

⁵ HERÁCLITO DE SAMOS (540 a.C- 476 a.C) Filósofo grego considerado o "pai de Dialética", entendida como uma concepção de mundo a partir da perspectiva da mudança. Seus escritos perderam-se, restando poemas fragmentários relatados por ARISTÓTELES (384-322 a.C) que o classificara entre os "Físicos", filósofos pré-socráticos que buscavam apreender o princípio primordial constitutivo da natureza. Sua mais famosa frase é "Não se banha duas vezes do mesmo rio..."

Siracusa), dedicado ao combate aos sofistas na cidade de Atenas. Neste diálogo, entendido como gênero literário, Platão apresenta a dicotomia verdade e erro e pretende, ao evocar a dialética, desmascarar a falsidade verbal e retórica dos sofistas, considerados charlatões por este. No texto seguinte, pelo encadear das idéias presentes no diálogo, é possível desvendar o conceito platônico de dialética.

"ESTRANGEIRO - Desde que os gêneros, como conviemos, são eles também mutuamente suscetíveis de semelhantes associações, não haverá necessidade de uma ciência que nos oriente através do discurso, se quisermos apontar com exatidão quais os gêneros que são mutuamente concordes e quais os outros que não podem suportar-se, e mostrar mesmo, se há alguns que, estabelecendo a continuidade através de todos, tornam possíveis suas combinações, e se, ao contrário nas divisões, não há outros que, entre os conjuntos, são os fatores dessa divisão?

TEETETO - Certamente é necessária tal ciência que é, talvez, a suprema Ciência?

ESTRANGEIRO - Que nome, então, daríamos a esta ciência, Teeteto? Por Zeus, não estaremos, sem o sabermos, dirigindo-nos para a ciência dos homens livres e correndo o risco, nós que procuramos o sofista, de haver, antes de encontrá-lo, descoberto o filósofo?

TEETETO - Que queres dizer?

ESTRANGEIRO - Dividir assim por gêneros, e não tomar por outra, uma forma que é a mesma, nem pela mesma forma que é outra, não é essa, como diríamos, a obra da ciência dialética?

TEETETO - Sim, assim diríamos.

ESTRANGEIRO - Aquele que assim é capaz discerne, em olhar penetrante, uma forma única desdobrada em todos os sentidos, através de uma pluralidade de formas, das quais cada uma permanece distinta; e mais: uma pluralidade de formas diferentes umas das outras envolvidas exteriormente por uma forma única repartida através da pluralidade de todos e ligada à unidade; finalmente, numerosas formas inteiramente isoladas e separadas; e assim sabe discernir, gêneros por gêneros, as

associações que para cada um deles são possíveis ou impossíveis.

TEETETO - Perfeitamente.

ESTRANGEIRO - Ora, esse dom, dialético, não atribuirás a nenhum outro, acredito, senão àquele que filosofa em toda pureza e justiça.

TEETETO - Como atribuí-lo a outrem?

ESTRANGEIRO - Eis, pois, em que lugar, agora ou mais tarde, poderemos encontrar o filósofo se chegarmos a procurá-lo. Ele próprio é difícil de ser visto com bastante clareza. Mas esta dificuldade não é a mesma para ele e para o sofista.

TEETETO - Como assim?

ESTRANGEIRO - Este se refugia na obscuridade do não-ser, aí se adapta à força de aí viver; e é à obscuridade do lugar que se deve o fato de ser difícil alcançá-lo plenamente, não é verdade?

TEETETO - Ao que parece.

ESTRANGEIRO - Quanto ao filósofo, é à forma do ser que se dirigem perpetuamente seus raciocínios, e é graças ao resplendor dessa região que ele não é, também, de todo fácil de se ver. Pois os olhos da alma vulgar não suportam, com persistência, a contemplação das coisas divinas.

TEETETO - É uma explicação tão verossimilhante quanto a primeira.

ESTRANGEIRO - Dentro em pouco procuraremos uma idéia clara do filósofo, se assim quisermos. Mas quanto ao sofista parece-me que não devemos abandoná-lo antes de havermos examinado muito bem.

TEETETO - Tem razão".⁶

O diálogo de Platão expressa o conceito de dialética, como a ciência do discurso e da ordenação da razão, das coisas materiais para as coisas inteligíveis, como a "verdadeira ciência". A justaposição da conceituação de "dialética" e a própria definição da missão, por assim dizer, do filósofo, não se deslocam ou separam. A contraposição do filósofo ao sofista, aqui

⁶ PLATÃO, Coleção OS PENSADORES. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983, p. 176 -177.

definido como "falso filósofo" ou falsamente sábio, leva conseqüentemente à contraposição da dialética, vista como discernimento e saber metódico ou depurado, dos movimentos desconexos do pensamento comum ou vulgar.

Tal interpretação deixa clara a ambigüidade do conceito de dialética na história e construção sistêmica da Filosofia. É profundamente exigente que tal recurso à História da Filosofia não venha a constituir-se numa vulgarização do conceito. Inúmeros estudos foram realizados para configurar o que seja a metodologia dialética. Inspiramo-nos no didático trabalho de síntese proposto por GOLDMANN, em DIALÉTICA E CULTURA.⁷

A Modernidade trouxe para a cultura humana o gênio extraordinário da Filosofia Alemã e sua trilogia sagrada: KANT (1724-1804), HEGEL, (1770-1831) e MARX, (1818-1883). Ali o pensamento filosófico ocidental encontrou uma forma absolutamente original, com as construções de sólidos sistemas gnoseológicos epistemológicos e cosmológicos que ainda não foram superados no seu campo de influência e constituição. Mas, destes grandes pensadores modernos alemães, aquele que resgatou a complexidade do conceito de dialética foi originariamente HEGEL.

Para HEGEL a dialética é a lei universal da oposição dos contrários, o suporte explicativo da dinamicidade da realidade e o motor do devir do espírito, pois as coisas existem e são constituídas pela tensão entre o ser e o não-ser, o conflito entre o claro e o escuro, entre a vida e a morte, entre a realidade da sensação e o espírito absoluto. A própria história humana seria a manifestação da realidade contraditória deste devir dialético permanente.

As leis da dialética, na concepção de HEGEL, seriam as leis que regem a realidade absoluta do mundo. Para HEGEL a dialética é uma força interna do espírito objetivo que busca desenvolver-se progressivamente na realidade histórica e material. HEGEL parte da conceituação de alienação, onde o homem

⁷ GOLDMANN, L., DIALÉTICA E CULTURA. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

deve reconhecer-se como estranho ao meio natural e social, tomando consciência desta sua estranheza; no devir do processo histórico deve o homem buscar, pela sua racionalidade, compreender e apropriar-se do que existe de universal e inteligível no mundo, enriquecendo seu espírito e evoluindo plenamente para o conhecimento objetivo. A Filosofia seria o esforço consciente do homem em apropriar-se do mundo inteligível. A idéia absoluta, que se opõe a natureza, encadeia-se num progresso histórico de contradições até materializar-se absolutamente no conceito de Estado. A dialética do infinito, da idéia em si em contradição com a natureza, é o motor do espírito objetivo e subjetivo, e conseqüentemente da história. Nesta polaridade HEGEL afirma a mesma tensão fundante do real, que Heráclito de Samos estabeleceu nas bases da compreensão trágica do mundo dinâmico. O pensamento dialético, nascido do conceito de mudança e dinamismo do mundo, progride na direção de diferentes planos especulativos, a partir da lógica interna da contradição - tese, antítese e síntese - negando-se e afirmando-se plenamente.

Sua obra fundamental, A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO (1806) revela-nos as propriedades básicas de seu pensamento, interpretando a evolução objetiva da idéia até engendrar-se na história, como uma exigência racional. HEGEL partiu da Filosofia para a História, construindo novas significações para o conceito de dialética. Sua filosofia converte-se numa teoria do Estado Alemão, apesar da dramaticidade com que interpretou a condição humana na história:

"(...) o pensar é a volta sobre si mesmo do espírito e, além disso, o que ele é enquanto contemplador, para converter-se no objeto, para concentrar-se em si e para separar-se, pelo mesmo, de si. Esta separação é, como se disse, a primeira condição e o momento da consciência de si, de cuja reunião em si como pensamento livre pode surgir somente o desenvolvimento do universo no pensamento, isto é, a filosofia. Justamente isto

constitui o trabalho infinito do espírito, para retrair-se de sua existência imediata, da feliz vida natural à noite e à solidão da consciência de si, para reconstruir reflexivamente de sua força e poder a realidade e a intuição separadas da consciência de si. Desta natureza das coisas se torna evidente que precisamente aquela vida natural imediata é o contrário daquela que seria a filosofia, um reino da inteligência, uma transparência da Natureza para o pensamento. Tão simplesmente não se realiza a evidência para o espírito. A filosofia não é um sonambulismo; mas a consciência desperta, e em seu sucessivo despertar está precisamente esta elevação de si mesma por sobre o estado de unidade imediata com a Natureza, uma elevação e um trabalho, os quais, enquanto progressivo diferenciar-se a si mesma de si para produzir, através da atividade do pensamento, de novo somente a unidade, caem no curso do tempo, e, sem dúvida de um longo tempo. Isso acontece diante dos momentos dos quais tem-se de julgar aquele estado de Natureza. Certamente é um longo tempo; e a duração temporal que pode chamar a atenção, é a de que necessita o espírito para elaborar a filosofia por seu próprio esforço. Disse no começo que nossa filosofia atual é o resultado do trabalho de todos os séculos passados. Se tão grande duração surpreende, é necessário saber já que este longo tempo foi empregado para adquirir este conceito (trata-se do conceito de filosofia); isto não podia suceder tão facilmente então como na atualidade. Sobretudo é preciso saber que o estado do mundo, que o estado de um povo, depende do conceito que ele tenha de si mesmo. No reino do espírito não sucedem as coisas tão depressa como cresce um fungo durante a noite. Que o espírito tenha necessitado de tão longo tempo é o que pode chamar a atenção quando não se conhece nem se aprecia, por uma parte a natureza e a importância da filosofia, que esta duração tão grande constitui seu interesse, também o interesse de seu trabalho".⁸

Muitos estudiosos da filosofia alemã afirmam ser MARX o herdeiro intelectual de HEGEL, na trajetória pioneira e original desta filosofia, no século XIX. Sua trajetória política e teórica formam a dinamicidade fecunda de sua cosmovisão original, que influenciou decisivamente a história do pensamento

⁸ HEGEL, F. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA. São Paulo: Hemus Editora, 1983, p. 243.

humano. Ao operar a síntese que principia por assumir o pensamento filosófico alemão, ampliar sua base para a filosofia política francesa e confluir na síntese com a economia clássica inglesa, numa construção filosófica, metodológica e política gigantesca, talvez um dos maiores edifícios teóricos da humanidade MARX torna-se um dos maiores e mais revolucionários pensadores. A ação de MARX resgata a dinamicidade heraclitiana do conceito e determina sua compreensão materialista e histórica. MARX e os pensadores que seguiram sua interpretação e metodologia de análise filosófico-política construíram a "concepção dialética da história", que se tornou talvez, na última grande constituição sistêmica filosófico-moderna de totalidade e globalidade sobre o mundo, percebendo-o na trama de suas correlações e contradições e não como uma descrição singular ou linear de fenômenos correlatos.

A afirmação fundante de MARX sobre a base histórico -ontológica da dialética ainda permanece como horizonte:

"o primeiro pressuposto de toda a história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal destes indivíduos e, por meio disto, sua relação com o resto da natureza. Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, ou por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida: passo esse que é condicionado por sua organização corporal".⁹

Esta premissa, de ordem conceitual e histórica, fundamenta a interpretação de que "indivíduos determinados, que como produtores atuam de modo também determinado, estabelecem entre si relações sociais e políticas determinadas. É preciso que em cada caso particular a observação empírica coloque necessariamente em relevo empiricamente e sem qualquer especulação ou mistificação a conexão entre a estrutura social e política e a produção.

⁹ MARX, K. e ENGELS, F. A IDEOLOGIA ALEMÃ. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

A produção de idéias, de representações da consciência está, de início, diretamente entrelaçada à atividade material e com o intercâmbio material. (...) A consciência jamais pode ser outra do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real".¹⁰

São estas as bases da ontologia dialética marxista. Supera-se a linearidade, o paradigma da explicação puramente restrita, idealista, harmoniosa, distintiva, cartesiana pelas categorias da contradição, conflitos, ideologias, materialidade, mediação e concepção política. A concepção metafísica, que se fundamenta na análise de individualidades e essências, busca ser superada por uma concepção de dinamicidade que privilegia as relações, o predomínio do real sobre as idéias e suas derivações.

Parece inusitado falar em "ideologia" e outros referenciais do Marxismo hoje. Todavia, nunca tão necessário foi aprofundar esta análise ideológica dos processos educacionais e políticos, pela veemência com que as idéias neoliberais tem avassalado o campo da razão crítica. Sobre isto reportamo-nos aos estudos de TOMAZ TADEU, que afirma, confirmando esta premência teórica:

"Nenhum outro conceito identifica tanto as novas orientações em SE e em educação de modo geral quanto o de ideologia, nisto equiparando-se apenas ao de reprodução social. Nestes últimos anos, buscou-se encontrar a ideologia em toda a parte dentro da educação. Analisou-se a ideologia do livro didático e a ideologia das políticas educacionais, buscou-se a ideologia nos currículos escolares e nas mensagens e atos dos professores. A frase "a ideologia que perpassa...", onde o complemento do verbo poderia ser quase qualquer coisa tornou-se um dos clichês de maior circulação no campo educacional. Entretanto, de forma paradoxal, numa época em que mais do que nunca presenciamos o reinado da ideologia, as análises em torno do conceito se desvaneceram. Parece que se aceitou a decretação

¹⁰ MARX, K. e ENGELS, F. op.cit, p. 76.

(ideológica) do fim da história e do fim da ideologia. Mas a dificuldade das esquerdas de entenderem como os populismos de direita conseguem empolgar o imaginário popular mostram quão distantes estamos de ter esgotado uma análise da ideologia. O problema talvez esteja no fato de que nesses anos todos tenhamos nos detido nos aspectos menos importantes da ideologia, ao enfatizarmos a ideologia como uma fabricação das classes dominantes, em vez de nos concentrarmos no aproveitamento por parte das classes dominantes daqueles elementos de mistificação presentes na cultura popular (contando, nisto, com uma pequena ajuda daqueles que preferem santificá-la). Embora essa conexão entre cultura e ideologia tenha se realizado em outros campos das ciências sociais, ela foi pouco aproveitada no campo da educação. A tão proclamada influência de Gramsci nas análises educacionais na realidade tem sido pouco efetivada. Suas lições sobre as conexões entre folclore, senso comum e ideologia estão longe de ter sido plenamente aproveitadas. A utilização do conceito de ideologia numa análise sociológica da educação está longe de ter-se esgotado. O que precisamos é de uma revitalização e uma reorientação desse conceito, desenvolvendo sobretudo sua articulação com os aspectos culturais".¹¹

A análise da ideologia pressupõe que não se adote uma determinada metodologia da pesquisa em Educação sem compreender suas vinculações estruturais com a base material que lhe dá origem e conformação, o modo próprio de sua constituição como saber e as articulações com as forças econômicas, políticas e sociais de uma determinada época. No campo da sexualidade será fundamental compreender que as significações ideológicas de cada época e período histórico consagram profundas e visíveis interdependências com os códigos de poder e com os interesses econômicos dominantes. Somente o método de análise dialética nos permitirá vislumbrar estas ligações entre sexualidade e poder.

¹¹ TOMAZ TADEU, O QUE SE PRODUZ E SE REPRODUZ EM EDUCAÇÃO. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1992, p. 24.

O método dialético e o materialismo histórico, sofreram já a crítica teórica e a crítica histórica. Suas matrizes teóricas e as respectivas expressões históricas foram duramente acusadas de doutrinário e totalitarismo. Estas acusações lograram efeito num período histórico conturbado, que adiante chamaremos de Pós-Modernidade, coincidindo com o Pós-Guerra. Não poderemos deixar de afirmar que obedeceram a uma lógica perversa de desqualificação dos referenciais socialistas revolucionários, construídos na rica tradição de mudanças do século XIX para o século XX. O discurso fácil da "crise" do Marxismo pode ser a forma mais cabal da crise da razão histórica e política e, ao mesmo tempo, pode ser compreendido como a capitulação de toda forma de racionalidade teórica para a compreensão do mundo e suas contradições inerentes ¹².

Todavia, a despeito do despropósito ideológico e de má fé dos pseudo-críticos de plantão, os referenciais do Marxismo já sofreram, como dissemos, uma crítica teórica e uma crítica histórica. A tradição dialética mesma nos lembra que uma visão de mundo e uma concepção teórico-política só encontra superação pela sua plena realização e não pela sua frustração, como querem fazer crer os recentes discursos neoliberais. Ao considerar a dialética como a relação entre realidade, do todo com as partes e destas entre seus contrários, cerne da concepção dialética clássica, não podemos nos limitar a um raciocínio linear, por oposições singulares ou fragmentadas entre as realidades do capitalismo e do socialismo. Nasce ambas da mesma realidade que o mundo moderno, o modo de produção capitalista, e oferecem algumas soluções e outras tantas contradições para a realidade da vida humana atual, um não pode ser avaliado sem referenciar-se ao outro, sob pena de abdicar-se do raciocínio propriamente dialético, com o qual freqüentemente se nomeiam os supostos críticos.

¹² Há hoje uma rica bibliografia sobre esta questão. Ver ZAIDAN, Michel. A CRISE DA RAZÃO HISTÓRICA. Campinas: Editora Papirus, 1987; ou ainda EVANGELISTA, J. CRISE DO MARXISMO E IRRACIONALISMO PÓS-MODERNO, Editora Cortez, São Paulo, 1992; e mais NETTO, J. P. CRISE DO MARXISMO E OFENSIVA NEOLIBERAL, Editora Cortez, São Paulo, 1992. Destaco ainda a obra marcante de SAVIANI, D. EDUCAÇÃO E QUESTÕES DA ATUALIDADE, Editora Cortez, São Paulo, 1991. Esta obra analisa as relações entre Educação e Pós Modernidade.

A crítica histórica aos construtos políticos do socialismo culminou simbolicamente na queda do muro de Berlim (1989). O longo período do que se convencionou chamar de "socialismo real" ali se apresentou de maneira dilacerada, sendo rapidamente incorporada ao capitalismo triunfante de maneira submissa e capitulada. O resultado imediato foi o recrudescimento da arrogância dos discursos de exaltação do neoliberalismo e de suas realizações, da economia de mercado e das instituições da sociedade burguesa. O panegírico mais contundente desta perversa alienação traduziu-se no propalado artigo de A. FUKUYAMA (1989) determinando o "fim da História". Apesar da aparente originalidade com que foi saudado pela mídia, tal autor estava tão somente parodiando outros autores como A. COMTE (1798-1857), o próprio HEGEL e tantos outros soteriológicos defensores do estabelecido que já tinham anteriormente anunciado o mesmo "fim" da história e da evolução da humanidade. COMTE já afirmava:

"Enfim, o florescimento sistemático da positividade moderna, tendendo abertamente a um novo regime filosófico, resultou essencialmente da grande renovação astronômica iniciada por Kepler, Copérnico e Galileu. (...) Este é, sem dúvida, o último ofício fundamental que lhe deve ser peculiar no desenvolvimento geral da razão humana que, uma vez atingindo para todos uma verdadeira positividade, deverá marchar em seguida sob novo impulso filosófico, diretamente emanado da ciência final, desde agora investida para sempre de suas prerrogativas normais".¹³

Para o grande sistematizador do Positivismo a ciência final havia atingido sua máxima expressão, desde o fetichismo primitivo, restando agora aos diferentes grupos humanos adaptarem-se aos estágios já presentes da positividade plena. Não seria uma forma de anunciar o fim da história?

¹³ COMTE, Auguste. DISCURSO SOBRE O ESPÍRITO POSITIVO. Coleção OS PENSADORES. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983, p. 93.

A crítica teórica do Marxismo já tivera sido posta desde seus fundamentos, faz parte da compreensão estrutural da dialética a oposição constante de idéias e teses. Dois momentos históricos e filosóficos produziram núcleos renovadores e atualizadores do marxismo neste século: a Escola de Frankfurt e a Escola dos Annales. BURKE, afirma que a Escola dos Annales, que por sua diversidade deveria ser chamada de "movimento", ampliou as bases da compreensão histórica do Marxismo, por certo questionando e superando muito de seu aspecto doutrinário e dogmático, sem todavia abdicar de suas premissas fundamentais ¹⁴.

As referências destes movimentos proeminentes de pensamento, quer na aliança da Filosofia com os referenciais da Psicanálise, no diálogo do marxismo com outras questões postas pela contemporaneidade, a questão da "nova história" e da "nova filosofia" proposta pelos franceses, novos recortes sobre o tempo histórico e novas metodologias da pesquisa histórica e historiográfica, tudo isto não passou além e à revelia do marxismo, mas nasceu dentro dele, dando-lhe novos horizontes e apontando suas contradições.

O desvendar de novos campos de aplicação e abrangência do método dialético, longe de desfigurá-lo, como querem apontar os reducionistas, celebram sua atualidade e vitalidade, presente em todas as esferas da ação e acontecer humanos.

Perry ANDERSON, historiador inglês contemporâneo, afirma que as novas contradições da realidade burguesa foram redutos onde o Marxismo, por não encontrar sua realização plena na realidade material e política do movimento histórico revolucionário, angariou forças para novas investidas críticas. Esperamos que estas premissas fundamentem nossas perspectivas de investigação teórica sobre um dos mais desafiantes e complexos discursos da realidade contemporânea, a sexualidade humana. Ele afirma:

¹⁴ BURKE, P. A ESCOLA DOS ANNALES. São Paulo: Editora da UNESP, 1991. Neste texto o autor amplia a análise sobre o movimento desta Escola e acentua seu caráter transformador, sobretudo no campo da historiografia.

"O marxismo ocidental é fruto de uma dupla derrota: o triunfo do fascismo na Europa Ocidental e a consolidação do stalinismo na União Soviética. Marcado pelo pessimismo, ele desloca seu enfoque dos partidos operários para uma reflexão acadêmica e solitária, transferindo os temas políticos, econômicos, estratégicos e táticos para as esferas metodológicas, literárias e estéticas".¹⁵

Buscamos expor, nesta breve introdução histórico-conceitual, que a compreensão dialética da realidade é atitude fundante da Filosofia e de suas maiores realizações sistêmicas. Não se pode conceber a dialética restrita ao seu campo lógico. As recentes retomadas de seus referenciais como reordenamento de opções políticas nos credenciam a propor olhar as dimensões históricas e sociais da sexualidade humana com um forte apelo de verdade e de significação política e humana.

¹⁵ ANDERSON, Perry. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MARXISMO OCIDENTAL. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 13.

1. A COMPREENSÃO DIALÉTICA DA SEXUALIDADE

O trabalho de refletir sobre a sexualidade humana, para compreender sua dinâmica no campo da sociedade e da construção histórica talvez possa, entre suas múltiplas possibilidades, ser tanto mais precisamente investigada quanto mais se expuserem suas bases reais e gênese material e histórica. O pensamento dialético pretende abarcar a questão da sexualidade na trama de suas interrelações e não de maneira fragmentária e particular. A concepção dialética não caminha de maneira linear e evolucionista, mas tende a compreender as coisas pelas suas contradições externas e internas, com seus vínculos e formas próprias de darem-se a conhecer.

GOLDMAN, (1913-1971) expressa bem claramente tal dimensão, própria do pensamento dialético, ao escrever:

"O pensamento dialético afirma, (...), que nunca há pontos de partida absolutamente certos, nem problemas definitivamente resolvidos; afirma que o pensamento nunca avança em linha reta, pois toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais. A marcha do conhecimento aparece assim como a perpétua oscilação entre as partes e o todo, que se devem esclarecer mutuamente"¹⁶.

Esta clareza sobre o referencial materialista dialético deve ser o fundamento para uma superação de concepções simplistas e reducionistas que pairam sobre a temática. Requer compreendê-la como uma forma específica de pensamento e não como uma mediação sócio-analítica, heurística e parcial. Cumpre retomar as características do pensamento dialético na sua construção

¹⁶ GOLDMAN, Lucien. DIALÉTICA E CULTURA. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991, p. 6.

histórica, na sua radicalização filosófica e política, na sua trama de significados éticos e científicos.

O recurso à Filosofia deve ser essencial, visto que entendemos a filosofia como uma atitude histórica e cultural do homem frente ao seu tempo e seu mundo. Não se trata de uma investigação sobre a objetividade do pensamento somente, mas sim a exigência de que toda filosofia seja uma resposta do homem aos grandes problemas de cada época e condição humana. O objeto essencial de toda filosofia é a compreensão do homem em suas características e contradições, como consciência, ação e cultura. O pensamento filosófico, deste modo, torna-se também uma antropologia radical, visto que busca dar ao homem a consciência de si e de seu tempo. Neste sentido, compreender o pensamento do homem vivo, concreto, inteiro e não cair em abstrações estéreis que não fazem avançar o conhecimento do homem, mas sim escondem sua contraditória realidade, são premissas esperadas de quem busca inquirir este estranho objeto.

A estudar o pensamento humano, historicamente constituído, não pretendemos fazer uma contabilidade de sistemas e situações, mas interpretar a dimensão histórica e social de todo pensar, pois o pensamento dialético nos faz compreender o pensamento como uma das partes da realidade, que se transfere do indivíduo para o grupo social onde vive e atua. Neste campo de interrelações, a possibilidade de o pensamento dialético nos permitir compreender a sexualidade como espaço híbrido, entre a subjetividade e a sociedade, torna-se desafiadora e acalentadora, juntando elementos que, por sua vez, constituem-se por mecanismos abrangentes que vão desde o econômico até o estético e atingem o campo ético-político.

Para avaliar esta correlação necessário se faz explicitar que toda significação da sexualidade está inserida numa determinada visão de mundo e que tal vinculação exige um esforço criterioso para elucidar os componentes

desta cosmovisão, como condição de compreender a própria sexualidade. Não se pode prescindir de analisar a sexualidade na trama das relações econômicas e sociais, onde se destacariam os modelos hegemônicos de sua vivência e construção, para extrair as significações parciais e subjetivas que dela decorrem.

A visão de mundo configura-se no imaginário coletivo e histórico de uma época, sob o qual estão os indivíduos e as classes sociais. Esta visão de mundo é constituída pelas múltiplas formas dos discursos e representações dominantes de cada época, onde os autores e seus discursos ao mesmo tempo em que as constituem como uma rede de significação simbólica, são também constituídos como tais, numa relação de reciprocidade tensa e dinâmica, num mecanismo essencialmente dramático. Neste contexto, não parece ser descabido lembrar as relações entre poder e saber apresentadas por FOUCAULT, na análise da sexualidade.

Ainda GOLDMAN nos orienta ao definir a dialeticidade entre a compreensão dos indivíduos sobre seu tempo e a visão de mundo de cada época:

*"uma visão de mundo é precisamente esse conjunto de aspirações, de sentimento e de idéias que reúne os membros de um grupo (mais freqüentemente, de uma classe social) e os opõe aos outros grupos"*¹⁷.

Nestes referenciais, pretendemos empreender uma análise materialista e dialética da sexualidade, tal como esta se constituiu em modelos hegemônicos na construção histórico-cultural ocidental. Compreender a visão de mundo de cada época, mesmo numa extrapolarização esquemática própria da filosofia e do historiador, é um recurso para desvendar as múltiplas contradições que cercam o

¹⁷ GOLDMAN, L. op.cit, p. 20.

campo da sexualidade como um todo, de modo a circunscrevê-la como uma das mais ricas expressões da condição humana pessoal, histórica e social.

O recurso à Filosofia, nos termos de um campo privilegiado de pensamento, obriga-nos a perguntar, para início de uma consideração crítica: haverá uma Filosofia dialética, ou, nos termos clássicos de uma questão filosófica, será o materialismo dialético uma filosofia?

É uma questão polêmica e histórica e não pode ser posta sem considerar-se que eventuais respostas tenderão a estranhar-se da própria filosofia dialético-histórica, visto que, desde MARX e ENGELS existe a tensão entre o "suprimir" a filosofia e realizá-la¹⁸. O furor com que MARX, e de maneira diversa, o pensador NIETZSCHE (1844-1900), voltaram-se contra a Filosofia, definida até então como consubstanciação de um pensamento metafísico e idealista, nos permite ver a amplitude desta consideração. Ambos, de pontos de vista distintos e com conotações políticas diversas, proclamaram o "fim da Filosofia". É certo que tais proclamações não se consolidaram de modo unilateral, posto que a Filosofia permanece, restaurada pela própria crítica dialética, como uma das mais vigorosas formas de pensar e buscar empreender a transformação do mundo.

É certo que sobre a definição de Filosofia pesaria toda a tradição de sua história e multiplicidade. Mas isto não se torna, para quem se dedica ao filosofar, uma desconsideração ou descredenciamento do filosofar, pelo contrário, é sua riqueza pluralista e sua diversidade o sinal de sua discutibilidade permanente e insaciável. Este pluralismo traduz, então uma compreensão ampla e rica da Filosofia. Não a reduzimos a um cientificismo lógico, como querem os positivistas e neopositivistas de plantão, que advogam ser o conhecimento científico o apanágio da condição humana e o domínio da natureza a realização deste pressuposto, numa linear evolução que poria o homem no progresso

¹⁸ MÉSZAROS, István. FILOSOFIA IDEOLOGIA E CIÊNCIA SOCIAL. São Paulo: Editora Ensaio, 1993, p. 129.

irreversível. Tal cientificismo dominou também a Filosofia, fundando-se na crença dogmática numa marcha de progresso indefinido do homem, pelo recurso às Ciências da Natureza e seus métodos, como condição de explicação da realidade humana. Todos os problemas, inclusive os morais e políticos, éticos e sociais, deveriam ser analisados e equacionados pela aplicação rigorosa dos métodos derivados das ciências da natureza.

É preciso rejeitar, em nosso entendimento, tal reducionismo de suporte estritamente cientificista, precisamente por negar a dialeticidade do real e sua conseqüente compreensão contraditória e dinâmica, favorecendo os dogmatismos e totalitarismos epistemológicos e gnoseológicos, com desdobramentos previsíveis no campo ético e político.

A Filosofia Contemporânea, em que pese a ampla discussão sobre o que seja a contemporaneidade, é uma filosofia do homem. Os diferentes ramos e rumos do pensamento contemporâneo, a saber, o Marxismo, o Existencialismo e seus correlatos e o próprio pensamento católico, para usar uma categorização de GARAUDY,¹⁹ São discursos sobre o homem e sua dimensão trágica.

As filosofias que buscam compreender e elaborar a condição humana hoje estão mais vivas do que nunca, superando os discursos esquemáticos e tirânicos do cientificismo idealista do século XIX.

O senso comum, compreendido aqui como o pensamento social imediato, no sentido atribuído por A. GRAMSCI, bombardeado pelo recurso da mídia em franco processo de globalização e mundialização da cultura, com sua decorrente banalização e mercantilização, padece sob a ditadura absoluta do determinismo e do fatalismo, religioso ou "naturalista". Não há, neste horizonte, uma perspectiva dinâmica para compreender as implicações inesgotáveis da dramática condição humana atual.

GOLDMAN nos ensina que:

¹⁹ GARAUDY, Roger. PERSPECTIVAS DO HOMEM. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p. 11.

"A filosofia é uma tentativa de resposta conceitual aos problemas humanos fundamentais tal como estes se apresentam em certa época numa determinada sociedade"²⁰.

Buscar compreender os encadeamentos amplos e o nexo entre as vivências, as consciências e os discursos de uma época, pode ser reencontrado com originalidade a atitude filosófica fundamental rediviva, a partir de uma indagação das coisas em sua totalidade conexa. Recusar o fragmentário e o superficial, o que vale por si ou se nomeia absoluto, determinista, dogmático ou cético, posto que tais atitudes, longe de colocarem o homem frente às suas **contradições, em condições de compreendê-las e encaminhá-las, pelo contrário,** faz com este abdique de seu pensar e agir e torne-se presa do conformismo e da estagnação tirânica das "condições" ou do pensamento cético, absolutamente incapaz de por-se em busca de uma possível verdade a ser construída precariamente na dialeticidade com o mundo. O papel do filosofar é o de precisamente por às claras este universo de resistência e uma ampla gama de significações de totalidade, de modo a emprestar consistência ao pensamento e ação humana na história.

O recurso à Filosofia, nos parece ser a melhor forma de investigar amplamente as dimensões da sexualidade. A escolha da metodologia dialética se configura eficaz por saber-se parte de uma corrente de pensamento social e político que tem por pressuposto a dinamicidade do mundo, a mudança constante da realidade e as potencialidades múltiplas do ser das coisas. Não se pode aqui cair nos propalados doutrinarios ou na atitude autoritária de negar a priori as contribuições de toda tradição filosófica, pautando-se por um pensamento fechado e incapaz de respeitar tradições teóricas divergentes ou contraditórias.

LUKÁCS escrevia, rebatendo tais inverdades, já em 1923:

²⁰ GOLDMAN, L. op.cit, p. 52.

"Não é a predominância dos motivos econômicos na explicação da história que distingue de modo terminante o marxismo da ciência burguesa; é o ponto de vista da totalidade. A categoria de totalidade, a predominância universal e determinante do todo sobre as partes constitui a própria essência do método que Marx emprestou de Hegel e o transformou, de maneira a fazê-lo a fundamentação original de uma ciência inteiramente nova (...) a predominância da categoria da totalidade é o suporte do princípio revolucionário na ciência"²¹.

Assim, cumpre afirmar que a categoria de totalidade é a que empresta a uma determinada visão de mundo seu caráter dialético, portanto é também aquela que expressa a filosofia "marxista" como uma consciência específica de sua época e de seu tempo. O materialismo histórico e dialético é, conseqüentemente uma filosofia, por possuir em si a totalidade da investigação sobre o mundo e sobre o homem presente, oferecendo encaminhamentos e respostas às grandes questões da atualidade humana.

É precisamente este humanismo marxista redimensionado que pretendemos retomar na presente reflexão, pois o Marxismo, ao encampar as teses libertárias do iluminismo e da modernidade, dentro de uma ótica política dos trabalhadores marginalizados do século XIX, tornou-se um dos mais vigorosos humanismos da história da filosofia, ao trazer, para a vida prática e real, a emergência da ação como forma de transformar o real e fazer nele a constituição dos grandes anseios existenciais e sociais humanos.

"O humanismo materialista e dialético afirma assim como valor supremo a realização histórica de uma comunidade humana autêntica, que só pode existir entre homens inteiramente livres, comunidade que pressupõe a supressão de todos os entraves sociais, jurídicos e econômicos à liberdade individual, a supressão das classes sociais e da exploração"²².

²¹ Citado por GOLDMAN, L. op.cit, p. 49.

²² GOLDMAN, L. op.cit. p. 33.

Dentro da constituição clássica dos humanismos filosóficos anteriores, o Marxismo elabora uma perspectiva de ação comum, racional e política, dos homens entre si e destes sobre a natureza, afim de transformar a realidade atual opressora e eliminar as formas de desumanização de todos, em vista de uma concepção ampla de liberdade e comunidade que sustentaria a antropologia marxista. Esta filosofia ou humanismo, ao mesmo tempo que se traduz numa conjunto orgânico de concepções e significações, exige uma atitude prática diante da vida. É uma ação conjunta exigente que pretende, com o máximo de liberdade possível, uma perspectiva também objetiva de libertação para todos os homens, de modo a realizar a plenitude otimista da realidade humana, em sua totalidade. Isto seria possível com a transformação das atuais estruturas de desumanização do homem, e seriam encontradas na construção da sociedade socialista.

Disto decorre afirmar que o pensamento marxista contém não somente uma filosofia no sentido idealista do termo, mas uma política, uma "teoria da ação" que visa alcançar objetivamente os anseios de liberdade e comunidade plena pensados pelos homens em sua luta comum na história. Aqui, nos parece, esta política revela-se também numa estética da ação, de modo que os seres humanos deveriam todos buscar em si e na comunidade a realização plena de suas formas únicas e grandiosas de ser, a busca da felicidade.

Desde o seu nascimento, na Grécia Antiga, a Filosofia corresponde ao desejo de felicidade humana. Encadeia-se deste modo, uma resposta ampla para as exigências conceituais do ser do homem e de sua existência no mundo. Busca a Filosofia, desde sua concepção primordial, constituir-se numa resposta às ações concretas na realidade material e política, através de suas características essenciais, que se traduzem em arte e Estética. Filosofia, política e estética da existência pessoal e social - eis a tríade que pressupõe ser o marxismo uma forma específica de ver o mundo e o homem de maneira global e autêntica.

Muitas críticas endereçadas ao Marxismo não suportariam uma réplica adequada, visto fundamentarem-se em jargões simplistas. Duas das principais críticas estabelecidas afirmam, de um lado, a ausência de uma concepção de subjetividade e outra, por sua vez, diz ter o marxismo, e conseqüentemente os movimentos políticos fundados neste, negado a liberdade humana. Reconhecemos que os movimentos políticos configurados no "Socialismo Real", decorrente da Revolução Russa de 1917 e seus desdobramentos no Leste Europeu, negaram profundamente os pressupostos do humanismo marxista do século XIX. O trabalho de MÉSZÁROS, aponta novas interpretações destes tópicos ao dizer:

"A verdadeira questão em pauta é a liberdade pessoal, no sentido mais amplo do termo. Implica necessariamente a abolição da divisão do trabalho, uma vez que esta contradiz diretamente as condições de auto-realização dos indivíduos como indivíduos: "A transformação, através da divisão de trabalho, de forças (relações) pessoais em forças materiais, não pode ser dissolvida arrancando-se da cabeça essa idéia geral, mas apenas poderá ser abolida se os indivíduos submeterem novamente esses poderes materiais a si mesmos, abolindo a divisão do trabalho. Isso não é possível sem a comunidade. Somente em comunidade com outros é que cada indivíduo tem condições de cultivar seus talentos em todas as direções; somente na comunidade, portanto, é possível a liberdade pessoal. Nos sucedâneos anteriores da comunidade, no estado etc., a liberdade pessoal existiu apenas para os indivíduos que se desenvolveram dentro das relações da classe dominante, e apenas até o momento em que foram indivíduos dessa classe. A comunidade ilusória, em que os indivíduos têm até agora se agrupado, sempre teve uma existência independente em relação a eles e, uma vez que foi a associação de uma classe em contraposição a outra, ela foi, ao mesmo tempo, não apenas uma comunidade completamente ilusória, mas também um novo cativeiro. Na comunidade real, os indivíduos obtêm sua liberdade em sua associação e através dela" ²³.

²³ MÉSZÁROS, I. op.cit. p. 216.

MARX enfatiza que, enquanto os indivíduos estiverem subsumidos a uma classe, eles não possuem uma individualidade verdadeira. Eles só podem se afirmar como "indivíduos médios", mas como indivíduos únicos que realizam por completo suas potencialidades. Por isso, na concepção de Marx, a realização da verdadeira individualidade implica, necessariamente, não apenas a abolição da divisão do trabalho, mas, simultaneamente, também a abolição do Estado, que só consegue lidar com indivíduos médios, e que, os confina à condição de individualidade abstrata.

A questão do Estado mereceria uma reflexão mais aprofundada. Não se trata hoje de defender unilateralmente o Estado como demiurgo da sociedade, nem trata-se de defender o Estado "mínimo", como querem os neoliberais. O debate sobre esta questão está apenas iniciando-se, estimulando grupos de pessoas a formular novas questões, tais como "Que Estado precisamos, com que poderes, com que deveres, controlados por quem?"

Assim, ao procurarmos associar a sexualidade ao movimento de busca de uma nova sociedade, estamos fundamentados na perspectiva que a subjetividade decorrente da libertação social é mais ampla que os reducionismos individualizantes.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANTROPOLOGIA MARXISTA

A célebre afirmação de SARTRE, título de um opúsculo famoso, "O Existencialismo é um Humanismo" constitui a base inspiradora desta reflexão introdutória. Pois consideramos que o pensamento de MARX e toda a tradição que engendrou a posteriori nos permitem afirmar, junto a J. LACROIX, P. FOUGEYROLLAS e R. GARAUDY, que também o "Marxismo é um Humanismo"²⁴. É certo que não temos a pretensão de alcançar a clareza e a originalidade de SARTRE no desenvolvimento brilhante de sua tese, mas unicamente temos a preocupação de explorar aportes do marxismo que retratam seu apelo humanista e sua constituição como referência para a compreensão do homem e de sua época.

Referindo-se a SARTRE, Dermeval SAVIANI numa reflexão muito oportuna afirma:

"Costumo dizer que é preciso que consideremos mais seriamente a afirmação de Sartre - que não era marxista - segundo a qual o marxismo é a filosofia viva e insuperável de nossos tempos. Considera ele que "um argumento antimarxista" não é mais que o rejuvenescimento aparente de uma idéia pré-marxista. Uma pretensa "superação" do marxismo não será, no pior dos casos, mais que uma volta ao pré-marxismo e, no melhor, a redescoberta de um pensamento já contido na idéia que se acredita superar" (Sartre, 1963, p. 18). Esta idéia de Sartre se ancora na consideração de que uma filosofia é viva enquanto expressa a problemática própria da época que a suscitou e é insuperável enquanto o momento histórico de que é expressão não tiver sido superado. Ora, os problemas postos pelo marxismo são os problemas fundamentais da sociedade capitalista e

²⁴ FOUGEYROLLAS, P. CIENCIAS SOCIALES Y MARXISMO. Mexico: Editora Fondo de Cultura, 1991, p. 189.

*enquanto estes problemas não forem resolvidos/superados não se pode falar que o marxismo terá sido superado"*²⁵.

Com esta citação queremos demonstrar que não comungamos com as teses derrotistas da superação ou anacronismo dos conceitos do Marxismo, e que ao contrário, defendemos sua rigorosa revitalização para compreender e encaminhar interpretações e ações humanizadoras na realidade atual de nosso tempo.

Desenvolvemos até aqui um esforço amplo para definir os contornos culturais e históricos da metodologia assumida como pressupostos para uma investigação da sexualidade, até mesmo para explorar sua dimensão pedagógica ou sua ensinabilidade. Ao buscarmos aqui estabelecer os marcos de nossa compreensão do pensamento marxista, de seu método de análise, de seus pressupostos políticos e de sua determinação filosófica, das bases para afirmar-se como uma antropologia própria e original de nosso tempo estamos procurando manter a coerência exigida para aqueles que se dedicam a compreender a dialética não somente pela sua metodologia ou técnica, mas pelos fundamentos que exige enquanto visão de mundo crítica e revolucionária.

Quem estudou o pensamento de MARX terá percebido que nunca uma Ciência esteve tão fortemente arraigada numa perspectiva de libertação real e concreta de todos os homens, consubstanciada na luta dos trabalhadores. A obra de P. SILVEIRA, e B. DORAY. *Elementos Para uma Teoria Marxista da Subjetividade*²⁶, marcou importantes eixos desta análise:

"A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e unilaterais que um objeto só é nosso quando o temos, quando existe para nós como capital ou quando é imediatamente possuído, comido, bebido, vestido, habitado, em resumo, utilizado por nós. (...) Em lugar de todos os sentidos físicos e espirituais apareceu

²⁵ SAVIANI, D. *EDUCAÇÃO E QUESTÕES DA ATUALIDADE*. São Paulo: Editora Cortez, 1991, p. 10.

²⁶ SILVEIRA, Paulo e DORAY, Bernard. *ELEMENTOS PARA UMA TEORIA MARXISTA DA SUBJETIVIDADE*. São Paulo: Editora Vértice, 1992.

assim a simples alienação de todos esses sentidos, o sentido do ter"²⁷.

Esta dicotomia entre o "ser" e o "ter" que marca a alienação essencial do homem contemporâneo já fora sistematizada por MARX, ressurgindo depois nas obras clássicas de J. P. SARTRE (1905-1980) e outros filósofos deste século XX. O próprio conceito de "alienação", que muitas vezes fora interpretado de maneira economicista, tem ainda uma vitalidade ampla para avaliar as condições de desumanização do mundo determinado pelo mercantilismo e pelo avanço do capital. As condições materiais de trabalho, marcadas pela exploração, longe de ter libertado o homem, ampliam seus tentáculos na direção de reificá-lo, transformá-lo em "coisa", mercadoria, submetendo sua capacidade criadora aos ditames da escravização do cotidiano exploratório e mecânico. Relações de rudeza e torpor marcam a vida contemporânea. Os homens vivem cada vez mais alienados de si e de sua possibilidade de plenitude. A alienação da consciência, no campo político, corresponde também a alienação do desejo, impulsionada por um mercantilismo eficiente, por uma indústria da cobiça e da ansiedade de consumir, consubstanciada na mídia e em todos os esforços de promover as bem-aventuranças do capital e do prazer de ter. A sexualidade funciona precisamente como um motor de impulsão deste desejar compulsivo e alienado.

O texto seguinte nos aponta estas contradições:

"Quando o homem está frente a si mesmo, então o outro homem está frente a ele. (...) Em geral, a proposição de que o homem está alienado do seu ser genérico significa que um homem está alienado de outro, tal como cada um deles da essência humana" (...). E esclarece ainda: "Na relação do trabalho alienado, portanto, cada homem considera (vê, encara) o outro segundo o critério (a medida, o padrão) e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador". (...) A alienação de si e alienação de seu desejar corresponde ao ato próprio de trabalhar e produzir da sociedade capitalista, que retira a realização essencial do

²⁷ SILVEIRA, P. e DORAY, B. op.cit. p. 52.

homem naquilo que faz, pois as condições sociais suprimem sua autoria e possibilidade de usufruir, como sujeito, daquilo que produz. A mercadoria anula o homem.

"O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas metafísicas ou sociais. (...) determinada relação social entre os próprios homens (...) para eles assume aqui a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. (...) Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos só aparecem como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas"²⁸.

Quando estudava as relações da classe operária inglesa, no século XIX, MARX e ENGELS já apontavam as grandes contradições presentes, que não se transformaram até hoje, pelo contrário, recrudesceram e deram outras formas atomizadas de desumanização e controle. Sua sensibilidade apontava:

"Todos os atos humanos, as profissões e os saberes envolvidos na manufatura acabam passando por este crivo e, desta forma, são pensados pelos capitalistas e pelos engenheiros como formas mais ou menos pitorescas da existência do tempo do capital: "Os homens apagam-se frente ao trabalho, o balanço do pêndulo tornou-se a medida exata da atividade relativa de dois operários, assim como o é da rapidez de duas locomotivas. Assim sendo, não se deve dizer que uma hora (de trabalho) de um homem vale uma hora de um outro homem, mas que um homem de uma hora vale um outro homem de uma

²⁸ SILVEIRA, P. e DORAY, B. op.cit. p. 95.

hora. O tempo é tudo, o homem não é mais nada, é no máximo, a carcaça do tempo" ²⁹.

É inegável que o Marxismo contenha uma sólida antropologia e tenha contornos de uma Filosofia humanista. A afirmação de que tais suportes teóricos nos qualificam para uma investigação da sexualidade humana sobre estas matrizes parece relevante e potencialmente fecunda.

A reflexão que engendramos sobre a sexualidade humana construída na História, nos obrigou a definir melhor o estatuto antropológico da filosofia marxista. Pressupondo que a filosofia contemporânea é a "filosofia do homem", em suas múltiplas contradições, assim como o fora a filosofia grega clássica, depois de um original questionamento sobre a "physis" e a questão do mundo, o que caracterizou a primordial pergunta filosófica dos pré-socráticos, buscaremos explicitar esta similaridade entre a matriz grega e a contemporaneidade.

Para nós, a filosofia grega, na realidade da "polis" (século V a.C), volta-se para o homem e suas dimensões de conhecer, desejar, sentir, viver politicamente e educar-se. Na Grécia urbana a Filosofia torna-se também política e antropológica, investigando as causas da realidade do mundo dos homens, o quanto antes o fora para investigar a "arché" do mundo físico e material. A razão filosófica ateniense é sobretudo uma razão política ³⁰, o que mostra-nos que a questão da educação, seja política, voltada para o exercício do poder, seja para a isonomia ou "homousia" dos cidadãos livres da "polis", foi sempre uma educação para a vivência institucional na sociedade.

A Filosofia, com sua constituição como um saber, emancipa a razão e o discurso como formas humanas de poder e de ser.

²⁹ Idem, p. 96.

³⁰ VERNANT, J.P. AS ORIGENS DO PENSAMENTO GREGO. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

Estas premissas estão na base da consideração dialética sobre o homem. O filósofo dialético e sensível ao tempo de hoje toma sobre si a tarefa de dizer abertamente sobre o dilaceramento da condição humana na crise da modernidade burguesa. Não tem medo de inverter a ordem dos discursos e significados atuais de valores. O homem é que humaniza o mundo natural, não é por ele determinado. Ao humanizar a natureza converte-se na própria natureza e assume a sua evolução, tomando consciência de si, porque não é apenas uma parte da natureza, de onde estranhou-se, mas é por excelência o ser que a instaura, significa e reconhece, desenvolvendo e transformando-a ao mesmo tempo que se transforma e se desenvolve continuamente.

Este recurso à dialética nos obrigou a estudar a natureza humanista desta filosofia e sua conseqüente antropologia. O recurso à dialética não nos faz confundir uma exposição metódica e circunscrita com uma função metodológica de exposição popular e massificação do que se tinha supostamente por pensamento dialético pelos teóricos do chamado "*socialismo real*".

Rejeitamos os reducionismos que estabeleceram leis apriorísticas que determinariam a compreensão formal da realidade e do conhecimento.

GARAUDY, assim aborda esta questão:

"A dialética não é um sistema fechado e definitivo de leis que se imporia eternamente, como um sistema a priori sobre o qual a natureza e a história teriam apenas que bordar insignificantes variações. Os marxistas franceses tiveram as vezes uma lamentável tendência a dar uma feição dogmática à exposição pedagógica de seus princípios e de seu método. (...) Preciso é que o reconheçamos sem reticências: trata-se de uma maneira não dialética de apresentar a dialética" ³¹.

³¹ GARAUDY, R. *op.cit.* p. 247.

Desta maneira se supera uma visão dogmática e sistêmica, à semelhança de outras concepções históricas da filosofia. Ainda GARAUDY é que nos afirma com veemência:

"O método e os princípios do marxismo exigem que se estudem as leis da dialética, não como as formas imutáveis de uma Razão absoluta, mas como um balanço, para cada grande período histórico, das vitórias da racionalidade. A dialética não é nem uma razão constituinte transcendente à história que ela informa, nem uma Razão constituída, esclerosada e coagulada numa etapa de seu desenvolvimento, nem uma simples hipótese de trabalho que se abandona do mesmo modo como foi escolhida, simplesmente por sua comodidade, mas sim o produto de uma epigênese histórica; cada etapa de seu desenvolvimento consolida o adquirido no momento mesmo que é superado. É o arcabouço de uma história, que se está fazendo. Assim como a história, não é nem fatal nem arbitrária, e sim necessária em sua trajetória passada e contingente em sua superação futura. Existe nela toda esta amálgama de ser, de saber e de fazer que caracteriza toda obra do homem, "do ser do qual constitui uma reflexo cada vez mais aproximado, do saber, cuja totalização provisória exprime; do fazer, cuja liberdade exprime, assegurando sua eficácia sem diminuir sua responsabilidade" ³².

Nesta direção somente um referencial desta potencialidade poderia dar conta de uma aproximação com o real vivido e tão arduamente buscado. Não se trata aqui de descobrir uma chave infalível ou um método soteriológico que viesse a dar conta dos enigmas opacos postos à Razão. A dialética apreende o ser, o saber e o fazer do homem, em suma, ela define, em sua provisoriedade, a essência humana, dinâmica e mutável, ao mesmo tempo que caracteriza o esforço aproximado do homem em saber; e torna-se exigência de seu fazer político.

³² Idem, p. 297-298.

Já MARX deixava bem claro que não pretendia criar ou constituir uma heurística messiânica, mas uma forma de apreensão dos dinamismos da realidade, ao dizer:

*"O método que consiste em proceder do abstrato ao concreto não é, para o pensamento, senão uma maneira de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo, como concreto, intelectualmente. Mas esta não é a origem do próprio concreto"*³³.

É fundamental que se compreenda a relação da teoria com a prática para não proceder-se a uma negação da própria dialética. A realidade mesma do mundo e das coisas, constituídas como dados materiais e sensíveis do mundo, são maiores que o que delas se possa saber ou dizer.

A dialética mantém a tensão entre o saber e o ser das coisas articuladas pelo fazer do homem. A acentuação da dialética como um referencial essencialmente teórico, que não tivesse raízes constitutivas na concretude da vida material, daria forma a um "positivismo dialético" ou uma concepção positivista da dialética, linear e caricata, que seria um contra-senso histórico e filosófico. Ao mesmo tempo, extrair da concepção dialética o papel reservado à teoria seria transformá-la num rigoroso pragmatismo, opaco, confuso, um saber amorfo ou um conjunto de princípios de ação desconexos que em nada alterariam o curso da dialética da natureza nem da própria sociedade.

MARX apontava já esta tensão entre a universalidade e subjetividade, entre as condições materiais objetivas, postas pela sociedade e pelos determinados modos de produção e a perspectiva de uma essência humana construída em tais relações ao dizer:

"O homem apropria sua essência universal de forma universal, isto é como homem total. Cada uma de suas relações humanas

³³. Citado por KOSIK, K. In: DIALÉTICA DO CONCRETO, Editora paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976, p. 36.

com o mundo (ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, observar, perceber, desejar, atuar, amar), em resumo, todos os órgãos de sua individualidade, como os órgãos que são imediatamente comunitários em sua forma são, em seu comportamento objetivo, em seu comportamento desde objetivo, a apropriação deste. A apropriação da realidade humana, seu comportamento desde o objetivo, é a afirmação da realidade humana (...), é a eficácia humana e o sofrimento humano, pois o sofrimento, humanamente entendido, é um gozo próprio do homem. (...) Ainda que a propriedade privada conceba, por sua vez, todas essas realizações imediatas da possessão somente como meio de vida, e a vida a que servem como meios é a vida da propriedade privada, do trabalho e da capitalização”³⁴.

Esta potencialidade de unir a teoria e a prática em interdependências fundamenta o caráter crítico da filosofia marxista. Como filosofia busca apresentar de maneira racional e conceitual os principais questionamentos sobre a vida humana, pessoal e social contemporânea, como crítica insere-se na longa tradição teórica da filosofia de fundar o conhecimento e as experiências em grades de valores. Não é uma exegese da linguagem nem uma heurística da razão, é uma busca de compreender as coisas pela sua totalidade. Sua tarefa crítica consiste em desmascarar toda e qualquer alienação que pese sobre a consciência e sobre a realidade mesma. A consciência não se torna, para esta filosofia crítica, um separado do mundo, ela dá-se no embate com o mundo prático, real, engendra-se nele para nele existir e supera-se neste movimento.

A filosofia marxista não advoga a fuga de uma experiência de significação com o mundo. Rejeita isto sim, um espectro significativo dado à priori, estabelecido, pronto, acabado, de maneira cabal e determinista. Para a filosofia marxista a cultura é a marca milenar da ação humana, densa de significações e sentidos carregados e oriundos da longa e trágica experiência humana histórica.

³⁴ Citado por SILVEIRA, P. e DORAY, B. op. cit. p. 156.

Cabe a cada homem decifrá-la, tomá-la sobre si, constituir-se como consciência subjetiva, tomando da grande humanidade aquela parte que precisamente a faz existir, que é cada subjetividade. A filosofia marxista é a presença do homem, sua epigênese e marcha histórica. Tal conhecimento do passado não altera a responsabilidade para com o futuro, que nos faz responsáveis e participantes de nosso próprio tempo. Comporta ao homem, livre dos determinismos religiosos alienantes e da exploração política e econômica, delinear as silhuetas deste futuro como responsabilidade e tensão, com a ciência e a participação política capaz de construir experiências de liberdade e de transformação.

LENIN afirmava que "não há prática revolucionária sem teoria revolucionária"³⁵. Esta afirmação é particularmente conhecida pelos intelectuais e pesquisadores do pensamento marxista clássico. Todavia, para se ter a amplitude de alcance do pensamento de LENIN, nesta passagem, cumpre resgatá-lo por inteiro, para expressar uma fissura abissal entre teoria e prática protagonizada pelo desenvolvimento histórico do marxismo ocidental até nossos dias:

*"A teoria revolucionária correta assume sua forma final apenas quando em estreita ligação com atividade prática de um movimento verdadeiramente revolucionário e verdadeiramente de massas"*³⁶.

Esta afirmação obriga-nos a fazer uma rigorosa consideração, a de que não se trata aqui de uma compreensão abstrata da dialética ou da relação entre teoria e prática. O movimento real das massas revolucionárias é o contraponto orgânico da teoria revolucionária correta. Não se trata aqui de um deleite profético ou de uma justaposição eficiente, mas de afirmar a organicidade da teoria

³⁵ LENIN, Vladimir Ulianov. DUAS TÁTICAS DA SOCIAL-DEMOCRACIA NA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA. São Paulo: Editora Livramento, 1975, p. 56.

³⁶ ANDERSON, P. op.cit. p. 147.

revolucionária em estreita relação com a classe operária e com a emancipação das massas em massas revolucionárias.

Tal consideração, ainda, nos permite levantar razões para um tão exíguo pensamento dialético na tradição filosófica e pedagógica brasileira. Nossa compreensão do pensamento marxista, oriundo da Terceira Internacional (Paris, 1889), deu-se sempre à revelia dos amplos movimentos reais e materiais da emergente classe operária brasileira, que também encontrava-se longe da emancipação revolucionária. Nossos teóricos e historiadores, filósofos e epistemólogos denominados "dialéticos" construíram-se nas cátedras e institutos, salvo raras exceções, os excertos de seus discursos dialéticos; estiveram longe do movimento operário, camponês, sindical ou social, em sua grande maioria.

A pesquisa dialética em Educação, por exemplo, só teve alguma relevância, segundo os estudos de GAMBOA, a partir de 1980, depois da significativa ampliação dos cursos e pesquisas em educação que puderam emancipar-se dos centros de financiamento controlados pelo Estado de exceção (1964-1985). Este academicismo e sua caducidade em termos políticos deixou marcas profundas na discussão sobre o alcance da dialética e na própria compreensão da marcha histórica do movimento político das massas no Brasil.

GARAUDY aponta as contradições deste mesmo fenômeno na França, na década de 1960 ao afirmar:

"Apegada desde a origem ao movimento operário francês, a filosofia marxista é um aspecto e um momento do combate da classe operária; deve-lhe seu ardor polêmico e sua intransigência na luta contra o ecletismo e pela pureza dos princípios de que depende a eficácia do combate. Essa primeira característica foi e continua a ser uma condição essencial de sua força e de seu desenvolvimento criador. Ao contrário, por muito tempo apartados, em virtude das tradições universitárias de nosso país,

das fontes hegelianas e da corrente materialista do século XVIII francês, os filósofos marxistas de origem universitária tem a tendência de deformar o espírito do marxismo. Uns exaltam unilateralmente o hegelianismo, o que teve conseqüências particularmente lamentáveis entre aqueles que, não participando das lutas de classe da classe operária francesa, chegaram por isso, a partir da preocupação legítima de frisar os aspectos dialéticos do marxismo, a subestimar seu materialismo fundamental, a resvalar para a especulação, e a fazer do marxismo uma variante do hegelianismo de esquerda. Outros (...) com a preocupação de sublinhar a significação polêmica e militante do materialismo marxista, chegaram às vezes com isso a esfumar os momentos críticos e dialéticos do marxismo"³⁷.

Percebemos que a tensão original da tradição dialética e marxista francesa não difere da nossa realidade institucional e cultural política. De um lado a gélida e estéril dialética academicista e de outro a opacidade dogmática do pragmatismo diletante e triunfalista. Em ambos, temos a negação da dialeticidade entre teoria e prática, o que nos remete ao mais puro pensamento linear e logicista, exaurindo a potencialidade crítica e dialética da dialética marxista.

O vigor das descrições de MARX sobre a brutalidade do trabalho e a conseqüente desumanização do homem, referindo-se aos operários da Inglaterra de seu tempo, ainda é perturbador para nossas condições:

"Vigiar máquinas, reatar fios quebrados, não são atividades que exijam do operário um esforço de pensamento mas, além disso, impedem-nos de ocupar o espírito com outros pensamentos. Já vimos, igualmente, que este trabalho somente deixa lugar à atividade física, ao exercício dos músculos. Assim, a bem dizer, não se trata de um trabalho mas de um aborrecimento total, o aborrecimento mais paralizante, mais deprimente possível - o operário da fábrica está condenado a deixar enfraquecer todas as forças físicas e morais neste aborrecimento e o seu trabalho consiste em aborrecer-se durante todo o dia desde os oito anos. E também não se pode distrair um só instante - a máquina à

³⁷ GARAUDY, R. op. cit. p. 133.

vapor funciona durante todo o dia, as engrenagens, as correias e as escovas zunem e tilintam sem cessar aos seus ouvidos, e se quiser repousar, mesmo momentaneamente, o contramestre cai-lhe logo em cima com multas. E o operário bem sente que está condenado a ser enterrado vivo na fábrica, e vigiar sem cessar a infatigável máquina é a tortura mais penosa possível. De resto, exerce um efeito extremamente embrutecedor tanto sobre o organismo como sobre as faculdades mentais do operário. Não se poderia imaginar melhor método de embrutecimento que o trabalho na fábrica, e se apesar de tudo os operários não só salvaram sua inteligência mas também a desenvolveram e a aguçaram mais do que os outros, isso apenas foi possível pela revolta contra a sua sorte e contra a burguesia. Esta revolta é o único pensamento e o único sentimento que o trabalho lhes permite. E se esta indignação contra a burguesia não se torna o sentimento predominante entre eles, a consequência inevitável é o alcoolismo e tudo o que habitualmente se chama imoralidade."³⁸.

Esta descrição nos remete à desumanização de tantas fábricas e lugares de atuação humana atuais. A simples constatação do que acontece com nossas escolas e outras instituições sociais não deixa de nos preocupar fortemente, se a vivacidade desta situação não estaria sendo tão claramente vivida como até redimensionada.

Com tais pressupostos, em primeiro lugar de que a sexualidade somente poderá ser compreendida dentro da dinâmica da sociedade e da cultura, e em segundo plano, que os referenciais de que dispomos para tanto encontram-se na perspectiva de reconstrução da filosofia e da antropologia marxista ou dialética, conquanto esta seja uma "filosofia" no mais original alcance do termo e, contextualizadamente, uma das mais vigorosas construções teóricas da contemporaneidade, é que nos dispomos a empreender uma reflexão mais determinada sobre os atuais discursos e formas de apresentação da sexualidade numa dimensão educacional, institucional e escolar.

³⁸ MARX, K. e ENGELS, F. TEXTOS SOBRE EDUCAÇÃO E ENSINO. São Paulo: Editora Cortez e Moraes, p. 24-25.

HANNAH ARENDT, em famoso texto que versa sobre a origem dos grandes movimentos revolucionários afirma, muito além das críticas que se faz a um suposto reducionismo materialista da Filosofia marxista, tornando precisa a interpretação destas condições desde a Filosofia grega:

*"Se quisermos lançar sobre um único autor toda a culpa da chamada visão materialista da História, devemos recuar até Aristóteles, que foi o primeiro a declarar que o interesse, que ele chamava de **soufreron**, aquele que é útil a uma pessoa, a um grupo ou a um povo, tem e deve ter domínio supremo nas questões políticas"*³⁹.

Temos, portanto, a preocupação em explicitar os interesses e conexões de poder e dominação que envolvem a reflexão e os atuais discursos sobre sexualidade e educação.

³⁹ ARENDT, H. DA REVOLUÇÃO. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 37.

3. O RECURSO À PERSPECTIVA HISTÓRICO-FILOSÓFICA

A análise dos discursos sobre sexualidade tomou um caráter científico muito recentemente, no campo da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. A multiplicidade destes discursos, de origens e contornos diversos, contraditórios, dicotômicos, confunde sua delimitação significativa e política. A proliferação destes discursos revela, não somente a pluralidade da compreensão sobre esta essencial dimensão da condição humana, mas também exige que tal sincretismo conceitual e verbal seja também tematizado como questionamento. A incitação ao discurso sobre a sexualidade, na compreensão de FOUCAULT, é uma das formas proeminentes da "nova moral sexual" moderna, encontrando suas raízes na ruptura provocada pela erupção da moral vitoriana e seus impactos sobre a sociedade contemporânea, a partir do século XVIII, até nossos dias. Para este pensador, a forma discursiva não se traduz em uma suposta liberação e afirmação positiva da sexualidade, historicamente reprimida, mas exatamente seu contrário, um crescente processo de estímulo controlado, sublimado, capaz de fornecer variantes à repressão.

A obra clássica de FOUCAULT sobre sexualidade, publicada no Brasil em 1980 como *História da Sexualidade*⁴⁰, em três volumes, tornou-se referência fundamental para a proposição de toda e qualquer questão teórica sobre sexualidade, produzida posteriormente. Sua categorização sobre as formas de conceber a sexualidade, no Ocidente e no Oriente, a partir de formas discursivas e práticas diferenciadas, ainda é essencial para a apresentação do estado da questão. FOUCAULT afirma que o Ocidente desenvolveu a "scientia sexualis", entendida como discurso confessional, expressivo, colonizado, incitado, forma de

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. HISTÓRIA DA SEXUALIDADE. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984, tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Vol I. A vontade de Saber. Vol II. O uso dos Prazeres.

controle e delimitação do permitido, controlado, esquadrinhado. A "*scientia sexualis*", em continuidade com o esquadrinhamento do imaginário e do discurso sobre sexualidade vivido na Idade Média, ampliou-se com as rupturas da modernidade e sua implantação em todos os campos da ação humana. A forma de apresentar a sexualidade como incitação ao discurso é medida repressiva e controladora, delineada pelo crivo da lógica, da racionalidade e do poder. FOUCAULT questiona a proliferação dos discursos, apresentando-a como uma forma cabal de dominação, superando a compreensão própria do senso comum de que a modernidade provocara uma mudança positiva na compreensão da sexualidade ao retirá-la do intimismo confessional medieval. A lógica que domina e fundamenta a "*scientia sexualis*" é a lógica da dominação e do controle, da descompressão verbal para legitimar e institucionalizar o poder sobre as práticas.

Por outro lado, FOUCAULT define a concepção e forma de expressão da sexualidade no Oriente como "*ars erotica*", isto é, como uma dimensão de sacralidade e mistério envolvente e sedutor, um campo semântico e estético reservado aos "iniciados", estimulado através da reserva e da liberdade, sem limites, cerimonioso e ritual, nas diferentes esferas sociais. A "*ars erotica*" seria a forma afirmativa da sexualidade, não controlada pelo discurso racional e lógico nem pelas práticas institucionalizadas. Seus contornos estariam preservados do poder institucional do Estado e de seus órgãos de controle, como a escola, para sedimentar-se no imaginário social erótico, mediatizado por ritos de iniciação. Já o Ocidente teria desenvolvido uma colonização da palavra sobre o sexo, na extensão histórica das práticas confessionais medievais, atingindo a Medicina, a Pedagogia, a Psicologia e todos os campos sociais de controle, pela consolidação confessional. Afirma FOUCAULT que a sociedade moderna criou o "homem confessional" ou o "animal confidente".

Com a construção dos dispositivos da "*scientia sexualis*", para FOUCAULT a sociedade moderna disciplinou os corpos e os discursos, estabelecendo a regra do permitido e do ilícito, do oculto e do perverso, do proibido e do oficializado. A interdição funcionaria como mecanismo de regulamentação, delimitando o que se deve saber e falar, o que se deve fazer e evitar, controlando o desejo pela censura e as práticas pelo medo. Não um medo infernal, tão próprio dos sermões medievais, mas um medo definido como "científico", frio, calculado, rígido, coagido aos limites do permitido. A "*scientia sexualis*" seria a forma de compreender também a disciplina das relações matrimoniais, a pedagogização do sexo infantil e a histericização do corpo da mulher, no estudo de FOUCAULT. Tais dispositivos estariam definindo o campo do poder da palavra sobre a disciplinarização da sexualidade ocidental e o exorcismo racional do sexo dos perversos, realizado a posteriori pela Psicologia.

Já expusemos, nas páginas iniciais deste trabalho, as razões de nossa interlocução com o pensamento de FOUCAULT. Esta consideração preliminar exige que a própria proliferação de discursos seja tematizada como questão, como crítica, como dado a ser investigado criteriosamente. Além da quantificação dos discursos torna-se necessário determinar sua qualificação. Pois é muito comum, por tratar-se de assunto polêmico e envolvente, radicado em cosmovisões religiosas, éticas e morais, esquivar-se do debate sobre sexualidade. A atitude de esquivo ainda preserva alguma perplexidade, mas o prejuízo político maior advém daqueles que tratam a sexualidade ao nível do senso comum, expondo concepções superficiais e pessoais como verdades acabadas, mesclando elementos da sua órbita de valores como universais, enfim, abordando a sexualidade de maneira simplista, primária, pseudo-científica e, em geral, altamente eivada de preconceitos.

Compreendemos aqui o senso comum no sentido grego de "doxa", isto é, opinião, concepção simples, imediata, não-reflexa, sem deixar de considerar seu caráter contraditório. Não significa que, ao delimitar os contornos de uma mentalidade ou concepção do que definimos como senso comum estejamos dicotomicamente comungando com uma polarização entre senso comum e saber científico, tão a gosto de positivistas e neopositivistas. Compreendemos a "ciência" também no sentido grego do termo, que se traduz por "episteme" e "sofia", um saber criterioso, globalizante, que procura investigar a realidade por suas causas mais amplas e primárias, pelos seus eixos estruturais, por categorias ontológicas e ético-políticas. É forçoso expressar aqui a recusa da concepção metodológica positivista que define a "ciência" a partir dos fundamentos das ciências da natureza e reserva às ciências humanas um papel ridículo de monitoramento lógico-formal das demais. As ciências humanas retomam sua identidade num mundo que cada vez mais vê ampliar a complexidade de suas feições.

A busca de compreender a sexualidade humana como construída histórica e socialmente tem raízes sólidas no pensamento marxista. A obra pioneira de ENGELS, "A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE E DO ESTADO" ainda é horizonte político e referência metodológica clássica. Ao afirmar que:

"A forma de família que corresponde à civilização e vence definitivamente com ela é a monogamia, a supremacia do homem sobre a mulher, e a família individual como unidade econômica da sociedade. A força de coesão da sociedade civilizada é o Estado, que, em todos os períodos é exclusivamente o Estado da classe dominante e, de qualquer modo, essencialmente uma máquina destinada a reprimir a classe oprimida e explorada. Também são características da civilização: por um lado, a fixação da oposição entre a cidade e o campo, como base de toda a divisão do trabalho social e, por outro lado, a introdução dos testamentos, por meio dos quais o

proprietário pode dispor de seus bens ainda depois de morto. Essa instituição, que era um golpe direto na velha constituição gentílica, não foi conhecida em Atenas, mesmo no tempo de Sólon; foi introduzida bastante cedo em Roma, mas ignoramos em que época. Na Alemanha, implantaram-na os padres, para que os cândidos alemães pudessem, sem dificuldade, deixar legados para a Igreja. Baseada nesse regime, a civilização realizou coisas de que a antiga sociedade gentílica jamais seria capaz. Mas as realizou pondo em movimento os impulsos e as paixões mais vis do homem e em detrimento das suas melhores disposições. A ambição mais vulgar tem sido a força motriz da civilização, desde seus primeiros dias até o presente; seu objetivo determinante é a riqueza, e outra vez a riqueza, e sempre a riqueza - mas não a da sociedade, e sim de tal ou qual mesquinho indivíduo" ⁴¹.

ENGELS não só denunciava as matrizes da família monogâmica do Ocidente e suas conseqüentes contradições de poder e dominação, mas também apontava as diretrizes estruturais com que a civilização se constituíra como tal, numa página condenatória que até hoje provoca susto e torpor ao elencar as mais perversas características de nossa suposta evolução humana.

⁴¹ ENGELS, F. A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1964, p. 140-141.

4. FILOSOFIA-DIÁLETICA E SEXUALIDADE

É precisamente neste ponto que buscamos aprofundar os já anunciados referenciais da Filosofia. A Filosofia, enquanto privilegiado campo da investigação humana, até por sua marginalidade histórica no processo de fragmentação das ciências humanas sofrido nestes dois últimos séculos, permaneceu em condições de lançar questões profundas sobre a realidade global do homem, do mundo e da cultura. Fiel aos determinantes de sua constituição como um saber, na Grécia Antiga, a Filosofia retoma seus questionamentos e temas estruturais na época contemporânea, exigindo do homem de seu tempo um veemente desejo de buscar a verdade.

TRIVIÑOS, afirma categoricamente a presença e o alcance da Filosofia nas Ciências do homem:

"Em primeiro lugar, vincula-se o conteúdo da Filosofia com as conquistas da ciência. Isso significa, por um lado, que as afirmações sobre o mundo natural e social e, por conseguinte, sobre o homem e sua vida mudam de acordo com os avanços do pensamento científico. E, por outro lado, que os fenômenos e objetos do mundo não constituem um amontoado de coisas acabadas, mas em constante transformação.

Em segundo lugar, se a filosofia trabalha com as verdades da ciência para explicar o mundo, fica fora de cogitação a especulação vazia. O pensar filosófico que possa alimentar-se de hipóteses e teorias sempre partirá de determinadas bases científicas.

Por último, se a filosofia pretende estabelecer leis do desenvolvimento do mundo, quer dizer que o ser humano é capaz de conhecer a realidade natural e social. Esta assertiva é essencial na concepção do mundo que pretendemos aceitar"⁴².

⁴² TRIVIÑOS, A. op. cit. p. 17.

Retomar os caminhos da Filosofia significa retomar um diálogo fecundo com idéias e pensadores que ousaram interrogar seu tempo e sua existência. É preciso ter clareza das distâncias e contornos que nos separam destes pensadores e de seus sistemas de idéias, mas não se pode prescindir de um permanente crivo da trajetória do pensamento humano, do que foi pensado e significado e que repercute significativamente em nós ainda hoje. As idéias e reflexões de homens e sociedades, as artes e as construções significativas em todos os campos da cultura, das Ciências e da Política, estão profundamente imbricadas em nossas vidas contemporâneas.

A atitude filosófica grega, de espantar-se diante do mundo, buscando superar a confusa e determinista visão mítica por uma contemplação racional das coisas e do homem, encontra-se hoje organizada numa história. A compreensão e a assimilação realizada por todo os homens, em diferentes épocas, como sujeitos, desta história, é a porta de entrada na emancipação intelectual e política de cada homem. Entender e, de certo modo, refazer a perplexidade dos pré-socráticos frente à questão da origem do mundo e da realidade do ser, da mobilidade ou da imobilidade das coisas, da força vibrante de "amor e ódio" que separa e conforma os corpos ainda é a atitude e questão primordial da indagação filosófica.

Não se trata, no entanto, de compreender a filosofia a partir de sistemas de pensamento prontos e historicamente acabados, mas de desvendar a atitude filosófica primordial: filosofar é admirar a realidade, admirar o mundo. PLATÃO afirma que "muito próprio do filósofo é o estado de tua alma: a admiração. Não conhece a filosofia outra origem a não ser esta".

Tal admiração não se reduz a uma investigação física sobre o mundo exterior, a admiração da filosofia atinge a igual suscetibilidade e dinamismo das profundezas da condição humana. A Filosofia é um modo de ver o mundo, que nasce do espanto e da admiração. A contemplação, a "theoria" como afirmavam

os gregos, não tem aqui um significado passivo. Contemplar significa ver com profundidade, com serena racionalidade e deleite, com plenitude e comprometimento, o que se vê. Os "olhos" do "logos" não se perdem na profusão do ser das coisas.

Foi por este caminho que buscamos a Filosofia, pela sua história e constituição social e cultural. Os olhos daquele que se propõe a filosofar não podem mais estar carregados da presunçosa arrogância dos dogmáticos. A investigação das realidades e dimensões humanas deve ser acompanhada da humilde atitude socrática, que ainda hoje fornece horizontes para todos quantos compreendem a atualidade do oráculo de Delfos, a recusar todo dogmatismo e ceticismo sem cair numa panacéia subjetivista e reducionista. A capacidade de investigar a dimensão da sexualidade humana numa amplitude e globalidade significativa revela a riqueza desta própria dimensão e sua importância para a sociedade e para cada ser. Esta interpretação dos fundamentos filosóficos que embasam os discursos sobre sexualidade e educação requer-se crítica e utópica. Crítica no sentido de fornecer elementos para elucidar contradições conceituais, políticas e ideológicas nos diferentes universos discursivos e semânticos da sexualidade. Utópica conquanto pretende provocar também um veemente exame das nossas redes de sentido e vivências atuais, no campo da compreensão da sexualidade e de uma possibilidade filosófica de sua apresentação pedagógica.

FRANKLIN, ao descrever a atitude filosófica grega, comparando-a com as conquistas das ciências atuais, assim expressa sua perplexidade:

"Para a frente emerge o inarredável confronto com a evolução do pensamento científico. A ciência cresce em complexidades, especializa-se e torna inviável uma única concepção do conhecimento. As ciências humanas pedem mais flexibilidade - elas precisam de metodologias específicas para abordar

*questões como a linguagem, o trabalho, o caráter social da existência humana. (...) É uma empreitada na qual se constata, acima de tudo, que as realizações humanas se caracterizam mais pelas interrogações que provocam do que pelas conquistas que proporcionam."*⁴³.

Deste modo, a procura pela Filosofia se justifica na própria capacidade teórica de abordar, com amplitude e profundidade, a dinâmica da sexualidade. Requerer a investigação filosófica da sexualidade, em sua constituição histórica, significa sobretudo ter uma determinação ético-política clara, que aqui apresentamos na direção da transformação do mundo e das coisas, e uma sólida determinação metodológica. Circunscrever as transformações dos modelos hegemônicos de compreensão e vivência institucional da sexualidade, nas diferentes sociedades, requer o auxílio de metodologias específicas, como bem afirma o texto acima. Tais pressupostos devem manter o rigor da análise filosófica e dar conta das contradições materiais e econômicas de fundo, que dão suporte aos processos filosóficos e ideológicos. Este referencial não poderia ser outro senão a "concepção dialética" da história, da cultura, do conhecimento e da sexualidade, enfim. Esta definição metodológica não se torna tarefa de lavra fácil, visto que há hoje, mormente nas Ciências Humanas, um acentuado subjetivismo, um reducionismo simplista tão abrangente que reúne numa mesma dimensão conceitual a associação entre ciência e misticismo até a pregação panfletária do anarquismo metodológico.

Para compreender estas contradições, consideramos que tal panacéia metodológica tem raízes na própria fragmentação ontológico-política de nosso tempo. O que as Ciências Humanas já consagraram como "pós-modernidade" merece de nossa parte uma consideração crítica particular. Os contornos do que se entende por pós-modernidade são tão amplos que seria difícil compará-los, mas há uma raiz que unifica as mais diversas representações deste período: a

⁴³ OLIVEIRA, L.F. HISTÓRIA DO PENSAMENTO. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987, vol. I, fascículo I, p. 13.

ausência de paradigmas, a crise da razão e a morte das utopias. O presente pós-moderno é tóxico, fragmentário, subjetivista, pressupõe individualidades atomizadas, comunga uma compreensão pessimista da existência e uma consciência trágica do futuro.

As raízes desta concepção, podemos encontrá-las na crise histórica da II Guerra Mundial e suas conseqüências políticas, éticas, existenciais, sociais, religiosas e filosóficas. A capacidade destrutiva da guerra, o acirramento dos conflitos econômicos e políticos, a contemplação crítica do resultado de um século de contradições entre o que se pretendia para o capitalismo colonialista e imperialista e, em contrapartida, a fria versão do socialismo real stalinista e seus "gulags", a miséria do Terceiro Mundo que eclodiu feito um manifesto de ignomínia - tudo isto esteve presente na construção de uma consciência trágica da condição humana e na falência formal da crença na razão e na política.

Retomamos aqui uma interpretação de que a consciência histórica do homem, ao perceber-se derrotada para a compreensão da "physis" e imobilizada para a mudança e construção/reconstrução da "pólis", volta-se como refúgio ontológico e consolo ético para a contemplação do "id", de uma suposta natureza interna intimista separada destas outras dimensões do mundo humano. Sobre esta contradição já escrevíamos em 1986, em trabalho que analisava a Filosofia Grega do período pós-clássico:

"Descrente dos deuses, da mitologia e dos heróis, descrente da "pólis", da Justiça e do Bem, da "filia" política e da própria Filosofia, o grego volta-se para sua natureza "interior". Já não pesquisa o princípio da natureza (physis), ou o princípio da realidade. Refugia-se no misticismo e num conceito de "indivíduo" exigindo que esta síntese lhe proporcione a felicidade pessoal que compense a perda da liberdade política" ⁴⁴.

⁴⁴ NUNES, C. A. APRENDENDO FILOSOFIA. Campinas: Editora Papirus, 1986, p. 39.

A perda do sentido da vida, personificada na guerra e na vivência material da morte levou a Europa, entre outros fatores, a desenvolver uma interpretação "existencialista" e "nihilista" da vida e do ser do homem. A crise nos fundamentos da vida humana, a descrença da razão técnica materializada em instrumentos bélicos e tecnologia de guerra e a derrocada da razão política nos discursos do nazi-fascismo e na experiência totalitária do stalinismo derrubaram por terra a antropologia otimista do século XIX, herdeira do Iluminismo e do Marxismo revolucionário. A violência atômica, o genocídio judeu, o racismo político, a miséria e a fome eis o substrato trágico da crise da razão política europeia pós-45.

A este deslocamento existencial correspondeu uma inusitada conceituação de crise. Crise dos paradigmas, nas ciências, crise das grandes concepções políticas, crise dos fundamentos da vida institucional, crise de valores, crise estética etc... A isto exclama o poeta T. S. Elliot - "Nós somos os homens ociosos, o elmo cheio de nada, uns nos outros emparelhados... ai de nós".

Mas o capitalismo, em suas formas históricas, não poderia parar. A sobrevida consumista superou os discursos mais tradicionais sobre o modo de produção capitalista, mesmo sob os determinantes aterradores da "guerra fria". Os círculos decisórios que constróem as grandes idéias e representações de uma época ou tempo buscavam uma panacéia para este abissal sentimento de perda e insatisfação. A expansão acelerada da indústria da comunicação colocava a contradição de diminuir as distâncias físicas entre os homens e sociedades e ampliar as distâncias ontológicas, econômicas e sociais. De súbito, os homens estavam alienados de si, do seu pensar, sentir e dizer, voltados para a "medusa" que a tudo simbolicamente petrificava, representada pela mídia tipificada, atomizando sentimentos e idéias, desejos e utopias.

Esta fragmentação ampla se fazia sentir em todos os campos da atuação humana. Mas um movimento singular metaforicamente abarcava a contraditória condição de perda e ausência: a erupção da Revolução Sexual. O fenômeno da "descoberta" da sexualidade como uma tábua de salvação para as vidas dilaceradas não fez parte da intencionalidade econômico-ideológica das mudanças do capitalismo pós-guerra. Mas esteve fundamentalmente imbricada neste movimento, vindo a ser cooptado pelo mesmo para a construção de uma metodologia infalível de consumo e alienação.

Isto se deu pela criativa aliança entre consumismo, expansão de uma forma mercantil de comunicação e o forte apelo da propaganda estimuladora de novas e velhas necessidades, a sexualidade reprimida, provocando a alienação do desejo em coisas e corpos, consubstanciando a promessa da felicidade pessoal neste platô extasiante da sexualidade supostamente plenificadora e redentora.

Conquanto busquemos compreender as transformações da história para delimitar seus impactos na significação da sexualidade humana estamos procurando a coerência de identificar a relação do homem com seu tempo, e isto nos parece ser o cerne de uma reflexão de ordem filosófica. A crítica da modernidade exige uma investigação destas formas de pensar e sentir que foram abaladas pela avassaladora derrocada do sentido, no pós-guerra:

"O que um homem faz de sua vida e o que a sua vida faz dele: eis a substância de um conceito de personalidade digno desse nome e digno de uma ciência que se empenha em estudar as suas lógicas fundamentais e as suas condições de transformação. Essa crítica e os frutos que já produziu continuam sendo hoje, na França, o objeto de um verdadeiro recalque. Nada poderia enfatizar melhor o que tem de irredutível a qualquer outra a contribuição marxista à compreensão teórica e ao desenvolvimento histórico da individualidade humana. E cada um desses progressos é realmente mais importante, para mulheres e

para homens, atualmente, que muitos volumes de "psicologia da personalidade" ⁴⁵.

A investigação destas rupturas e de construções nos instiga a procurar, nos discursos sobre sexualidade, as silhuetas do que este tempo pensa sobre o homem e a vida humana. Não se trata aqui de fazer uma contabilidade da tragédia ou uma classificação mecânica de discursos. Entendemos que a questão da educação para uma nova sociedade é o suporte de uma educação sexual libertadora. Não comungamos a idéia segregacionista de que, a partir dos fragmentos, possamos construir referências tópicas para a sexualidade ou quaisquer outras dimensões humanas.

Isto requer também uma sólida compreensão do que seja a educação e suas potencialidades institucionais e sociais. Não para que tenhamos uma concepção reducionista de educação como escolarização ou uma área específica de aplicação pedagógica.

A Educação é para nós um fenômeno humano e social, com suas determinações históricas. Educar é produzir o homem, construir sua identidade ontológica, social, cultural, étnica e produtiva. A educação é o campo da ação humana e, conseqüentemente, toda a sociedade ou qualquer grupo social é uma agência educadora. Não se reduz educação à escolarização ou instrução. Educar é construir redes de significações culturais e comportamentos padronizados, de acordo com os códigos sociais vigentes.

Nesta direção, a Educação Sexual já acontece plenamente em todos os grupos sociais. Ao final da primeira infância a sociedade já foi capaz de internalizar os discursos e comportamentos padronizados que configuram os papéis sexuais dominantes e suas formas de expressão consentidas e esperadas. A educação sexual é um fenômeno da sociedade. Não é uma tarefa

⁴⁵ SÉVE, Lucian. In: SILVEIRA, P. e DORAY, B. op.cit, p. 156.

primordial da escola, embora encontre nela um reforço institucional de suas bases sociais.

Disto decorre nossa intenção em compreender os discursos vigentes sobre sexualidade além do campo da escolarização. Pretendemos encontrar contornos de significação ético-política nas esferas sociais mais amplas, no próprio existir do homem e na categorias de sentido que fundamentam sua ação no mundo contemporâneo. Muitas vezes a mensagem de uma música de rock constrói e reverbera mais intensa significação sobre uma época ou uma geração do que discursos anacrônicos traduzidos em instrução formal e moral nas escolas frias e opacas de sentido.

5. ESBOÇOS PRELIMINARES PARA A DELIMITAÇÃO DOS CONTORNOS EPISTEMOLÓGICOS DA "SEXUALIDADE" E "EDUCAÇÃO SEXUAL"

É exatamente na busca deste universo cultural, mais propriamente a cosmovisão de uma época, que empreendemos este estudo. A convicção que precariamente possuímos é que não há possibilidade de redução extrínseca da "sexualidade" a um campo frio, meramente discursivo ou formal, sem perscrutar as grandes indagações de sentido e direcionamento da vida humana. Só é possível empreender tal estudo se tivermos claro que não há educação sexual sem um reexame crítico da própria sexualidade, a partir de núcleos fundantes de escuta e ressonância, sem reducionismos modistas ou catárticos.

Já nos inícios dos anos 70 a pesquisadora N. VASCONCELOS, em tese pioneira sobre os Dogmatismos Sexuais, afirmava:

"(...) O que foi dito acima a propósito da virtude pode aplicar-se, fundamentalmente, à sexualidade humana, inseparável de uma dimensão ética. Pode-se afirmar que a felicidade, ou a angústia, não são "salários" de uma sexualidade normal ou anormal, pois que esses sentimentos não são determinados por uma "lei da natureza" obedecida, ou não. Ademais, não falamos aqui da felicidade ou da angústia no campo sexual, como sinônimo de prazer, ou de frustração, fisiológicos. Na verdade, felicidade ou angústia são sentimentos fundados sobre percepção afetiva de certos valores alcançados, ou não. E aqui já entramos em um domínio próprio do homem, ou seja, na cultura. Pois que a natureza não coloca valores. A percepção que um homem terá de certos valores se exerce num contexto cultural que os seleciona, os põe e os impõe, os hierarquiza. De modo que a pessoa faz sua entrada em um mundo já valorizado. É seguramente tarefa pessoal de cada um repensar esses valores, criticá-los e assumir essa valorização conscientizada, a custo mesmo de inúmeras angústias. E que uma "simpatia

consoladora" não parece perceber, voltada que está para o afã de consolar, sem comprometer-se, isto é, sem compreender uma angústia que se lhe apresenta.(...)"⁴⁶.

Não deixa de impressionar ainda hoje, decorridas duas décadas, a força persuasiva destas palavras. Indica a pesquisadora a necessidade de buscar compreender a sexualidade dentro das dimensões ontológicas humanas. Torna-se descabido confundir "educação sexual" de maneira departamental, burocrática, restrita a casuísmos pessoais, terapêutico-catárticos. Sobretudo se deparamo-nos com a massificação de discursos mistificadores, calcados sobre uma simplista base psicanalítica, que supostamente "explicaria" os conflitos que todo ser humano carrega, decorrente de sua natureza clivada e precária, projetual, histórica. O "afã de consolar" que trata VASCONCELOS, numa massificação embrutecedora, tomou conta de consultórios particulares, programas de televisão, colunas de confidências em revistas e revestiu-se de programas de ensino curriculares. A sexualidade esquadrihada no discurso da consolação mágica que imantaria as vidas e existências fragmentadas.

Disto se pode concluir que uma propositura de discutir ou refletir sobre a sexualidade humana, mesmo numa dimensão pedagógica, não poderia circunscrever um quadro burocrático, formal, curricular, restritivo, informativo. Noções de biologia, anatomia humana, comparações entre reprodução animal e o fenômeno humano de nascer são desencontros de uma mentalidade fria e cartorial, retrato de uma sociedade deserotizada. A mesma VASCONCELOS nos traz um forte apelo de reconceituação sobre o alcance do que seja, ou deveria ser, a investigação significativa e crítica da sexualidade:

"Parece, pois, que uma educação sexual não pode prescindir, inicialmente, de um questionamento crítico das noções sexuais correntes. Porque, decididamente, não se trata de ensinar a sexualidade, mas de preparar as condições de desenvolvê-la em

⁴⁶ VASCONCELOS, Naomi. OS DOGMATISMOS SEXUAIS. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1973, p. 30.

seu contexto pessoal, de criá-la. E não se prepara condições, senão em uma perspectiva criativa, de dar condições a uma elaboração pessoal. É, então, o sentido criador mesmo que deverá ser a meta de uma educação sexual. Afinal, a sexualidade é um modo de expressão, liga-se estreitamente à sensibilidade constituindo, com ela, essa atividade essencialmente humana que é o erotismo. A palavra erotismo não designa aqui e não poderia designar em parte alguma, a não ser por melancólica deformação, lubricidade ou devassidão. Designa exatamente aquilo que no homem faz a sexualidade humana, a sua capacidade de inseri-la num contexto simbólico-significativo, de fazer dela uma sinalização e uma mensagem, um chamado e uma conquista. Os ritos da sexualidade, a corte amorosa, a provocação sensual que se manifesta no olhar, nos gestos, enfim em toda a corporeidade, são as variadas faces do erotismo, que se radica, enfim, numa valorização e numa dignificação do corpo"⁴⁷.

O que nos perturba sobremaneira é que a maioria dos agentes educadores e agentes sociais que tratam da suposta "educação sexual" estão muito longe de entender e acatar estas premissas ou coordenadas éticas. Muitos elementos poderiam ser buscados para decifrar esta ausência de pressupostos filosóficos e axiológicos para os atuais discursos sobre educação e sexualidade. Desde a fragmentação das ciências, a eficiente marginalização da Filosofia, o acentuado domínio da técnica ou até a incapacidade essencial das ciências produzirem alguma fecunda avaliação do seu alcance. Não é este o propósito imediato deste estudo.

A proposição de um estudo ou apresentação crítica da sexualidade, na vivência própria de suas dimensões tão exigentes de significação e densidade humana, quer na condição da criança, adolescência, juventude ou maturidade adulta, não se configura numa investigação sobre particularidades ou fragmentos. A procura de uma significação para a sexualidade em construção e suas inter-relações é uma pergunta essencialmente filosófica e ética, alcançando a própria

⁴⁷ Idem, p. 110.

capacidade e dever-ser do homem estético e político, conquanto seja uma dimensão aberta, só plausível de ganhar contornos e angariar gratificações no encontro e entrega com a alteridade.

Daí ser possível pensar uma Educação Sexual como uma re-construção das teias e projetos que temos sobre o homem. Decorre ser a palavra sobre a sexualidade uma palavra de sentido e uma palavra de aliança com os demais seres. A sexualidade é a busca mesma da estética e da política significativa e plena da existência.

"Educação sexual é poder abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre as suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria então de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e de moral, que não apanham a sexualidade humana naquilo que lhe pode dar significado e vivência autênticas: a procura mesmo da beleza interpessoal, a criação de um erotismo significativo do amor. Uma educação estética cobriria perfeitamente essa lacuna. Afinal, quando uma educação sexual conseguisse efetuar a passagem de uma motivação pornográfica da sexualidade para uma motivação em que a busca da beleza sensível fosse um estimulante mais poderoso que a obscenidade, ela já teria colocado as bases necessárias para que o indivíduo, daí por diante, resolvesse humanamente sua sexualidade" ⁴⁸.

Esta "resolução" de que trata VASCONCELOS, não pode ter um caráter soteriológico ou fetichista, de modo a fazer crer que haja um sentido pronto, determinado, pre-concebido, sobre nossas vidas. É necessário outra vez lembrar a precariedade destas construções humanas, do próprio ser do homem, da

⁴⁸ Ibidem, p. 111.

realidade do mundo como um todo. A renovação destas experiências de buscas fundantes de si talvez seja o mais forte apelo da possibilidade humanizadora do discurso da sexualidade. O conceito amplamente difundido da "crise" do homem necessita ser claramente revisado, reconsiderado. Não há como abrir-se para uma sexualidade emancipatória se fundarmos nossas investidas no ceticismo imobilista e pessimista. Nossa intervenção como educadores, na gama de discursos e intervenções sociais, é uma das possibilidades de entabular conversa e engendrar novas utopias, a serem arduamente materializadas em lutas reais, sem o ranço da onipotência dogmática ou o pérfido e covarde "placet" dos descrentes. Nossa ação no campo da educação sexual emancipatória é estratégia para a ação política sobre nosso tempo. Esta será tão mais eficaz quanto maior for sua qualidade de sensibilizar pessoas, sentidos de mundos e coisas que andam ao nosso redor, e será capaz de relativizar outros universos de apelo, pela sua verdade e coerência. Só poderá tratar com ressonância no coração de jovens e adultos, sobre sentidos de ser e sexualidade, que abdicar do dogmatismo e do ceticismo, e na sua ação prática, manifestar uma crença pujante na liberdade e na humanidade.

Isto requer que façamos a crítica do idealismo e do subjetivismo reducionista, para delinear utopias concretas, onde elas apresentam-se com eficácia e viabilidade histórica. Mas, para tanto, a lenta assimilação da história e antropologia da sexualidade é tarefa primordial e proeminente.

O senso comum, que tanto serve à dominação, tão logo tem condições de negar tais pressupostos, o faz de maneira eficaz e totalitária. Nossas crianças, com 5 ou 6 anos, apresentam as silhuetas do machismo e patriarcalismo histórico, ideológico e institucional, vigentes em nossos códigos e papéis sociais. Só uma consciência científica bem esclarecida poderá exorcizar este recurso fácil ao determinismo do que já existe e aparente "deve ser".

MALINOWSKY, (1884-1942) em memorável texto de 1927, buscando uma vinculação entre Marxismo e Psicanálise, a partir da Antropologia, delineava a tese de que as sociedades estabelecem códigos de valor e de vivências da sexualidade que ultrapassam o modelo rígido universalizado pela cultura européia. Este texto, pelo seu pioneirismo, também mostra uma compreensão muito mais abrangente da potencialidade crítica da Psicanálise, muito mais hábil do que estas empobrecidas vulgarizações recentes em empacotados feministas-narcisistas em revistas e programas matinais.

Ao retratar o universo das crianças da Melanésia, MALINOWSKY acentua:

*"(...) De fato, é possível dizer que para essas crianças não existem as categorias decente-indecente, puro-impuro. As mesmas razões que tornam esta distinção mais fraca e menos importante entre nossos camponeses do que entre nossos burgueses atuam ainda mais intensa e diretamente entre os melanésios. Na Melanésia não há o tabu do sexo em geral, não é colocado qualquer véu sobre as funções naturais, certamente não no caso de uma criança. Quando consideramos que estas crianças correm por toda a parte nuas, que suas funções excretórias são tratadas abertas e naturalmente, que não existe um tabu geral sobre as partes do corpo ou sobre a nudez em geral, quando consideramos além disso que as crianças pequenas na idade de três a quatro anos começam a ter noção da existência da sexualidade genital e do fato de que esta será para elas um prazer muito em breve, assim como os outros brinquedos infantis, podemos ver que os fatores sociais, muito mais que os biológicos, explicam a diferença entre as duas sociedades"*⁴⁹.

A mera distinção entre os determinantes sociais e os fatores biológicos amplia profundamente a indagação sobre a sexualidade humana. Uma das contradições mais presentes nos discursos simplórios sobre a diferenciação sexual redundava no recurso à natureza. O argumento das variantes naturais

⁴⁹ MALINOWSKY, Bronislaw. SEXO E REPRESSÃO NA SOCIEDADE SELVAGEM. Petrópolis: Editora Vozes, 1973, p. 55.

seguiu a onipotência medieval do determinismo religioso. E, nos dias e práticas atuais, a maior parte dos manuais e discursos que tem sido apresentados nas escolas e agências educacionais, sobre a questão da sexualidade humana, tem ignorado este solene campo da sociedade. O reducionismo é recurso fácil e autoritário, nascido da ignorância e da incapacidade de alcançar a amplitude do objeto.

Mesmo os recursos da Psicanálise são apresentados, em muitas das propostas vigentes de educação sexual, sem nenhuma base criteriosa de cientificidade. O próprio MALINOWSKY já denunciava isto, em meados da década de 20, ao dizer:

"(...) A Teoria Psicanalítica do Complexo de Édipo foi inicialmente formada sem qualquer referência ao âmbito sociológico ou cultural. Era natural que assim fosse, porque a psicanálise começou sendo uma técnica de tratamento baseada na observação clínica. Posteriormente expandiu-se até chegar a ser uma explicação geral das neuroses, mais tarde tornou-se uma teoria dos processos psicológicos em geral e finalmente chegou a ser um sistema pelo qual devia ser explicada a maior parte dos fenômenos do corpo e do espírito, da sociedade e da cultura. Estas pretensões são evidentemente demasiado ambiciosas, mas mesmo assim sua realização parcial só poderia ter sido possível mediante a inteligente e sincera cooperação entre peritos em psicanálise e vários outros especialistas. Estes últimos deviam tomar conhecimento dos princípios psicanalíticos e serem levados por estes a novas avenidas de pesquisa. Por outro lado, poderiam colocar seu conhecimento especial e seus métodos à disposição dos psicanalistas⁵⁰.

Não se encontra aqui nenhum medo de perdas epistemológicas ou "reservas de mercado" entre métodos e profissionais. Há um exercício pluralista da multidisciplinaridade exigente, básica, que compreende a essência das ciências humanas. A discutibilidade do dinamismo ontológico que determina o ser

⁵⁰ IDEM, p. 119.

humano requer que este campo de investigação seja aberto, com muitas portas de entrada, para usar um recurso metafórico, mas que dão todas no mesmo recinto que é o homem e seu fazer-se histórico. Podemos entrar neste terreno pela porta da Economia, da Filosofia, da Psicanálise, da História, mas não encontraremos outro interlocutor que não o mesmo, e para entabular discursos de compreensão deste interlocutor teremos que abdicar do preciosismo de nossas especialidades para fundir nossos propósitos de decifrar a grandeza deste enigma.

O recurso à decifração da cultura humana não se reveste de um idealismo piegas. É uma condição primeira, metodológica, para buscar explicitar os diferentes projetos políticos que se construíram em diversidade de conflitos e proposituras. Não que busquemos idealizações generalizantes para mistificar tais diferenças, mas para torná-las públicas, escandir seus sentidos e diversidades. MALINOWSKY mesmo nos lembrava os limites de tal recurso:

"(...) Tocamos aqui em um ponto muito importante, a necessidade metodológica da ficção de uma alma coletiva. Na verdade nenhum antropólogo competente faz agora qualquer suposição a respeito de uma "psiquê de massa" ou da herança de "disposições psíquicas" adquiridas ou de qualquer "continuidade psíquica" transcendendo os limites da alma individual. Por outro lado, os antropólogos podem indicar claramente qual é o meio em que se depositam as experiências de cada geração, armazenando-se para as gerações sucessivas. Este meio é aquele corpo de objetos materiais, tradições e processos mentais estereotipados que chamamos cultura. É supra-individual mas não é psicológico. É moldado pelo homem e molda-o por sua vez. É o único meio em que o homem pode exprimir qualquer impulso criador e ajuntar assim sua participação ao acervo comum dos valores humanos. É o único reservatório do qual o indivíduo pode retirar aquilo que deseja utilizar das experiências dos outros para seu benefício pessoal"⁵¹.

⁵¹ Ibidem, p. 135.

Nestas suposições consagradas queremos combater duramente o recurso ao individualismo psicologizante e o generalismo metafísico. O campo da investigação da sexualidade é a cultura humana, em seus contornos e qualificantes históricos, políticos: é precisamente neste campo que vamos delinear ou extrair as significações existenciais. O vulgar e já banalizado psicologismo, sua maior excrescência que se traduziu em psicologismo de massa, cercou as sexualidades dilaceradas como "reserva de mercado", fez da biologia e da técnica sua chave mercenária e traduziu sua pobreza teórica em eficiência pragmática, confundindo-se com os messianismos salvacionistas de cunho religioso-terapêutico e esotérico. Não são estas as matrizes adequadas para uma compreensão emancipatória da sexualidade humana.

Isto não significa que possamos abstrair ou desconsiderar a base sobre a qual se constrói a natureza humana, que é o campo da natureza biológica. Há necessidade premente de recuperarmos este conceito. O poeta Bertold Brecht afirmava "Nunca digam - Isto é natural! Para que nada passe por ser eterno "O que desejamos destacar é o determinismo com que revestem-se os discursos do "natural". Considerando sua dimensão dinâmica e histórico social, o argumento da natureza torna-se um dos baluartes da potencialidade crítica das Ciências Humanas. Ainda é MALINOWSKY, embora tratando da análise dos papéis sexuais e sociais dos melanésios, que nos fornece horizontes para equacionar tal dualidade:

"(...) Assim, a cultura não conduz o homem a uma direção que se diferencie do curso da natureza. O homem ainda tem de cortejar sua companheira em perspectiva e ela ainda tem de escolher e ceder a ele. Os dois ainda têm de se conservar unidos um ao outro, estando prontos para receber a prole e cuidar dela. A mulher ainda tem de dar à luz e o homem de permanecer junto a ela como seu guardião. Os pais ainda tem de cuidar dos filhos e educá-los e em condições de cultura são tão ligados a eles quanto em condições de natureza os animais se prendem aos

seus filhotes. Mas em tudo isto uma enorme variedade de padrões substitui nas sociedades humanas o único tipo fixo imposto pela dotação instintiva a todos os indivíduos de uma única espécie animal. A resposta direta do instinto é substituída por normas tradicionais. Os costumes, a lei, a regra moral, os ritos, os valores religiosos fazem parte de todos os estágios do exercício do amor e da paternidade. Mas a linha principal de sua ação é invariavelmente paralela à dos instintos animais. A cadeia de respostas que regulam o acasalamento animal constitui o protótipo do gradativo desdobramento e amadurecimento da atitude cultural do homem" ⁵².

Se procuramos fundar nossa investigação sobre a sexualidade nos marcos da cultura e da sociedade, recusando o campo da anatomia, fisiologia e o descritivismo prescritivo de receituários morais ou consoladores, decorre então uma assertiva básica para a propositura de uma educação sexual globalizante. Fizemos sempre questão de frisar o espaço da sexualidade como "híbrido" entre os contornos do sociedade e o estabelecimento de nossa inalienável subjetividade. Mas é preciso encontrar a forma social de uma informação emancipatória para tanto. Este aparato é exatamente o sistema de educação social, que ultrapassa, como já afirmamos, o campo da escolarização. A educação engendra e enquadra o novo ser dos limites do grupo social. E, como instância social, deverá ser responsável por inúmeras tarefas de sociabilização interna e comportamental, mas também deverá responder pelos apelos de significações psico-emocionais pessoais. Ao tematizar as relações entre cultura e sexualidade o pesquisador polonês tem a ousadia de afirmar:

"(...) A cultura depende diretamente do grau em que as emoções humanas podem ser educadas, ajustadas e organizadas em sistemas complexos e plásticos. Em seu grau máximo de eficiência a cultura dá ao homem o domínio sobre seu meio pelo desenvolvimento de objetos mecânicos, armas, meios de transporte e medidas para proteção contra o tempo e o clima. Estas coisas, porém, só podem ser usadas se juntamente com a

⁵² MALINOWSKY, B. op.cit. p. 190.

aparelhagem for também transmitido o conhecimento tradicional e a arte de usá-lo. O ajuste humano aos dispositivos materiais tem de ser aprendido de novo pelas gerações sucessivas. Ora, esta aprendizagem, a tradição do conhecimento, não é um processo que possa ser executado pelo puro raciocínio nem pelos meros dotes instintivos. A transmissão do conhecimento de uma geração à outra acarreta fadigas, esforços e um fundo inesgotável de paciência e amor sentido pela velha geração com relação à mais moça. Este dispositivo emocional, ainda uma vez, é apenas parcialmente baseado nos dotes, porque todas as ações culturais que domina são artificiais e por conseguinte não são fornecidas juntamente com impulsos inatos. A continuidade da tradição social, em outras palavras, obriga a uma relação pessoal emotiva na qual muitas respostas tem de ser educadas e desenvolvidas até se tornarem atitudes complexas. A extensão em que os pais podem ser sobrecarregados com o ônus da educação cultural depende da capacidade do caráter humano de adaptação a respostas culturais e sociais. (...) ⁵³.

Se esforçamo-nos para apresentar as razões de nossa determinação em compreender a sexualidade na trama da cultura e das relações sociais é justamente por acreditarmos que sua força humana e conseqüentemente pedagógica reside precisamente neste campo. A educação sexual que pleiteamos não se resume a um amontoado de noções de biologia, prescrições médicas de higiene ou informações anatômicas. Significa compreender o próprio ser do homem em suas bases mais exigentes, como natureza e cultura. Não que venhamos negar a fisiologia e a importância das determinações morfológicas naturais, campos que se traduzem em bases dos processos de significações culturais. A Biologia, no entanto, não explica nem condiciona nossas vivências sexuais, não cria as redes padronizadas de suas manifestações, que são historicamente constituídas.

Há uma dificuldade muito grande em entender que o recurso à história é a chave da compreensão das sexualidades humanas. O acúmulo do senso comum, com seus determinismos maniqueístas e o predomínio de uma visão

⁵³ Idem, p. 196.

positivista do corpo e da sociedade faz com que confluem para o mesmo ponto o preconceito e a ciência, tornando-se incapazes de desentranhar a sexualidade de sua dimensão histórica.

Pela vertente da natureza não conseguiremos compreender a onda discursiva e a banalização recente e repressiva da sexualidade nas sociedades atuais. Sem elementos da decodificação do ideário político, filosófico, econômico-ético, não daremos conta da multiplicidade de contornos e limites do campo da sexualidade.

O conseqüente vínculo entre sexualidades descomprimidas e violência sexual nos leva a tematizar de maneira criteriosa esta articulação, como nos diz HIGHWATER:

"(...) a transformação do corpo humano em mercadoria não é senão um dos resultados da comercialização do sexo. O ideal da liberdade de expressão, que abriu as portas à reprodução do ato explícito, tem o seu lado sombrio: molestamento de crianças, estupro, mutilações sexuais e violência. Há muito que os psicólogos vêm debatendo a sexualização da violência, que hoje em dia tanta atração exerce, mas é difícil concluir se a repressão controla a conduta antissocial ou se a violência sexual será efetivamente o resultado de décadas de repressão. Acreditava-se que a liberalização das leis que regulamentam a representação do sexo explícito fizesse diminuir a ocorrência de crimes do gênero e trinta anos de pesquisas em nível mundial indicam que a suposição era correta. Ao mesmo tempo, muita gente racionaliza a agressão sexual como "auto-expressão", "ativismo político" e "direitos civis"⁵⁴.

Por último, o recurso ao estudo das formas de exercício do poder é uma base necessária para compreender claramente as práticas e os rituais das sexualidades atuais, em suas manifestações mitologizadas e reais. Os estudos de FOUCAULT trouxeram componentes que não possuíam os pesquisadores do

⁵⁴ HIGHWATER, Jamake. MITO E SEXUALIDADE. São Paulo: Editora Saraiva, 1992, p. 170.

período anti-guerra, para o vislumbre de relações entre poder e sexualidade. A violência e a denúncia dos componentes perversos do exercício da sexualidade como exercício de dominação foram tornados públicos com estes estudos e referências.

Não há hoje como escamotear esta polaridade. As formas de exercício do poder sempre estiveram correlatas com a dominação e conseqüentemente, com as redes de resistências que se constituíram nas diferentes sociedades. Há códigos internos de poder e sexualidade de um mesmo grupo social, desde a consideração das formas patriarcais de poder, do machismo, das perversões praticadas sobre crianças, mulheres, presidiários, marginalizados, loucos e excluídos de toda sorte. Tais vinculações surgem hoje como novos campos da análise da própria natureza política da sexualidade, muito mais do que uma maior amplitude de abrangência.

HIGHWATER afirma:

"(...) Eis aqui algo de uma dificuldade espantosa, a cuja repugnante mensagem não se pode fugir. A brutalidade dos que foram metodicamente brutalizados dá origem a uma nova mitologia, da qual derivam todas as circunstâncias de nossa vida sexual no último decênio do século XX, por mais contraditórias e desconcertantes que sejam. A violência foi sexualizada, ao mesmo tempo que o sexo se politizava. E nas contínuas, cruéis e insensatas guerras de classes, raça, intrusos, maltrapilhos e simples psicopatas, passou a vigorar um modelo antiquado de instrumento do arsenal humano: o corpo masculino como arma"⁵⁵.

Acreditamos que o alcance destas afirmações ultrapassam, e muito, a polarização tacanha da guerra dos sexos ou o panfletarismo feminista caricato. O machismo não é uma dominação exclusiva de homens e a libertação feminina não é uma luta de mulheres. Isto insere-se na capacidade política social

⁵⁵ Idem, p. 171.

humana de construir novas formas de produção e convivência sexual, perpassando por delinear novas formas de ser homem e ser mulher, substituído a matriz estrutural que os opunha em polaridades diversas. Não se trata de substituir ou equacionar duplas ou múltiplas formas de opressão, trata-se, outrossim, de superá-las. Daí a necessidade premente que a formação para uma intervenção sobre sexualidade humana esteja radicada numa crítica profunda aos mecanismos de poder e dominação que uma sociedade engendra para determinadas realidades e épocas.

Reconhecer que a matriz social que determina as relações de poder entre homens e mulheres, reconhecer que há uma violência específica sobre as mulheres talvez seja o fio da meada para desvendar a teia de ódio e miséria humana que se desencadeiam em outras relações sociais e sexuais. O mesmo ensaísta americano nos exorta à refletir que, em suas palavras, "... conforme vimos por este estudo das mitologias que moldam nossas atitudes sexuais, as mulheres têm sido, com freqüência, alvo da agressão dos homens. Foram acusadas de ter provocado a agressão por sua mera ação de presença como seres sexuais. Contudo, elas não são as únicas vítimas da vontade masculina de dominar. Quando não há uma mulher disponível para desempenhar o papel de vítima, servem um jovem pacato ou uma criança. O estupro nas prisões, por via de regra, é hoje visto como ele é: uma representação de papéis de força dentro de um ambiente exclusivamente masculino e autoritário, no qual o detendo mais jovem e mais fraco, normalmente réu primário, é obrigado a cumprir o papel que lá fora é atribuído às mulheres" ⁵⁶.

Afirmamos até aqui, nossas grandes categorias de compreensão da sexualidade humana como objeto de investigação teórica: a necessidade de compreender sua construção social, sua determinação histórica, seus contornos econômicos e ideológicos, as estruturas de poder que "dão forma" de subsistir

⁵⁶ Ibidem, p. 177.

como prática e como mitologias ou estruturas simbólicas. Falta-nos ainda uma componente de contexto, que já delineamos como as sociedades pós-modernas, compreendidas como as formas de representação das sociedades de consumo e de massa atuais. Neste contexto, acentua-se o conceito de crise, entendida como falência das formas de compreender o espaço institucional social e as estruturas significativas e fundantes da própria vida pessoal cotidiana. Poetas e ensaístas constituíram o quadro da crise de identidade, crise de paradigmas, ausência de sentido, sensação de inutilidade. As existências pessoais sentiram o peso da enorme impessoalidade do existir atual. A mercantilização do tempo e do espaço, a crescente ditadura da máquina e da ordem levaram ao desesperado pensamento trágico que sente a desumanização do mundo mas não é capaz de engendrar formas de superação. Uma sensação de impotência, impessoalidade e opacidade toma conta da modernidade decaída. Neste mundo, a mídia ocupa lugar de destaque, vende fórmulas de sucesso e pretende-se um bálsamo para a inutilidade do cotidiano.

Sobre estas cinzas levantam-se as mitologias vendidas para jovens, adultos e crianças, a da exuberante sexualidade dos vencedores, a onipotente sexualidade dos perversos, a grandiloquente sexualidade dos poderosos, contrastando com a efêmera e pobre sexualidade entediante de nossas vidas insossas...

HIGHWATER diz:

"(...) Sabe-se que, numa sociedade de consumo, a agressão é provocada pela sensação de inutilidade - venha ela do tédio, da emasculação, da pobreza, da ignorância ou da brutalização. No entanto, somos constantemente bombardeados por mensagens de opulência, triunfos sexuais, riqueza e poder. William Faulkner preferia que prevalecêssemos, em lugar de sobrevivermos, pura e simplesmente, mas a verdade é que a sobrevivência é o máximo que a maioria das pessoas pode esperar. Esse destino talvez seja a trágica e definitiva condição de nossa vida,

*respondendo acaso pela mitologia que atualmente define a nossa sexualidade: a tensão entre a passividade melancólica e a agressão violenta"*⁵⁷.

Estas mitologias negativistas e fantásticas repercutem profundamente na sociedade de massas. Encontramo-nos com jovens e crianças ansiosos por saber de si, de seu mundo, perguntavam sobre sexo ou sobre sexualidade, mas tinham por suporte uma pergunta muito maior, que é aquela que perscruta sobre o mundo e o sentido que podemos dar a ele. Esta intervenção é mais fundante do que quaisquer outras que um adolescente pode perceber, a de resgatar a capacidade de ser sujeito e a de amar. A Filosofia, com suas questões primeiras, torna-se o espaço de resgate racional sobre a potencialidade de seu ser, como pensante, como ser-que-ama, como alguém que é capaz de compadecer-se da miséria do outro e do mundo. Esta noção de cidadania é o suporte de uma educação sexual emancipatória. Nisto, torna o resgate da experiência única de constituir uma sexualidade essencialmente humana. Se compreendemos o sexo como a marca biológica, só poderemos entender a sexualidade como a marca humana, a significação existencial e social que podemos criar dentro e sobre a possibilidade biológica. Assim, somente a cultura humana é capaz de falar de sexualidade. Por curioso que possa parecer, os discursos oficiais da Igreja, ao considerar que a "sexualidade humana deve ater-se ao caráter procriativo" retiram dela sua significação humana, estética, social, inclusive espiritual, redundando numa afirmação materialista, biologista e reducionista.

Diz ainda nosso interlocutor HIGHWATER:

"O erotismo não é sexo bruto, mas sexo transfigurado pela imaginação (...) A derradeira conseqüência da rebelião erótica

⁵⁷ HIGHWATER, J. op.cit. p. 179.

será o desaparecimento do erotismo e daquilo que foi a sua mais sublime e revolucionária invenção: a idéia do amor”⁵⁸.

Desta perda do amor sabemos todos, alienação do trabalho, do desejo e do mundo humano. A dessacralização abrupta de todas as esferas da vida humana, de que nos fala WEBER, (1864-1920), surge como um fenômeno que atinge também e dilacerantemente a sexualidade. Não somente da necessidade de dominar, de fazer a contabilidade desta dominação e de reacender marcos de controle, mas também para exorcizar-se de si mesma, eximir-se de culpa e supostamente re-significar-lhe os contornos e seu alcance. Michel FOUCAULT nos interpela com o fenômeno da incitação à fala do sexo, como forma ambígua e polívoca de "catarsys" e dominação, ao afirmar:

"Mas, por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais. Levar "em conta" o sexo, formular sobre ele um discurso que não seja unicamente o da moral, mas da racionalidade, eis uma necessidade suficientemente nova para, no início, surpreender-se consigo mesma e procurar desculpar-se⁵⁹.

Se temos tantas linhas interpretativas, algumas delas tão exigentes que suspendem nosso próprio discurso, como recriar uma utopia para esta forma de intervenção? Precisamente neste ponto limitamos o alcance da ciência, para buscarmos atingir o campo político. Só a ação política nos porá de novo como construtores de uma nova rede de significação para a vida e sociedade humana.

Construir esperanças hoje é alegria e necessidade...

A recuperação desta capacidade utópica implica resgatar a razão, a linguagem, o mundo do trabalho e as formas políticas de expressão do desejo e

⁵⁸ Idem, p. 185.

⁵⁹ FOUCAULT, M. op. cit. p. 26-27.

do poder. Se para o pioneiro FREUD, (1856-1939) a pessoa humana, nos restritos níveis de normalidade que o próprio autor ajudou a construir, seria a pessoa que "ama e que trabalha", discutir a sexualidade e o amor, como essência do erotismo, torna-se também uma ação política. FOUCAULT não descarta esta dimensão, nem aceita a armadilha que ele próprio denuncia, a de reduzir todo poder aos discursos que lhe dão contornos. A dialética salva a ação...

"(...) Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. No século XVIII o sexo se torna questão de "polícia" ⁶⁰.

Esta descompressão da fala sobre as sexualidades passíveis de uma administração tem sido a alma ontológica dos programas de educação sexual construídos no Brasil nas últimas décadas, em suas mais diversas versões e formas. Ressalta-se em todas as propostas e seus conseqüentes métodos a obrigatoriedade de discernir, patrulhar, coordenar, controlar. Enquanto não houver sólida vinculação da análise do discurso com as determinações políticas que podem engendrar, estaremos prisioneiros da armadilha de FOUCAULT, o discurso - tribunal, os manuais de discriminação, a contabilidade da ordem e o exorcismo das supostas anomalias. A fragmentação destes discursos, seu conseqüente encampamento pela escola, pelos consultórios, pela Igreja, pela Medicina, pela mídia, obedece ao processo de administração e gestão do poder das sociedades capitalistas complexas.

⁶⁰ FOUCAULT, M. op.cit. p. 27.

A proliferação dos discursos sobre a sexualidade não deve ser entendida como o apanágio de sua transformação e tão positivamente, o quanto acreditava REICH (1897-1957) uma nova moral libertadora e revolucionária. FOUCAULT denuncia as formas negativistas de apresentar o poder como estigmatizado em instituições coercitivas. Para ele o poder dos saberes é produtivo, real, incitante, positivo. Não é a negação do sexo e sua pragmática a forma das novas dominações, mas precisamente sua incitação a fazer e falar, diz FOUCAULT:

"Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhe escapa - tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso. A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas. É possível que se tenha escamoteado, aos próprios adultos e crianças, uma certa maneira de falar do sexo, desqualificada como sendo direta, crua, grosseira. Mas, isso não passou da contrapartida e, talvez da condição para funcionarem outros discursos, múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder" ⁶¹.

Ao denunciar este erotismo discursivo generalizado, que abriu saberes e desvendou segredos, iluminou com a racionalidade técnica os campos da sacralidade erótica indomável, a sociedade perdeu-se de si e ampliou uma rede de poder e controle que nem tem mais consciência de onde inicia-se e onde termina. É a dominação de todos sobre todos, a infinita realização do panótico que a todos e a tudo controla, engendra, espia, julga e pune onipotente e

⁶¹ Ibidem, p. 32.

oniscientemente. Ao constituir um segredo, um saber e uma liturgia nova a sexualidade hodierna cria novas teias de poderes, no pensamento de FOUCAULT:

*"O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo - quer tentem quebrá-lo quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar. Trata-se, ao contrário, de um tema que faz parte da própria mecânica dessas incitações: maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo. O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo"*⁶².

A proliferação dos discursos como forma da expressão das redes de poderes é a grande tese de FOUCAULT. Para os que se dedicam ao estudo da sexualidade humana e para os que se propõem a pensar numa forma de educação emancipatória para a sexualidade tão dilacerada de tantas pessoas-jovens, adolescentes e crianças - nas escolas e nas instituições sociais contemporâneas, resta uma sensação de profunda impotência. Se, de um lado, revigoramos a crítica para emancipar a ação, sentimos que a eficácia desta ação somente consubstancia-se numa luta política mais ampla, de corte estrutural.

FOUCAULT, todavia, afirma que a denúncia do discurso contábil já é capaz de engendrar novas significações. Seu exagerado pessimismo não lhe permite preconsiderar uma abalada ética da ação. Mas não podemos eximir dela. Não temos outro recurso a não ser o de acreditar que nossa ação tem potencialidade de mudar o mundo e reconstituí-lo.

⁶² FOUCAULT, M. op. cit. p. 36.

A mesma convicção de FOUCAULT, todavia, também lança mão do discurso político ao tecer a trama do poder e da institucionalização dos discursos através da história. Aponta que a Idade Média tinha pouca ou nenhuma preocupação com o sexo das crianças, sua intenção era a sexualidade "não-permitida" como a sexualidade extra-conjugal ou a sodomia. Depois de o Direito Canônico ter constituído uma regra para as sexualidades matrimoniais, a partir do século XVIII, para FOUCAULT, o foco de atenção volta-se para outros campos, a saber:

"(...) O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito a maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistadas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são auscultadas; e se novamente for interrogada; a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidade periféricas, através de movimento de refluxo" ⁶³.

Precisamente neste movimento é que prevalece a grandeza da tese de FOUCAULT, ao fazer a defesa das sexualidades dilaceradas e marginalizadas, o discurso da ordem tende a não só exercer o poder sobre a marginália definida, mas engendrar também, sobre o aparente discurso da normalidade a significação negativista de outra polarização perversa. Em resumo, o que se constitui como salvaguardado deste processo é o próprio poder de discriminar...

"(...) A implantação das perversões é um efeito instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação da sexualidade periféricas que as relações do poder em o sexo e o prazer se ramificam nesse avanço dos poderes, fixam-se

⁶³ FOUCAULT, M. op. cit. p. 39.

sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática. Proliferação das sexualidades por extensão do poder; majoração do poder ao qual cada uma dessas sexualidades regionais dá um campo de intervenção: essa confecção, sobretudo a partir do século XIX é garantida e relançada pelos inumeráveis lucros econômicos que, por intermédio da medicina, da psiquiatria, da prostituição e da pornografia, vinculam-se ao mesmo tempo a essa concentração analítica do prazer e a essa majoração do poder que o controla. Prazer e poder não se anulam, não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação”⁶⁴.

Concluimos que a proliferação dos discursos sobre a sexualidade humana, sua conseqüente classificação entre a anormalidade e as perversões, a pedagogização da normatização do sexo, infantil e adolescente, matrimonial e doente, correspondeu aos interesses e movimentos internos da sociedade burguesa. Não há variação entre a repressão medieval e a suposta liberdade advinda com a modernidade burguesa. Engendram-se teses e formas de novos discursos, mas há uma eficiente transformação das teias de poder e controle social das práticas sexuais.

⁶⁴ FOUCAULT, Michel, *op.cit.*, p. 48.

6. FRAGMENTOS PARA UMA FILOSOFIA DO CORPO.

A lógica e concepção ético-moral dominante no Ocidente deriva do mundo greco-romano, ampliada pela vigorosa cosmovisão do Cristianismo. A cultura brasileira, embora tenha incorporado elementos de grupos humanos e culturas novas posteriores, tais como a cosmovisão afro-brasileira e a rica cultura indígena, foi marcada profundamente pela concepção cristã do corpo, um dos eixos da ética social cristã. Para podermos entender, portanto, as matrizes desta concepção, necessário se faz investigar as idéias centrais do núcleo formador do Cristianismo Ocidental.

Isto nos obriga recuar até os embriões da Filosofia grega. A matriz materialista da busca do que seja o princípio primordial da natureza, protagonizada pelos filósofos pré-socráticos conhecidos como "Físicos" e representada sobretudo por TALES de Mileto (625-558 a.C), ANAXIMANDRO (610-546 a.C) e ANAXÍMENES (588-528 a.C), entre outros, fora fortemente rompida com a eclosão da Filosofia dos Eleatas, pregando a imutabilidade do mundo e liderados por ZENON de Eléia (séc. V a.C) e XENÓFANES, (576-480 a.C). A filosofia grega nascia precisamente do enfrentamento com a "doxa", a opinião, a versão comum das coisas e das explicações primárias sobre a realidade, combatia a explicação fantástica das elites sacerdotais, embora usasse sempre os recursos da Mitologia para constituir seu quadro de significação de si e de seus fundamentos enquanto um tipo de saber. A filosofia dos Físicos, que buscavam explicar a origem das coisas pelo "ar", pela "terra", pelo "fogo", pela "água" ou até por "partículas indivisíveis", como afirmava DEMÓCRITO (460- 370 a.C) vê-se contestada pela filosofia de PITÁGORAS (séc. V a.C) e pelo avanço do idealismo dos Eleatas. Esta tensão fundante da Filosofia grega, entre a Matéria e o Espírito, entre a realidade e as Idéias, permanecerá como horizonte

temático de todo seu desenvolvimento posterior, sendo depois veiculada para todo o Ocidente.

Para os Pitagóricos, o princípio da realidade é uma substância imaterial originária de todos os seres, a Alma. A matéria seria o envólucro da Alma. A Alma, eterna e imutável, estaria condenada a uma busca de ascese, traduzida na Metempsicose, na teoria da transmigração das almas, constituindo um primeiro núcleo ético-filosófico de inspiração moralizante e purificadora. A Grécia urbana (séc. V a.C) encontrará outras temáticas para a Filosofia, redirecionando suas reflexões para o Homem e para a Pólis, mas a tensão fundante entre Corpo (matéria) e Alma (espírito) permanecerá como substrato de todas as demais conquistas teóricas dos gregos. PLATÃO (428-347 a.C) consolida uma interpretação dualista desta realidade. Afirma que a Alma é a realidade verdadeira e a matéria é “fonte de ilusão e maldade”. Nossa “alma” procede do Sumo Bem, decaída entre o mundo material, donde retira sua Ética, que consiste em ascender, pela contemplação da verdade, novamente a este mundo das Idéias, perfeito e bom. O idealismo platônico nega absolutamente as sensações e a matéria, centrando sua concepção no Espírito, nas idéias e na realidade suposta derivada destas.

ARISTÓTELES (384-322 a.C) não altera o predomínio dualista de PLATÃO. Sua filosofia realista, ainda que moderada, busca novas categorias para analisar a realidade; restaura a validade metódica da matéria, afirma a precedência da Matéria sobre o espírito, mas não altera a doutrina da superioridade da Alma. A Filosofia aristotélica será preterida aos preceitos do Platonismo, nos primórdios do Cristianismo, e somente será retomada no século IX, redescoberto a partir do Renascimento Carolíngio e das traduções árabes.

A grande influência do ESTOICISMO na constituição da moral cristã nos obriga a investigar as teses de ZENÃO DE CÍTIO (336-254 a.C). Para este

pensador, a matéria deveria ser abandonada. A contemplação do UNO e a fuga das coisas materiais, a ascese e a busca da completa imperturbabilidade eram as bases de uma moral filosófica. O ESTOICISMO e o NEOPLATONISMO, liderado por PLOTINO (205-270 d.C) influenciaram profundamente o Cristianismo dos primeiros séculos da Era Cristã. O Neoplatonismo afirma que o UNO, substância imaterial perfeita faz derivar o NOUS, que é o demiurgo da realidade. Do UNO deriva também a PSYCHE, que é a alma emanada deste UNO unida às matérias corpóreas, explicando assim a síntese da diversidade das coisas e dos seres pelo recurso a este monismo emanacionista. A alma e o corpo serão duas realidades derivadas deste UNO, onde a Alma seria o princípio do Bem e o Corpo a ligação com as imperfeições e sensações da matéria.

A síntese entre a Filosofia Grega e as cosmovisões hebraica e cristã realiza-se no pensamento de SANTO AGOSTINHO (354-430 d.C) bispo de Hipona, e um dos maiores teóricos do Cristianismo, considerado um dos grandes PADRES da Igreja, expoente do primeiro movimento filosófico-teológico e pastoral do Cristianismo, denominado PATRÍSTICA. Novos conceitos, desconhecidos do pensamento grego, agregam-se a esta síntese original, tais como os conceitos de PECADO e CRIAÇÃO. AGOSTINHO carrega forte influência do MANIQUEÍSMO, teoria moralista oriunda da PÉRSIA, que afirmava um dualismo explicativo da realidade das coisas em luta eterna e constante, entre os princípios do BEM, denominada ORMUZD, e ARIMAN, o princípio do MAL, que passa a representar a eterna luta dos contrários. Na cosmogonia persa há uma diferenciação também de ordem sexual entre estes princípios, de modo que ORMUZD é masculino e ARIMAN seria o princípio da desordem, da devassidão e do conflito, protagonizado pelo elemento Feminino.

AGOSTINHO assume estas bases ontológico- morais em muitas de suas sínteses originais. Consagra a idéia de uma Alma espiritual, criada por Deus, para sua contemplação e afirma impiedosamente que este Corpo que

carregamos, sede do Pecado de Adão e Eva, lugar da concupiscência e da maldade, é causa da perdição e da devassidão dos homens. A moral agostiniana afirma que a corporeidade é fruto do pecado, só a mortificação do corpo nos faz reencontrar o caminho da ascese e expiação cristã.

O dualismo corpo-alma encontra raízes nas filosofias gregas universalistas do chamado período pós-clássico. Amplia sua significação ontológica incorporando as teses da "revelação" cristã e de algumas doutrinas parenéticas do Cristianismo nascente. Imaginemos o que isto não configurou no imaginário de uma IDADE MÉDIA dominada plenamente pelo ideário cristão.

O Brasil surge no cenário das nações e povos no alvorecer da MODERNIDADE, o século XVI. Mas os JESUÍTAS, protagonistas de nossa gênese cultural, e o pacto mercantil salvacionista que lhe dá conformação cultural é representado pelo reino português decadente empenhado em descobrir riquezas e "restaurar a Cristandade". Nossa cultura, portanto, não permaneceu dentro das alvíssaras da modernidade, mas recebeu a carga restauracionista de todo o movimento ético-político que representava a queda do Antigo Regime. Temos, portanto, uma concepção dualista do corpo e alma, consagrada pela ética agostiniana e extremamente marcada pela pregação cristã de PECADO.

DESCARTES (1596-1650) afirma as bases de uma nova Ontologia. Seu axioma: "Penso, logo existo", reflete os eixos estruturais de seu pensamento, que afirma ser o pensamento a base da existência. O idealismo cartesiano não altera o dualismo nem o supera, pelo contrário, apresenta novas formas de mantê-lo tal como lograra forma no Ocidente. MERLEAU-PONTY (1908-1961) contesta o pensamento cartesiano ao afirmar "eu sou meu corpo". Talvez esta seja a mais forte condensação axiomática da contradição, mas para a concepção dialética a corporeidade é o próprio homem e é a expressão mais plena da própria natureza.

Para nossa compreensão do corpo, buscamos resgatar algumas matrizes do Materialismo Histórico. K. MARX (1818-1883) escrevera em 1844 os MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS que tornaram-se textos de referência para uma abordagem dialética do corpo e espírito, da essência e existência ou da realidade e espírito, tal como se apresenta a temática central da Filosofia clássica. O pensamento de MARX não pode ser reduzido a uma gnoseologia formal. As mudanças históricas protagonizadas pela evolução do capitalismo e pelas forças materiais e ideológicas desencadeados pela Modernidade tiveram em MARX e ENGELS, como expositores de uma determinada concepção de mundo voltada para uma classe social, uma crítica ferrenha. MARX apresenta as bases de uma nova Ontologia, fazendo críticas à Economia Política da época, voltadas para entender as mudanças que a EUROPA estava passando, fazendo de seu pensamento uma alavanca para as lutas das camadas trabalhadoras duramente expropriadas pelo processo exploratório das relações econômicas e trabalhistas do capitalismo emergente. O pensamento de MARX busca dar conta da alienação econômica a que encontravam-se submetidos os trabalhadores, além de pontuar novas matrizes para a consideração da realidade objetiva dos homens e das coisas.

O corpo e a natureza não são vistos como entidades separadas em si, tal como a Metafísica Clássica apresentara. MARX questiona a economia política inglesa, que somente via o trabalhador como animal, e busca ampliar sua análise econômica para as bases de uma Ontologia, dentro dos instrumentos da Filosofia. O corpo é apresentado como a objetivação da humanidade do homem. O trabalho é a atividade criadora do homem e sua corporeidade é a objetivação de sua individualização no processo de relação material e subjetiva com a existência. O mundo é por excelência o mundo da ação do homem. A realidade não aparece como apriorística, determinada por princípios, quer do

Bem ou do Mal. Bem e Mal passam a ser qualificantes produzidos pelo Homem, através de sua História. O homem faz a história e a história faz o homem.

MARX afirma, com muito vigor, esta contradição entre a objetividade e subjetividade da natureza e da cultura humana:

“La vida genérica, tanto en el hombre como en el animal, consiste físicamente, de una parte, en que el hombre (como el animal) viva de la naturaleza inorgánica, y cuando más universal es el hombre, como el animal, tanto más universal es el campo de la naturaleza inorgánica del que vive. Del mismo modo que las plantas, los animales, las piedras, el aire, la luz, etc., forman teóricamente parte de la consciencia humana, ya en cuanto objetos de la ciencia natural ya en cuanto objetos del arte- su naturaleza inorgánica espiritual, como medios de vida espirituales que el hombre tiene que aderezar para poder disfrutarlos y digerirlos- forman también prácticamente parte de la vida humana y de la actividad del hombre. (...) la naturaleza es el cuerpo inorgánico del hombre: es decir, la naturaleza en cuanto no es ella misma el cuerpo humano. Decir que el hombre vive de la naturaleza significa que la naturaleza es su cuerpo, con el que debe mantenerse en proceso constante, para no morir. El que la vida física y espiritual del hombre se halla entrelazada con la naturaleza no tiene otro sentido que el de la naturaleza se halla entrelazada consigo misma, pues el hombre es parte de la naturaleza”⁶⁵.

Ao compreender esta articulação entre o corpo do homem e a natureza, MARX amplia as bases da atividade humana e restaura uma significação essencialmente humana para a natureza do homem. Os sentidos humanos são as formas humanas e ao mesmo tempo as formas naturais e objetivas que circunscrevem a realidade do homem e da própria natureza. Não se parte de uma exteriorização aleatória ou de uma manifestação derivada. A realidade do homem entrelaça-se com a realidade da natureza, de modo que o homem é a natureza

⁶⁵ MARX, K. MANUSCRITOS ECONÓMICO-FILOSÓFICOS DE 1844, Ed. Fondo de Cultura Economica, Mexico, 1987, p. 599-600.

que pensa, que sente, é a matéria mesma objetivada na condição humana, é a matéria que pensa, que ama e que se produz pelo trabalho e pelas próprias atividades que objetivam seu espírito. MARX diz:

“En el mundo objetivo el hombre no es afirmado solamente en el pensamiento sino con todos los sentidos.(...) Es la existencia de su objeto, la naturaleza humanizada, lo que da vida no sólo a los cinco sentidos, sino también a los llamados sentidos espirituales, a los sentidos prácticos (la voluntad, el amor, etc) en una palabra, el sentido humano, a la humanidad de los sentidos. (...) Es necesaria, por tanto la objetivación de la esencia humana, así en el aspecto teórico en el práctico, para que los sentidos del hombre se conviertan en sentidos humanos y para que pueda crearse el sentido humano adecuado a toda la riqueza de la esencia humana y natural”⁶⁶.

A compreensão que os sentidos humanos são uma conquista da hominização da natureza leva MARX a fazer de sua antropologia uma crítica às formas embrutecedoras do mundo do trabalho sobre as classes operárias e sobre todos aqueles que encontram-se alienados de si e de sua compreensão plena como criadores. O conceito de alienação talvez seja uma das mais importantes categorias teóricas para compreender a concepção marxista de mundo. A natureza realiza-se plenamente no homem e em seus corpos, assim como o corpo humano é a mais plena expressão da natureza. Seu pensamento segue mais longe, superando a dicotomia entre a essência e a aparência, ao acrescentar que a produção histórica e natural do homem se confundem, e a capacidade humana de trabalhar e de produzir coisas humanas, retiradas da natureza, estranhando-se dela, talvez seja uma das mais exigentes bases de uma responsabilidade antropológica comum, que una os homens e a natureza, na tarefa de ser esta, por estes, tornada humana. MARX afirma:

⁶⁶ MARX, K. op.cit, p. 622.

“La historia es de por sí una parte real de la historia natural, de la transformación de la naturaleza en hombre. La ciencia natural se convierte más tarde en la ciencia del hombre y, a su vez, la ciencia del hombre englobará a la ciencia natural y sólo habrá, así, una ciencia”⁶⁷.

Ao consignar a relação do homem com a natureza de uma maneira dialética, onde a constituição de um dos pólos relacionais realiza e supera a existência de outra polaridade, MARX altera as bases estigmatizantes dos determinismos anteriores. O homem é diretamente um ser natural, seu corpo e suas potencialidades naturais são apropriadas de maneira única, como ser humano, e de maneira subjetiva, como sujeito ôntico, conquanto cada corpo e cada homem realiza a essência desta relação em sua existência.

Afirma MARX:

“El hombre, como ser sensible, objetivo, es, por tanto, un ser paciente y, por ser sus padecimientos sensibles, es un ser apasionado. La pasión es la fuerza esencial del hombre que tiende enérgicamente hacia su objeto. Pero el hombre no es solamente un ser natural, sino que es, además, un ser natural humano: es decir, un ser que es para sí mismo y, por tanto, un ser genérico, y como tal debe necesariamente actuar y afirmarse tanto en su ser como en su saber. Por tanto, ni los objetos humanos son los objetos naturales tal y como directamente se ofrecen, ni el sentido humano, tal como es de un modo inmediato, es sensoriedad humana, objetividad humana. (...) Que el hombre es un ser corpóreo, dotado de fuerza natural, vivo, real, sensible, objetivo, significa que los objetos de su ser, de sus manifestaciones de vida, son objetos reales, sensibles, que su vida sólo puede exteriorizarse sobre objetos reales e sensibles”⁶⁸.

A dimensão filosófico-antropológica destas proposituras levaram MARX a questionar a alienação propriamente humana do trabalho exploratório capitalista, tal qual ele próprio vivenciara na Inglaterra do século XIX, onde os corpos dos

⁶⁷ MARX, K. idem, p. 624.

⁶⁸ MARX, K. ibidem, p. 654-655.

homens são levados a exteriorizarem-se em mercadorias, a não reconhecerem-se no que são, posto que não se reconhecem no que produzem. A crítica econômica decorrente de sua ontologia e antropologia ainda embasa nossas indagações sobre os corpos alienados de si, produzidos por relações sociais e produtivas de exploração e alienação presentes em nossa sociedade.

A filosofia do corpo que defendemos é a de uma corporeidade essencialmente humanizada, consciente de si e de seus potenciais meios de produzir coisas reais e sensíveis num mundo real, feito para todos os homens. Os corpos dos homens livres, libertos de toda forma de expropriação e reconhecedores do que podem produzir e socializar entre seus pares e semelhantes as mais criativas e originais formas de expressão. Um corpo que recusa ser mercadoria e que busca constituir-se além do "reino da necessidade", com as quais garantimos unicamente nossa sobrevivência material, mas um corpo projetado para ser signo de liberdade, para novas e plenas formas de espiritualização da paixão humana. Este corpo, carregado de signos sociais de exploração, anseia superar as condições materiais que o dilaceram e fazem padecer, para alcançar e engendrar outra plenitude numa nova materialidade.

CAPÍTULO II

OS ENFOQUES TIPOLOGICOS DOMINANTES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO SEXUAL E SUAS MATRIZES FILOSÓFICO-POLÍTICAS

Pretendemos, no presente Capítulo, apresentar as características de quatro diferentes abordagens de Educação Sexual presentes na realidade da escola brasileira contemporânea. Estas abordagens, com suas respectivas concepções de origem e matrizes metodológicas, guardam diferenças estruturais entre si e permeiam os discursos, textos, manuais, projetos, palestras e seminários que abordam a questão da Educação Sexual presentemente. Podemos dizer que há hoje um considerável número de escolas e instituições educacionais e sociais que se dedicam ao tema. Com diferentes concepções e até pretextos de ordem política, a proliferação das propostas de Educação Sexual deu-se a partir dos anos 80, a maior parte destes movimentos impulsionados pela eclosão da AIDS e conseqüente cobertura médico-institucional para sua aceitação e emergência na escola.

Todavia, distinguimos os eixos básicos e a configuração ideológica e política de cada um destes programas dominantes, que classificamos como

superpostos, muitas vezes ecleticamente reunidos numa lógica comum, apresentada no capítulo anterior, de produzir a "scientia sexualis", como expressão do poder de colonização discursiva imposto pelas instâncias sociais dominantes.

Apresentaremos ainda alguns tópicos para compreender a marcha de implantação institucional da Educação Sexual na sociedade e na escola brasileira, esta sabidamente uma instituição conservadora e marcada pelo rígido controle da moral vigente. Não limitamos nossa reflexão a uma consideração reducionista e acusatória sobre a escola brasileira e suas formas internas e externas de expressão institucional. Entendemos que o conservadorismo presente na escola é decorrente da tradição social e política mais ampla, que configura os interesses, os contextos e as formas igualmente conservadoras, de expressão política da instituição escolar. Não é este um objeto histórico específico de nossa pesquisa, que pretende discorrer sobre os fundamentos antropológicos e éticos que sustentam as diferentes abordagens da Educação Sexual atual, mas não poderemos deixar de registrar contextos especiais, para dar conta de uma mais ampla delimitação deste campo.

Buscaremos analisar as diferentes formas de compreender e apresentar a sexualidade humana numa dimensão pedagógica. É preciso considerar que as práticas recentes carecem de estudos que desvendem seus objetivos e nexos de sentido e orientação global. A tentativa de aclarar e tornar transparentes os discursos e práticas sobre o ensino da Educação Sexual visa também aclarar a opção filosófica, ética e política dos educadores, de modo a não deixar obscuras as fundamentações estruturais que movem os movimentos educacionais.

Temos como pressuposto teórico a determinação que, apesar de incipientes, as diferentes formas de apresentar a sexualidade necessitam de investigação para aclarar as concepções de mundo que as sustentam. Não

podemos continuar aceitando as explicações espontaneístas que mais legitimam do que discutem, mais afirmam que debatem, mais doutrinam que formam.

LIBÂNIO afirma:

*"Existe uma relação dialética entre teoria e prática. Isto significa que às práticas correspondem teorias, que lhes são a inteligência, explicação, compreensão, seja de modo espontâneo, não discutido, não criticado, seja de modo elaborado, regrado. Por sua vez, as teorias permitem organizar práticas, realizá-las de modo lúcido, reflexo. Na origem das teorias estão práticas. Nas origens das práticas estão teorias"*¹.

Assim, nossa preocupação será de tentar desvendar as teorias éticas, concepções políticas e conceituações de valores, sobre o Homem, a Sexualidade e as finalidades da Educação subsumidas nas diferentes práticas de apresentar o ensino da sexualidade vigente na escola brasileira contemporânea.

Usaremos o termo "abordagem ou aproximação" (inglês: approach) ao invés de MODELO. Apesar de ser uma pesquisa ainda preliminar, temos a preocupação de não cometer incoerências teórico-metodológicas. A matriz empírico-analítica da categoria de "modelo" pode comprometer nossa intenção de manter a dialeticidade das abordagens. O termo "modelo" sugere uma realidade acabada, congelada, pronta, de maneira a ser captada na realidade ou ainda, como constructo teórico, sugere um domínio já acabado, elaborado teoricamente com rigor, organizado dentro de uma lógica mais exigente. Preferimos usar o termo "abordagem" que sugere mais o conceito de processo e provisoriedade, evitando a tentação classificatória dos primeiros. O objetivo desta opção metodológica é o de esclarecer e iluminar as práticas, de modo a torná-las mais transparentes, com a utilidade da inteligência e a apropriação lúcida da "empíria". Isto nos define como seres humanos autocríticos, capazes de compreender

¹ LIBÂNIO, J.B. PASTORAL NUMA SOCIEDADE DE CONFLITOS. Petrópolis: Editora Vozes, 1982, p. 15.

nossas práticas e transformá-las, redimensioná-las, quando necessário e convincente.

A "aproximação teórica" não significa uma isenção de quem a produz ou a capta, na provisoriedade do discurso científico e na complexidade da vivência pessoal e social. Ela está condicionada pela abordagem própria do pesquisador, assim, também é uma opção metodológica provisória. Não há algo de resposta que esteja nas coisas e uma pergunta que esteja em nós. Há uma interrelação dialética que se traduz pela articulação dos interesses e pretextos da pesquisa. Os limites de cada abordagem estão na possibilidade de muitas outras sobre a mesma realidade.

LIBÂNEO ainda nos auxilia no esclarecimento destas categorias ao afirmar:

"Não são as práticas que devem caber dentro das reflexões teóricas, risco comum dos principiantes no mundo da reflexão teórica, mas são as aproximações teóricas que devem iluminar as práticas. Dito de modo paradoxal: não é a realidade que deve caber dentro dos modelos teóricos, pretensão de tantos tecnocratas, daí sua virulência autoritária e até repressiva - mas são os modelos teóricos que devem ser castigados pelas práticas até que eles as esclareçam, iluminem" ².

Com estas premissas, buscamos construir quatro abordagens do ensino de sexualidade, vigentes na realidade educacional atual, envolvendo a Educação Sexual. Sobre estas buscaremos esclarecer alguns pressupostos que definem seus alcance ético e político.

² Idem, p. 33.

1. ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO.

A concepção histórica da Sexualidade é relativamente recente. Não se pode deixar de reconhecer os esforços da Psicanálise, numa vertente antropológica, que constituiu desde os anos 30 uma interpretação comparativa e histórico-cultural da sexualidade, como pioneira³.

No entanto, apesar da extrema originalidade destas pesquisas e teorias, não foi desta maneira que a sexualidade tornou-se um objeto proeminente de pesquisa. Predominaram sempre os enfoques biólogos, ahistóricos, descritivos, classificatórios, reduzidamente anatómicos e funcionalistas.

A primeira abordagem mais consistente da Sexualidade numa dimensão histórica e fundamentada numa análise filosófico-antropológica foi aquela realizada pela Escola de FRANKFURT, nos anos 20. HERBERT MARCUSE conferiu ao tema da Sexualidade e sua vinculação com a sociedade um "status" teórico próprio. Numa síntese original do pensamento de MARX com o de FREUD, MARCUSE entendia que a natureza instintiva no homem era em essência a libido sexual - EROS. Marcada pelo pessimismo e pela melancolia, a Escola de FRANKFURT apropriou-se da Metapsicologia de FREUD para compreender a excessiva burocratização dos estados socialistas e a descompressão erotizante das mercadorias capitalistas que solapavam as potencialidades revolucionárias das classes operárias do Ocidente. ANDERSON, analisando as influências da Escola de FRANKFURT na constituição do Marxismo

³ Refiro aos estudos de MEAD, Margareth, sobre a Sexualidade dos povos primitivos da África e Indonésia, publicados nos anos 40. Destacaria os textos de MALINOWSKY, Bronislaw, SEXO E REPRESSÃO NA SOCIEDADE SELVAGEM, Editora Vozes, Petrópolis: 1971 que fora publicado pela primeira vez em 1927. Destaco ainda "O PENSAMENTO SELVAGEM" DE LEVI-STRAUSS e ainda o importante texto de KLEIN, Melanie VIDA EMOCIONAL DOS CIVILIZADOS. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1965.

Ocidental, assim descreve sua compreensão da questão da sexualidade como temática filosófica própria nesta Escola:

"(...) Para Marcuse (...) a emancipação do homem e da natureza coincidiriam então na libertação erótica. Isto significaria não apenas uma libertação polimórfica da sexualidade mas a disseminação do investimento da libido nas próprias relações de trabalho e sociais, o que conferiria a todos os atos de uma existência tranqüila as qualidades sensuais do jogo estético. Nesse mundo órfico além do "princípio do desempenho" do capitalismo, a sublimação deixaria de ser repressiva, a gratificação erótica fluiria livremente em todos os planos da vida social e o homem estaria finalmente sintonizado em uma unidade harmônica entre sujeito e objeto. (...) Para Marcuse o real curso da história negou a sua possível concretização: o capitalismo contemporâneo realizou exatamente o inverso de uma verdadeira emancipação da libido, isto é, uma "de-sublimação repressiva" de uma sexualidade comercializada e pseudopermissiva, represando e anestesiando qualquer rebelião mais profunda dos impulsos eróticos. Destino similar teve a arte, outrora crítica, ela se encontrava agora neutralizada e incorporada por uma cultura celebrada pela realidade vigente. A tecnologia, por sua vez, deixara de carregar a possibilidade oculta de uma sociedade alternativa: mesmo o avanço das modernas forças de produção tornaram uma involução. A esta altura, a fatura por ela criada simplesmente permitiu ao capitalismo integrar o proletariado numa ordem social monolítica de opressão e conformismo, na qual este não mais tinha consciência de si como classe distinta e explorada"⁴.

A questão da sexualidade foi profundamente analisada pelos pensadores da Escola de FRANKFURT, nas suas interrelações com a sociedade tecnocrática, sendo objeto de discussão na obra de MARCUSE, ADORNO (1903-1969); BENJAMIN (1892-1940); FROMM, REICH, entre outros. No entanto, em nenhum destes autores há uma preocupação metodológica rigorosa com a questão da construção histórica da Sexualidade. Tematizam outras relações, inferem

⁴ ANDERSON, Perry CONSIDERAÇÕES SOBRE O MARXISMO OCIDENTAL. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 117.

significados ricos e originais, consideram a história mas não definem seus contornos como objeto teórico. Esta escola original guarda influências para a Escola dos ANNALES, francesa, que retoma a perspectiva de uma nova historiografia e uma nova tematização de assuntos tão diversos da realidade humana.

Foi a obra de FOUCAULT (1926-1984) que "retirou" a sexualidade deste domínio biologista ou metafísico e outra vez a incorporou aos temas das Ciências Humanas, particularmente da História. Em sua obra clássica "História da Sexualidade" FOUCAULT afirma:

"Meu propósito não era o de reconstruir uma história das condutas e das práticas sexuais de acordo com suas formas sucessivas, sua evolução e difusão. Também não era minha intenção analisar as idéias (científicas, religiosas ou filosóficas) através das quais foram representados esses comportamentos. Gostaria, inicialmente, de me deter na noção tão cotidiana e tão recente de "sexualidade": tomar distanciamento em relação a ela, contornar sua evidência familiar, analisar o contexto teórico e prático ao qual ela é associada. O próprio termo "sexualidade" surgiu tardiamente, no início do Século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere. O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. Em suma, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constituiu-se uma "experiência" tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma "sexualidade" que abre campos de conhecimentos bastante diversos, e que se articula num sistema de regras e coerções. O projeto era, portanto, o de

uma história da sexualidade enquanto experiência - se entendermos por experiência a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade. Falar assim da sexualidade implica afastar-se de um esquema de pensamento que era então corrente: fazer da sexualidade um invariante e supor que, se ela assume, nas suas manifestações, formas historicamente singulares, é porque sofre o efeito dos mecanismos diversos de repressão a que ela se encontra exposta em toda sociedade; o que equivale a colocar fora do campo histórico o desejo e o sujeito do desejo, e a fazer com que a forma geral da interdição dê contas do que pode haver de histórico na sexualidade" ⁵.

A preocupação de FOUCAULT é histórica, no sentido próprio do termo, mas não prescinde da significação filosófica, dada pela Filosofia e pelas inferências de significações originadas na temática analisada, pelas suas próprias peculiaridades. Isto requer estudar os códigos vigentes em cada época e suas interrelações com as estruturas de poder ou "poderes" como afirma o pensador francês, que se estabelecem nas bases mais institucionais da vida cotidiana. Estes códigos dizem respeito aos interditos e regras, mas também avançam para as próprias construções do imaginário erótico de cada tempo e grupo humano. FOUCAULT analisa o "uso dos prazeres" que os gregos definiam de maneira original, até atingir nossa sociedade atual. Não se trata de uma avaliação comparativa e mais ou menos "contabilista" da suposta permissividade ou repressão como querem sugerir algumas simplificações da compreensão histórica ou sociológica da sexualidade. Ele afirma:

"Não se supõe que os códigos não tenham importância nem que permaneçam constantes. Entretanto, pode-se observar que, no final das contas, eles giram em torno de alguns princípios bastante simples e pouco numerosos: talvez os homens não invistam muito mais na ordem das proibições do que na dos prazeres. Sua permanência também é grande: a proliferação sensível das codificações (que dizem respeito aos lugares,

⁵ FOUCAULT. M. HISTÓRIA DA SEXUALIDADE. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984, Vol. II, p. 9.

parceiros, e gestos permitidos ou proibidos) se produzirá bem mais tarde no cristianismo. Em compensação, parece - em todo caso é a hipótese que gostaria de explorar aqui - haver todo um campo de historicidade complexa e rica na maneira pela qual o indivíduo é chamado a se reconhecer como sujeito moral da conduta sexual. Tratar-se-ia de ver de que maneira, a partir do pensamento grego clássico até a constituição da doutrina e da pastoral cristã da carne, essa subjetivação se definiu e se transformou" ⁶.

Esta aproximação teórica revela nossa intenção de compreender a sexualidade numa perspectiva histórica; a partir de sua constituição como rede de saber e poder, e não somente como uma construção exótica de condutas proibitivas ou concessivas no campo das experiências sexuais. Disto decorre a preocupação com o "lugar" histórico de onde estamos procurando a análise da sexualidade: a sociedade contemporânea. É ainda FOUCAULT que nos faz observar este cuidado, para que a compreensão atual de nossas categorias de pensar não venha a anular a potencialidade ou diversidade de outras formas de comparar e conceber o uso dos prazeres ou a ética dos desejos. Comparando a questão da homossexualidade entre os gregos e a significação da feminilidade naquela sociedade o mesmo FOUCAULT mostra a diferença estrutural que há entre estas épocas e códigos de compreensão da sexualidade, ao dizer:

"Numa experiência da sexualidade como a nossa, onde uma cesura fundamental opõe o masculino e o feminino, a feminilidade do homem é percebida na transgressão efetiva ou virtual de seu papel sexual. Ninguém será tentado a dizer de um homem, cujo amor às mulheres o leva ao excesso, que ele seja efeminado - a não ser operando sobre o seu desejo todo um trabalho de decifração e desentocando "a homossexualidade latente" que habita em segredo sua relação instável e multiplicada com as mulheres. Ao contrário, para os gregos, é a oposição dos comportamentos sexuais como o das atitudes morais; vê-se, então, por que um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em suspeitá-lo

⁶ Idem, p. 31.

de feminilidade, desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si; em troca, um homem que não é suficientemente dono de seus prazeres - pouco importa a escolha de objeto que faça - é considerado como "feminino". A linha de demarcação entre um homem viril e um homem efeminado não coincide com a nossa oposição entre hétero e homossexualidade; ela também não se reduz à oposição entre homossexualidade ativa e passiva. Ela marca a diferença de atitude em relação aos prazeres; e os signos tradicionais dessa feminilidade - preguiça, indolência, recusa das atividades um tanto rudes do esporte, gosto pelos perfumes e pelos adornos, lassidão... (malakia) - não designarão forçosamente aquele que será chamado no Século XIX "o invertido", mas aquele que se deixa levar pelos prazeres que o atraem: ele é submisso aos próprios apetites assim como aos dos outros. Face a um rapaz muito afetado Diógenes se zanga; mas ele considera que esse porte feminino pode trair tanto o seu gosto pelas mulheres como pelos homens. O que constitui, para os gregos, a negatividade ética por excelência, não é, evidentemente, amar os dois sexos; também não o é preferir seu próprio sexo ao outro; é ser passivo em relação aos prazeres"⁷.

Estes cuidados metodológicos devem preocupar todo aquele que analisa a História não como um desfiar de contextos, mas para compreender a própria trama de poder e de relações materiais de luta entre diferentes classes e grupos humanos que engendram seu saber e suas formas de constituírem-se como agentes sociais.

Esforços existem para resgatar esta análise histórica nas mais diversas abordagens, mesmo com resultados muitas vezes divergentes para as práticas que as fundamentam. Encontramos, a título de exemplificação, uma curiosa observação de SNOEK, sobre as matrizes do pensamento cristão sobre sexualidade, relatando a contribuição de SANTO AGOSTINHO (354-430 d.C) e a perspectiva dualista de uma ética sexual neste aporte:

⁷ FOUCAULT, M. *op.cit.*, p. 79.

"Este dualismo ontológico leva a um dualismo antropológico-ético. Se a situação é esta, então corpo e sexo de nada valem. São cabeças de ponte de Belial. Pelo sexo e pela mulher ele seduz os homens. Por isso requer-se ascetismo. E assim se configura certa hostilidade contra o corpo, o sexo e a mulher. Séculos depois surgiu Mani, o grande divulgador desta doutrina. Daí o nome maniqueísmo, muito bem caracterizado por Santo Epifânio: "A mulher é toda uma criatura do demônio; o homem o é só pela metade; acima da cintura ele é criatura de Deus, o resto é produto do demônio. A união dos dois no casamento é, portanto, uma obra do demônio ao quadrado" (p. 41,833) (...) É nas categorias mentais do platonismo que ele tenta expressar a experiência cristã, sendo que a vivência pessoal nada lisonjeira (excessiva dependência materna, nenhuma identificação com o pai, sensualidade) reflete sensivelmente na sua visão, na forma de um certo pessimismo antropológico. Por si só o homem de nada vale. É um brinquedo, dilacerado pelo conflito entre "dois amores que constroem duas cidades: o amor a Deus, ao ponto do autodesprezo, que constrói a cidade de Deus e o amor próprio (soberba), ao ponto de desprezar a Deus, que constrói a cidade dos homens". Este conflito é consequência do PECADO ORIGINAL, que deixa o homem entregue à CONCUPISCÊNCIA (libido). Só a GRAÇA pode salvá-lo, mediatizada pela IGREJA. Fora da Igreja não há salvação! Tão corrompido é o homem que, mesmo batizado, necessita do amparo da Igreja e do Estado, o qual é o braço secular dela. Toda heresia deve ser exterminada até pela violência. Sexualidade e matrimônio. A rebeldia do primeiro pecado (peccatum originans) se manifesta na rebeldia da carne (peccatum originatum), ferida da natureza que é transmitida pela geração a toda criança que nasce. Como na visão platônica: o homem não está no seu natural. Contudo, o Verbo (Logos) se fez carne para curar a ferida. O ato sexual em si reativa a ferida, ofusca a lucidez do logos e compromete a dignidade humana, mas este risco pode ser contornado pelos três "bens" (valores) do matrimônio cristão: o bem da prole, o bem da fidelidade, o bem do "sacramento" (=juramento, compromisso definitivo, indissolubilidade). Desta forma o matrimônio cristão se torna um "remédio para a concupiscência", uma graça medicinal, fruto da Redenção. É esta a transposição agostiniana do pensamento platônico. A norma ética derivada desta visão não deixa de ser bastante restritiva: o ato sexual em si é fortemente suspeito; só não será prejudicial para o homem,

*só será tolerado como não antiético, se realizado dentro da estrutura do matrimônio e em função da procriação"*⁸.

Esta é a perspectiva que acreditamos oportuna para esclarecer o que pretendemos. Não acreditamos que a explicitação das sexualidades oficiais e das sexualidades marginalizadas, das diferenças genitais e das características primárias e secundárias da sexualidade masculina e feminina constituam, por si só, uma sólida educação sexual aos jovens e crianças em idade escolar. Se não compreendemos a trama das constituições históricas e políticas, as diversas significações e aportes de ordem ética, religiosa e os diferentes contornos de poder que marcam as práticas de sexo numa sociedade, estaremos longe de educar, no sentido amplo e verdadeiro da palavra. Os educadores que prescindem de uma concepção histórica estarão abdicando de uma concepção científica, ou pelo menos, da possibilidade de uma compreensão de globalidade e radicalidade.

⁸ SNOEK, Jaime. ENSAIO DE ÉTICA SEXUAL. São Paulo: Edições Paulinas, 1981, p. 24-25.

2. A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA HISTÓRIA INSTITUCIONAL ESCOLAR BRASILEIRA

A compreensão histórica da sexualidade brasileira é relativamente recente, conquanto um objeto de análise teórica. Todavia, em muitas das áreas do conhecimento humano, podemos destacar a dimensão da sexualidade como presente e profundamente importante em todas suas manifestações. Um dos campos privilegiados desta presença dá-se exatamente no campo da história, pois todos os dados historiográficos que retratam os diferentes momentos históricos de constituição social do Brasil referem-se sempre aos padrões ético-sexuais próprios das culturas indígenas que aqui tinham logrado florescer. Os destaques insistentes dos primeiros relatos sobre os índios brasileiros, realizados pelos exploradores portugueses e seus escrivães oficiais ainda hoje perturbam o pesquisador desavisado. Podemos imaginar a admiração e torpor que provocara na mente do lusitano medieval a naturalidade dos índios frente a sexualidade e todas as expressões corporais. A famosa carta de Pero Vaz de Caminha aponta ao Rei de Portugal a "extrema prodigalidade da terra e a impudícia dos ditos índios que nada usam para cobrir as suas vergonhas e desconhecem o pecado original", ou ainda a carta de Nóbrega escrita aos Jesuítas de Portugal em 1549, relatando que:

"As suas mulheres e filhas nada é dado como dote em casamento, qualquer um que entre em suas casas dão-lhe de comer e oferecem tudo o que tem, e uma rede lavada para que durma. São castas as suas mulheres a seus maridos. (...) Estão muito apegados às coisas sensuais, muitas vezes me

perguntam se Deus tem cabeça, e corpo, e mulher, e se come, e de que se veste ou outras coisas semelhantes”⁹.

O universo católico medieval repressivo tinha constituído o núcleo da sexualidade como a excelência do pecado e os novos exploradores encontram terras e gentes que não tem esta concepção. O que se seguiu, foi uma das páginas mais trágicas da exploração econômica, social e sexual de uma parte da humanidade sobre outra.

O pesquisador BAETA NEVES, comentando as cartas e impressões dos jesuítas sobre o mundo que se descortinava para estes, afirma:

“Se cruzarmos todos os pólos negativos das binaridades, veremos que a transgressão máxima é a seguinte cena: órgãos genitais femininos exibidos a religiosos em lugares santos em momentos sagrados”¹⁰.

Até o horizonte motivador da aventura portuguesa além-mar constituía-se da perspectiva de uma ampla exploração sexual paradisíaca em outras terras e outros mundos. Podemos afirmar até que o muito da singeleza lusitana da "saudade" encontra-se fundamentado na permanente ausência de sua terra e permanente horizonte de luta e aventura protagonizado pela história portuguesa. GIL VICENTE, poeta e dramaturgo do século XVI afirma "que para além deste mar, da pimenta e de Goa, o reino nos despovoa". Portugal, em sua empreitada marítima, do século XIV ao XVI volta-se de costas para Europa e lança-se ao mundo da exploração e da aventura. FERNANDO PESSOA, poeta português, afirma em uma de suas mais belas expressões: "Oh mar, quanto de seu sal... são lágrimas de Portugal". Estas elipses metafóricas buscam retratar o imaginário português colonizador, para além dos interesses econômicos e políticos que

⁹ Carta de NÓBREGA aos Padres de Coimbra, Agosto de 1549. citado por FREIRE, A.M. ANALFABETISMO NO BRASIL. São Paulo: Editora Cortez, 1989, p. 31.

¹⁰ BAETA NEVES. O COMBATE DOS SOLDADOS DE CRISTO NA TERRA DOS PAPAGAIOS. Rio de Janeiro: Editora Forense/ Universitária, 1978, p. 136.

mereciam melhor análise numa pesquisa historiográfica própria. O que queremos destacar é a motivação para exploração que marcou profundamente a ética, ou ausência dela, da colonização brasileira. Não havia a compreensão básica da alteridade. O índio, o negro, não era "alguém", não era "outro", sobre o qual pesasse qualquer respeito ou dignidade. Eram coisas a serem tomadas, conquistadas, exploradas pelos que detinham o poder, a civilização e a religião. Pablo Neruda afirma em uma de suas mais destacadas poesias engajadas: "*La espada y la cruz iban diezmando la familia salvaje...*".

Neste horizonte de exploração e negação de toda alteridade, a colonização portuguesa também reservou um capítulo perverso sobre a sexualidade dos oprimidos. A índia, a mulher negra, as crianças e os escravos eram objetos ao dispor do senhorio, isto incorporando as satisfações de ordem sexual. Algumas obras abordam a questão de maneira ainda incipiente no Brasil¹¹, destacando os estudos de PRIORE, (1991) que embora tenha como objeto a questão da história da infância brasileira, aborda diferentes formas de submissão e controle social incluindo de maneira proeminente a histórica específica dominação sexual como componente básico da estrutura do poder patriarcal no Brasil.

Outra fonte ainda inexplorada configura-se no conjunto de diversas obras e relatos de viajantes estrangeiros no Brasil colonial, que via de regra apresentam dados sobre a extrema "lascívia" dos índios e negros escravos no Brasil. Resta-nos ainda uma referência aos prováveis ricos e fecundos registros da Igreja Católica no período colonial, certamente muitos deles apontariam o universo sexual colonial brasileiro deste período com muitas cores e vivaz repressão.

¹¹ Sobre este assunto ver MOTT, L. O SEXO PROIBIDO. Campinas: Editora Papirus, 1988; ou ainda VAINFAS, Ronaldo, HISTÓRIA E SEXUALIDADE NO BRASIL. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1986. A obra de PRIORE, MARY DEL, HISTÓRIA DA CRIANÇA NO BRASIL. São Paulo: Editora Contexto, 1990.

Todavia, apesar destes tópicos, não temos condições teóricas e materiais de avançar sobre esta vinculação entre dominação econômica e controles exploratórios das sexualidades oprimidas. Procuraremos destacar os esforços institucionais relacionados ao sistema formal escolar de abordagem da educação sexual. É certo que o campo da exploração dialética entre sexualidade e sociedade muito nos impressiona e motiva para uma abordagem teórica mais consistente, mas não encontramos possibilidades institucionais para tanto no desenvolver da presente investigação.

A educação sexual compreendida como uma "intervenção institucional na formação dos valores sobre sexualidade e nas informações orgânicas e biológicas humanas" tem uma história muito recente em nosso país. Não há uma linearidade específica ou uma evolução eloqüente do tema no campo social. Avanços e recuos, experiências tópicas e projetos localizados deverão ser sumariamente elencados para uma compreensão sinótica de sua constituição ou características contextuais específicas.

O século XIX assistiu ao triunfo do Positivismo na estrutura social imperial e republicana brasileira. Antonio PAIM aponta o positivismo como a ideologia que subvenciona os movimentos republicanos e a própria constituição jurídica do Estado brasileiro neste século. Aliadas ao sistema político as idéias positivistas consagram uma visão cientificista da corporeidade e conseqüentemente da sexualidade humana. Os relatos fragmentários sobre a sexualidade neste período situam-se no campo da informação médico-biológica, com extensões higienistas muito próprias da configuração civilizatória e urbanizante que tomou conta da República no final deste século, estendendo-se até a década de 20. As intervenções sobre sexualidade limitavam-se aos capítulos específicos de reprodução humana nos compêndios de ciências voltados para a formação médica.

A questão da sexualidade era portanto uma questão médica. Nisto acentuamos as contribuições teóricas de FOUCAULT, que afirma ter a modernidade usurpado da religião o controle simbólico e institucional da sexualidade, não como forma de novas significações ou libertação mas sim com novos tentáculos de dominação, controle e discriminação.

Na década de 20 a historiadora francesa Susan BESSE relata que a sexualidade era discutida em saraus no Rio de Janeiro, embora abolida das conversas institucionais convencionais e oficiais. A preocupação da historiadora dá-se com a crescente expansão da prostituição no Rio de Janeiro, em decorrência da urbanização acelerada por que passava aquela cidade. Não se registram posições críticas ou inovadoras sobre o assunto, no âmbito institucional escolar, todavia cabe destacar que não havia um completo silêncio sobre o tema. A preocupação social moralizante sempre foi o motor das iniciativas institucionais de educação sexual.

Em 1930 o professor J. STEAWART, pastor protestante, expressa a intenção de abordar a instrução biológica sobre sexualidade no Colégio Batista do Rio de Janeiro. Como professor de Biologia, pretendia o professor STEAWART abordar a sexualidade e reprodução humana, calcada sobre fundamentos estritamente científicos, de cunho comprovadamente empírista-positivista, dentro da disciplina e dos núcleos temáticos referentes a evolução da espécie animal. Sua iniciativa foi rancorosamente atacada por todos os segmentos institucionais do Rio de Janeiro. A Igreja, a imprensa, as associações de pais, o Colégio Militar, a opinião pública rechaçaram impiedosamente o projeto, acusando de incitar à permissividade da juventude e promover a ruína da família e dos valores religiosos e morais que permeiam a sociedade. Seu comportamento social foi questionado, sofrendo perseguição profissional até ser demitido sem indenização, num processo doloroso que revela a intolerância da sociedade fluminense para com o tema da educação sexual.

Temos relatos que apontam este período que vai de 1930 aos anos 50 como uma grande ausência de iniciativas institucionais e jurídicas de promover a educação sexual. Iniciativas de ordem religiosa, com particularidades confessionais abordam parcialmente a questão, quase sempre ausente de uma intencionalidade formativa ou crítica, mas pautado sobre uma posição moralista doutrinária em defesa do casamento, da virgindade, do patriarcalismo e das instituições sociais dominantes. Cristovam BREINER, em 1950 afirmava:

"Quem lida no foro criminal conhece os casos dos que andam abusando do direito de ser animal, com a extrema licenciosidade dos costumes. Vemos cada dia mais desordens neste sentido. Há grupos e famílias terrivelmente libertadas de todo senso moral. Se houvesse possibilidade legal de se proclamarem no regime do amor livre, eles o fariam festivamente. É um sintoma de desordem, porque se alastra. Os indivíduos pervertidos, pelo gosto da perversão buscam sempre novas vítimas. E encontram impunemente (...). Sejamos partidários da ordem, mas objetivamente. Antes que seja tarde" ¹².

A tônica para os discursos que se sucederam neste período é esta. A abordagem que as instituições dominantes, a Igreja, a escola, o governo fizeram das mudanças conjunturais vividas pelo Brasil foi sempre marcada por uma análise moralista de fundamentação psicossocial e nunca crítica ou social-dialética.

De 1954 em diante os Estados tinham autonomia jurídica para ministrar instruções sexuais aos meninos ao final do 4º ano primário. Todavia temos registros de que somente o Serviço de Saúde do então Departamento de Assistência ao Escolar de São Paulo executava este programa. Prevalencia a frieza e a indiferença com relação a abordagem educacional da sexualidade na estrutura curricular ou escolar brasileira. A compreensão básica era que a

¹² BREINER, C. PENSAMENTOS SOCIAIS CRISTÃOS. Rio de Janeiro: Editora Jornal do Comércio, 1950, p. 211.

sexualidade era questão de família ou, quanto muito, um amontoado conjunto de noções de higiene social controlado pela medicina. Nos anos 60 há algumas iniciativas de implantação de educação sexual em colégios destacados como o Instituto de Educação de Minas Gerais, o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro (1964), o Colégio Andre Maurois (1963), o Colégio Infante Dom Henrique (1965) e Orlando Rebouças (1964). Os projetos e dispositivos curriculares destes programas acentuavam os "aparelhos reprodutores masculinos e femininos", discorriam sobre funções glandulares e características sexuais primárias e secundárias de uma maneira fria e formal numa linguagem científica estrita sem nenhuma interpretação ética ou sociológica. Muitos colégios e escolas seguiam a orientação do Colégio Dom Pedro II, que era o modelo de uma escola secundária para todo o país. Não há condições de precisar o número de escolas que acabaram incorporando esta concepção médico-higienista na educação sexual. Importa-nos registrar topicamente esta iniciativa histórica.

Em 1968 a deputada Júlia STEIMBRUCK apresentou um Projeto de Lei na Assembléia Legislativa do então Estado da Guanabara instituindo a disciplina de Educação Sexual nas escolas públicas. Pretendia a deputada que a iniciativa proliferasse através do Conselho Federal de Educação para todas as escolas de 1º e 2º graus do país. Seu projeto alinhavava algumas noções descritivas e biologistas com aconselhamento psicológico frente a situações que envolvem a sexualidade. Destacava profundamente a moral sexual vigente, afirmando as funções reprodutoras da mulher voltadas para a exaltação da maternidade. Em 1970 a Comissão de Moral e Civismo do MEC deu parecer contrário ao Projeto da deputada arquivando-o definitivamente, num esforço eloquente de inibir quaisquer outras iniciativas nesta direção.

Em São Paulo, o Colégio Pueri Domus ministrara, nos idos de 70, algumas noções de "prevenção às doenças sexuais" aos alunos pré-adolescentes

dentro de uma programação coordenada pelo Pe. Paul Eugène CHARBONNEAU. Esta iniciativa alastra-se por alguns colégios paulistanos sem contudo atingir as escolas públicas. Os anos 70 foram duramente castradores de possibilidades de uma educação sexual crítica, humanista ou pedagógica. A censura, em decorrência do fechamento político atingia a imprensa, o cinema, a televisão, as músicas e conseqüentemente os currículos escolares. Apesar deste quadro institucional pouco alentador, experiências particulares e localizadas continuaram acontecendo em vista da repercussão no país da chamada revolução sexual que se processava na Europa e nos Estados Unidos.

Em 1976, no 4º Congresso Brasileiro de Orientação Educacional, realizado em São Paulo foram inscritos mais de 50 trabalhos relatando experiências com educação sexual em escolas brasileiras. 15 Estados da Federação estavam ali representados apontando alguma iniciativa no campo da discussão sobre sexualidade e educação.

Em 1984 a Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP), órgão da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, lançou o Projeto "A análise da sexualidade humana num enfoque curricular". Este documento, resultante de amplo debate entre especialistas de Educação, foi o protagonista de uma lenta implantação de projetos regionais de educação sexual no Estado. Primeiramente coordenado por um grupo de Orientadoras educacionais e destinado aos professores de Ciências, este projeto desenvolveu a sensibilização para a questão através de Oficinas Pedagógicas realizadas em todas as delegacias de ensino do estado. Em 1984 foram realizadas 56 destas Oficinas abrangendo mais de 1500 educadores de diversas áreas do conhecimento e de diferentes qualificações.

Esta década, marcada pela proliferação da AIDS, assistiu a uma rica e diversificada apresentação de questões sexuais em programas de televisão de

massa, tais como a TV MULHER, da REDE GLOBO e de outras similares. Tudo isso fazia da sexualidade um tema a ser incorporado aos discursos institucionais da escola pública paulista.

Esta nova concepção da sexualidade, agora presente nos meios de comunicações sociais e direcionada à uma dimensão consumista provocou uma modalidade específica de uma suposta educação sexual: a proliferação dos "consultores sexuais" que surgiram nas páginas de jornais, revistas e na própria televisão e rádio. O conceito de "consultores sexuais" ainda carece de maiores aprofundamentos teóricos, mas diferencia-se radicalmente da significação de "educadores" ou "orientadores sexuais". Enquanto estes últimos foram carregados de alguma representação institucional, ainda que com diferenças essenciais entre si, os "consultores sexuais", particularmente distintos, não configuram uma respeitabilidade específica, visto manterem um tipo de abordagem da sexualidade sobre a perspectiva da casuística, da confissão pessoal e particular, contraditoriamente apresentada na sociedade sem rosto e sem identidade, a sociedade de massas. Embora tenhamos nos afastado da análise dos impactos e formas de atuação destes "consultores", não podemos deixar de reconhecer sua abrangência e larga influência na sociedade brasileira, pelo alcance dos meios de comunicação de massa.

3. O CONTEXTO DA REVOLUÇÃO SEXUAL E SEUS IMPACTOS NA REALIDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.

Entendemos o movimento de idéias e a crise de valores que se abateu sobre o Ocidente no período do Pós-Guerra na perspectiva da crise da Modernidade. O encontro trágico do Homem com a realidade da morte e da guerra provocou um pessimismo nihilista, cuja maior expressão foi o pensamento de JEAN PAUL SARTRE (1905-1980). A presença da Mulher na realidade social, a cada vez maior influência dos Meios de Comunicação de Massa, as novas formas de trabalho e convivência social, a descoberta da pílula e o poderoso motivador da sexualidade formam elementos do cenário da Revolução Sexual européia. GREGORY BAUM afirma que:

"A revolução sexual de meados do século XX européia parece ter sido encetada pela classe média (...) atingindo os jovens de quase todas as camadas sociais (...) como um movimento de "privatização" da existência, característica da sociedade industrial e tecnológica avançada. Aqueles que já desistiram de que valeria a pena investir nas esferas políticas ou chegar a um poder sócio-político maior, irão investir numa experiência afetiva e sexual, em sensitivity groups e em outros training groups (e até numa afetividade religiosa). Em suma, pode-se afirmar incontestavelmente que a revolução sexual nasceu de uma tentativa de reconquistar um poder sobre a própria existência: na impossibilidade de consegui-lo na vida pública; as pessoas vão procurá-lo na sua vida familiar e privada. Finalmente, a "revolução sexual" é um elemento integrador na sociedade industrial: produz novas normas sobre o modo de se viver nela" ¹³.

¹³ BAUM, Gregory. In: REVISTA CONCILIUM/193-1984/3: Sociologia da Religião, p. 16.

Com tais notas interpretativas, que situam a Revolução Sexual como a resposta aos tempos de perdas das utopias políticas face à crise do Socialismo real e do Capitalismo moderno, como uma bem-aventurança dessublimada que se traduziu numa quantificação do sexo, muito mais do que uma nova qualidade da relação entre homens e mulheres ou deste com o mundo é que podemos prosseguir em nossa reflexão.

Nas sociedades industriais desenvolvidas a revolução sexual foi gradual e lentamente assimilada, mas em países onde a industrialização ou "modernização" foram recentes, como é o caso do Brasil e de todos os países latino-americanos, as mudanças foram repentinas, avassaladoras e surpreendentes. No caso brasileiro, a ética do campo que permeava o imaginário social do país foi rechaçada em meio século. A industrialização e urbanização dependente do Brasil acelerou-se em pouco mais do que 40 anos (1930-1970), num movimento destrutivo dos contornos éticos e significativos de uma realidade agrária para uma realidade urbana perversa e dilacerante. A urbanização e industrialização de muitos países europeus, como é o caso da própria Inglaterra, foram processos que duraram séculos, sendo lentamente e gradualmente determinados. Os historiadores apontam os movimentos de tomada das terras inglesas pelos nobres e a consequentes expulsão dos pobres do campo como acontecimentos preparatórios aos desdobramentos decorrentes da revolução industrial, desde o século XIII, culminando no século XVIII. Muitos outros países europeus, dependentes da matriz histórica inglesa, registraram movimentos lentos e graduais na passagem de uma estrutura agrária e feudal para uma nova realidade social e política centrada na urbanização e industrialização.

No Brasil isto se deu de maneira rápida e extremamente avassaladora. O resultado foi a constituição de cidades inchadas, pelo êxodo rural vertiginoso, constituindo uma extensa e trágica rede de periferias e exércitos de excluídos.

J. MARTINS ¹⁴ aponta esta contradição ao apresentar os dados estatísticos de que até a década de 50, 68% da população brasileira residia no campo e somente 32% dependia da estrutura urbana. Na década de 70 esta situação inverte-se abruptamente, decorrente das políticas econômicas e sociais adotadas desde Getúlio Vargas (1930-1945), Juscelino Kubitscheck (1955-1960) e pela ditadura militar (1964-1985). A rapidez das transformações econômicas e políticas influenciaram profundamente as instituições e a cultura social brasileira. A década de 70 tornou-se o marco da influência quase que totalitária dos meios de comunicação de massa no Brasil. Se por um lado os anos 50 foram a "era do rádio", os anos 70 foram a "era da TV". É certo que esta influência alterou grandemente a base colonial brasileira.

Estas são algumas coordenadas para a compreensão da Revolução Sexual no Brasil. Aliada ao regime de exceção, os impulsos da mudança de costumes e valores no campo da sexualidade e da ética familiar foram assustadores. As gerações que aqui viveram as novas formas de compreender a sexualidade e as novas relações sociais foram profundamente influenciadas por uma visão mediatizada pela mídia, particularmente por um modelo perverso de televisão, que produziu muito mais um "glamour" sobre a revolução sexual do que uma efetiva e radical transformação de valores, tal como se deu em muitos países.

Houve relativo avanço dos discursos feministas, alguns deles logo incorporados à mídia em grandes programas de aconselhamento terapêutico de massa, outros induziram à uma exploração estética e quase pornográfica da corporeidade, sem todavia abalar os alicerces do patriarcalismo e do machismo predominante. Um dos traços mais significativos destes impactos situa-se exatamente na ausência de iniciativas institucionais no campo da Educação

¹⁴ MARTINS, José de Souza. A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL. São Paulo: Ed. EPU, 1984.

Sexual. O que vai movimentar a Escola a preocupar-se com a educação sexual será a eclosão da AIDS, três décadas depois...

Os impactos decorrentes da massificação provocada pela nova forma de encarar a sexualidade certamente atingiram a escola em sua identidade tradicional e papel social disciplinador. Muitas iniciativas doutrinárias buscaram impedir que a escola assumisse um discurso sobre sexualidade. Houve alegações abundantes, apontando a eventual falta de formação de professores, a precocidade da abordagem escolar como uma influência possivelmente estimuladora das práticas sexuais consumistas, o patrulhamento perigoso dos pais e outros tantos empecilhos.

Por fim, todos estes obstáculos cederam espaço ao óbvio: a escola não poderia deixar de construir um novo modo de abordar a sexualidade, com finalidades institucionais muito divergentes, mas reclamadas pela conjuntura social da época.

4. DA REVOLUÇÃO SEXUAL AO SEXO SEGURO

O último recorte histórico que deve elucidar nossos contornos sobre a sexualidade humana e sua dimensão sócio-histórica e cultural, entremeado às novas liturgias do poder é a consideração do que entendemos por Revolução Sexual. REICH, ao prefaciар a terceira edição de seu livro clássico A REVOLUÇÃO SEXUAL, afirmava:

"Trata-se, inequivocamente sempre sem qualquer possibilidade de mistificação social, de se afirmar integralmente, de ajudar e assegurar, as manifestações livres e sadias da vida dos recém-nascidos, das crianças, dos adolescentes, das mulheres e dos homens, ou de se reprimi-las ou aniquila-las, seja com que ideologia ou pretexto, seja no interesse deste ou daquele governo, "proletário" ou "capitalista", seja ainda em nome desta ou daquela religião, judaica, cristã ou budista. (...) A necessidade de uma modificação radical das condições de vida sexuais já permeou o pensamento social em geral e está alastrando-se rapidamente. A atenção compreensiva da vida amorosa infantil constantemente conquista círculos mais amplos. Embora a afirmação social da vida amorosa dos adolescentes ainda não exista na prática, embora a ciência educacional oficial evite pegar nas "batatas quentes" apresentadas pelo problema sexual da puberdade, a idéia de que as relações sexuais do adolescente é uma exigência natural e lógica não parece mais tão horrenda como em 1929, quando a apresentei pela primeira vez. O sucesso desfrutado hoje pela economia sexual em tantos países deve-se aos inúmeros bons educadores e pais compreensivos para os quais as necessidades sexuais das crianças e dos adolescentes parecem completamente naturais e justificadas. (...) O que estamos vivendo é uma revolução real e de alcance profundo da vida cultural, a qual ocorre sem desfiles, uniformes, medalhas, rufar de tambores ou salvas de canhões; mas as suas vítimas não são em menor número do que as das guerras civis de 1848 ou 1917. Os sentidos do animal humano

para as funções vitais naturais estão despertando de sono secular. A reviravolta em nossa vida atinge a raiz da nossa existência emocional, social e econômica.(...) Somos revolucionários por encararmos o processo da vida com os métodos da Ciência Natural, e não de maneira mística, mecanística ou política" ¹⁵.

Das bases das Ciências da Natureza, com o concurso da Psicanálise e da expansão mirabolante dos "mass media" a sexualidade atingiu as massas do pós-guerra. A indústria do entretenimento, o cinema e o rádio passaram a ditar normas e comportamentos no pós-guerra, e a explosão da sexualidade foi a "boanova" anunciada às massas. O prazer sexual imbricado nas práticas sexuais alternativas, a eclosão do feminismo, as bandeiras da juventude e as contestações conjunturais dos anos 50 e 60 ampliam esta "revolução" com as lutas de grupos sociais específicos, para a célebre tese da geração parisiense de 68 "Faça Amor, Não Faça Guerra..." A este deslocamento e expansão, com o que REICH chamava de "economia sexual" contribuiu sobremaneira a massificação do controle da natalidade. A revolução da pílula é talvez maior ainda que a proliferação das idéias de uma sexualidade natural. Com a possibilidade de controle da natalidade os movimentos de contestação incorporaram ao seu viés naturalista o controle artificial da natalidade e fizeram da pílula a chancela da liberdade sexual.

Longe de expressar uma ética libertadora a expansão da sexualidade quantitativa, mecânica, genital, consumista e generalizada banuiu as relações de significação e sentido. Até o amor e as relações entre os sexos assumiram esse caráter. A grande emancipação sexual, tal como ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, foi uma tentativa desesperada de substituir o sentimento profundo de amor por um prazer sexual recíproco. Quando isto acabou em desilusão, a

¹⁵ REICH, Wilhelm. A REVOLUÇÃO SEXUAL. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1980, p. 19-20.

polaridade erótica entre os sexos se reduziu e um mínimo e foi substituída por uma associação amistosa, uma pequena combinação que amalgamou seus esforços a fim de resistir melhor à batalha diária da vida e suavizar o sentimento de isolamento e solidão que todos possuem.

A alienação entre homem e homem tem por resultado a perda dos veículos gerais e sociais que caracterizam a sociedade medieval e quase todas as sociedades pré-capitalistas. A sociedade moderna é formada por "átomos" (para empregar o equivalente grego de "indivíduo"), pequenas partículas estranhas entre si, mas que são mantidas juntas pelos "interesses egoístas e pela necessidade de se usarem mutuamente" ¹⁶.

A perspicácia ferina de FOUCAULT ainda nos fornece elementos de trágica constatação ao dizer:

"É preciso, portanto, abandonar a hipótese de que as sociedades industriais modernas inauguram períodos de repressão mais intensas do sexo. Não somente assistimos a uma explosão visível das sexualidades heréticas mas, sobretudo - e é esse o ponto importante - a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que se apoie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a manipulação de sexualidades disparatadas. Diz-se que nenhuma sociedade teria sido tão recatada, que as instâncias de poder nunca teriam tanto cuidado em fingir ignorar o que interditavam, como não se quisessem ter nenhum ponto em comum com isso. É o inverso que aparece, pelo menos numa visão geral: nunca tantos centros de poder, jamais tanta atenção manifesta e prolixa; nem tantos contatos e vínculos circulares, nunca tantos focos onde estimular a intensidade dos prazeres e a obstinação dos poderes para se disseminarem mais além" ¹⁷.

¹⁶ FROMM, Erich. PSICANÁLISE DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1970, p. 141.

¹⁷ FOUCAULT, M. op.cit. p. 49.

Assumidamente o pensador francês condena a proliferação das sexualidades como exemplo de liberdade ou revolução, como suposta mudança dos mecanismos de controle social. Neste sentido, FOUCAULT sepulta a idéia da "revolução sexual" reichniana.

A idéia de uma naturalidade frente às manifestações da sexualidade também deve ser amplamente equacionada, para não repetirmos a concepção determinista que reveste a sexualidade de caracteres instintivos retirando-lhe sua significação cultural e essencialmente humana.

Contrasta com esse ponto de vista o que vai desde Hobbes até Freud, e que supõe uma contradição fundamental e constante entre a natureza humana e a sociedade, contradição essa que é conseqüência da suposta natureza associal do homem. Para Freud, o homem é movido por dois impulsos de raízes biológicas: a ânsia de prazer sexual e a ânsia de destruição. A finalidade de seu desejo sexual é a liberdade sexual absoluta, isto é, acesso sexual ilimitado a todas as mulheres que considere desejáveis.

FROMM afirma que:

"O homem descobriu por experiência que o amor sexual (genital) lhe proporcionava o seu maior prazer e, assim, esse prazer se converteu para ele, na realidade, em protótipo de toda a felicidade." Desse modo ele sentiu-se impelido "a buscar sua felicidade cada vez mais pela senda das relações sexuais, a fazer do erotismo genital o ponto central de sua vida" ¹⁸.

Todavia, com a eclosão dos anos 80 e a descoberta do vírus HIV inaugura-se uma ruptura nesta marcha revolucionária da proliferação das sexualidades. O horizonte da AIDS, tal como ficou conhecida esta doença, marcou acentuadamente as práticas sexuais desta década, espalhando uma

¹⁸ FROMM, Erich, op.cit., p. 82.

moral de medo e controle das sexualidades humanas. Algumas versões de interpretações místicas e moralizantes imputam à expansão da sexualidade e às práticas consideradas "anormais" a causa e culpa pelo "advento" da AIDS. O discurso normativo-institucional fez da questão da AIDS uma forma de firmar os preconceitos históricos sobre homossexuais e grupos de risco, revitalizando a perspectiva controladora e repressiva. Sobre esta questão já refletíamos em 1987, quando pudemos afirmar que "importa-nos, além dos cuidados que logicamente exige a questão, manter séria vigilância para que a doença não seja o veículo, velado ou explícito, da discriminação social, dos padrões estereotipados, dos preconceitos e de toda a repressão sexual histórica. Uma coisa é considerar o fenômeno da AIDS como uma questão de saúde e de higiene social e outra é fazer destas causas a forma mais cabal do moralismo, da culpabilização social e do interdito"¹⁹.

É certo que o discurso consumista da sexualidade, que tinha encontrado vertiginosa expansão dos anos 50 aos anos 80 teve uma profunda ruptura da década de 90, em função das novas interpretações oferecidas pela Medicina e socializada pela mídia. A sexualidade passou a ser veículo da morte e a idéia de "sexo seguro" substituiu ao "amor livre".

Desta longa análise sobre a possibilidade de uma investigação crítica sobre a sexualidade resta-nos a potencialidade da resistência. Ao intervir na rede de poderes que os discursos engendram, numa dimensão de totalidade, somos capazes de denunciar e desencadear novas formas de reação. Talvez, a negação do poder de que tanto se apoderou FOUCAULT não seja a nossa perspectiva imediata, ou, pelo menos, deva ser melhor compreendida. O poder é um constructo social e pode ter finalidades distintas das matrizes históricas e hegemônicas. A proliferação dos discursos não significa a retomada da palavra.

¹⁹ NUNES, C. A. DESVENDANDO A SEXUALIDADE. Campinas: Editora Papirus, 1987, p. 78-79.

A palavra encerra a potencialidade humana e política de criar espaços sociais de mudança e transformação do mundo opaco ou opressor. Com a palavra, como sujeito, com a consciência dos limites e das estratégias da dominação será possível abrir e descortinar novas práticas, que reconstruam novos mundos.

A educação para uma sexualidade humanizada passa pelo resgate da palavra, do erotismo, do mundo social, da gratuidade do ser e da justiça no mundo das relações humanas e das relações de produção... Não compreendemos que o conjunto de propostas, estudos e programas sobre sexualidade e educação atuais contenham estas premissas. Esperamos que este trabalho venha a oferecer espaços para a colocação destas questões e a criação de renovadas formas de ação libertadora.

Esta perspectiva de ação libertadora, para nós, deve ser politicamente colocada na direção da emancipação de novas formas de relações sociais. SILVEIRA e DORAY já afirmavam, com uma originalidade própria:

"Já em 1844, Marx aludia ao processo de idealização como processo subjetivo: "Nenhuma classe da sociedade civil burguesa pode desempenhar este papel (a emancipação geral da sociedade) sem suscitar, no seu seio e na massa, um movimento de entusiasmo, um momento em que se confraterniza e converge junto com toda a sociedade, em que esta sente e reconhece nela seu representante universal, em que seus direitos são realmente as reivindicações e os direitos da própria sociedade, em que é realmente a cabeça e o coração da sociedade. (...) Para tomar de assalto esta posição emancipada, para que um dos estratos sociais passe pelo estrato social da sociedade inteira, é preciso que todos os defeitos da sociedade se concentrem numa outra classe, que o estrato social determinado seja sujeito de escândalo universal, a encarnação do obstáculo universal, que uma esfera social particular personifique o crime notório da sociedade, de forma que libertar-se desta esfera pareça ser a libertação de todas as amarras. Para que um estrato social seja por excelência o estrato social

*libertador, é preciso que, inversamente, o outro estrato seja, sob todos os ângulos, o estrato que subjuga"*²⁰.

Assim, somente delineando as formas de opressão é que poderemos construir o horizonte da utopia e a possibilidade concreta de superar todas as formas de desumanização e exploração do homem. A possibilidade aberta desta libertação dá-se pela reconstrução das categorias de pensar o homem e o mundo, numa sociedade que ressent-se da "ausência" do que é humano. Esta alienação onipotente que a todos macula e dilacera deverá ser amplamente denunciada, exorcizada, para que tenhamos a chance de desvendar novas formas de esperança de justiça social e liberdade de ser de todos os homens e mulheres, superando as perversidades com que a estrutura social e econômica capitalista nos engendrou.

A questão da escola nos parece ser uma determinação estratégica importante, pois acreditamos que o sistema escolar é um elemento fundamental para a socialização das condições básicas de humanização civilizatória. A Educação, conquanto seja a formação ampla do homem, deve ser articulada entre as esferas da socialização doméstica, que dá-se na família e é complementada pela escola e por todas as formas de sociabilidade comunitária que perpassam todas as esferas da vida social humana. A sexualidade insere-se também nesta rede de articulações. A possibilidade de um discurso crítico, de todas as formas históricas de controle e significação exploratória e perversa da sexualidade deverá ser superada pela dimensão de anúncio de uma nova forma de libertação ou liberdade, mais ampla e profundamente conectada com os destinos e obrigatoriedades de todo homem, o desejo da felicidade e convivência social livre, digna, significativa e autônoma.

²⁰ SILVEIRA, P. e DORAY, B. op. cit. p. 26.

As sexualidades livres não se medem por quantificações ou formas exóticas de alienação consumistas, dá-se pelo recurso ao sentido profundo que deve ser encontrado nas relações entre sujeitos, capazes de trocas e encontros ontológicos, que marcam a própria personalidade e a enriquecem, ao mesmo tempo que determinam e fomentam inúmeras potencialidades de ser, sentir, amar e viver.

A busca de uma fundamentação para analisar a sexualidade dentro dos referenciais da dialética, a partir do que entendemos ser a Filosofia Marxista, nos permite entrever uma perspectiva de conflito com as tantas formas de encarar os atuais discursos sobre sexo, presente na escola atual. Isto requer o bom senso para admitir que não temos a pretensão dogmática da Verdade absoluta, que não faz parte do pensamento daqueles que se pautam pela ciência honesta, mas não fugimos à determinação de apresentar os conflitos, quiçá, despidos de agressividade...

"A relação do homem com a mulher, é a relação mais natural do homem com o homem, e nesta relação aparece então, até que ponto o comportamento natural do homem se tornou humano, ou melhor, até que ponto sua essência humana se tornou sua essência natural. Nesta relação vemos, também, até que ponto as necessidades humanas se tornam necessidades humanas, até que ponto, então, o outro homem, como homem, se torna uma necessidade para o homem, e até que ponto o homem, em sua existência mais individual é, ao mesmo tempo, comunidade". (KARL H. MARX: 1984, p. 621).

5. A CONCEPÇÃO MÉDICO-BIOLOGISTA DA SEXUALIDADE

Entre as tantas concepções de sexualidade presentes no atual nível de articulação entre sexualidade e educação, temos que destacar a concepção chamada Biologista Reprodutivista. Esta visão Biologitivista e reprodutivista compreende a sexualidade numa perspectiva reducionista, a partir da interpretação médico-biológica da condição humana. Esta interpretação fundamenta-se numa visão biologista decorrente do uso do paradigma das Ciências Naturais aplicado às Ciências Humanas, próprio da cosmovisão positivista que teve larga influência na cultura brasileira recente. A interpretação biologista reduz a dimensão humana ontológica e uma concepção funcionalista, decorrente do seu fundamento epistemológico positivista, e tem como o paradigma da natureza como determinista da condição humana.

Nesta direção, o ser humano seria numa redução metodológica a um conjunto de funções e aparelhos determinados para o funcionamento biológico ou pela evolução naturalista. A interpretação biologista fundamenta-se numa antropologia reducionista que faz da "evolução natural" uma única lei, radicada na interpretação darwinista ou cientificista do século XIX. Ao focar a sexualidade, essa compreensão centraliza-se em sua dimensão procriativa, retirando da sexualidade sua significação essencial ou seja, a significação histórico-ontológica, ética e cultural. A sexualidade reduz-se então a uma discussão sobre o suporte instintivo procriativo biológico, e desta maneira trata-se de uma compreensão descritiva e controladora do que seria uma força natural supostamente instintiva ou selvagem do corpo humano.

Um dos mais conhecidos textos sobre esta perspectiva afirmava, em 1981:

*"Definimos o sexo como cada um das partes imprescindíveis para a perpetuação da espécie. Portanto o sexo é definido pela sua função na reprodução"*²¹.

Desta maneira podemos dizer que a interpretação biologista é reducionista, pois parte dos pressupostos acima descritos, fazendo com que a sexualidade seja vista como uma mera força propulsora da procriação. Esta interpretação encontra defensores nas estruturas de articulação entre a Ciências Naturais e alguns setores da Psicologia Comportamental. A sexualidade decorre então de uma força procriativa, agora com status humano, desde que não se altere profundamente a interpretação essencialmente naturalista. Nesta visão, estudar a sexualidade humana demandaria compreender o funcionamento dos aparelhos reprodutivos na evolução animal, e conseqüentemente preparar a criança e o adolescente, bem como o educador, para a descrição e a intervenção científica sobre as formas e mecanismos da reprodução.

Os livros de Ciências, os cursos e as intervenções marcadamente biologistas proliferaram na década de 70 dentro das escolas paulistas e cariocas, principalmente; era uma exigência ainda parcial para o suporte ao discurso de características sócio-culturais presentes no apogeu da "revolução sexual" e que tinham influência e espaço nos meios de comunicação e também no cotidiano da vida pública. Os modelos de Educação Sexual decorrentes da interpretação biologista tiveram uma variante absolutamente de sucesso. O discurso médico, matriz da interpretação biologista, reforça o mesmo discurso conservador e institucional presente até então na sociedade brasileira. São usadas figuras estereotipadas representando doenças e males como causados pela sexualidade

²¹ DRAGUNSKY, Luis. O MITO DO SEXO. São Paulo: Proposta Editorial, 1981, p. 15.

descomprimida. Os alarmantes índices de desconhecimento das funções sexuais básicas, acentuam ainda mais este quadro de ignorância e moralismo.

Assim durante o largo período da década de 70 e 80, o discurso médico associa-se a esta concepção biologista-reprodutiva, tratando a sexualidade como um amontoado de generalizações biológicas, descritivas, funcionalistas e profiláticas, propondo uma profilaxia de um conhecimento absolutamente descritivo e medidas restritivas e indicativas de tratamento médico, até patológico.

Estes textos alcançaram larga expansão e aceitação que perduram até o presente. Um dos textos mais freqüentes nos programas de Educação Sexual atuais é o de LIMA, H. *EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES*. A simples análise de seu índice nos permite visualizar seus fundamentos e pressupostos.

"Capítulo 1 - Anatomia dos órgãos sexuais.(...)

Capítulo 2 - Fisiologia da Reprodução (...)

Capítulo 3 - Relações sexuais (...)

Capítulo 4 - Anticoncepção (...)

Capítulo 5 -Dúvidas mais freqüentes.(...)

Capítulo 6 - Doenças sexualmente transmissíveis.(DST) (...)"²².

A configuração do livro-texto retrata sua fundamentação biologista e sua preocupação em informar a dinâmica e fisiologia do sexo, sem atentar para sua construção enquanto componente social e político.

Nessa direção podemos entender propostas que acentuavam como problemáticas temas como a proliferação das "doenças venéreas", depois chamadas "doenças sexualmente transmissíveis" e de certa maneira tornavam-se arauto das práticas medicinais que, naquele momento, alcançavam certa massificação também no espaço escolar. A visão médico-biologista perpetuava

²² LIMA, H. *EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES*. São Paulo: Editora Iglu, 1990.

também uma vinculação com o fenômeno da vida e procriação, que na tradição cultural brasileira nunca foram amplamente divulgadas e compreendidas no universo infantil e adolescente. Esta concepção médica, tornava-se variante do discurso conservador, tornando-se de certa maneira um discurso oficial que tinha por finalidade amedrontar as massas adolescentes e a juventude de ter acesso a uma prática da sexualidade, naquele momento, estimulada pela conjuntura e pelas grandes idéias dos movimentos dos jovens de então, decorrentes das chamadas Revolução Sexual pós-Guerra. Em muitas escolas e associações educacionais, Igrejas, centros comunitários o discurso médico biologista foi um amplo reforço e uma técnica de coibir as práticas sexuais tidas como permissivas e aparentemente perigosas, pois mostravam ao adolescente e jovem o "tortuoso mundo da doença", de uma sexualidade pervertida, associando à expansão da sexualidade diretamente a pena da doença ou de moléstias resultantes da proliferação de doenças. Não se tratava portanto de uma educação, mas sim de um amedrontamento institucional, pois não há vinculação direta entre expansão quantitativa de práticas sexuais e proliferação de doenças sexualmente transmissíveis. Poderemos até aponta algumas relações entre estas duas coordenadas, mas a causa básica da proliferação de doenças decorre do desconhecimento de noções e cuidados essenciais com o corpo e a sexualidade. É exatamente a educação para compreensão da sexualidade e não meramente sua expansão quantitativa que buscamos acentuar.

Esta abordagem médico-biologista, acentuadamente descritiva, também teve fundamentação na interpretação comportamentalista, decorrente da Fisiologia e da Psicologia russa do século XIX. As noções de "motivação e estímulo" e outras noções oriundas desta forma fisiocrata de entender a Psicologia Humana associando-a imediatamente à Psicologia animal, fez com que muitos dos programas e discursos médico-biologistas buscassem uma associação com a Psicologia Skinneriana do final do século passado e do início deste século.

Procurando ali uma justaposição mais "educacional" que pudesse cobrir o caráter absolutamente dogmático e conservador do discurso médico-naturalista, estas interpretações associaram sexualidade, procriação, doenças, descrições dos aparelhos genitais, e quase sempre fundamentaram discursos e práticas repressivas de educação sexual, meramente voltadas para o controle e a inibição dessas práticas.

Não se traduziram em propostas educacionais amplas, não se fundamentaram em interpretações responsáveis e subjetivas da condição humana, nem se qualificaram como propostas pedagógicas amplas, humanistas, críticas, capazes de libertar os jovens e o ser humano das imposições do mundo biológico, e de um coletivo abstrato incapaz de dar significação às objetividades dilaceradas no pós-guerra... Temos que observar que a sexualidade é muito mais do que a mera descrição funcionalista dos aparelhos de funções procriativas, é mais do que o detalhismo asséptico da genitalidade, muito mais do que a mera associação entre instinto e coletividade ou ainda, doenças e qualificação moral. Muitas das formas de entender a sexualidade até hoje abordada na grande maioria das escolas brasileiras fundamenta-se nesta concepção médico-biologista ou naturalistas-descritivas.

A concepção médico-higienista tornou-se também uma terceira variante dessa visão reprodutivista, pois fundamentava uma compreensão higienista associada às primeiras expressões da sexualidade adolescente. Nesta visão, a educação sexual deveria fundar-se em noções de higiene e procriação, noções sobre novas formas da higiene corporal, e até da higiene sexual. É curioso notar a origem desta concepção higienista, com o avanço destas instituições de saúde pública, sobrepondo-se à esfera individual ou familiar. Em muitas escolas curiosamente mantém-se até hoje programas de educação sexual centrados na educação reprodutiva, masculina e feminina, notadamente acentuando a reprodução feminina e instrumentalizando os alunos, até com recursos oriundos

de empresas, estas supostas "aulas". Passa-se aos adolescentes uma preocupação para a higiene, para o controle da menstruação, e para o funcionamento biológico e até psicológico do corpo feminino.

Estas medidas higienistas e psicologizantes acentuam fragmentariamente o discurso do controle social, saindo da esfera familiar, e a escola passa então a assumir a função orientativa extraída e usurpada da família, que hoje busca espaços no mundo do trabalho. Muitas escolas apresentam ainda hoje uma associação patente com as empresas ²³ destes ramos, mostrando para adolescentes e para crianças nesta idade, uma mera instrução higienista. É sabido que em algumas escolas representantes destas empresas similares, que atuam no setor de vendas absorventes higiênicos, preparam algumas profissionais que supostamente dão palestras de educação sexual em escolas freqüentemente com mero intuito de expandir suas vendas mercantis. Lamentavelmente muitas escolas e programas compactuam com estas associações reduzindo o que deveria ser uma ampla intervenção cultural, ética, histórica, psicológica na formação da sexualidade a um conjunto de instruções higiênicas e um virtualismo meramente descritivo das funções biológico-corporais, e até da reprodução humana masculina e feminina.

Nesta mesma interpretação há um enfoque reducionista associativo à um mundo animal e selvagem. Chegamos mesmo a definir como uma "versão agropecuária" da sexualidade. Quantas revistas, quantos livros e quantas outras formas de socializar o conhecimento estão marcados pelo suposto recurso pedagógico associativo da sexualidade humana à sexualidade animal, de porquinhos, galinhas, coelhinhos, etc... Muitos livros partem até de recursos supostamente didáticos que pressupõem uma concepção evolutiva das "sexualidades" animal e humana. Falam do pólen das abelhas, passando para as galinhas até atingir o universo humano. Cremos que embora haja aparentemente

²³ Em 1984 a empresa JOHNSON & JOHNSON apresentou-se como co-patrocinadora das palestras e eventos envolvendo educação sexual nas escolas paulistas. Mantinha duas Assistentes de Vendas nas Escolas para comercializar produtos de higiene, particularmente feminina, nas aulas de Educação Sexual.

boa intenção nesta associação metodológica, até como recurso pedagógico, esta interpretação simplista do mundo natural com o mundo humano pode também engendrar inúmeros traumas, equívocos e até preconceitos. A sexualidade humana é qualitativamente diversa da sexualidade animal, nela estão embutidos valores da comunidade humana, da história social, da economia, da cultura, e até da espiritualidade conquistada na lenta construção da identidade de homem realizada pelo ser humano na sua trajetória histórica.

Não se pode impunemente associar o mundo natural e físico ao mundo cultural e humano, é dever principalmente do educador distinguir amplamente estes muros, de maneira a deixar claro que a compreensão científico-dialética da natureza não torne o homem refém do natural, assim como não o deixa refém do determinismo religioso. Ao contrário, a um determinismo religioso, místico, supersticioso, estaríamos opondo um outro determinismo, de base naturalista, capaz de continuar submetendo a condição humana aos ditames de uma suposta ordem natural que proclamariam, de antemão ou a priori, o que é ser homem e o que é ser mulher, o que é ser normal, o que é ser anormal, o que é ser heterossexual e o que é ser homossexual.

Este axioma centrado no conceito determinista do "natural" lembra-nos a contraditória dinamicidade da condição humana, esta sim arbitrária, aberta, livre de determinismos, capaz de construir-se continuamente como diferente; de magnitude significativa ampla e universal. Temos que acentuar que a compreensão biologista naturalista em suas diferentes versões, impõe quase sempre limites metodológicos ao conhecimento dos jovens e adolescentes de sua sexualidade. É comum que estes jovens e adolescentes passem por cursos de longa e média duração estruturados sobre pressupostos biologista-descritivos, naturalistas, médico-higienistas, e nada aprendem sobre sua sexualidade, seu exigente mundo de desejos, seu dilacerante medo histórico associado à sexualidade, e nada sabem do erotismo humano historicamente encalacrados

na vontade e no desejo de ser e dar-se a conhecer. É triste e lamentável o resultado destes programas descritivos-disciplinativos, como afirmava FOUCAULT que aumenta a fala discricionária e permissiva da sexualidade institucionalizada, aumentando também o controle destas práticas, compelindo-as a um permanente confessar de nossas próprias contradições, não abrindo espaços para a vivência tensionada da sexualidade abertamente humana, livre e dinâmica; por isso mesmo arbitrária, por isso mesmo contraditória.

É lamentável para o pesquisador, constatar que os programas de sexualidade fundados numa dimensão biologistica, naturalista, descritiva e disciplinativa redundem em flagrante fracasso, não formando adolescentes, jovens para serem pessoas-sujeitos, para uma sexualidade adulta, madura, tencionadas, abertamente capaz de ampliar e articular vivências humanas significativas. Mesmo escolas onde há mais de uma década existem programas de Educação Sexual sustentados sob estes pressupostos, pode-se notar que quase nada se alterou no perfil da vivência e atuação destes jovens e adolescentes num campo existencial psicológico e até político, pois continuam pairando sobre elas as mesmas contradições e desafios de uma sexualidade, extraída de sua potencialidade humana, ou seja, alijando o desejo e o erotismo, a sensibilidade e a afetividade, a parte relacional de toda sexualidade humanizada.

Noções descritivas do aparelho reprodutor, funcionamento corporal, capacidade produtiva, potencialidade endócrina e exócrina, estrutura glandular do homem não esgotam o ser do homem, não educam para uma sexualidade crítica, humanista, significativa e responsável, necessária ao ser humano que se coloca em ampla condição de vivência social e associado ao seu semelhante.

Estes programas servem muito mais ao deleite do pensamento conservador, para a desculpa de uma intervenção mais ampla no campo ético-social e para o mascaramento de projetos subjetivos e políticos de intervenção na

sexualidade; dão aos colégios e escolas que adotam tais posturas e projetos uma aparente forma de atualidade na questão da sexualidade mas, ao mesmo tempo, não se traduzem em práticas e intervenções humanizadoras e libertadoras. De certo modo recompõe-se o tecido conservador dogmático e autoritário, sob a forma de noções higienistas e científicas sob o conhecimento corporal, a lógica que se exige de todo estudante, jovem e adolescente, é o conhecimento do corpo-máquina, do corpo-função, estudando somente sua base natural biológica. Mas não se pode reduzir o conhecimento sobre o corpo à uma dimensão funcionalista, biologista, mecânica, deserotizada e desumana. O ser humano é sobretudo intencionalidade, é "natureza que pensa", é razão histórica, é desejo, é pulsão que ultrapassa os limites descritivos do biologismo, do higienismo, do naturalismo determinista e de todas as comparações que se aliam nesta mesma direção.

O texto de MIELNIK, I. assim define esta dialética entre natureza e sociedade:

"o instinto biológico terá talvez exigências tirânicas, mas a formação moral do homem, e a melhor compreensão do funcionamento do corpo humano, terão certamente a melhor das influências, influência revigoradora, purificadora e capaz de elevar acima das contingências materiais o anseio de aperfeiçoamento moral e ético da espécie humana" ²⁴.

Compusemos, portanto, até aqui, a denúncia destas forças pedagógicas montadas com o intuito de restaurar o controle institucional dogmático sobre as mentes e os discursos dos adolescentes. Não se educa com mero conjunto de prescrições e informações. Educar é ir além dessa dimensão, educar é articular o diálogo profundo na construção de um "éthos", um conjunto de idéias assimiladas de maneira subjetiva e autônoma da realidade pessoal, social e histórica. Neste

²⁴ MIELNIK, Isaac. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E NO LAR. São Paulo: Editora Ibrasa, 1980, p. 26.

sentido a educação sexual não se reduz a um conjunto de formação biologista, psicologista, higienista, mas a educação sexual é a própria dimensão de formação da alma humana, masculina e feminina, em sua amplitude e em seu alcance histórico, político e ético.

Variantes da abordagem biologista acabam acentuando a complementaridade física entre o corpo/homem e o corpo/mulher. Insere-se, raras vezes, alguma vinculação que demande uma análise de maior amplitude que a “explicação” da “natural complementaridade” entre o sexo do Homem e da Mulher. Mas a grande maioria dos “manuais” permanecem apontando as mesmas “verdades e mentiras” do senso comum, muitas vezes meramente revestidas de uma cientificidade aparente, escamoteando o mais arguto preconceito quando não a doutrinas social mais padronizada.

Escolhemos aqui alguns trechos de um texto que tem sido muito recomendado nas escolas de Campinas, durante os anos de 1992 e 1993, retratando algumas “desinformações” que por si só ilustram aquilo que tentamos elucidar na presente discussão.

(...)“Adolescentes. O que é masturbação? É uma atividade em que se toca a genitália em busca de prazer. Trata-se de uma prática natural que as crianças descobrem espontaneamente.(...) Masturbação excessiva prejudica a saúde?

- Depende. Na realidade, a masturbação funciona como um ensaio saudável em que o adolescente se prepara para conhecer melhor o próprio corpo, descobrindo os pontos de mais sensibilidade. Mais tarde, ao vivenciar a sexualidade em sua plenitude, será capaz de dar e receber prazer de outra pessoa. Além disso, a masturbação é uma espécie de válvula de escape que ajuda o adolescente a relaxar e descarregar as tensões do dia-a-dia.

Quanto a ser “excessiva”, é pouco provável que alguém se masturbe vinte e quatro horas por dia. E, se esse for o caso, nada melhor que um diálogo aberto e franco com um médico,

professor ou alguém de sua confiança, para lhe dar a orientação mais indicada e resolver o problema. (...)E, mesmo quando estiver, é bom lembrar que, ao aprender a pilotar, nunca se entra no avião e sai voando sozinho logo no primeiro dia. O mesmo vale em relação à sexualidade. Não se deve sair por ai transando com outra pessoa e muito menos fazendo filho. Primeiro é preciso aprender a descobrir o próprio corpo, depois é importante conhecer melhor também o corpo da mulher. (...) A palavra "sexo" engloba dois grandes grupos de pessoas, com características distintas: os homens (sexo masculino) e as mulheres (sexo feminino). (...) Porém, em geral, quando falam em sexo, as pessoas se referem à união física de um homem com uma mulher. A esse contato, realizado pela introdução do pênis na vagina, dá-se o nome de relação sexual."

*"Para que serve o sexo? Observando a constituição dos órgãos sexuais do ser humano, concluímos que originalmente destinam-se à procriação. A mulher possui útero para carregar uma nova vida e seios para amamentá-la; o homem produz espermatozóides e é dotado de pênis, que introduz na vagina da mulher. Entre alguns animais, o sexo serve exclusivamente para reprodução, mas, no caso do ser humano, é praticado com outras finalidades, além da perpetuação da espécie. Existem duas formas de atividade sexual bem definidas: o sexo procriação e o sexo recreação. Em outras palavras, é possível transar para gerar filhos ou fazer amor para sentir prazer. Essa divisão é a causa de muitos problemas e temores que transformam a prática sexual saudável em algo que gera ansiedade."*²⁵

Talvez fosse oportuno avançar nos determinantes de cada uma das informações aqui presentes, mas todas elas estão subordinadas à mesma matriz, que é a visão de mundo fragmentária, que entende o sexo na dimensão procriativa e, sem fundar-se em conceitos de maior alcance, limita-se a apresentar opiniões, escamoteadas como supostos comentários decorrentes da liberdade de pensamento.

²⁵ SALERNO, R.J. 150 RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DE ADOLESCENTES. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1995. Este texto foi usado em 10 escolas da região de Campinas, sendo recomendado em Oficinas de Sexualidade, como subsídio de informação sobre Sexualidade.

6. OS DETERMINANTES FILOSÓFICOS E SOCIAIS DA CONCEPÇÃO TERAPÊUTICO-DESCOMPRESSIVA DA SEXUALIDADE

A sexualidade sempre foi objeto de debate acalorado. Foi também recorrente objeto da arte e da Filosofia. Frequentemente encontramos nas obras clássicas de Filosofia excertos de inspiração nos problemas e nas características da sexualidade de cada época. Vejamos um texto clássico de ARISTÓFANES (411 a.C) e o que ele nos evoca:

"Lisístrata: Ponham as mãos por cima da taça. Vamos, Lampito! E uma de vocês repetirá em nome de todas o que eu for dizendo. Vocês jurarão o mesmo que eu, e nosso compromisso solene será indissolúvel. Atenção! Vamos começar: "Não deixarei nenhum homem, seja amante ou marido..."

Cleonice: "Não deixarei nenhum homem, seja amante ou marido..."

Lisístrata: "...chegar perto de mim..." (dirigindo-se a Cleonice, que permanecia calada) vamos! repita!

Cleonice: (com voz sumida) "... chegar perto de mim..." Ai! Meus joelhos estão fraquejando, Lisístrata!

Lisístrata: "Ficarei em casa sem homem..."

Cleonice: "Ficarei em casa sem homem...!"

Lisístrata: "...vestida com camisola transparente e toda enfeitada..."

Cleonice: "...vestida com camisola transparente e toda enfeitada..."

Lisístrata: "...para que meu marido fique tarado por mim..."

Lisístrata: "...e não me entregarei a ele até que ele vote pela paz..."

Cleonice: "...e não me entregarei a ele até que ele vote pela paz..."

Lisístrata: "...e se, contra minha vontade, ele me forçar..."

Cleonice: "... e se, contra minha vontade ele me forçar..."

Lisístrata: "...não me enroscarei nele nem o abraçarei..."

Cleonice: "... não me enroscarei nele nem o abraçarei..."

Lisístrata: "...nem levantarei meus pés para o teto..."

Cleonice: "...nem levantarei meus pés para o teto..."

Lisístrata: "...nem farei qualquer movimento."

Cleonice: "...nem farei qualquer movimento."

Lisístrata: "...Se eu guardar meu juramento, permitam os deuses que eu possa beber sempre vinho..."

Lisístrata: "...mas se eu quebrar meu juramento, que esta taça se encha d'água!"

Cleonice: "...mas se eu quebrar meu juramento. que esta taça se encha d'água!"

Lisístrata: Todas juram?

Todas juntas: juramos !

Lisístrata: Então bebamos! (demora bebendo)

Cleonice: Ei! Beba só a sua parte! Afinal, se todas juramos, todas devemos beber"²⁶.

A obra de ARISTÓFANES pretendia sensibilizar os atenienses da necessidade de buscar a paz com os espartanos. Alias, de maneira admirável, a sexualidade com as questões políticas da época, definindo a heroína Lisístrata como a porta-voz das mulheres na busca de uma solução para o trágico conflito fratricida entre as duas cidades. Ao mesmo tempo o texto nos revela os costumes, as liturgias do sexo marital de então e nos evoca as significações entre o subjetivo e o político a que todos estamos sujeitos.

Todavia, esta dimensão histórica e antropológica da sexualidade parece distante das estruturas dominantes de reflexão sobre sexo nas Escolas. Outro modelo que aparentemente fundamenta algumas intervenções de Educação

²⁶ ARISTÓFANES. A GREVE DO SEXO. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 18.

Sexual decorre de uma fusão massificante entre uma versão banalizada da Psicologia, notadamente freudiana, e a associação com os meios de comunicação atuais. Nesta visão psicologista-terapêutica, descompressiva e massificante, associam-se elementos irracionalistas, emocionalistas, sexualistas própria do século XIX. Poderíamos pensar que estes motivos estariam radicados numa interpretação mais avançada ou até evoluída da condição humana; nossa interpretação é contrária, somos convictos da interpretação filosófico-histórica que vê surgir no século XIX uma profunda reação filosófica e psicológica ao pensamento racionalista de então.

Estas linhas filosóficas mostram ser o século XIX um tempo de confronto entre Antropologia e Filosofia, além das diferentes propostas econômicas e sócio-políticas postas no mundo de então. Cremos que, de um lado, apesar de metodologicamente distintas, estão as filosofias e antropologias humanistas e de outro constituem-se as filosofias e ciências de base empirista, que radicam-se numa interpretação da condição humana, otimista e científica, compreendendo o futuro humano e a comunidade social em diferentes sistemas, como suporte e fundamento da realidade natural e histórica. A estas antropologias otimistas decorrentes e herdeiras da tradição filosófica grega, na construção histórica das escolas alemã e francesa, opõem-se diferentes propostas metodológicas de lutas e projetos políticos que tiveram seu esplendor no século XX.

Mas é curioso observar que, em oposição às correntes racionalistas, empiristas, tivemos no século XIX o surgimento de profundas rupturas neste imaginário e quadro de valores. Uma das mais rigorosas rupturas desse período representa-se no pensamento do grande filósofo alemão, chamado de "o último dos gregos", F. W. NIETZSCHE (1844-1900), que afirma ser a Razão, a causa da traição e o engodo da civilização, e a Filosofia racional o "grande tirano dos tempos", inaugurando, assim, com um suposto domínio da vontade o retorno à filosofia grega. A sua propositura é o ideal da vontade humana, o pleno domínio

da vontade faria "saltar as pedras" e o homem seria todo poderoso se pudesse reconhecer a potencialidade da razão e o domínio da Vontade, pregando a crítica da Razão técnica e política. Este homem, desejo pulsante, vontade plena, seria o novo centro do mundo, o grande e poderoso "homem-vontade" contra toda tirania escravista, racional, religiosa, científica, positivista.

O pensamento de NIETZCHE é uma reação ao pensamento positivista que grassara na Europa, a partir da França no século XIX, alcançando até o Brasil Republicano. De um lado NIETZCHE, proclamando o fim da filosofia racionalista, exigindo o fim da tradição greco-alemã racionalista, proclamando o retorno ao sentimento, a interpretação do homem como ser "clivado" de si, subtraído de suas próprias escolhas e incapaz de alterar a realidade, ser fissurado que tivera origem na crise da modernidade, nascido de uma malogro da lógica, da razão. De outro temos outra corrente filosófica, protagonizada em Karl MARX, que prega ser o homem, aquele que constrói a si próprio num dinamismo imanente e ininterrupto. O "homem que trabalha", na visão marxista opõe-se ao "homem que deseja" nietzscheano.

Temos visto neste século a crítica sistêmica ao pensamento político econômico de MARX, já discutido no primeiro Capítulo deste trabalho. NIETZCHE tornou-se o "verdugo da razão" e se autoproclamou como profeta da vontade; esta acentuação da vontade, da emoção, da intuição, encontra em outros filósofos alemães sólidos defensores. Forma-se uma tradição "underground" com MAX SCHELLER (1874-1928), E. HUSSERL (1859-1938), KIERKYERGAARD (1813-1855), SCHOPENHAUER e outros teóricos que redundaram na filosofia existencialista de HEIDEGGER, JASPERS, CAMUS, SARTRE e outros filósofos da crítica da "racionalidade moderna" deste século XX. O pensamento marxista, com sua conseqüente antropologia e economia, tornou-se um dos humanismos mais rigorosos da tradição filosófica, mas também estará sempre privado de elementos da modernidade otimista que se constituíra no pensamento triunfante

do século XIX. Todavia como não é nosso propósito uma ampla descrição sistemática sobre estas contradições filosóficas e antropológicas, limitamo-nos a acentuar a reação nietzcheneana; NIETZCHE opõe-se ao determinismo racionalista, opõe-se ao determinismo político científico sobre o homem, derruba todas as formas de sistemas explicativos sobre a condição humana, proclama o triunfo da vontade. Ele afirma:

*"(...) quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. (...) Não há nada tão desprezível e mesquinho na natureza que, com um pequeno sopro daquela força do conhecimento, não transbordasse logo como um odre; e como todo transportador de carga quer ter seu admirador, mesmo o mais orgulhoso dos homens, o filósofo, pensa ver por todos os lados os olhos do universo telescopicamente em mira sobre seu pensar e agir. É notável que o intelecto seja capaz disso, justamente ele, que foi concedido apenas como meio auxiliar as mais infelizes, delicados e perecíveis dos seres, para firmá-los um minuto na existência, (...) aquela altivez associada ao conhecer e sentir, nuvem de cegueira pousada sobre os olhos e sentidos dos homens, engana-os pois sobre o valor da existência, (...) seu efeito mais geral é engano-mas mesmo os efeitos mais particulares trazem em si algo do mesmo caráter. O intelecto, como um meio de conservação do indivíduo, desdobra suas forças mestras do disfarce; pois este é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos, se conservam, aqueles aos quais está vedado travar uma luta pela existência com chifres ou presas aguçadas"*²⁷.

Ao lado de NIETZCHE colocaríamos a tradição psicanilítica da desconfiança da razão e conseqüentemente, da cultura e da religião. Esta tradição é representada por FREUD, em seu pensamento estimulador e questionador da modernidade. Para FREUD, o homem é um "ser que ama e trabalha"; para este homem que ama, o amar é uma incompletude, é uma frustração ontológica radical e fundante, o homem é desejo não realizado, o

²⁷ NIETZSCHE, F. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora abril Cultural, 1983; p. 45.

homem é paixão incontida, vontade desejante. FREUD, alijando-se das trilhas da busca da cientificidade, própria do positivismo, cai no seu oposto imediato, a negação da ciência e a exaltação de outra razão, outra linguagem, outra percepção. O recurso à Mitologia, o diálogo íntimo entre a variante psicanalítica e o inatismo inconsciente, fatores que hoje estariam radicalizados no sensualismo e nas filosofias pré-kantianas modernas. FREUD é portanto, a síntese da reação nietzscheana com os pressupostos positivistas do século XIX.

Como síntese, contém elementos absolutamente contraditórios e, ao mesmo tempo, propostas absolutamente originais, FREUD estabelece ser o homem esta ambigüidade insolúvel, este desejo desejante, esta tensão entre "eros e thanatos", esta pulsão entre princípio do desejo e princípio da realidade. FREUD consegue propor cientificamente, perguntas e caminhos de investigar e por em crise as principais explicações da alma humana. Sua originalidade está na propositura da categoria de "libido" como categoria vital fundamental que perpassa a sexualidade, mas não se reduz a genitalidade. Todavia, para FREUD o homem é ser desejante, ser que ama, projetado para o desejo e quase sempre, aquele que em sua existência vive das frustrações deste próprio desejar.

A concepção freudiana de homem é notadamente pessimista, oriunda e arraigada na grande tradição do pensamento trágico ou dramático da Filosofia alemã do século XIX, que teria combatido duramente os pressupostos da razão. Esta interpretação, que acentua a vontade e o desejo, dizendo "não" à razão, torna-se a filosofia subjacente da explosão da sexualidade no século XX. Confrontam-na, cientificamente, como contrapartida, a marcha do positivismo decorrente do pensamento e da contradição liberal e do materialismo dialético ou histórico, decorrentes das filosofias marxistas do século passado. O pressuposto básico desse confronto ideológico é que, a esta reação da Vontade, encontramos o pensamento trágico que estabelece uma individualidade atomizada, que

desacredita da totalidade do mundo e desencanta-se com a ação humana. O pensamento alemão, de KANT a MARX, fundou-se no conceito de totalidade e de amplitude. Ao malograr esta perspectiva, encontra-se o homem solto no espaço, no grande espaço desafiador do universo, da história, da sociedade e da própria natureza. O homem, este microcosmo insolúvel, este "deus destituído", é o grande ideário dessas reações antropológicas que logo passam do século XIX para o século XX, pela repercussão que ressoam ainda no coração do homem moderno dilacerado.

A marcha da história tornou-se política e eticamente estas afirmações constituíram a lenha que alimentou esta fogueira de vaidades antropológicas. A esta descrença no homem que ali então marcava a Filosofia corresponde a busca messiânica e soteriológica de escapismos ou salvaguardas materiais. Isto mostra-nos claramente que a Psicanálise, enquanto ciência, e a sexualidade, enquanto objeto, tinham uma origem filosófico-histórica semelhante. Embora esta origem histórica comum seja incontestável, o caminho institucional social desta união no século XX tornou-se insustentável, até por reducionismos massificantes, vulgarizações e banalizações que se fizeram em nome da tradição freudiana ou até da interpretação dos filósofos trágicos do século XIX.

Queremos acentuar, outrossim, que o recurso à sexualidade, variante da tematização da Vontade e a cristalização da questão sexual, própria do século XX e do pós-guerra, não encontra raízes ortodoxas no pensamento freudiano. Para FREUD, é claro, a sexualidade é uma força motora da própria cultura, não é uma mera distinção sexualista do ser humano, seu conceito de libido é força propulsora da contradição humana e como tal está presente no homem moderno dilacerado. No entanto, lembremo-nos principalmente no século XX, da marcha histórica que se acentuou no transcorrer do desenvolvimento conexo do capitalismo.

O capitalismo, suas forças produtivas, ideológicas e institucionais, depois das grandes tensões entre as duas guerras mundiais, do Fascismo e do Nazismo, dos grandes acontecimentos trágicos deste século, encontrara desafios inequívocos para sua expansão, além de outras maturações políticas e econômicas. Temos clareza da relação simbiótica entre expansão do capitalismo e triunfo de uma forma de globalização mercadológica, tipificada pelo poder das comunicações de massa, na lógica de mercado do pós-guerra. O capitalismo necessitava de uma nova ideologia expansionista, de novas significações, de novas formas de ampliação do seu universo imaginário, capaz de oferecer aos homens e a si próprio uma nova rede de legitimidade e identidade sobre a vida. Tememos o perigo da vulgarização, mas acreditamos que após o significado da segunda guerra mundial para a Europa como um todo, e para o mundo de então, a sexualidade passou a ser a bem-aventurança deste capitalismo dilacerado.

A crise dos paradigmas políticos, capitalismo e socialismo, somada à crise dos paradigmas e matrizes científicas presentes até então, sucedeu-se a uma crise dos fundamentos da vida pessoal e institucional; família, exército, amor, utopias, pátria, religião, razão, trabalho etc.

A Guerra Fria proporcionava, naquele momento da realidade pós-guerra, uma tensão nos horizontes do futuro do mundo; o stalinismo obstruía qualquer utopia na direção de um socialismo revolucionário, tal como herdara-se da tradição socialista do século XIX e a fome, os desajustes sociais, o imperialismo a miséria, tipificadas em conflitos como as guerras do Vietnã, a questão Asiática, a realidade da África e a emergência do Terceiro mundo negavam todo e qualquer otimismo com relação a expansão capitalista.

Tivemos então um bloqueio estático, tememos então uma perda das utopias históricas e uma descrença profunda na razão, típica situação de crises

estruturais, capaz de engendrar, além de um pessimismo sobre a vida, um presentismo imediatista muito comum e muito adequado.

Neste horizonte teórico, vivemos um modelo de capitalismo que, para a reprodução de uma sobrevida, necessitava de uma ideologia muito ampla e sedutora. A inusitada expansão dos "mass media", o progresso tecnológico nos campos da comunicação humana denunciada como uma expansão física - o capitalismo construiu um calabouço de novas redes de comunicações, televisores, satélites que alimentavam cada vez mais o poder comunicativo e a globalização do mundo, - diminuindo as distâncias físicas e alimentando dilaceradamente as distâncias ontológicas dos seres humanos. A esta sobrevida chamamos consumismo, globalização, monopolismo, que para acentuar sua hegemonia de maneira tão radical não hesita em usurpar do movimento feminista e do movimento de juventude protagonizado na "revolução sexual", de maio de 68, conquistado com a grande revolução de juventude na música, no rock e suas manifestações, na Europa e nos Estados Unidos. Esta revolução dos costumes perfazia uma síntese que se configurou numa concepção do mundo própria e conjuntural da época. A revolução sexual que a Europa vivenciara como uma variante da libertação humana, tornava-se a negação das transformações dos papéis sexuais, mas uma compensação imediatista, potencialmente capaz de ser explorada pela ansiedade da época.

SARTRE tornou-se o grande filósofo, aquele que, com coragem, fez a contabilidade da razão decadente e da tragédia da modernidade. O filósofo considerado pessimista faz o discurso do homem como um "ser para a morte", ao mesmo tempo que acentua a necessidade de um "carpe diem" exigente. A esta imediatidade o consumismo responde com a bem aventurança da felicidade no consumo, na sexualidade, nos carros, no cigarro, nos objetos que formam a iconografia da mercadoria e a epifania do prazer. Amplia-se a alma humana para o mundo material dos objetos e coisas, num processo avassalador

de desubstancialização do ser e fetichização do ter... diremos então que a Psicologia de massa e a terapia tecnológica acentuam-se como formas muito mais de disciplina soteriológica do que outra coisa. O consumismo de coisas e pessoas...

Programas de televisão, colunas de jornais, desde colunas de jornais de tradição mais vulgar até às principais editoras e revistas, acentuam um discurso confessional exemplar sobre a sexualidade. O recurso é quase sempre aos fundamentos da Psicologia e ao senso comum dialógico, uma espécie de mistificação do que seja dialogar. Expressões como "abrir a palavra", "descomprimir as práticas", estão na mesma linha de atuação. Estes discursos ou formas de compreender a explosão da sexualidade são variantes da lógica capitalista, mantêm-se na mesma interpretação ou tradição, não acrescentam nenhuma outra significação existencial ou política à uma sexualidade consumista e presa aos ditames da compensação orgástica atual.

Teremos que reconstituir os diferentes caminhos teóricos e históricos de construção desta vertente. Uma das grandes tradições teóricas usadas para a estruturação dessa visão terapêutica-descompressiva, fora exatamente o pensamento de Wilhem REICH (1897-1957) dissidente da escola freudiana clássica que alcançou autonomia intelectual nos anos 50, com a fusão de pressupostos marxistas aos conceitos de FREUD e da Psicanálise. Pregador da expansão orgástica, produziu um pensamento original capaz de fundamentar teórica e cientificamente a necessidade do prazer como distinção humana. Serviu como referência aos preceitos da pós-modernidade dos anos 60, como pensamento autorizativo, como chancela da descompressão das práticas tradicionais que até então se mantinham no horizonte institucional procriativo da família burguesa. REICH acentua a "função do orgasmo" de forma ampla, busca nova significação do prazer e massifica o pensamento freudiano, sendo conhecido pelas intervenções que tivera no universo significativo do pós-guerra,

tanto pelo exílio que lhe é reservado na meca do capitalismo, Estados Unidos na década de 40, fugindo do espectro nazista.

Wilhem REICH, na propositura da " função do orgasmo" e discussão sobre a necessidade orgástica como distensão da condição humana fornece, no campo das significações de ordem sexual-afetiva, os componentes da ideologia 68, aquela que procura liberar os corpos como distinção e como compensação da liberdade e da utopia dilacerada e perdida pela conjuntura política ética sociológica de então.

REICH afirma:

"A saúde psíquica depende da potência orgástica, isto é, da capacidade de entrega no auge da excitação sexual no ato natural. (...) a doença mental é o resultado de uma perturbação na capacidade natural para o amor. No caso de impotência orgástica, de que uma vasta maioria dos seres humanos sofre, a energia biológica é bloqueada, tornando-se assim, fonte de todos os tipos de comportamento irracional" ²⁸.

A liberação sexual é uma variante da crise da modernidade burguesa, a liberação sexual vista em si, é um motor estimulativo do capitalismo consumista que rapidamente percebe a força vital acumulada numa sociedade de repressão sexual, que transforma o corpo do homem e o corpo da mulher em formas cabais de mercadolatria, de corpolatria e de venda de todos os produtos capazes de compensar a frustração existencial e de tornar-se a compensação ontológica pela quantificação de práticas sexuais.

No Brasil, este fenômeno se dá atravessado por outras contradições, vivíamos aqui uma ditadura militar consoante com o desenvolvimento das forças políticas e econômicas do capitalismo tardio entre nós, todavia a massificação feita por um modelo de televisão alcançou plenos efeitos, até hoje visíveis.

²⁸ REICH. W. A REVOLUÇÃO SEXUAL. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1960, p. 107.

Como ilustração, apresentamos aqui alguns textos, frequentemente usados em aulas de educação Sexual de crianças e adolescentes, que acreditamos estarem situados neste horizonte de compreensão da sexualidade como sinônimo de prazer e gratificação. Não discutiremos o alcance destes conceitos, pelo caráter exigente de uma reflexão deste porte, obrigando a constituir elementos e categorias de uma crítica aos fundamentos ideológicos de cada discurso e seu contexto. Os textos que apresentamos, à título de ilustração, marcam a “evolução” dos manuais de “orientação” para pais e educadores e que guardam a mesma raiz dos programas de descompressão das falas sobre sexualidade, vigentes na televisão brasileira dos anos 80.

“Guia dos pais e professores. (Este guia não deve ser lido por crianças. Destina-se exclusivamente a adultos) CARMEN DA SILVA., José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1968.

Os filhos, futuros pais. Não se trata apenas de incluir no currículo escolar uma série de noções sobre a mecânica do sexo: estas são necessárias mas não bastam, pois o sexo é, acima de tudo, uma relação com o outro. (...) Seu objetivo, mais modesto, portanto mais realista, é ministrar educação sexual precisa e acessível à inteligência infantil, na seqüência lógica e no tom adequado: nem frívolo nem solene, nem frio nem dramatizado em excesso. Se o aspecto visual da obra, moderno e bonito, vale por uma lição de estética, isso vem “de quebra”. (...) Mas a informação, seja sexual, seja de qualquer outra índole, é como um medicamento: tem sua hora, sua dose justa, suas “instruções para uso”, suas contra-indicações e seus bemóis. Desdenhando-se esses dados, corre-se o risco de neutralizar suas vantagens ou até de torná-la nociva. E é aqui que entra você. Você, mãe de família, empenhada em fazer o melhor por seu filho, não somente para ficar com consciência em paz mas sim para acertar. Cabe a você por em ação seu critério, seu senso de oportunidade, suas atitudes formativas (e não apenas informativas), sua Inteligência, sua sensibilidade, seu carinho materno. Se sua intenção é reduzir a educação sexual de seu filho à leitura de textos, mesmo excelentes como o que ora apresentamos, podemos garantir que seus propósitos não coincidem com os nossos. (...) A educação, por sua vez, dirige-se à pessoa total: sua razão, suas emoções,

seus instintos; ela abarca e sedimenta as noções intelectuais, permitindo sua elaboração em profundidade, sua conversão em experiência, em vivência. (...) Até o período de latência, quando vocês informam seus filhos sobre sexo, o mais importante não é propriamente o conteúdo da informação em si, senão o que ela implica em matéria de comunicação e confiança”²⁹.

Apesar de um “guia de orientação” aparentemente didático e fundamentado, o texto teórico do livro apresenta lacunas que ainda hoje demandam análise mais cuidadosa, no sentido de reproduzir os estereótipos sexuais mais comuns.

“(...) Assim como a mãe e o pai dos cachorrinhos tomam conta de seus filhotes, os pais e mães das criancinhas também tomam conta e gostam muito de seus filhos. (...) Você sabe de onde vêm os bebês? (...) A vida dos bebês começa do mesmo modo que a vida dos pintinhos e dos cachorrinhos. Um espermatozóide do pai junta-se a um óvulo da mãe. (...) Os espermatozóides, que vêm dos testículos do pai, são postos pelo pênis dentro da mãe. Para fazer isso, o pai e a mãe se deitam um de frente para o outro e o pai põe seu pênis dentro da vagina da mãe. (...) Quando o pai e a mãe fazem isso para criar um filho, seu ato é bem diferente do das plantas e dos animais, porque pai e mãe são duas pessoas que se amam”³⁰.

Destinado a crianças com 4/5 anos de idade, podemos afirmar que o texto não leva em conta os próprios preceitos pedagógicos que exige em sua orientação prévia. A inteligência e a sensibilidade da criança, longe de compreender a complementaridade genital mecânica da descrição, que possui registro sensorial de experiências de dor e sofrimento com eventuais introduções de objetos em seu corpo, não tem, cremos nós, condições de inferir a afetividade aventada de tal propositura longínqua para as categorias de seu pensamento e afetividade mitológico-intuitiva e egocêntrica.

²⁹ ANDREW, C.A e SCHEPP, Steven DE ONDE VÊM OS BEBÊS. Rio de Janeiro: José Olympio Editora., 1968, p. 3-5, 29-31.

Este livro encontra-se em sua 81ª Edição, tendo sido o maior sucesso editorial nesta área por toda a década de 70 e 80. De inspiração norte-americana, trata a sexualidade infantil numa perspectiva de comparação com a sexualidade animal.

³⁰ Idem, p. 32.

Um segundo texto, destinado aos pais e educadores, amplia o horizonte informativo e a perspectiva de compreensão da sexualidade como prazer, publicado no Brasil em 1986, de um *best sellers* norteamericano de 1983. Um de seus trechos mais significativos afirma:

“O domínio dos fatos da sexualidade aliado a um conjunto de atitudes não opressoras e regidas por princípios, que direcione nosso comportamento, é o que necessitamos para desfrutar de nossa sexualidade e para respeitar a sexualidade de outros. Não havendo isso, podemos ferir-nos e aos outros. Se quisermos diminuir as tragédias sexuais de que todos nós temos conhecimento, não apenas entre adolescentes mas também em nossa vida adulta, devemos aprender a falar sobre o assunto desde cedo - com facilidade, calor, de modo apropriado e racional e, especialmente, com carinho - com nossos filhos. (...) A criança nasce sexuada. Este é um traço tão característico do ser humano como as capacidades inatas para andar com postura ereta e para falar. Recebemos com prazer e estimulamos a criança a desenvolver sua capacidade de andar e falar, porém o mesmo não acontece com relação a esse outro aspecto humano da criança, sua capacidade inata para o puro prazer sexual. Ainda assim, essa capacidade também necessita de orientação e apoio para uma evolução saudável.(...) O desenvolvimento inicial da sexualidade se apoia em dois tipos de experiências. A primeira delas é a de ser segurado, afagado, acariciado -- aprendendo sobre a sexualidade da cobertura do corpo. O contato físico é uma parte importante desse aprendizado -- Quando o bebê está sendo amamentado ou nu após um banho, na hora de trocar de roupa ou simplesmente quando você deseja partilhar dessa experiência com ele. Os bebês precisam ter a oportunidade de se aconchegar a outras pessoas além da própria mãe: pai, avós, irmãos mais velhos, e quem quer que tenha tempo e energia para cuidar dele com carinho.(...)O que tem tudo isso a ver com a sexualidade? Tudo. É através da ligação que o sentido de confiança começa a ser estabelecido como base para bons sentimentos que continuarão a se desenvolver entre o novo bebê e os que dele cuidam. A capacidade para intimidade e confiança estabelecida na infância repercutirá anos depois na capacidade de intimidade e confiança em um relacionamento amoroso. (...) O prazer que a criança obtém da masturbação não deve ser simplesmente ignorado. Deve ser positivamente e claramente

conhecido pelos pais. Caso contrário, o respeito próprio da criança, assim como sua imensa capacidade de pensamento lógico e ação, estarão tolhidos”³¹.

Se estes textos despertam nossa estupefação, imaginemos o alcance dos seguintes diálogos apresentados no livro, como sugestão de uma abordagem emocionalmente plenificante da masturbação ou manipulação infantil:

“Eu estou contente que você sinta prazer em tocar no seu clitóris (ou pênis). É assim que é para ser.” Assim como o primeiro passo como pai ou pessoa que lidam com crianças, foi aceitar que estas são seres sexuais, agora seu grande passo será aceitar como as crianças são seres sexuais. Isso o trás a uma confrontação direta com o assunto da alta-satisfação, o que pode ser bastante desconfortável para você, dependendo de como você foi tratado a este respeito pelos seus próprios pais. Pode ser que você não se lembre de situações específicas, porém elas podem ter sido algo como: “Isto é feio” “(ou sujo” “ou pecaminoso)” “Que eu não o agarre fazendo isto de novo!”. Por medo você obedeceu: nunca mais deixou um adulto “agarrá-lo”. Mas isto fez com que você parasse? Se não, como você se sentia com repetição daquilo que você mesmo sabia ser inevitável? E a sensação de culpa? E mesmo que devido à ordem você tenha parado, que repercussões isto teve na sua vida sexual adulta? (...) Se você conseguir reprimir completamente a masturbação do seu filho, ele poderá substituí-la por condutas indesejáveis tais como urinar na cama, chupar o dedo ou roer as unhas. Mais importante, porém, ao interromper o desenvolvimento sexual da criança, você poderá estar criando problemas para seu posterior desenvolvimento como uma pessoa responsável e consciente, que aprecia a experiência sexual através de uma relação madura.(...)Os jogos sexuais entre crianças do mesmo sexo ou do sexo oposto ocorrem de maneira adequada durante a infância sem danos aparentes, exceto quando os adultos os transformam em algo demasiadamente importante.(...) A masturbação é parte valiosa e esperada da vida sexual, desde o início até o final dos nossos dias. Sua fase mais importante ocorre durante os primeiros meses e anos do nosso desenvolvimento, porém nunca

³¹ CALDERONE, M. S. RAMEY, J. FALANDO COM SEU FILHO SOBRE SEXO. São Paulo: Summus Ed., 1986, p. 11, 15, 19-21, 32-33, 39-40, 94).

chegará a perder sua importância e utilidade durante toda a vida até a velhice. (...) A única coisa que sabemos com certeza a respeito da homossexualidade é que não a conhecemos o bastante. Existe alguma evidência, ainda que pequena de que a família participa "agindo" de forma a causar esta preferência sexual, mas por outro lado, ninguém ainda forneceu um argumento convincente de que ela pudesse ser hereditária. Muitos especialistas acham que a homossexualidade se desenvolve antes dos oito anos de idade. Outros acreditam que em nossa sociedade as pessoas são excessivamente rotuladas e que, sem a pressão social para que alguém "decida" o que é provavelmente muitas pessoas estariam perto de ser bissexuais; isto é, teriam algumas experiências homossexuais sem serem levadas a pensar que isto as torna "diferentes" ou que devem adotar um estilo especial de vida devido às suas experiências sexuais. De fato, muitas pessoas passam por uma "fase" homossexual. Outras são aparentemente bissexuais, seja por períodos curtos ou durante toda sua vida"³².

Outro texto que trabalha a mesma perspectiva de transmitir ou tornar-se interlocutor de uma abordagem mais gratificante sobre sexualidade é o texto CEM DÚVIDAS SOBRE SEXO....Que você gostaria de resolver - produzido no fim da década de 80 e inícios dos anos 90 em São Paulo por um grupo de médicos e profissionais liberais, com pressupostos semelhantes aos anteriores. Observemos os fundamentos de seu discurso presentes nos seguintes fragmentos, selecionados por sua representatividade ideológica:

"Nosso propósito é estimular mais pessoas a usufruírem os benefícios do desenvolvimento afetivo e sexual. Que tenham acesso ao prazer. Desejamos, acima de tudo, que o leitor se torne o feliz conquistador do território desconhecido de seu próprio corpo.(...) Para começar, lá vai uma dica: ignore as normas, desde que os direitos de seu parceiro sejam respeitados. Seja, a um só tempo, desabusado, conversador e compreensivo. O resto resume-se a tentar melhorar e... conseguir. Bom proveito! Moacir Costa. (...) A masturbação, através da excitação do clitóris, serve para a menina descobrir a

³² Idem, p. 32-34, 94.

anatomia de seu corpo e de seu órgão genital. Ela aprende a trabalhar sua erotização e a intensificar as formas de obter maior gozo. (...) A masturbação não faz mal à saúde. Homens e mulheres podem se masturbar à vontade. (...) Por causa disso, reafirmamos: a masturbação é uma prática sexual normal, comum, que não causa mal à saúde e é usada pela maioria das pessoas como uma opção a mais de prazer. Vale praticá-la sozinha ou com seu par. (...) Você é daquelas pessoas que acham que a masturbação pode fazer mal ao pênis ou aos órgãos genitais? Isso também não é verdade. Se você se masturbar e ejacular muito, o máximo que lhe pode ocorrer é seu pênis ficar dolorido, de tanto ser esfregado. E só. (...) A menstruação não provoca qualquer situação de risco para a mulher. Ela pode desempenhar suas atividades normalmente. Inclusive as sexuais. (...) Se você e sua parceira acham que está tudo bem e se sentem à vontade, não existe nenhuma contra-indicação. Esse é, aliás, um período ideal para quem quer ter relações sexuais com riscos mínimos de engravidar”³³.

Tais textos ilustrativos nunca atingiram a Escola. Limitaram-se a serem alardeados, mas não foram assumidos como subsídios institucionais de programas curriculares ou de extensão, na estrutura escolar. São textos que ainda provocam polêmicas, quer pela forma aparentemente simplista de focar a sexualidade, quer pelo rigorismo formal da instituição escolar. Entendemos que o conservadorismo presente nestes textos reflete a própria concepção conservadora dos pais e a tradição igualmente reacionária, do nosso país.

A ação pioneira de Educação Sexual na Escola deu-se com um grupo de atuantes educadoras e ativistas do movimento feminista no Rio de Janeiro e em São Paulo, nos anos 70 e no transcorrer da década de 80. C. BRUSCHINI, H. STUDART, ROSE MARIE MURARO, AMÉLIA G. CASTRO, entre outras personagens marcantes, traduziram, para a época, os limites da Revolução Sexual, encetada uma década antes. Mas a escola brasileira vivificava um duro período de repressão, amordaçada pelo regime militar. Foram as instituições da

³³ COSTA, M. e outros. CEM DÚVIDAS SOBRE SEXO. São Paulo: Ed. Gente, 1993, p. 14-15, 17, 19, 21.

sociedade civil, Igreja, universidades, associações e sindicatos que iniciaram o debate sobre os discursos de uma Sexualidade Livre.

Rompidas as estruturas de censura e exceção, a televisão, ainda que sob o controle da ordem, alterou comportamentos e mentalidades. A música, os programas de jovens, as “jovens tardes de domingo”, embaladas por uma Jovem Guarda domesticada e comportada, o Brasil acalentou o “milagre econômico” com o sonho do consumismo e as ilusões novelescas e românticas.

As músicas e canções alternativas constituíram caminhos bem diversos do sucesso inusitado dos que cantaram o limite do permitido. ELIS REGINA, rompendo a década de 80 com sua morte estúpida tinha consagrado, até bem pouco tempo antes de morrer, a memorável canção do cearense BELCHIOR que dizia: “Minha dor é perceber, que apesar de termos feito tudo o que fizemos...ainda somos os mesmos, e vivemos, como nossos pais...”³⁴.

Se a música de protesto não veiculava mais ao mundo alternativo, ele passou a ser mais presente na televisão, a sacralizadora maior da ordem vigente. A década de 80 viu surgir seriados com temáticas arrojadas, destacando-se o “Malú Mulher”, dirigido por Daniel Filho e protagonizado por Regina Duarte, que recusara, de público, o título de “namoradinha do Brasil”, para avançar na arte “engajada”, das peças de época.

Foi quando a sexóloga MARTA SUPLICY consagrou um quadro definitivo sobre sexualidade, nos meios de comunicação de massa, dentro da programação diária de TV Mulher, um programa que nascera na esteira do estrondoso sucesso do seriado global.

Quando a sexóloga M. Suplicy, nos anos 90, adentrou para o mundo do debate entre Educação Sexual Escolar e Sexualidade, ao nosso ver, não alterou as referências que detinha para o trabalho de mídia, que é de natureza

³⁴ COMO NOSSOS PAIS, Composição de Belchior, cantado por Elis Regina em 1979. Tornou-se a música-símbolo dos anos 80.

completamente diversa do enfoque institucional escolar. Os textos que apresentamos são desta fase escolar de atuação do grupo criado ao redor de sua concepção, baseada na Psicologia Freudiana e na acentuação liberacionista e feminista dos anos anteriores.

(...) A principal influência recebida desde a infância é a atitude dos pais frente à sexualidade. Já na gravidez começa a função educativa dos adultos, uma vez que sua experiência para com a criança-- "será menino? será menina?"-- influenciarão o comportamento sexual futuro dele.(...)Uma família que não demonstra afeto, que não se toca, que não dá atenção às inquietações da criança, que reage agressivamente a toda cena sensual que apareça na TV, está ensinando que o sexo é feio, sujo e proibido. Já uma família que trate a sexualidade de forma mais positiva, transmitirá esse valor aos filhos. A partir daquilo que a família provê, de sua carga genética e da sociedade na qual convive, a pessoa vai fazendo suas experiências e escolhas.(...) Já a Orientação sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos.(...)Um espaço privilegiado é certamente a escola, já que a Orientação Sexual é uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos e permite a ampla liberdade de expressão, num ambiente acolhedor e num clima de respeito. Vínculos significativos entre alunos e professores podem originar, para além de aquisição de informações, efeitos psicológicos tais como uma maior consciência de sua autonomia pessoal e, ao longo do processo pedagógico, uma melhor compreensão dos movimentos políticos e culturais envolvendo a sexualidade.(...) Mediante um trabalho de Orientação Sexual sistemático, é possível ajudar a juventude a se sentir sexualmente madura para fazer escolhas motivadas por amor e carinho pela outra pessoa, livres de vergonha ou culpa e minimizando o risco de uma gravidez indesejada ou de doenças. (...) É função do Estado proporcionar à sociedade informação e orientação sobre sexualidade, bem como o acesso aos meios de anticoncepção. A Orientação Sexual deve integrar o currículo das escolas públicas e ser objeto de treinamento dos professores. Os postos de saúde devem incentivar grupos de discussão sobre

sexualidade, anticoncepção, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e relações de gêneros, devem ser incentivados pelos postos de saúde. (...) Fugindo à sua responsabilidade, a escola se conforma com que o aluno se mantenha desinformado e enredado em tabus e preconceitos. Não surpreende que haja tanta infelicidade na vida sexual e afetiva das pessoas. Se a escola -- justamente o lugar onde a sexualidade se manifesta como um dos maiores interesses dos alunos -- se omite, o resultado é um quadro crônico que já vem de longe, mantido pelo binômio desinformação/insatisfação. (...) É função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades. Ao promover intenso debate entre jovens e fornecer informações corretas, a Orientação Sexual na escola dá oportunidade ao adolescente de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como partilhar suas preocupações e emoções. (...) É fundamental que o orientador tenha uma atitude positiva frente à própria sexualidade, que seja capaz de tratar com naturalidade as questões levantadas. Conduzir bem os debates, criar oportunidade de expressão, ajudar a refletir, questionar os próprios problemas e incentivar a troca de opções são desafios permanentes no dia a dia da sala de aula. No decorrer dos encontros de Orientação Sexual, essas experiências serão incorporadas e valorizadas pelo orientador. (...) Ao longo desses momentos, normalmente a família se constitui num lugar de tensão e conflito. Se, por um lado, existem os questionamentos do adolescente, por outro, os pais encontram dificuldades em aceitar a crescente autonomia que os jovens vão conquistando. Assim, o adolescente busca outros adultos que possam ajudá-los a tornar-se o adulto que ele pretende ser. (...) Da mesma forma que recém-nascido precisa de cuidados de algum adulto pois a mãe está exaurida pelo parto, o adolescente precisa de outros cuidados, diferentes dos prestados pela família. Aqui a escola e seus profissionais desempenham um papel fundamental. A escola é um lugar privilegiado, de ajuda em potencial, porque o aluno não está aí apenas por um dever moral ou obrigação social, mas há também um motivo interno: o desejo de saber. A energia que origina a curiosidade sexual (na primeira infância) vai se diferenciar e se transformar no desejo de saber, o que resulta no prazer de adquirir conhecimentos. Isso inclusive pode expressar-se através do intenso questionamento realizado pelos jovens na escola. (...) O uso do conceito de gênero nos auxilia a refletir tanto sobre a

discriminação da mulher como sobre o preconceito diante da homossexualidade, passando pelas relações de poder e pela desvalorização do trabalho feminino. O resultado dessas reflexões talvez possa contribuir para a superação da desigualdade de gênero e, de forma mais ampla da desigualdade social. (...) A discussão das relações de gênero é fundamental na Orientação Sexual com adolescentes, pois diz respeito à identidade própria e às relações com outro. (...) Os valores podem e devem ser debatidos. Valores são normas, princípios e crenças que as sociedades formulam para orientar o comportamento de seus integrantes. Os encontros de Orientação Sexual não devem ter como objetivo a mudança de valores dos jovens, pois nesse terreno não existe o certo e errado. O fundamental é colocar em discussão todos os pontos de vista para que o jovem tenha condições de assumir uma posição de forma mais consciente.(...)”³⁵.

³⁵ SUPLICY, M. e outros. SEXO SE APRENDE NA ESCOLA, Ed. Olho D'Água, São Paulo, 1995, p. 7-11, 33, 61, 97-100. O Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) foi convidado em 1989 pelo professor Paulo Freire, então secretário municipal de Educação da cidade de São Paulo, durante a gestão Luíza Erundina (1989-1992) para implantar um projeto de Orientação Sexual para adolescentes nas escolas da rede. O desenvolvimento desse trabalho se deveu à colaboração da Fundação John and Catherine MacArthur.

7. A SEXUALIDADE NA ABORDAGEM NORMATIVA- INSTITUCIONAL

Um terceiro aspecto a ser observado sobre a sexualidade numa dimensão pedagógica é a proliferação dos discursos normativos. Tal proliferação dá-se sobretudo, pelo predomínio de uma compreensão da sexualidade calcada sobre os critérios da ordem e da conservação institucional. Fora precisamente este o cerne da "incitação ao discurso para administrar e controlar" que nos advertia FOUCAULT. Este discurso quase sempre, encampa as teses conservadoras presentes na cultura patriarcal brasileira e traveste-se de "orientação" ou de normatização para as novas gerações, realizada de maneira tradicional, através principalmente da Igreja e da Escola.

Entendemos que a família, instância normativa primeira, não tem hoje a potencialidade de conteúdos e método para dar conta deste enquadramento primeiro, sofrendo um profundo abalo no seu discurso normativo. A família, enquanto instituição, hoje recente-se de uma mudança em seus papéis institucionais tradicionais; se por um lado é a família que constitui o núcleo socializador primário criando a padronização comportamental, fundamentando a reprodução dos papéis sexuais e organizando a aquisição da linguagem sob o imaginário comum, de outro lado a família recente-se da presença cada vez mais influente de outras agências sociais, entre as quais destaca-se a estrutura dos "mass media", que passam a enquadrar comportamentos, a exigir respostas que anteriormente eram relegadas quase que exclusivamente, ao núcleo da família. Em que pese o papel formativo e enquadrador da instituição familiar, percebemos hoje uma insuficiência no exercício de sua função social, para a organização das estruturas normativas sobre o campo da sexualidade.

Apontamos o destaque da mídia e, da própria sociedade globalizada, que desencadeia diferentes intervenções sobre a construção do imaginário infantil e adolescente, na sociedade de massa, construindo apelos e respostas que superam ou ultrapassam os limites do núcleo familiar primário. Mesmo nas famílias que mantêm as estruturas mais tradicionais, e ainda que, com o concurso da mídia, socializando situações fragmentárias que expõem a sexualidade ou o discurso sobre sexo de maneira clara e evidente, há uma ausência de informações básicas sobre sexualidade humana, dada a história cultural da família patriarcal vigente em nossa tradição colonial.

A explosão de discursos e exposições da sexualidade corresponde a uma proliferação de posturas consumistas e absolutamente despidas de uma organicidade ética e política que venha a oferecer respostas alternativas aos anseios da família tradicional. A família trancada em seu papel normativo e, ao mesmo tempo despida de discursos, capitula frente a uma sociedade multifacetada pelos meios de comunicação contemporâneos. A família não fala sobre sexo às crianças; quase sempre os seus discursos são indiretos, embora tenham papel fundamental na construção e organização dos papéis sexuais.

A família, pelo conjunto e comportamento esperado das crianças, ao menino e à menina exige e reproduz adequadamente os papéis tradicionais, todavia, em que pese a rigidez destes papéis institucionais, a família não sustenta claramente uma organicidade ética, ou até não é capaz de manter os padrões mais conservadores ou morais da vivência sobre sexualidade frente aos discursos da mídia e aos apelos da sexualidade consumista.

SNOEK observa que a definição de novas instituições para delimitar e controlar as sexualidades oficiais e marginais passam a ampliar o controle social da mesma e a eximir a proeminência da instituição familiar de fazer esta tarefa fundamental, a de definir os papéis sexuais e coordenar o acesso ao

mundo normativo. Ao resgatar estas coordenadas, situando-as na história, SNOEK apresenta a proliferação de campos de saber e de legislar sobre as sexualidades das crianças:

"A partir do séc. XVI, portanto paralelamente ao processo de puritanização, começam a surgir as faixas etárias: no séc. XVIII o mundo da criança já está bem definido. No séc. XIX se estrutura a faixa dos jovens-adolescentes, com os internatos para eles e elas, separadamente. É fácil compreender que o sexo, já um pesadelo para os adultos educadores, seja ignorado ou até hostilizado nos estabelecimentos educacionais. A religião foi também instrumentalizada na repressão de qualquer manifestação sexual. O pecado por excelência, se não o único, passa a ser o pecado do sexo. No dizer dos pregadores, o inferno estava povoado quase exclusivamente por aqueles que tinham cometido pecado contra a castidade, ainda que fosse apenas em pensamento. O grande controle deste comportamento foi exercido através da confissão. O Concílio de Trento decretou que todos os pecados mortais deviam ser confessados, mesmo os mais secretos e vergonhosos. Com o passar do tempo, este clima vai gerar danos e criar situações humanas deprimentes, constrangedoras. Destrutivas mesmo"³⁶.

As mudanças sobre a família institucional e tradicional deram origem ao conceito de "família moderna". Este conceito esteve em uso nas Ciências Sociais de inspiração pragmática, nos anos 60. Todavia, mais do que explicitar as diferenças conceituais entre estes supostos contornos de diferenças entre as famílias mais tradicionais, com traços estruturais do patriarcalismo, com específicas formas de poder para o homem e para a mulher, com definições claras sobre os filhos e sua hierarquia de deveres e funções e as famílias modernas, onde um novo papel da mulher, sua conseqüente inserção no mundo do trabalho, as novas instituições de socialização das crianças, a separação de estruturas mais hierarquizadas de dependências sócio-afetivas, pretendemos aqui

³⁶ SNOEK, J. ENSAIO DE ÉTICA SEXUAL. São Paulo: Edições Paulinas, 1981; p. 34-35.

simplesmente reconhecer que ambas, a família tradicional e a incipiente família moderna encontram-se expropriadas de um efetivo controle da sexualidade e até de uma real significação conservadora rígida.

Os tempos pós-modernos ofereceram novas contradições para a estrutura familiar nuclear. Assim afirma SNOEK, referindo-se aos impactos da Revolução Sexual na família brasileira:

"Veio a derrubada de praticamente todos os tabus. Tudo é permitido, tudo tolerado, menos o ato sexual em plena publicidade. O sexo tornou-se o artigo de consumo por excelência, o divertimento barato e ao alcance de todos. Os antigos redutos de puritanismo hoje são a Meca para turistas em busca de mais extravagâncias: Kopenhagen, Amsterdã, Londres, Broadway em New York, São Francisco... A indústria da comunicação divulga por todos os meios a nova moral do direito ao prazer. A pílula tirou o risco de uma gravidez indesejada, dando um grande impulso ao movimento de emancipação da mulher ("WOMEM LIB"). A pornografia é produzida e fornecida por encomenda, e disponível nos porno-shops, e nas bancas (Play-boy...). Também a ciência se atirou sobre este objeto novo com todas as suas baterias de análise, dissecando e observando o sexo sob todos os ângulos. Kinsey realiza a primeira pesquisa sociológica em grande escala sobre o comportamento sexual do homem e da mulher americanos. O casal Masters-Johnson analisa em laboratório as diversas respostas fisiológicas do homem no coito, em vista de terapias mais adequadas das disfunções sexuais. A última sensação neste campo é o relatório Hite, com centenas de relatos mais ou menos picantes de experiências sexuais femininas. Margaret Mead levou adiante as pesquisas antropológicas e Marcuse sonhava com uma nova sociedade, erotizada, livre, síntese das utopias de Marx e Freud. Tentemos um balanço provisório dos resultados da revolução sexual. Há inegavelmente pontos muito positivos. Ainda que exagerado, o clima de abertura e franqueza é muito mais sadio do que o farisaísmo, a hipocrisia de antes. O relacionamento entre homem e mulher, rapaz e moça, menino e menina, recuperou sua naturalidade no cotidiano e não é mais vivido em forma segregacionista. Uma linguagem erótica mais global, mais difusa, mais variada quebrou o monopólio da

genitalidade isolada gerada pelo processo de puritanização. A mulher é menos explorada. A prostituição tende a diminuir. Há mais clarividência diante das anomalias, como o homossexualismo. Casamento e paternidade têm possibilidade de serem mais conscientes. As ambigüidades também são sérias, como também certas contradições. Caiu-se de uma tirania em outra: da tirania do tabu na tirania do prazer. Ambas têm sua origem no mesmo dualismo antropológico. As pretensões dos "técnicos" em sexologia, querendo substituir a educação e resolver todos os problemas de comportamento, são uma aberração. A objetivação e o dissecamento, do sexo tende a destruí-lo. O mais importante, a vivência do amor, vivência existencial de grande densidade e profundidade, escapa à ciência. É o terreno da poesia, da arte, da religião (Domenach, Garaudy 31). Aliás, se bastasse uma certa dose de prazer sexual para ser feliz, não se entenderia por que tanta gente sai dos cinemas de cara fechada e triste. Para que a revolução sexual possa ser realmente proveitosa, será necessário superar o dualismo existencialista, compreender o homem, num plano mais profundo ainda do que Tomás de Aquino, como uma unidade: não temos nosso corpo (como se fosse uma coisa), somos nosso corpo. O corpo participa da subjetividade. Todo corpo se torna então linguagem e a linguagem sexual, verdadeira experiência amorosa e respeitosa conduzirá à plenitude humana. É este terceiro modelo antropológico que possibilitará a reelaboração de uma ética sexual para o nosso tempo. (...) Como ficou a Igreja Católica no meio deste vendaval? Como uma torre de marfim, fechada e inabalável? Não foi bem assim. Ela tremeu nos seus alicerces, mas também para ela a crise está sendo salutar. Houve um grande despertar dos leigos. Souberam assumir o que lhes compete: as realidades terrestres e, entre elas, matrimônio e sexualidade"³⁷.

Este vigoroso texto atinge plenamente o cerne discursivo de uma instituição nuclear do pensamento conservador no Brasil: a Igreja. Embora o cenário atual seja de retração institucional e discursiva, a Igreja dos anos 70 e 80, no Brasil, foi ressonância, em muitas de suas instâncias, de idéias e práticas progressistas, ainda que convivendo com outras práticas absolutamente

³⁷ SNOEK, J. op.cit. p. 41-43.

tradicionalistas. A Igreja Católica foi uma das instituições que mais procurou compreender as mudanças da pós-modernidade, para posicionar-se frente às mesmas. Esta busca foi marcada de muitas contradições. Muitas experiências inovadoras e reflexões progressistas não lograram maior divulgação, a não ser como uma ética para salvaguardar o matrimônio. Os cursos de noivos passaram a ser exigência básica para o casamento, a partir de 1970, junto com os demais cursos de restauração da figura da família. Um grande movimento católico pode ser restaurado nas décadas de 70 e 80, os Cursinhos da Cristandade, importados da Espanha franquista, voltados para a classe média, orientados para uma catarse coletiva e com a plena finalidade de retomar os sacramentais cristãos mais vinculados à ordem social, a saber, a defesa da família monogâmica.

É ainda SNOEK que nos conclama à discussão desta ética do matrimônio:

"A avaliação moral das intimidades sexuais no matrimônio exige que sejam medidas em termos de sua capacidade de promover o crescimento criativo e integrativo e não em termos de sua natureza física. Nenhuma expressão física da sexualidade, nem mesmo sexo oral, deve ser reprovada "a priori" como moralmente errada ou perversa, contanto que seja aceitável e significativa para ambos" (Kosnik, 110). Uma norma quase idêntica foi adotada pelo Sínodo da Igreja Católica da Alemanha Ocidental: "as expressões da plena entrega corporal no matrimônio são muitas. Os cônjuges devem procurar aquelas formas que correspondem à sua situação vital concreta e à sua condição corporal e psíquica. Na concretização e modalidade das relações sexuais podem ser consideradas boas e honestas todas aquelas ações naturais, que correspondam à especificidade de ambos os parceiros, e são realizadas em respeito, consideração e amor mútuos. O amor conjugal nas suas manifestações corporais deve ser apreendido em paciência mútua. O empenho de proporcionar felicidade um ao outro nunca deve parar" (Synode 434) ³⁸.

³⁸ SNOEK, J. op.cit. p. 240.

Os discursos normativos estiveram sempre presentes na Escola. Em algumas contabilizações primárias de cursos e palestras realizados no projeto de Educação Sexual desencadeado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, nos anos 80, quase 30% das escolas referiam que já possuíam alguma preocupação com a sexualidade e algumas afirmavam que padres e agentes pastorais de formação religiosa, católica ou protestante, eram os que ministravam tais cursos ou palestras. A Escola emprestava espaço para o avanço do discurso institucional, voltado para a defesa intransigente do matrimônio e da família patriarcal tradicional.

Outra aparente contradição dá-se pela banalização da discussão sobre gênero, até mesmo pela vulgarização panfletária de uma determinada concepção simplista de feminismo ou da própria figura da mulher. Muitos debates proporcionados por programas de educação sexual aparentemente opunham meninos e meninas, sem subsídios prévios, ao debate acalorado sobre machismo, masculinidade e feminilidade. Prevaleciam sempre lugares comuns, desprovidos de cientificidade e de potencialidade de superar o senso comum. A questão da mulher, quase sempre, era encarada como um ponto de vista corporativo, intransigente, sem muita fundamentação teórica. ANAIS NIN nos oferece um texto exemplar a superar estas falsas colocações, próprias da pobreza existencial:

"Opor-se ao desenvolvimento individual da consciência da mulher é trabalhar contra a coletividade, cujas qualidades são aperfeiçoadas pela busca e experiência de cada um. Toda mulher deve conhecer-se, conhecer seus problemas e seus obstáculos. Espero que a mulher tome consciência de que pode ser dona de seu próprio destino. Esta idéia deve ser estimulante. Acusar os outros é apenas uma demonstração de isolamento. O que mais me interessa na psicologia é a idéia de que o destino está dentro de nós mesmos, e só depende de nós. Enquanto estivermos esperando que os outros nos liberem, não criaremos forças para fazê-lo sozinhas. Se uma mulher não resolver suas

*frustrações íntimas, pessoais, suas hostilidades particulares, seus fracassos, ela transferirá todas as suas seqüelas para o grupo e só aumentará as reações negativas. Assim a liberação repousa sobre a base muito frágil. Liberação significa poder de ultrapassar obstáculos. E os obstáculos são os modelos religiosos, raciais, culturais ou da nossa educação. Precisamos encará-los e não há solução política válida para todos ao mesmo tempo. Os verdadeiros tiranos são a culpabilidade, os tabus, a herança da nossa educação - esses são os nossos inimigos. Podemos enfrentá-los. O verdadeiro inimigo é aquilo que nos foi ensinado - nem sempre pelo homem, mas geralmente pelas nossas mães e avós"*³⁹.

Vemos que, de um lado, a instituição familiar exige comportamentos padronizados das crianças, sendo fundamental sua reprodução enquanto guardiã dos papéis sexuais tradicionais. Na reprodução destes papéis ela exerce sua soberania, enquadrando o menino no modelo patriarcal tradicional e a menina no modelo adequado à condição da mulher na sociedade machista. Podemos dizer que aos 5 anos de idade a menina e o menino já tem delineado os papéis tradicionais de homem e de mulher, todavia as informações recebidas pelo mundo globalizado a partir da entrada na escola, e a convivência com outros grupos sociais, quase sempre alteram o perfil tradicional colocando a criança frente a inúmeras influências da sociedade contemporânea, influências estas, que não se traduzem em um discurso avaliativo, ou moralista, mas que neste primeiro nível superam as intervenções familiares.

Podemos dizer que a curiosidade infantil, motor básico da evolução da criança, acaba por não ser plenamente satisfeita, esta curiosidade traduz-se em "ansiedade de saber", uma expressão de Foucault, que faz da criança um pesquisador incessante, um perguntador sobre as grandes respostas à sua sexualidade latente e viva, e às vivências misteriosas do mundo sexual. Assim é possível dizer que a informação e o enquadramento da sexualidade doméstica

³⁹ NIN, Anais. EM BUSCA DE UM HOMEM SENSÍVEL. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 34.

não dá conta de uma curiosidade natural e serena da sexualidade infantil, transferindo esta curiosidade, já alterada como ansiedade de saber, para a instituição escolar.

A criança na escola freqüentemente vê-se cercada de novas realidades, novos apelos, novas experiências corporais, psicológicas e sociais, e nestes jogos a sexualidade é um componente básico e fundamental.

É curioso que FREUD tenha se interessado pela sexualidade infantil como paradigma de compreensão dos posteriores dramas e contradições da sexualidade humana. O complexo de Édipo, categoria fundante da Psicanálise, torna-se a chave da socialização e maturidade psíquica. Todavia, apesar de buscarmos superar os reducionismos que banalizaram os referenciais da Psicanálise, teremos que respeitar as profundas vinculações que existem entre as primeiras experiências ou informações sobre sexualidade e a vida plena da pessoa em sua trajetória cultural e existencial.

A sexualidade infantil demanda estudos de aprofundamentos antropológicos e pedagógicos que se traduzam em intervenções pedagógicas, humanistas, serenas, científicas e naturalistas. Não se pode deixar de apontar lacunas e dimensões espúrias, exatamente pelo fato de que a família tradicional, protagonizada na figura tificada do pai e da mãe, não contém hoje um núcleo ético envolvente para organizar um discurso ou um "éthos" sobre sexualidade, principalmente sobre os adolescentes.

Não há um conhecimento amplo das singularidades do pensamento e da afetividade infantil, a criança quase sempre, em nossa tradição institucional e social, é enfocada sobre o modelo do senso comum. Professores, educadores, pais e mães em seus papéis institucionais tendem a ver as crianças reduzidas à um infantilismo, carregado de preconceitos, longe de uma compreensão dinâmica de sua evolução enquanto ser e pessoa.

Assim surgem novas contradições entre uma cultura repressiva tradicional e o papel enquadrador da família e o ambiente sexualizado e permissivo da sociedade. A família não fala sobre sexo, o modelo anterior repressivo não se sustenta numa sociedade onde as intervenções de outros núcleos sobre as crianças vêm de múltiplos lugares, aos adolescentes não é possível mais controle dos passos e da vida, pois há uma exaustão do modelo controlador repressivo, principalmente em uma adolescência em crise, pois se os pais criticam e exigem dos filhos que estejam em casa às 22:00 horas, isto já não é acompanhado com a sanção dos costumes atuais. Ao contrário, todos os adolescentes de uma certa idade e classe social saem para suas festas e encontros nestes horários, não há como controlar ou patrulhar lugares e encontros furtivos à noite, também os motéis e pontos de encontro funcionam à tarde e de manhã.

Neste sentido, a família, enquanto instituição de normatização e controle das práticas sexuais infantis e adolescentes, vê-se tolhida pela prática social mais ampla, em sua interferência sobre o papel institucional e conservador dos modelos sexuais vigentes. Daí tornar-se uma variante eficaz, a transferência do papel normativo sexual para a escola, encarregar a instituição escolar de enquadramento discursivo e até controlador de práticas sexuais dos adolescentes e crianças. A maioria dos pais, depois de curta relutância, apoia que a escola realize programas e projetos de educação sexual. Torna-se uma transferência de responsabilidade e funções, uma espécie de declaração de insuficiência e, ao mesmo tempo, uma projeção normativa eficiente.

Muitos programas de educação sexual acentuam a cultura patriarcal, plantando sobre conceitos de homem e de mulher estereotipados toda uma sorte de "informações" e "orientações" pseudo-científicas e claramente normativas, incitadoras ao medo e controle da sexualidade, reproduzindo sobre crianças e adolescentes o discurso que anteriormente a família tranqüilamente passava

através dos meios socializatórios que dispunha. Esse discurso normativo e repressivo reveste-se de cientificidade, acentua o papel de "mãe" para a menina e "homem" para o menino, entendido sempre dentro do modelo patriarcal conservador.

A questão da família, a organização dos papéis sexuais e o próprio "status natural" do machismo são temas recorrentes nestes discursos. Não se aproximam de bases mais científicas para analisar estas realidades como realidades históricas e socialmente determinadas. ENGELS, afirmava:

"O desmoronamento do direito materno, a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução. Essa baixa condição da mulher, manifestada sobretudo entre os gregos dos tempos heróicos e, ainda mais, entre os dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocada, dissimulada e, em certos lugares, até revestida de formas de maior suavidade, mas de maneira alguma suprimida. O primeiro efeito do poder exclusivo dos homens, desde o momento em que se instaurou, observamo-lo na forma intermediária da família patriarcal, que surgiu naquela ocasião. O que caracteriza essa família, acima de tudo, não é a poligamia, da qual logo falaremos, e sim a "organização de certo número de indivíduos, livres e não livres, numa família submetida ao poder paterno de seu chefe. Na forma semítica, esse chefe de família vive em plena poligamia, os escravos têm uma mulher e filhos, e o objetivo da organização inteira é o de cuidar do gado numa determinada área." Os traços essenciais são a incorporação dos escravos e o domínio paterno; por isso a família romana é o tipo perfeito dessa forma de família. Em sua origem, a palavra família não significa o ideal - mistura de sentimentalismo e dissensões domésticas - do filisteu de nossa época; - a princípio, entre os romanos, não se aplicava sequer ao par de cônjuges e aos seus filhos, mas somente aos escravos. Famulus quer dizer escravo doméstico e família é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem. Nos tempos de Gaio, a família "ide est patrimonium" (isto é, herança) era transmitida por testamento. A expressão foi invertida pelos

romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre todos eles. "A palavra não é, pois, mais antiga que o férreo sistema familiar das tribos latinas, que nasceu ao introduzirem-se a agricultura e a escravidão legal, depois da cisão entre os gregos e latinos arianos. A família moderna contém, em germe, não apenas a escravidão (servitus) como também a servidão, pois, desde o começo, está relacionada com os serviços da agricultura. Encerra, em miniatura, todos os antagonismos que se desenvolvem, mais adiante, na sociedade e em seu Estado" ⁴⁰.

As aulas de "educação sexual" deste modelo não conseguem superar ou, ao menos, propor a superação crítica entre a bipolarização machista homem e mulher. Assuntos como homossexualidade, liberação sexual, doenças sexualmente transmissíveis são tidas como anomalias ou perversões, não compreendendo a sexualidade fora do modelo patriarcal tradicional. É curioso notar que muitos destes discursos ou formas estereotipadas de intervenções significativas alastram-se, da escola para outros fóruns sociais institucionais conservadores, formando uma rede de reconstrução e restauração consoladora, no dizer de Foucault, dos conceitos e normas tradicionais.

Os "cursos de noivos", de matriz religiosa ou patrocinados por entidades educacionais vinculadas ao mundo da Igreja, mesmo em diferentes confissões religiosas, é o exemplo típico desta proliferação conservadora. O discurso normativo repressivo defende o casamento, critica a liberação sexual, exalta a figura da mãe, organiza e "dignifica" a figura do homem como macho e poder, e tende a tratar as vivências sexuais sobre o paradigma da procriação. Baseado em clichês e formas estereotipadas de apresentar o homem e a mulher, este discurso quase sempre reveste-se de defesa da ordem e moralização dos costumes inculcando parceladamente nas crianças e adolescentes uma

⁴⁰ ENGELS, F. A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1964, p. 48-49.

culpabilização sobre a dimensão sexual, reproduzindo, agora de maneira civil e leiga, idéias de pecado e pena, sobre as formas de aberrações, anomalias, perversões, etc.

Destacaremos a seguir, alguns trechos de uma antigo manual de Educação Sexual, de inspiração protestante, veiculado nas escolas e igrejas, durante os anos 70, selecionados pela sua radicalidade de análise na direção normativo-institucional, de defesa da suposta superioridade do elemento masculino sobre o feminino, afirmando a “natureza” procriativa e maternal da Mulher e outras tantas determinações institucionais de defesa do casamento, da família patriarcal, de crítica aos costumes e de um acentuado ecletismo entre informações de ordem biológica, com descrições científicas prévias e conclusões absolutamente díspares, acentuadamente moralistas e normativas.⁴¹

“A adolescência pode ser comparada ao período de prova de um automóvel novo. A futura prestatividade de um carro novo e a confiança que nele se possa depositar, depende em grande medida de como é dirigido e utilizado no período de amaciamento do motor. Se é dirigido cuidadosamente e convenientemente cuidado, prestará bons serviços por muitos milhares de quilômetros. Mas se o motorista de um carro novo correr em alta velocidade e negligenciar as precauções que garantem a lubrificação apropriada das partes que trabalham muito ajustadas, há o perigo de que se danifiquem os mancais e sejam “riscadas” as paredes dos cilindros.”

“Meninos e meninas mudam quando alcançam a adolescência. O rápido desenvolvimento físico de uma menina quando chega ao limiar da adolescência, faz dela uma mulher. Quando um menino chega à adolescência, desenvolve-se ao longo de linhas que fazem dele um homem. Assim, de um ponto de vista estritamente físico, há muito maior diferença entre um menino e uma menina ao chegarem à adolescência, do que existe entre um menino e uma menina de nove anos. Esta diferença entre

⁴¹ SCHRYOCK, Haroldo. O MOÇO E SEUS PROBLEMAS. Rio de Janeiro: Ed. Casa Publicadora Brasileira, 1971.

adolescentes de sexo opostos é tão acentuada no domínio da personalidade como o é precisamente nos órgãos e no físico.”

“Um dos principais propósitos deste livro é ajudar você, jovem, a satisfazer suas curiosidades sobre as mudanças que tiveram lugar em seu próprio corpo desde a infância.(...) Quão maravilhoso o fato de que aos pais e mães seja permitido participar, por assim dizer, da obra da criação, ao cooperarem na transmissão da centelha da vida a um membro da geração seguinte.”

“O canal de nascimento consiste na vagina e nas estruturas circundantes da pélvis materna. Normalmente a vagina é uma passagem delgada que leva da parte mais baixa do útero para o exterior e que se localiza entre as coxas da mãe. Foi por meio da vagina que o germe original do pai foi implantado no corpo da mãe. Por ocasião do parto a vagina se torna muitíssimo dilatada, de maneira a poder conter o corpo do infante em sua passagem para o exterior.”

“Uma mãe sadia, com agradável perspectiva na vida, encontra grande prazer em reconhecer que desempenhou importante parte em trazer uma nova vida à existência. O amor de nossa mãe é tão forte que o desconforto do parto é logo superado pelo prazer e satisfações da maternidade.”

“Mas à luz do conhecimento presente das várias glândulas do corpo, pode-se corretamente dizer que a glândula pituitária (situada próximo do centro da cabeça) tem influência controladora sobre os testículos. Quando vem o tempo para o desenvolvimento da virilidade, a glândula pituitária transmite por assim dizer, aos testículos, o sinal de que é tempo de entrarem em função. Na realidade não respondi à pergunta de maneira completa, porque você poderá ainda perguntar: “Qual a causa que leva a pituitária a dar sinal aos testículos?” Não posso responder a esta última pergunta, salvo para dizer que o poder do Criador, manifesto através das leis da Natureza, é responsável por todas essas ocorrências no seu tempo certo.”

“Isso pertence à provisão da Natureza para o futuro, quando você tornar esposo e pai. É o processo de ereção que transforma o pênis em um órgão de tamanho, forma e posição apropriados para ser introduzido no corpo da esposa. Assim é por meio do

pênis e ereção que a célula germinativa masculina encontra condição para unir-se com a feminina, dentro do corpo da esposa.”

“Assim como num menino adolescente os órgãos de reprodução começam a funcionar mais cedo do que a idade em que lhe é apropriado ser pai, também numa adolescente os órgãos reprodutores começam a funcionar muito mais cedo do que a época em que uma jovem pode se casar e criar filhos. Este período de tempo entre a idade em que os seus órgãos reprodutores começam a funcionar, e o tempo em que ela se torna esposa, fornece-lhe a oportunidade para ela se poder ajustar ao seu novo papel de mulher.”

“Você só pode compreender as funções dos órgãos reprodutores femininos se tiver em mente que estas funções estão diretamente relacionadas com a possibilidade da jovem tornar-se mãe.(...) Todas as funções dos órgãos reprodutores femininos têm relação com a maternidade em perspectiva.(...) Das mulheres é dito serem o “sexo fraco” bem como o “belo sexo”. Como gentis-homens (cavalheiros) fica-nos bem ter sempre a mulher na mais alta estima, não apenas como uma deferência à nossa mãe, mas como uma justa cortesia a jovens de nossa amizade, à nossa noiva e à nossa esposa.”

“Em seu verdadeiro significado a ereção destina-se a servir como simples parte da resposta total com que um marido é capaz de amar sua esposa com um amor mais completo do que o que se possa achar em qualquer outra relação humana. O amor entre o esposo e a esposa envolve uma admiração de um pelo outro; envolve afeição tão profunda que não pode ser expressa em meras palavras; envolve o desejo de camaradagem e a certeza de perfeita segurança do amor de um pelo outro; envolve o empenho da intimidade entre um e outro e o desejo de promover a alegria de um para com o outro. Assim o verdadeiro amor do esposo para com a esposa depende de fatores sentimentais e emocionais. Os fatores físicos são complementares dos fatores sentimentais e emocionais, e prevêem o meio para a expressão desta mais elevada espécie de amor. (...) O simples contato com a pele que cobre o pênis produz a ereção. Quando um menino, ou rapaz, se permite acolher os ditames das sensações que impelem a continuar a estimulação do pênis, o resultado é a ejaculação. Esta produção antinatural de ejaculação chama-se

masturbação. (...) A prática da masturbação rebaixa o conceito de um jovem por seus órgãos reprodutores. Ele coloca suas funções num plano puramente físico, em vez de dar ênfase ao conceito de que esses órgãos constituem um santo legado. (...) A masturbação motiva a libertação de tremenda soma de energia nervosa, a ponto de ser quase esgotada essa reserva de energias. É como se um mecânico pusesse uma barra de aço tocando as terminais de um acumulador, descarregando-o subitamente. Esta é uma importante razão por que a masturbação não deve ser praticada. Ela consome a reserva de força vital, deixando o indivíduo casado, apático e alquebrado. (...) Os reflexos que produzem a ejaculação são tão poderosos que se libertados prematuramente tornam-se difíceis de ser controlados. Assim é que a ejaculação, despertando esses poderosos reflexos antes do tempo conveniente, assenta as bases do hábito da masturbação. (...) Quando a masturbação se torna um hábito, a repetida condescendência mantém a reserva de energia nervosa em tão baixo nível que a pessoa nunca possui vigor normal. Privado assim das satisfações que um jovem sadio devia experimentar pela recompensa que vem do trabalho bem feito, ele perde o interesse nas coisas sublimes da vida. A masturbação pode tornar-se um tirano que rouba a suas vítimas o incentivo para realizações de valor. O jovem que teve a desventura de desenvolver o hábito da masturbação sente-se constantemente alquebrado e fatigado. (...) Portanto quando o suprimento de energia nervosa de uma pessoa está em deficiência, todo o corpo sofre. Os tecidos perdem parte de sua resistência normal a enfermidades. As infecções o vencem com mais facilidade. Ele se resfria facilmente e perde aquela centelha de vivacidade que são característica de uma pessoa em perfeitas condições. (...) Outro efeito trágico ainda do hábito da masturbação é que o jovem que se entrega a sua prática sente dentro de si mesmo que isto não é aprovado por pessoas de altos ideais. Desenvolve-se nele, portanto, uma atitude de vergonha em relação a este hábito. Ele procura ocultá-lo ao conhecimento de seus familiares e amigos. Teme sentir-se embaraçado com a descoberta. Sua esquivança e ansiedade roubam-no de grande parte de sua alegria de viver. (...) Tais rapazes, tendo formado o hábito de se masturbarem, parecem encontrar pecaminoso prazer em encorajar outras pessoas a fazerem o mesmo. (...) Outra sugestão é não tocarem

desnecessariamente o pênis. A pele do pênis é tão sensível por causa de seus filamentos nervosos, que o contato continuado por um breve período é estímulo suficiente para provocar a ejaculação. Assim um adolescente sábio estabelecerá uma fiscalização pessoal a fim de não manusear o pênis, salvo quando necessário para o fim de limpeza, no banho. (...) Não é natural nem saudável que um adolescente passe muito tempo sozinho.”

“Refiro-me às relações entre membros do mesmo sexo e que são compreendidos no termo Homossexualidade. Este termo é muitas vezes circundado de um certo mistério. E há nisso procedência, pois pessoas normais, de personalidade definida, encontram dificuldades em compreender como um vínculo de afeição sentimental se possa desenvolver entre dois homens ou duas mulheres. (...) É muito lógico que você deseje resposta às indagações: “ Que fim aguarda uma pessoa homossexual?” “É possível a uma tal pessoa vencer sua maneira desvirtuada de pensar e agir, passando a viver vida normal e sadia?”

“Examinemos primeiramente este argumento: “Eu amo esta jovem e espero casar-me com ela quando chegar a ocasião. Portanto, se trocarmos algumas afeições agora, é para nos assegurarmos de que nosso amor é genuíno.” (...) Vamos admitir, por amor à tese, que vocês sejam ambos perfeitamente sinceros no amor de uma para com o outro. Concedamos mesmo que a associação de vocês culmine em casamento. Admitindo então, que o amor de vocês seja genuíno e que vá dar em casamento, há alguma boa razão para que vocês se entreguem ao prazer de pequenos afagos ? Em primeiro lugar, as intimidades entre pessoas que não são casadas deixa-as com a consciência de que se entregaram a práticas que não são perfeitamente corretas. Inegavelmente há um frêmito que acompanha os afagos. Mas é uma emoção de natureza física e serve para estimular o respondente sexual. Esta espécie de emoção deixa os participantes inflamados e tensos e com certo senso de culpa por se haverem empenhado prematuramente em atividades que o Criador destinou fossem reservadas ao santo conúbio. Quase inconscientemente os participantes reconhecem que roubaram algo de grande valor de seu próprio futuro. (...) O rapaz e a moça estão procurando experimentar aquela emoção que correntemente só pertence ao santo matrimônio,

empenhando-se por assim dizer, na tentativa de alcançar a mais intensa emoção. (...) Há por outro lado, a possibilidade de desenvolvimento de um namoro com uma jovem demasiado versada em matéria de sexo. Um jovem que possua bom discernimento e alta norma de conduta pessoal não precisará ir muito longe até reconhecer que o namoro com tal moça é uma inconveniência. A palestra dessa moça logo trai seu interesse por indecências. Não raro suas maneiras e modos de vestir indicarão o mesmo. O rapaz que permite que suas relações com uma jovem dessas prossiga depois de haver-se alertado de sua falta de normas convenientes, está convocando sérios embaraços. (...) Muitos jovens que se deixaram envolver em infortúnios sociais eram perfeitamente bem intencionados no que se referia a seus propósitos originais. Mas despertando-se os impulsos ao que a natureza destinou apenas aos casados, finalmente condescenderam com essas expressões prematuras de amor que acabaram por levá-los a posterior angústia e infelicidade. (...) Mas dirá você: “ Quer dizer então que não posso mesmo confiar na minha capacidade de conduzir-me quando estou a sós com minha namorada?” Sim, eu quero dizer precisamente isso; e repito, por amor à ênfase, que os reclamos da natureza, quando dois jovens estão sozinhos, podem ganhar precedência sobre o juízo. Deve-se pois evitar que se diga estar ele em companhia de outra mulher que não sua esposa. (...) Às vezes uma jovem é tentada a se descuidar em questões de discricção social porque lhe foi dito que uma senhorita que não permite determinadas liberdades se torna impopular. Esta idéia infeliz de que a popularidade deve ser conquistada mediante tolerância de intimidades físicas é um engano sutil de Satanás”⁴².

Seria abusivo querer interpretar os fundamentos de um discurso como este. Os termos e os conceitos expressam claramente a defesa da ordem e a condenação de toda relação entre homens e mulheres, rapazes e moças, meninos e meninas, que não mediatizadas pela doutrina religiosa mesclada de informações físico-biológicas desconexas. Mais abusivo ainda querer acreditar

⁴² SHRYOCK, H. O MOÇO E SEUS PROBLEMAS. Santo André - SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969, p. 11-13, 14, 24-26, 37-39, 41-43, 47-51, 53-55, 59, 63, 70-71, 73-74, 80, 88-90. Este livro vendeu 170 mil exemplares, sendo considerado uma referência médico-religiosa de inspiração protestante.

que tais discursos sejam exagerados ou consistam em exceção. Possivelmente não encontrem eco e expressão eloqüente como seria esperado na década em que lograram ser publicadas estas páginas, mas há uma surda concepção que embasa as mesmas teses, travestidas de uma suposta adesão ou ajustamento aos atuais padrões de discussão moral. São sempre as bases doutrinárias sustentando a adequada e insuficiente abertura para a reflexão científica.

Este modelo normativo repressivo encontra-se claramente expresso em termos também científicos, pois quase sempre mescla-se com a interpretação biologista reprodutiva e acaba por acentuar, nos espaços institucionais, tópicos como "doenças venéreas", Aids, Drogas, envolvidas na mesma matriz temática da sexualidade "sadia". É muito comum hoje o preconceito difundido sobre fenômenos como a questão da AIDS a uma suposta proliferação perversa da sexualidade em interpretações moralizantes catastróficas e ao mesmo tempo tencionando levar jovens e adolescentes a coibir manifestações de sua sexualidade.

A abordagem normativa e repressiva, base da reprodução da estrutura patriarcal, torna-se o mais claro instrumento defensor da ordem ético institucional estabelecida, é quase sempre um discurso eivado de sentimentalismos apelativos, carregado de superficialidade e fundado em estereótipos que vão das revistas de orientação sexual até o uso exagerado de casos tipificados de adolescentes e jovens tidos como "desajustados", que supostamente "perderam-se" numa sexualidade promíscua, acenando com exageros e relacionando diretamente perversões com promiscuidade.

Jovens e adolescentes não são convencidos ou formados para uma sexualidade humanizada e responsável, mas amedrontados e estimulados a uma sexualidade contida, dentro dos poderes estabelecidos, pois a suposta saída ou desvio do modelo tradicional além das noções religiosas de pecado, estaria

submetida às possibilidades de "doenças venéreas, perversões psíquicas ou até grandes perversões sexuais".

Neste sentido este programa normativo repressivo é muito eficiente em transmitir sua mensagem nos mecanismos tradicionais. Escolas religiosas, centros de formações, núcleos de atualização de dados ou formador de papéis para o casamento, sempre exigem ou organizam cursos deste tipo, quase sempre muitos destes discursos estão presentes também em escolas públicas provocando nos adolescentes um temor e uma insatisfação, pois apesar de haver previamente uma rejeição a estes conteúdos, não possuem os jovens e crianças condições teóricas de rebater ou endereçar uma crítica a estes conceitos. É muito comum a capitulação ou rejeição ingênua, de maneira inconseqüente, destes discursos e concepções.

A apresentação da sexualidade nesta matriz normativa repressiva, torna-se uma variante do modelo patriarcal tradicional em que pesem as contradições que hoje percebemos sobre o dilaceramento do núcleo familiar. É preciso acentuar que, a despeito das mudanças ocorridas na sociedade e na própria estrutura da família patriarcal, a família tem fundamental importância na organização psíquica, sexual e afetiva, da identidade de homem e de mulher.

As dificuldades de analisar, tanto os discursos marcadamente doutrinários, com a finalidade explícita de determinar e reproduzir comportamentos e significações confessionais, não pode deixar de ser apontada também para o pensamento vigente na principal instituição ético-institucional de larga influência cultural no Brasil, a Igreja católica. Artigo recente, publicado pelo Presidente de Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, (CNBB), retrata fortemente os novos contornos semiológicos dos velhos dogmas e preceitos da cristandade, a saber:

"Estando em Roma, no fim de junho, deixei-me conduzir pela força de um velho e arraigado hábito: como fizera centenas de vezes nos meus 13 anos romanos, encontrei-me no meio da multidão para o Angelus do papa no domingo 26 de junho. Compreendemos todos, desde as primeiras palavras que João Paulo II ia "prosseguir na reflexão sobre o matrimônio, a família e a lei natural", começada no domingo precedente. E logo percebemos que o tema da breve alocução seria a sexualidade humana, expressão de um "amor entre um homem e uma mulher, amor entendido como dom de si recíproco e profundo". Foi um texto concentrado o que o papa leu da janela do seu apartamento, aberta sobre o universo, texto denso, mas translúcido, elevado mas compreensível para quem tivesse aberta a inteligência. Já no dia seguinte a imprensa italiana e europeia estaria dissecando a fala papal e, quer pela delicadeza do tema, quer por algumas afirmações do pontífice, se dividiram os comentários de um lado, lugares-comuns a respeito das posições do papa (e da igreja) preconceituosamente condenadas como rígidas e conservadoras, do outro lado, a reflexão séria de educadores, psicólogos, homens públicos, comunicadores sociais e jovens, todos fortemente interpelados pelas palavras de um homem afeito às graves questões do homem contemporâneo. Era fácil prever que a frase mais controvertida fosse também a de mais profundo significado: "A Igreja se recrimina, vez por outra, fazer do sexo um tabu". É bem outra a verdade. No correr da História, em contraste com as tendências maniqueístas, o pensamento cristão desenvolveu uma visão harmônica e positiva do ser humano e reconheceu o papel significativo que a sexualidade desempenha na sua vida". Esta visão cristã da sexualidade mais uma vez reafirmada por João Paulo II, com sua autoridade intelectual, moral e religiosa, é a que nasce das primeiras páginas do Gênesis e aponta o homem e a mulher iguais na sua dignidade humana e, no entanto, estranhamente diferentes, sob o aspecto psíquico, biológico e espiritual. Diferentes porque e enquanto sexuados. Unidade pessoal e profunda dualidade sexual, masculinidade e feminilidade são outros tantos valores antropológicos ligados às origens da pessoa humana. Por isso - porque a sexualidade pertence a um desígnio de Deus criador e retentor - seria inconcebível que a igreja não tivesse por ela clara e indisfarçada estima. Pelas mesmas razões, e até em nome dessa estima, a Igreja sente o

dever de clamar para que a sexualidade humana seja respeitada na sua íntima e genuína natureza. Na sua verdade e identidade. No seu ser. Qual natureza? Qual verdade e qual identidade? Neste ponto de sua reflexão, João Paulo II frisa um aspecto fundamental da sexualidade enquanto humana ela não é, não pode ser considerada, tratada ou vivida como pura instintividade. Não pode ficar entregue às obscuras forças do instinto no que este tem de pouco humano e até de "pente inhumaine", retomando uma expressão de Julien Benda. Nela, como em outros setores da pessoa humana, o instinto tem seu lugar desde que governado pela razão e pela vontade livre. Isso porque, por sua natureza mais íntima, a sexualidade "está inscrita na totalidade da pessoa humana" e -repare-se a novidade do conceito e da imagem - constitui como que "uma linguagem a serviço do amor". Quem diz isso, como o dizem o papa e a Igreja, está bem longe de fazer da sexualidade um tabu. E continua: a sexualidade tem uma estrutura biológica e psicológica que lhe é própria e não pode ser ignorada nem manipulada, instrumentalizada ou desvirtuada: ela intensifica e aprofunda a comunhão entre os esposos, ela tem o objetivo e a finalidade de gerar novas pessoas humanas. Será isso "biologismo?" Será "moralismo?" Certamente não: é simplesmente atenção e respeito à verdade substancial do ser humano, do homem e da mulher. A verdade da sexualidade plenamente humana. Para saber e afirmar isso não é necessária a fé: basta a luz da razão e da ciência. A verdade da sexualidade. Esta verdade é ofendida, desnaturada, aviltada por atitudes moralmente inaceitáveis como - os exemplos são do próprio papa no discurso que estamos comentando - amor livre, homossexualismo e contracepção. "Trata-se, efetivamente, de comportamentos que transtornam o significado profundo da sexualidade, impedindo-a de se colocar a serviço da pessoa, da comunhão e da vida." Diante da magistral lição ministrada com inalterável convicção e seriedade pelo pastor universal, compreendo que até pessoas não particularmente ligadas à Igreja Católica, mas atentas e preocupadas com as interrogações do nosso tempo, agradeçam a João Paulo II a coragem, lucidez e coerência com que, em meio a ambiguidades e equívocos, proclama a verdade da pessoa humana e da sua sexualidade. A aparente liberdade, proposta por todas as formas de permissivismo e devassidão, na verdade escraviza e destrói. A visão cristã da sexualidade,

positiva e harmônica, baseada num humanismo pleno, parece limitar a liberdade, mas na verdade liberta. "Alguém é livre", escrevia um comentarista no dia seguinte ao discurso do papa, "quando não trai a verdade inscrita nas coisas, quando reconhece e realiza os valores da lei natural. Quem não quer reconhecer as leis impressas na complementaridade dos sexos e na sua destinação ao dom e à fecundidade é como um cego com pretensão de escrever o que não vê." Há alguns meses, João Paulo II referiu-se, com uma expressão original e eloqüente, à noite ética que caiu sobre a humanidade. Só amanhecerá se despontar a verdade. Quem nos ajudará, como João Paulo II, a descobrir a verdade sobre a pessoa humana e sua sexualidade?"⁴³.

Todavia, temos condições históricas e teóricas de superar o reducionismo machista e as grandes contradições e preconceitos que cercam o modelo patriarcal. Não podemos mais conviver com preconceitos e rótulos que partem da superioridade ou inferioridade de homens e mulheres. Todo aquele que busca envolver-se com a formação de homens e mulheres para a liberdade de ser e para a complementaridade de suas identidades construídas deveria saber que hoje, com o avanço das Ciências Humanas e da pesquisa, temos clareza de que homens e mulheres são duas formas de viver a grande condição humana, e não estão submetidas a este ou aquele modelo pré-determinado. Homens e mulheres são formas distintas, plenamente verdadeiras, de todos estarmos vivenciando a dramática e maravilhosa condição humana.

Uma pesquisa de ordem histórica-social daria conta da igualdade e da complementaridade entre homens e mulheres, não há mais base para os reducionismos de poder, ou os mecanismos ideológicos que sustentam a violência e a opressão sobre mulheres e crianças. Ser homem e ser mulher é ser principalmente um projeto de ser humano, e nenhum sucesso de poder compensa o fracasso como ser humano.

⁴³ NEVES, L.M. A LINGUAGEM DO AMOR, O ESTADO DE SÃO PAULO, DIA 8/09/94, P. 3.

A abordagem normativa e repressiva da sexualidade, quase sempre usa figuras estereotipadas, próprias do senso comum, para passar um suposto debate de opiniões, nunca ultrapassando os limites do mesmo senso comum e quase sempre reforçando os papéis vigentes.

É curioso observar que neste projeto, um dos assuntos mais ausentes é precisamente a questão da homossexualidade, pela dificuldade teórica de abordar o tema e pela insuficiência teórica em compreendê-lo como uma forma legítima de vivência da sexualidade. A afirmação de COLEMAN, J. ainda repercute em nossas parcas formas de compreensão da homossexualidade, marcando um terreno epistemológico próprio:

"(...) a maior realização sociológica do movimento homossexual de liberação foi produzir, pela primeira vez na história, um discurso público e uma hermenêutica original da homossexualidade. A homossexualidade não é mais algo informe, sem tradição ou regras de conduta. Constitui agora o que os antropólogos denominariam uma cultura. (...) a nova cultura homossexual promete libertação, dignidade, auto-respeito para uma minoria oprimida há muitos séculos. Na medida que ataca os conceitos muito estreitos de papéis sexuais, promete igualmente libertação para os heterossexuais, que também se libertariam de estereótipos sexuais muito acanhados. O novo discurso homossexual propõe que a sociedade saiba respeitar a dignidade e a diferença humana" ⁴⁴.

Nesta abordagem normativa-institucional, a homossexualidade é considerada uma anomalia ou perversão, não atingindo minimamente ao estado da arte já avançado das últimas reflexões sobre tais assuntos. Assim espera-se que cada vez mais este modelo de educação sexual transferido da família para a escola, seja questionado e criticado.

⁴⁴ REVISTA CONCILIUM/193 - 1984/3. Sociologia da Religião, p. 91.

Não se pode delegar à instituição escolar o papel normatizador tradicional, a função da escola não pode ser a função da família, dada a diferença institucional. A escola é uma agência de intervenção de formação social que deveria ter outros controles e limites, na amplitude da sociedade, muito mais democrática, aberta, científica. A escola não pode tomar sobre si a idéia de fazer a defesa dos papéis tradicionais, estigmatizando comportamentos tidos como "exóticos ou diferentes".

Afirmamos que o núcleo familiar patriarcal sofreu profundos abalos pelas transformações institucionais recentes. Contudo, à despeito de todas estas contradições, o lugar onde se vive as primeiras experiências humanas de afetividade e amor é ainda este núcleo familiar. A propositura de uma nova realidade familiar para a vivência gratificante da sexualidade em descoberta e de suas potencialidades afetivas deverá ter a coragem de superar principalmente nossa tradição latina, os estereótipos de violência, de sofrimento e repressão que marcaram sua organicidade nesta nova sociedade. A família desde suas origens institucionais, do mundo Antigo até os nossos dias, já sofreu transformações e deverá passar por profundas mudanças. As condições materiais atuais, que envolvem os papéis de trabalho e ação social de homens e mulheres, apontam para isso.

Que os educadores e construtores de uma nova sociedade saibam também dizer algo para uma nova vivência da sexualidade entre os seres humanos, e que homens e mulheres possam reencontrar-se, não mais numa luta titânica de poder e ódio, de negação da alteridade, mas quanto muito de complementaridade, reciprocidade, cooperação e avanço. Ser homem e ser mulher são formas distintas de viver a grande aventura humana, e não se pode passar dos determinismos biologistas aos determinismos sócio-institucionais.

Ao afirmar a imutabilidade das coisas ou determinismo religioso ou natural dos papéis e formas de vida estamos engessando a história e quase sempre negando a dinamicidade da condição humana. Assim a crítica a este modelo normativo repressivo é o fundamento de um resgate científico histórico.

A busca da compreensão histórica reveste-se de uma qualidade essencialmente científica para a análise das formas de viver a sexualidade. Talvez tenha sido esta a maior contribuição da obra de FOUCAULT para a reflexão contemporânea sobre os dispositivos novos da sexualidade e de suas representações, relativizando todos os determinismos e explicitando a relação incestuosa que há entre saber e poder.

8. A CONCEPÇÃO CONSUMISTA E QUANTITATIVA PÓS-MODERNA

Uma outra forma de compreender a sexualidade poderá ser delineada na chamada abordagem consumista-quantitativa. O entendimento de que a sexualidade "permissiva", presente na sociedade moderna e pós-moderna, tornou-se um dos temas mais originais do pensamento de Herbert MARCUSE, em seu trabalho, *O Homem Unidimensional* e depois destacada no texto já considerado um clássico, "*Eros e Civilização*"⁴⁵.

MARCUSE, oriundo da terceira geração da Escola de Frankfurt procura uma síntese entre o pensamento marxista e as novas formas de compreender o mundo e a cultura de seu tempo. Assume, de uma forma crítica, as contribuições da Psicanálise revisada e questionada pelas escolas européias. Ao fugir do nazismo para os Estados Unidos, MARCUSE faz de maneira original uma síntese teórica e filosófica que oferece contribuições profundas à compreensão do homem e de seu tempo. Uma expressão clara de Herbert MARCUSE é exatamente a idéia dos "trepadores compulsivos", esta forte expressão de MARCUSE vem de encontro à sua compreensão de que a sociedade capitalista contemporânea substitui a figura do pai pela figura do Estado e do Capital, que controla a vida das pessoas impondo-lhe uma dinâmica de opressão e de negação, negando o "princípio do prazer" pelo "princípio da racionalidade", sustentada pela compulsão tecnocrática à produção.

Assim se dá a alienação do desejo pela produtividade, a perda do sentido básico da existência e a alienação do afeto, fazendo com que a sociedade ofereça formas compensatórias de vivência deste desejo de maneira neurótica e

⁴⁵ MARCUSE, H. IDEOLOGIA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1967.

repressiva. Desta maneira transfere-se para o mundo do desejo os critérios do mundo da realidade. A sexualidade, desejo e pulsão de vida, transforma-se em produtividade e técnica, pulsão de morte e poder, os mecanismos de encontro de um ser no outro, presente na sexualidade, não mais se realizam, alienando-se e extrojetando-se na quantificação e na deserotização do corpo.

Desta maneira, para MARCUSE, a sociedade consumista contemporânea não criou uma libertação da sexualidade, pelo contrário, ampliou a quantificação das práticas sexuais, desqualificou a repressão anterior, mas não alterou a qualidade e a compreensão significativa do sexo, provocando então comportamentos quantitativos, consumistas, deserotizados, mecânicos, reducionismos genitais despidos de sentido humano.

MARCUSE vai procurar ampliar as bases da crítica de FOUCAULT, que tinha já questionado os discursos sobre sexualidade dando-lhe a interpretação de formas convencionais de controle. A descompressão da fala sobre sexualidade, para FOUCAULT, transforma-a em "*scientia sexualis*" e vem negá-la como "*ars erotica*". A afirmação de FOUCAULT, largamente discutida neste trabalho, prende-se aos permeios do discurso, já a contribuição de Marcuse vem desentranhar os mecanismos de proliferação das práticas.

MARCUSE afirma que a ausência de uma realização existencial, a frustração do princípio do desejo é compensada pela vivência traumática e neurótica da quantificação sexual. Buscamos em corpos e pessoas a negação de nossas identidades pela formação unidimensional padronizadora, tecnicista, totalitária, pela superação das diferenças. Consumimos uns aos outros num festival de corpos e de desejos, quase sempre para fugir da frustração ampla de não ter poder de interferência, como sujeitos plenos, de nossos desejos e nossas vontades. MARCUSE afirma que o "trepador compulsivo" representa uma sexualidade alienada, compensando uma ausência de ser, proposta pelos ditames do capitalismo presente.

Esta mentalidade marcuseana encontra pouca divulgação, principalmente porque o capitalismo consumista tem na sexualidade um forte apelo de venda e de "marketing" de sua mitologia de morte e violência, bem como sua potencialidade ideológica de reprodução.

Podemos dizer que apesar das grandes crise que marcaram este século XX, chamado o "século do vento", pelo filósofo ORTEGA Y GASSET, a melhor expressão do que significaria a modernidade em crise, pela crise da razão e das grandes utopias modernas, a consciência da crise exige de todos nós um grande apelo de verdade.

As gerações do pós-guerra sofreram demasiadamente esta anomia tópica, esta ausência de sentido, esta fragmentação das verdades e modelos da modernidade, ao mesmo tempo que se ampliou o poder de destruição física de milhões de pessoas. Ampliaram-se os poderes materiais do homem sobre a natureza, em contrapartida as barreiras entre as pessoas aumentaram na mesma proporção em que a tecnologia e a Razão aplicada diminuía as distâncias físicas do universo. Pudemos ver a proliferação dos meios de comunicação, da aldeia global, da televisão, da influência multifacetada de todos estes elementos sobre o mundo de hoje, a comunicação global via satélite, a televisão, rádio e outras formas de comunicação atravessam o espaço, atingindo dimensões quase infinitas. Contraditoriamente nos afastamos dos nossos semelhantes, das pessoas mais próximas, o nosso vizinho, o outro que nos circunda.

Ao caminhar sob o medo, numa rua de uma grande metrópole, o meu semelhante, que caminha comigo sob o mesmo medo, é um potencial agressor de meu corpo, de minha bolsa, de minha vida.

Aumentaram-se as distâncias ontológicas entre os homens, ao mesmo tempo que diminuíram as distâncias físicas e espaciais. Assim, entre outras contradições há um profundo e abissal desassossego, um "estranhamento", uma desumanização muito forte, provocada pelo aumento tecnológico e pelo triunfo

dos modelos de capitalismo técnico e quantitativo. Estes referenciais fragmentados retiraram as bases da vida comum.

Ao mesmo tempo tivemos neste século a crise das grandes utopias da modernidade. A um lado, a utopia da razão técnica, da tecnologia prepotente, protagonizada no capitalismo emergente e vitorioso do século XIX. De outro, a crise de um modelo de socialismo, revolucionário no século XIX, que travestido de "socialismo real" ficara longe de redesenhar suas utopias, provocando profundos sentimentos de frustração em todos aqueles que viam na razão revolucionária um dos ideais da modernidade.

As gerações dos pós-guerra, órfãs de utopias, sem limites e horizontes de sentido, principalmente na Europa abalada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1944), vivenciando profundamente a morte e a crise da razão, escudam-se numa mentalidade inquietante que se mescla profundamente aos interesses do capital. Sartre, a consciência trágica dessa época, afirma, "o homem é um ser para a morte, o homem caminha para o nada, a razão é ilusória, o inferno são os outros"- teses que só poderiam brotar de um continente que contabilizava 50 milhões de mortos...

A esta crítica nihilista corresponde um retorno ao tema de "*carpe diem*", revestido de contornos imediatistas e hedonistas de conseqüências trágicas. Wilhem REICH protagoniza a outra polarização dos anos pós-guerra. Seu pensamento torna-se a bandeira da "salvação" generalizada, a capacidade orgástica como apanágio da saúde psíquica, como expressão mais sublime do fenômeno humano.

A libertação sexual, a luta das mulheres no movimento feminista, sua correlação política, com o movimento de libertação da África, com as denúncias de misérias do terceiro mundo, terão horizontes limitados, pois quase sempre substituíram a luta política e a construção racional de alternativas por uma mistificação política, por uma subjetivação das lutas e por um retorno a uma

fantástica subjetividade pessoal. O pós-guerra exalta o rock, o grito e o mito, busca influências e bases no mundo oriental, redescobre o Oriente místico, a Índia, novas formas de ver, falar e vestir povoam as mentes dos jovens e adolescentes. Ídolos e músicas, ecologia e liberdade, natureza, sexualidade, tudo isso se reduz, na consagrada expressão de "sexo, drogas e rock'n roll".

Viver é romper a realidade vigente procriativa, familiar institucional, para a grande maioria da juventude de época. Esta juventude lança um apelo desafiador aos modelos vigentes, questiona tanto a Primavera de Praga (1968) quanto a Guerra do Vietnã (1968-1973). Engendra-se um movimento gigantesco no mundo dos costumes, não revestido de uma orientação política racional para perder-se numa rebeldia se não inconseqüente, confusa e sem direcionamento prático. A contestação, forma compensatória da revolta, não se traduz em política transformadora ou em utopias revolucionárias.

Neste sentido, podemos dizer que nos anos 50, os movimentos de juventude provocaram críticas aos modelos vigentes, criando condições históricas que favoreceram a emergência de muitos projetos tópicos e circunstanciais de luta ideológica e de resistência. Destacamos entre estes movimentos a luta feminista, desde os embates sufragistas dos anos 40 até as lutas feministas protagonizadas nos anos 50 e 60 nos Estados Unidos. Cremos que seus limites teórico-políticos não foram ainda superados por outros modelos hegemônicos.

Mas a despeito desta frustração ampla das utopias e da busca de modelos alternativos temos que reconhecer que o capitalismo, na sua sobrevida consumista, foi capaz de compreender que sua consolidação ou ampliação estava questionada.

A sobrevida consumista exigia dos centros de planejamento capitalista uma rede de expansão de sua ideologia, protagonizada pelo acelerado desenvolvimento das comunicações e a conseqüente massificação do rádio e da televisão. Este modelo de desenvolvimento da comunicação de massa esteve

sempre ligado à lógica de expansão do consumismo, encontrando no desejo da liberação sexual, presente na conjuntura da pós-modernidade, a sua alma e aura salvacionista. A televisão é capaz, nesta sociedade, de funcionar como loja de desejos e alienação do sentimento e da razão, de apresentar ali as delícias do consumismo o frenesi da mercadotratia e, ao mesmo tempo, produzir entretenimento para a massa de sofridos e frustrados no seu projeto existencial político, econômico, social.

É particularmente expressiva a força dominadora da mídia sobre nossas consciências que julgamos oportuno associá-la a uma figura mitológica grega que expressa metaforicamente o poder quase que totalitário desta instituição. Escolhemos a figura da Medusa, que na tradição mitológica grega, provocava em quem a olhasse a petrificação instantânea. A televisão de hoje, numa comparação com esta personagem da mitologia grega, reproduz muito claramente este poder petrificante. Basta analisar a liturgia dos videotas numa sala familiar comum, montada como um panótico, capaz de abarcar, como um totem, todos os lugares da casa. A exposição ao seu olhar e aos seus apelos petrifica, desumaniza, aliena a consciência e o afeto, pois não permite compreender a realidade, tomar a palavra, discutir o que se vê e o que se ouve. Ao contrário, é uma comunicação unilateral que anula, na grande massa, a capacidade crítica e seletiva de julgar o mundo e de analisar as coisas.

Ao alienar a consciência, aliena também o sentimento, pois torna-se de estimular as pessoas a vivenciarem realidades virtuais de amor e de ódio, de paixão e de compaixão, endereçadas a personagens fictícios. Acaba por anular em nós a compaixão com a realidade e nos faz viver dramas imaginários, identificando "glamourosamente" o sentimento de afeição e ódio a personagens imaginários e ideais de novelas, filmes e convenções produzidas para este fim. Ao mesmo tempo, tornamo-nos insensíveis aos dramas pessoais reais, aos

pobres e miseráveis reais, às pessoas que vivem nas ruas e aos dramas que sofremos no dia-a-dia.

Somos mais pródigos em endereçar sentimentos às imagens fictícias produzidas pela mídia, do que com pessoas reais, que conosco arcam com a dramática e maravilhosa condição de viver neste mundo de largas angústias e desassossegos. A medusa que ali se estabelece nos faz cada vez mais prisioneiros de uma grade universal. Necessário se faz dizer que esta alegoria nos remete a uma crítica, não somente direcionada ao modelo de televisão que se estabeleceu no Ocidente e que triunfou na trajetória recente brasileira, mas também é preciso considerar os interesses sócio-políticos do capital presentes nos bastidores deste processo histórico.

Hoje, ao mesmo tempo em que somos todos, de certa maneira, protagonistas frustrados de uma sociedade abalada pela crise da razão e descrentes da realização plena da vontade humana, somos também todos afetos uns aos outros pela alienação da comunicação verdadeira, prisioneiros de caricatas formas estereotipadas e unilaterais.

O capitalismo industrial alterou grandemente sua base produtiva nos inícios deste século. As crises dos anos 30, protagonizadas pelas formas mercantis e pela especulação financeira deram origem a uma sociedade de consumo, marcada pela crescente demanda por mercadorias e necessidades supérfluas. Os anos 50 refletem uma sociedade capitalista ocidental marcadamente consumista.

MARCUSE nos auxilia a compreender a fetichização do sexo realizada pelo capitalismo deste século. A sexualidade, motor dos movimentos dos anos 50 e 60, historicamente reprimida no Ocidente, desde a Antiguidade, na Idade Média por mecanismos de confissão e delação, na modernidade luterana e burguesa como procriação e ordem, torna-se o grande apelo de consumo. Primeiro o corpo da mulher e depois o corpo do homem tornam-se os fetiches do consumo, toda a

lógica do consumo e todo o estereótipo da sexualidade se alia à indústria do entretenimento, do cinema, dos desejos.

Esta aliança ampla e restrita povoa nosso imaginário, nossas mentes, e multiplica-se numa série de rituais de consumo de engodos e de fraudes, que oferece o corpo sem nunca ter a alma, que promove as aproximações sem nunca encontrar-se, que mistifica e anuncia encontros e produz cada vez mais distanciamentos e estranhamentos. Se abrirmos hoje as páginas de jornais e abrirmos hoje qualquer revista especializada em "sexo" veremos a proliferação de formas consumistas sobre a sexualidade.

É notório dizer que não se pode esperar ali uma vivência ampla da dimensão de encontro ou até da gratificação solene entre duas pessoas humanizadas.

MARCUSE é portanto, um crítico da sexualidade consumista, e ele que faz a denúncia de que a matriz capitalista torna-se o elemento causal e proliferante das práticas sexuais, responsáveis pela sua quantificação mecânica, genital e deserotizada, incapaz de oferecer-se como alternativa ampla e estrutural, à sexualidade vivida como sujeito e em plenitude. Em nosso país, ao mesmo tempo em que vivenciamos a sexualidade repressiva marcadamente hegemônica até os anos 60 tivemos rupturas fortes desde esta década, temos hoje a descompressão da sexualidade como uma realidade, quer no campo da fala e das práticas e sua ampla quantificação.

Todavia, é forçoso reconhecer, não se alterou estruturalmente a qualidade da compreensão da figura do homem e da mulher, não se alterou plenamente a base sobre o modo de produção onde homens e mulheres encontram-se inseridos. Pelo contrário, distorções, polêmicas estéreis, contradições superficiais, provocaram a perda de rituais e a perda das referências, até nos fundamentos da vida pessoal, o que fez com que muitas lutas ficassem truncadas por compreensões reducionistas.

A crítica ao machismo é uma destas frentes que merecem ser retomadas. Já afirmamos que o machismo não é uma distinção propriamente genital, identificada com o homem, o machismo é um comportamento estrutural da cultura e o feminismo é um componente da luta revolucionária de todos quantos buscam superar as atuais formas de opressão existentes na sociedade; neste ideal juntam-se homens e mulheres compreendendo mutuamente seus limites e formas de intervenção de cada um deles, assumindo ambos que devem lutar tanto para a superação do machismo, presente em homens e mulheres, quanto para construção de novas formas de relações mútuas, onde não haja a discriminação da mulher nem a violência específica que pesa milenarmente sobre elas.

Gastar energias caras na direção da libertação e não da troca ou permuta de papéis, eis um ideal mais eficiente que não pode ficar em meras palavras de ordem. É preciso o apoio profundo do estudo, da análise histórico-crítica para compreender os horizontes estruturais desta luta.

ENGELS, em obra clássica, estudando as formas institucionais dos primeiros agrupamentos humanos afirma que, na origem da divisão sexual do trabalho, homens e mulheres desenvolveram tarefas distintas, igualmente fundamentadas para o avanço da cultura humana. Hoje, através das Ciências Humanas, temos condições metodológicas de fazer um resgate teórico destas matrizes para que isto embase um projeto histórico-político de superação de simplismos.

Destacamos esta necessária relevância social da pesquisa científica para que não nos limitemos a uma análise fragmentária das condições existentes, pois exatamente o homem faz ciência para superar as condições dadas e abrir possibilidades de transformá-las. Assim recordamos Berthold BRECHT que diz, "*eu sustento que a única finalidade da ciência consiste em aliviar a miséria da existência humana*". Fazer ciência é uma forma de empreender a grandiosa capacidade de reconstruir os sentidos sobre a realidade e o mundo.

A sexualidade consumista consubstanciou-se na fetichização das mercadorias, incluindo o corpo. Esta alienação pode ser denunciada como desumanização do homem, como nos diz SPINOZA:

"Muitas criaturas se sentem possuídas de um mesmo afeto com grande persistência. Todos os seus sentidos estão afetados de forma tão profunda por um só objeto que elas acreditam que esse objeto esteja presente mesmo quando não o esteja. Se isso acontece enquanto a criatura está acordada, ela é julgada doente... Mas se a pessoa avarenta só pensa em dinheiro, se a ambiciosa só pensa na fama, não são consideradas doentes, mas apenas incomodadas; geralmente se sente desdém por elas. Mas de fato a avareza, a ambição e coisas semelhantes são formas de insanidade mental, embora usualmente não sejam consideradas "doenças" ⁴⁶.

Ao usar esta metáfora, derivada do conceito de alienação, podemos chamar nosso tempo de um tempo doente, alienado de si, voltado para as mercadorias e a reificação do que é humano. Massacrados por estruturas de produção exploratórias, controlados pelo tempo do capital, os homens contemporâneos jogam para as sexualidades quantitativas os fundamentos precários de sua vida privada, de seus sonhos utópicos.

Isto obriga-nos, ao encetar a busca da compreensão das grandes contradições de nosso tempo, a procurar encontrar o homem real, o cidadão comum, de modo a encaminhar com ele a procura de um sentido restaurador de nossa dimensão ontológica única. Não podemos idealizar o nosso objeto de uma forma classificatória, fetichista, formalista, extraindo-lhe os condicionantes dinâmicos de humanização e subjetivação histórica. Isto seria um reducionismo perverso, metodologicamente aceitável, mas politicamente ineficaz. Afirma GUSDORF, sobre as categorias e formas de pensar o tempo e o homem contemporâneo:

⁴⁶ MARX, K. A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA. São Paulo: Editora Fulgor, 1989, p. 64.

"O tempo do relógio é um tempo achatado, nivelado, homogeneizado, ele se desdobra na superfície da existência. É antes o tempo das coisas que o tempo dos seres. A duração vivida comporta uma dimensão de intimidade e de intensidade, cujas variações não podem se inscrever sobre o quadrante geométrico de um cronômetro. Toda a filosofia de Bergson desenvolve-se como um protesto contra a empreitada do racionalismo científico, que pretende reduzir a riqueza concreta do tempo humano à série abstrata das gradações equidistantes conduzidas sobre um vetor matemático. A psicologia experimental se arma de cronômetros - para calcular os tempos de reação e os tempos de latência, como se a experiência experimental fosse ainda uma experiência humana. O ilustre fisiologista Pavlov encerrava cães no seu laboratório para por em evidência toda espécie de mecanismos maravilhosos regendo seu comportamento. Ele não via que esses infelizes animais, retirados do seu universo habitual, presos num lugar abstrato e submetidos a processos incompreensíveis e bárbaros, não eram mais cães verdadeiros, mas cães em estado de alienação, enlouquecidos, cujo comportamento não tinha grande coisa de comum com o do animal vivendo livremente no seu meio habitual. De maneira semelhante o homem cronometrado do laboratório de psicologia experimental pode ser condicionado a toda espécie de parâmetros, cuidadosamente codificados, que se inscreverão sobre gráficos e esquemas particularmente demonstrativos. Mas estas demonstrações não provam o que se quer fazê-los dizer; porque o sujeito do laboratório, isolado de sua experiência real, deve, para entrar na experiência científica, despojar-se de sua humanidade. Os resultados teóricos relacionam-se com um homem teórico, sobre um ser de razão, que é por sua vez todo o mundo e ninguém, antes, ninguém do que todo mundo"⁴⁷.

A sexualidade consumista do período contemporâneo criou também seu imaginário de fantasias e de transgressões ideais. A associação com a violência mostrou-se mais forte do que supunham os mais radicais defensores da "catarsys" sexista. A possibilidade de uma sexualidade deserotizada na vida real, o controle burocrático austero sobre as vidas cotidianas, um trabalho alienante

⁴⁷ GUSDORF, George. A AGONIA DE NOSSA CIVILIZAÇÃO. São Paulo: Editora Convívio, 1986, p. 66.

que em nada consegue refletir as carências básicas de convívio e de comunhão humana, tudo isto provoca a sexualidade, mediatizada pelas liturgias quantitativas, a tornaram-se válvulas de escape para uma incapacidade de amor e de relações mais ou menos duradouras. Tudo está marcado pelo tempo e pela produtividade seriada de corpos e coisas... Ainda GUSDORF é o crítico lúcido desta proliferação de sexualidades desencontradas de si ao dizer:

*"Propagada por todos os meios da comunicação de massa, a educação do prazer se encontra na origem das formas novas da miséria sexual. A massa dos leitores de revistas, dos espectadores do cinema são incitados a crer que sendo a sexualidade o essencial da vida, toda insuficiência neste domínio equivale ao malogro existencial. Constitui-se assim uma nova classe de obcecados e de possessos; a mulher frígida, o homem impotente, são os novos infernizados da terra; a angústia não deixa de ganhar terreno porque não estamos mais absolutamente certos de ser frígidos ou impotentes. Farmacopéias e terapeutas propõem seus bons ofícios a todos quantos têm a impressão de que algo não lhes corre bem"*⁴⁸.

Esta relação entre o trabalho alienado e a desumanização dos espaços do cotidiano por uma alienação da vontade e do afeto marca ainda a construção das disciplinas para as sexualidades contidas ou estimuladas. A categoria de construção social das disciplinas, como conjunto de prescrições e normatizações voltadas para determinadas formas de poder, encontramos no pensamento de FOUCAULT. Ele afirma que as estruturas de poder solidificam-se com os discursos e práticas, não como uma rede oficial de proibições, facilmente detectáveis por uma consciência crítica que alinhasse estas estruturas de dominação com as formas históricas objetivas de classes e pessoas. As disciplinas sugerem meandros mais subreptícios, acasalam-se em recônditos de

⁴⁸ GUSDORF, G. op.cit. p. 181-182.

discurso, aninham-se em formas oficiais e marginais, alcançam as práticas alternativas e são eficientes em controlar, vigiar e punir.

FOUCAULT assim descreve estas práticas disciplinatórias, na sociedade moderna:

"O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa rede imaginária de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidades) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; inverter por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada"⁴⁹.

As disciplinas marcam as esferas da fala sobre o sexo tanto quanto as esferas do sentir e agir. Os discursos normativos, as práticas de Educação sexual marcadas pela concepção médico-biologista, as interpretações de ordem terapêutico-descompressiva calcadas na Psicologia, todas estas formas entrelaçam códigos disciplinares que visam exigir respostas satisfatórias dos

⁴⁹ FOUCAULT, Michel. VIGIAR E PUNIR. Petrópolis: Editora Vozes, 1977: p. 127.

alunos e objetos de uma suposta intervenção pedagógica neutra. A compreensão destes limites não deve produzir uma capitulação mórbida e determinista, mas desafiar para novas formas de ciência, que dêem conta da realidade, e novas formas de poder que venham a transformá-la. Reconhecer que na sexualidade se constróem as subjetividades humanas mais sagradas, não significa aceitar o vulgarizado conceito de individuação, ou ainda, seu reducionismo individualista. A projeção de subjetividades constituídas não pode ser confundida com o elogio de uma individualidade capitulada, oferecida como compensação pela perda da dimensão pública ou política, pela aceitação passiva da chamada crise das utopias e pela determinação cética em considerar a impossibilidade de transformar a realidade. FOUCAULT denuncia a chamada concepção de individuação que encontra-se na raiz das disciplinas totalitárias ao dizer:

"As disciplinas marcam o momento em que se efetua o que se poderia chamar a troca do eixo político da individualização. Nas sociedades de que o regime feudal é apenas um exemplo, pode-se dizer que a individualização é máxima do lado em que a soberania é exercida nas regiões superiores do poder. Quanto mais o homem é detentor de poder ou de privilégios, tanto mais é marcado como indivíduo, por rituais, discursos, ou representações plásticas. O "nome de família" e a genealogia que situam, dentro de um conjunto de parentes, a realização de proezas que manifestam a superioridade das forças e que são imortalizadas por relatos, as cerimônias que marcam, por sua ordenação, as relações de poder, os monumentos ou as doações que dão uma outra vida depois da morte, os faustos e os excessos da despesa, os múltiplos laços de vassalagem e de suzerania que se entrecruzam, tudo isso constitui outros procedimentos de uma individualização "ascendente". Num regime disciplinar, a individualização, ao contrário, é "descendente": à medida que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados; e por fiscalizações mais que por cerimônia, por observações mais que por relatos comemorativos, por medidas comparativas que têm a "norma" como referência, e não por geneologias que dão os ancestrais como ponto de referência; por "desvio" mais que por proeza. Num sistema de

disciplina, a criança é mais individualizada que o adulto, o doente o é antes do homem são, o louco e delinqüente mais que o normal e o não delinqüente. É em direção aos primeiros, em todo caso, que se voltam em nossa civilização todos os mecanismos individualizantes; e quando se quer individualizar os adultos são, normal e legalista, agora é sempre perguntando-lhe o que ainda há nele de criança, que loucura secreta o habita, que crime fundamental ele quis cometer"⁵⁰.

Estas considerações marcam os percalços de um discurso pedagógico sobre sexualidades, perscrutam seus fundamentos, lançam questões para seu alcance e suas competências. As formas discursivas e as redes de disciplinas que se formam e se conformam trocam de papéis com outras instituições sociais. A transferência das competências de organizar e zelar sobre as sexualidades tradicionais da família e da escola já estão seriamente entrelaçadas. Professores e professoras perguntam-nos se devem ou não "fazer alguma coisa para corrigir o aluninho que aos seis anos já mostra ares de afeminado", ou ainda "o que podemos fazer para evitar que uma criança venha a manipular-se em sala". São sempre perguntas que exigem receitas disciplinares e o veredicto da Ciência para a vigilância dos corpos. A execração aparente da punição não escamoteia plenamente a ânsia de vigiar. Ainda FOUCAULT interroga profundamente o alcance de nossas práticas de interdição e disciplinaridade, ao apontar as possíveis transferências que realizamos, enquanto instituições, sobre os processos da prática de vigiar:

"Um é o que diminui a utilidade (ou faz aumentar as desvantagens) de uma delinqüência organizada como uma ilegalidade específica, fechada e controlada; assim, com a constituição em escala nacional ou internacional de grandes ilegalidades ligadas aos aparelhos políticos e econômicos (ilegalidades financeiras, serviços de informações, tráfico de armas e de drogas, especulações imobiliárias), é evidente que a mão de obra um pouco rústica e manifesta da delinqüência se

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. op.cit. p. 171.

mostra ineficiente: ou ainda, em escala mais restrita, a hierarquia arcaica da prostituição perde grande parte de sua grande utilidade, desde o momento em que previsões econômicas sobre o prazer sexual foram feitos de modo muito melhor pela venda de anticoncepcionais, ou através de publicações, filmes e espetáculos. O outro processo é o crescimento das redes disciplinares, a multiplicação de seus intercâmbios com o aparelho penal, os poderes cada vez mais amplos que lhe são dados, a transferência para ele cada vez maior de funções judiciárias; ora, à medida que a medicina, a psicologia, a educação, a assistência, o "trabalho social" tomam parte nos poderes de controle e de sanção, em compensação o aparelho penal poderá se medicalizar, se psicologizar, se pedagogizar; e desse modo tornar-se menos útil à ligação que a prisão constituía quando, pela defasagem entre seu discurso penitenciário e seu efeito de consolidação da delinquência, ela articulava o poder penal e o poder disciplinar. No meio de todos esses dispositivos de normalização que se densificam, a especificidade da prisão e seu papel de junção perdem parte de sua razão de ser"⁵¹.

A justaposição das funções judiciárias e penais na normatização das práticas disciplinares realizadas pelas instituições sociais dominantes é um cenário que amplia a interpretação comum sobre a perspectiva de um discurso emancipatório sobre sexualidade humana.

Ao cabo de muitas discussões teóricas e abordagens de diferentes inflexões de valores, será necessário apontarmos algumas contribuições que entendemos tiveram a preocupação em garantir a abordagem da sexualidade nesta perspectiva emancipatória. Não pretendemos pautar-nos pela frieza de uma crítica unilateral, buscamos alcançar a possibilidade real e histórica, que lance aos nossos meios de ação os desafiantes horizontes da utopia.

Apontamos como proeminente e destacada a ação da CENP/SEE (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, nos inícios dos anos 80, na constituição de um Projeto

⁵¹ FOUCAULT, M. op.cit. 267-268.

de Educação Sexual de alcance específico para a escola e suas finalidades. O referido projeto foi conduzido por eficiente equipe multidisciplinar, sustentado pelo grupo de Orientadores Educacionais do Estado e assumido prioritariamente por professores de Ciências, em mais de 1500 intervenções e oficinas sobre Sexualidade e Educação, atingindo dezenas de milhares de professores e especialistas em Educação. A ação de informar era compartilhada com a perspectiva de intervir em comportamentos e debates ético-sociais, a preocupação com a cientificidade e a potencialidade crítico humanista do projeto foram notas dignas de saudável registro, embora a rede escolar não tivesse tido assimilação ampla, pelo caráter muitas vezes centralizado e elitista de algumas ações. Os textos que destacamos retratam a compreensão e os objetivos desta experiência pioneira:

“A educação sexual tem merecido ultimamente um grande destaque devido ao crescente interesse e circulação de informações referentes ao assunto. Conseqüentemente, várias solicitações foram encaminhadas à Secretaria de Estado da Educação para que o tema fosse objeto de estudo. O Serviço de Orientação Educacional da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas e o Departamento de Educação e saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública realizaram, em 1980, estudos preliminares sobre Educação Sexual nas escolas da rede estadual de ensino. Em 1981, o mesmo grupo, juntamente com a Divisão de Currículo e o Serviço de Estudos e Pesquisas da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, desenvolveu a primeira experiência piloto em seis escolas da capital.(...) Todos os participantes concordaram que à Escola cabe também uma responsabilidade na Educação Sexual dos alunos, mas reconheceram que as condições de funcionamento da rede estadual são complexas exigindo, portanto, soluções alternativas e criativas. A partir da análise dos dados coletados nessas duas primeiras fases do PPM e dos estudos feitos pela Equipe responsável, destacaram-se os seguintes pontos:- a Lei 5.692/71 propõe a educação como um processo global que visa a formação integral do educando, devendo incluir, portanto, a

educação sexual;(...) - o tema está associado a diferentes valores e a tabus polêmicos na sociedade em geral, sobretudo na escola;(...) - a forte influência dos meios de comunicação social pode interferir na ação educativa realizada pela escola;(...) - há pouca divulgação de experiências sistematizadas nesse campo que fundamentem uma atuação; (...) - há falta de consenso sobre a forma de atuação em virtude da complexidade do assunto; (...) - há falta de pessoal técnico especializado nas Escolas Estaduais; (...) - há falta de definição e de preparação de pessoal a ser envolvido numa programação de Orientação Sexual; (...) - já existem, nas escolas de 1º grau da rede oficial de ensino dentro da programação de Programas de Saúde, tópicos sobre Informação Sexual, e consenso de que a abordagem da parte científica deveria ocorrer em um trabalho integrado dos professores dessa disciplina e orientadores educacionais; (...) - a rede de escolas estaduais é muito extensa e sua clientela muito diversificada; (...) - há necessidade de elaborar subsídios e recursos didáticos para uma atuação eficiente; (...) - há necessidade de sensibilizar e envolver a família, pois ela desempenha tarefa fundamental, especialmente no que diz respeito ao posicionamento do educando em termos de moral sexual; a preocupação da escola com a educação sexual não exime a família (ou o grupo familiar) de sua responsabilidade nessa tarefa educativa. (...) A seguir, foram apresentados os sistemas básicos de valores na cultura ocidental, definidos por Ira Reiss: (...) - ascetismo tradicional repressivo - considera que o sexo é negativo, sujo e pecaminoso; (...) - ascetismo esclarecido - considera que o sexo é positivo dentro do casamento e para procriação; (...) - humanismo liberal - considera o sexo com responsabilidade, leva em conta o outro e o crescimento mútuo; (...) - humanismo radical - considera o sexo como necessário e indispensável; (...) - sexo pelo sexo - considera o sexo sem amanhã, sem afeto e sem amor; (...) - anarquia sexual - considera que no sexo vale tudo, é o individualismo que vai às últimas conseqüências”⁵².

⁵² O presente texto foi extraído do documento *SEXUALIDADE HUMANA*; uma abordagem curricular com enfoque educativo, editado pela Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógica da Secretaria de Estado da Educação do Governo de São paulo, em 1984, abrangendo 3 volumes, sendo a experiência mais relevante de Educação Sexual institucional escolar, nos anos 80.

A preocupação com a formação dos professores, a adequada metodologia de sensibilização e a posterior possibilidade de adesão livre das escolas, a serena condução das experiências bem sucedidas e a permanente avaliação destacaram-se como táticas de um projeto que deteve grande parte do que de mais progressista se pode constituir naquele momento. Todavia, a nossa compreensão não se reduz a esta concepção institucional escolar. Outros trabalhos poderão avaliar melhor esta rica experiência institucional e histórica de Educação Sexual. Queremos registrar também os excertos de um discurso, aparentemente contraditório a tudo o que expusemos até aqui, conquanto realizado por um grupo de médicos que discute a sexualidade sobre perspectivas científicas, como textos que buscam a emancipação humana para além dos limites impostos pelas áreas de conhecimento ou preconceitos de qualquer espécie. Sobre isto afirma o Dr. R. LEITE:

“Minha proposta é enfatizar a educação sexual, não aquela que é praticada na escola ou no lar, mas aquela que pode e deve ser realizada nos consultórios dos médicos, dos psicólogos, no atendimento prestado pelo pessoal de saúde. Observem que eu falo do “pessoal de saúde” e não daquele profissional que se limita exclusivamente ao tratamento da doença. Aliás, esta visão do médico como um promotor de saúde é muito mais importante que aquela que vê no médico um mero curador de doenças. (...) A educação sexual no consultório tem como pano de fundo a solidez do conhecimento e a elasticidade das atitudes. Não se pede ao profissional da saúde que seja necessariamente um especialista em terapia sexual, de todos é exigido o papel de educador. (...) A educação não é apenas informações sobre aspectos sexuais e reprodutivos. A informação embasa o técnico, mas não forma o educador. Para que esta formação se complete, é necessário que o médico, o psicólogo, o enfermeiro se reformulem atitudinalmente. Que cada um deles examine seus próprios sentimentos em relação à sexualidade; que cada um procure, através do treinamento, ficar à vontade com o que terá

de ouvir e com o que terá de falar; que cada um aprenda a não ver o comportamento sexual das pessoas com as lentes de seus óculos culturais. Estas lentes foram lapidadas pela vivência de cada um, dentro de uma escala de valores que, de certa forma, dá sentido à vida pessoal do profissional, mas que é demasiadamente particular para ser aplicada a todas as pessoas e em todas as circunstâncias”⁵³.

Com tais proposituras e reflexões, esperamos no próximo capítulo, esboçar os contornos do que acreditamos serem os fundamentos estruturais de uma ação institucional emancipatória no campo da sexualidade humana.

Descortinar as matrizes conceituais de diferentes abordagens sobre sexualidade e educação, presentes na escola brasileira, para além do trabalho investigativo, exige uma definição também política para as possibilidades de diferenciar nossa interpretação destas práticas institucionais. Nesta direção é que torna-se uma desafiante exigência a tarefa de construir abordagens ou proposituras que sigam adiante, não reproduzindo as mesmas contradições que encontramos nas experiências analisadas.

⁵³ LEITE, R. O MÉDICO COMO PROMOTOR DA SAÚDE, Rev. IBRRASH, Ano I, vol. 4, n° 12, Junho de 91, p. 23.

CAPÍTULO III

PERSPECTIVAS E PROPOSITURAS PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA E LIBERTADORA NA ESCOLA

"A ânsia de liberdade e de independência apenas é concebível em alguém que vive ainda de esperança".

Albert Camus

Neste terceiro capítulo pretendemos abordar uma concepção de educação sexual voltada para a emancipação subjetiva da individualidade e do caráter histórico autoritário acumulado através da cultura. Pretendemos ainda refletir sobre as coordenadas antropológicas e filosóficas de um discurso contra-ideológico no campo da articulação entre sexualidade e educação, de modo a fundamentar projetos e intervenções desta natureza na estrutura própria da sociedade em que vivemos. As propostas de uma nova interpretação da sexualidade humana e de uma forma emancipatória de sua apresentação na escola demandam estudos e recortes que forneçam perfis diferenciados da

clientela atual hegemônica na escola pública. Sem esta consideração poderíamos estar incoerentes com a perspectiva da dialeticidade. Entretanto, como nosso trabalho busca investigar os fundamentos antropológicos e filosóficos, consideramos necessário apontar estes suportes para constituir a presente reflexão.

A compreensão destas questões exige de todos os educadores uma desafiante criatividade, em vista do potencial humano presente nas intervenções sobre sexualidade. A densidade das vivências individuais e a histórica repressão sobre um discurso questionador e crítico dos limites e paradoxos das atuais formas de vivenciar a sexualidade tornam-se os principais motivadores de uma responsabilidade científica, ética e política dos educadores sobre a questão.

O presente trabalho insere-se nesta perspectiva, de modo a considerar a discussão sobre sexualidade uma das proeminentes áreas de atuação educacional e, conseqüentemente, um dos campos mais fecundos e exigentes da pesquisa sobre educação.

1. A CONCEPÇÃO DIALÉTICA E A PERSPECTIVA POLÍTICA DE UM DISCURSO EMANCIPATÓRIO SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

A possibilidade de um discurso crítico sobre a sexualidade humana, priorizando a investigação das formas de educação sexual ministradas nas escolas públicas não pode prescindir de uma fundamentação política, filosófica e pedagógica. Estas três dimensões exigem um domínio da complexidade de alcance do campo da sexualidade humana, dando conta de sua construção histórica, do caráter de afirmação da identidade e subjetividade humana que decorre de sua descoberta como "ser que ama e trabalha", e muito mais das significações maiores, em grades filosóficas e axiológicas que pesam sobre a cultura humana. A dimensão pedagógica, isto é, as formas de ensinar e aprender, as criativas habilidades de falar, refletir, informar sobre as múltiplas facetas e situações da sexualidade são conseqüências destas premissas anteriores.

Já apresentamos a dicotomia da "*ars erotica*" e "*scientia sexualis*" de que trata M. FOUCAULT. Não pretendemos enveredar pelo caminho dos discursos oficiais, que seriam variantes do discurso repressor e forma cabal da disciplina discursiva contemporânea. Nossa intencionalidade é atingir o contra-discurso, a decodificação das formas de poder e disciplinaridade, para a proposição da exuberância da crítica e propulsão de novas práticas libertadoras e contra-ideológicas. Não é, todavia, demais reproduzir sua delimitação:

"Existem, historicamente, dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo. Por um lado as sociedades - e elas foram numerosas: a China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabes-mulçumanas - que se dotaram de uma "ars erotica". Na

arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos. Dessa forma constitui-se um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discricção, pois segundo a tradição, perderia sua virtude ao ser divulgado. A relação com o mestre detentor dos segredos é, portanto, fundamental; somente este pode transmiti-lo de modo esotérico e ao cabo de uma iniciação em que oriente, com saber e severidade sem falhas, o caminhar do discípulo. Os efeitos dessa arte magistral, bem mais generoso do que faria supor a aridez de suas receitas, devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças. Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui ars erotica. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma "scientia sexualis". Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão"¹.

A perspectiva da confissão leiga que se estabelece nos divãs e nos consultórios, nos púlpitos e das praças, nos programas de TV e nas cartas de consultas sentimentais, nas crônicas de pornografia explícita e nas prateleiras de erotismo mercenário não escapam da firme espada crítica de FOUCAULT. Mesmo disfarçado da aridez da informação, as escolas e os ministros da sexualidade confessanda esperam, das crianças e adolescentes o abrir de sua culpa, o

¹ FOUCAULT, Michel. HISTÓRIA DA SEXUALIDADE. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984, p. 57.

exorcizar de suas idiossincrasias eróticas, pela via da ciência a deleitar-se na tessitura da inquisição moralista e moralizante.

O pensamento de FOUCAULT nos acusa docemente, aos educadores sexuais:

"Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; empregam-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessam-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se - ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-na na alma ou arrancam-na ao corpo. A partir da Idade Média, a tortura a acompanha como uma sombra, e a sustenta quando ela se esquiva: gêmeos sinistros. Tanto a ternura mais desamada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente"².

Estas duas categorias são fundamentais para estabelecermos as bases de um discurso contra-ideológico, no campo da sexualidade, para não estar determinado pelas redes de dominação que queremos denunciar. A possibilidade de um discurso científico e crítico sobre a sexualidade supõe que cada homem deva ser sujeito de sua própria existência e de suas formas de sentido e convivência. Ao exorcizar as práticas de confissões, sejam médico-biologistas, sejam terapêutico-descompressivas, sejam normativas-institucionais, sejam consumistas-quantitativas, pretendemos que a sexualidade seja vista como dimensão ontológica da condição humana. Ao superar a barreira tirânica do

² FOUCAULT, M. op.cit. p. 59.

instinto a sexualidade foi humanizada pela cultura, pelas relações de sentido e pelas formas de plenitude que encerra, enquanto dimensão de prazer e de gratificação de sua subjetividade. Não podemos fazer da Educação Sexual uma variante de discursos moralizantes, com a finalidade de extrair das crianças e adolescentes, a verdade ou o medo sobre sua sexualidade. As aulas de educação sexual não podem ser um amontoado de informações biologistas, pautadas pelo aconselhamento médico-higienista, ou ainda a exposição dilacerada de sexualidades fragmentárias, encontros furtivos, medos escondidos. A ciência, através da serena reconstrução das categorias históricas da sexualidade, do ordenamento moral que a encerra, das finalidades axiológicas que a envolvem, devem fornecer parâmetros para que cada criança e adolescente seja sujeito pleno de seu descobrir no mundo, como corpo, como pessoa, como cidadão, como ser humano.

A perspectiva de evitar um enquadramento na "scientia sexualis", de que nos alerta FOUCAULT, torna-se fundamental, pois, sobre nossa sociedade, o filósofo francês acentua:

"Consideremos os grandes marcos históricos: em ruptura com as tradições da ars erotica, nossa sociedade constitui uma scientia sexualis. Mais precisamente, atribui-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico. A scientia sexualis, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constitui, no Ocidente cristão a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. Desde o século XVI, esse rito fora, pouco a pouco desvinculado do sacramento da penitência e, por intermédio da condução das almas e da direção espiritual - ars artium - emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a medicina e a psiquiatria. Em todo caso, há quase cento e cinquenta anos, um complexo dispositivo foi instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo: um dispositivo que abarca amplamente a história,

pois vincula a velha injunção da confissão aos métodos da escuta clínica. E, através desse dispositivo, pôde aparecer algo como a "sexualidade" enquanto verdade do sexo e de seus prazeres"³.

Estes dispositivos de poder e teias políticas de dominação poderão ser superados por uma iniciativa institucional, através da escola, com finalidades emancipatórias, para desdizer o que se tem como sexualidade? Esta pergunta preocupa-nos, e muito. O alcance de uma iniciativa escolar ou curricular de abordar a sexualidade estará sempre envolta em interesses e determinantes ideológicos hegemônicos. Daí a perspectiva de engendrar um contra-discurso, marcadamente conflituoso, de modo a falar de sexo tendo em vista os prazeres, como sujeitos, e não de uma configuração simbólica ou abstrata. A possibilidade da plena humanização do homem e da mulher deve ser dada pela luta em busca de novas relações sociais, de produção da vida e significação desta.

Nisto resulta a superação de um dispositivo discursivo controlador, quando a sexualidade for equacionada pelas perspectivas de uma nova sociedade política, onde homens e mulheres possam reconhecer em sua sexualidade e espiritualidade a energia mais humana, mais avassaladora, da própria condição ontológica do que seja a humanidade.

Ainda FOUCAULT, com a firmeza e lucidez de seu pensamento nos convida a um maior distanciamento crítico e teórico para posicionar-nos frente à possibilidade de negar os dispositivos de poder presentes nas práticas discursivas e normativas ao afirmar:

"Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de

³ FOUCAULT, Michel. op. cit. p. 66-67.

*poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos números de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias"*⁴.

A este enfrentamento com a sexualidade, considerada uma dimensão essencial do processo de humanização, corresponde uma primeira consciência densa de suas potencialidades. Levar jovens e adultos, crianças e adolescentes a perceberem-se enquanto constituídos por uma sexualidade humanizada pela cultura e pela história, um ponto de equilíbrio, uma "arché" de cada subjetividade, deve ser a primeira constatação pedagógica de uma educação sexual emancipatória. Não se trata de topicamente abarcar a sexualidade enquanto genitalidade ou manifestações instintivas de bio-poder. Trata-se de apresentar a sexualidade como energia vital da subjetividade e da cultura, pulsão de vida e de morte, expressão plena da condição de ser do homem, real e histórico, na transformação da natureza para constituir a própria existência. A noção da sexualidade humana, conquanto humana é a condição primeira para uma formação emancipatória frente à própria existência. FOUCAULT afirma, com ênfase, uma perspectiva de retomar o discurso sem os dispositivos de poder com que a ideologia dominante pretende encetá-lo:

"Enfim, a noção de sexo garantiu uma reversão essencial; permitiu inverter a representação das relações entre o poder e a sexualidade, fazendo-a aparecer não na sua relação essencial e positiva com o poder, porém, como ancorada em uma instância específica e irreduzível que o poder tenta da melhor maneira sujeitar; assim a idéia "do sexo" permite esquivar o que constitui o "poder" do poder; permite pensá-lo apenas como lei e interdição. O sexo, essa instância que parece dominar-nos, esse ponto que nos parece subjacente a tudo o que somos, esse ponto que nos fascina pelo poder que manifesta e pelo sentido que oculta, ao

⁴ FOUCAULT, Michel, op. cit. p. 98.

qual pedimos revelar o que somos, e libertar-nos o que nos define, o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento. Não se deve imaginar uma instância autônoma do sexo que produza, secundariamente, os efeitos múltiplos da sexualidade ao longo de toda a sua superfície de contato com o poder. O sexo é ao contrário, o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres" ⁵.

A potencialidade desta atitude reside em compreender a realização sexual como forma de exceder à própria plenitude humana. O sexo se constitui, neste caminho de contra-discurso, uma das mais plenas formas de desiderabilidade humana. Desejar o sexo, aceder a ele, encontrá-lo como ponto de satisfação, faz parte de uma nova compreensão do mundo dos prazeres como efeitos da felicidade, dos encontros, da possibilidade fáustica de ser compreendido.

A reverberação dos dispositivos de sexo e sexualidade, quando buscadas na história, não podem idealisticamente eximir cada homem de encontrar-se com suas múltiplas possibilidades de ser. Ao referir-se a uma sexualidade abstrata, os discursos normativos, sejam os sustentados sobre o bio-poder ou sobre o poder das confissões, eximem o homem da dimensão de responsabilidade que decorre da compreensão de vida e morte que ele encerra. A sexualidade como força vital deverá sempre exigir de cada homem, assim como a natureza o exige, a plena interpretação sobre suas potencialidades. A oposição entre um sexo-instinto e uma sexualidade abstrata não dá conta de uma manifestação idiossincrática das subjetividades frente às sua inúmeras explorações. O pensamento de FOUCAULT assim conclama a resolução para este impasse:

⁵ FOUCAULT, M. op.cit. p. 145.

*"Portanto, não referir uma história da sexualidade à instância do sexo; mostrar, porém, como "se encontra na dependência histórica da sexualidade. Não situar o sexo do lado do real e a sexualidade do lado das idéias confusas e ilusões; a sexualidade é uma figura histórica muito real, e foi ela que suscitou, como elemento especulativo necessário ao seu funcionamento, a noção do sexo. Não acreditar que dizendo-se sim ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral da sexualidade. Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que deveremos liberar-nos. Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres"*⁶.

Talvez resida na denúncia das redes de poder a primeira atitude de liberação de nossas vidas. Ao compreender as malhas do poder discursivo reunimos elementos para investigar também as formas históricas de opressão e repressão sobre estes dispositivos de prazer e de sentir. A denúncia original de que a quantificação atual das práticas sexuais não alterou a estrutura de poder que encerra a sexualidade, talvez seja a base incipiente de uma conscientização preliminar de quem pretende tornar-se educador no campo da sexualidade. A quantificação do sexo, o consumismo sexual, a vivência de uma sexualidade voltada para a descompressão torna-se uma das práticas mais conservadoras. A compreensão da sexualidade como condição ética, política, econômica é uma bandeira a ser delineada por todos aqueles que têm a determinação de compreender o mundo além das suas aparências. Isto não é um mero convite, mas um imperativo, pois de certa maneira, num período agudo de crise, e se a crise tem algum sentido ela deveria ser o "depurador" de muitas das coisas sem sentido que carregamos institucionalmente. Não é certo que de toda crise surja

⁶ FOUCAULT, Michel. op. cit. p. 147.

um mundo melhor, mas é necessário dizer que uma clara vontade de ver e voltar a desejar mudanças amplas, para além dos atuais paradigmas da crise, pode desencadear, com o devido senso das proporções, novas formas de viver.

As grandes e distintas condições do ser humano, a paixão, o desejo e a afetividade, a ternura, o encontro, a sensibilidade que nos definem como homens e mulheres, é preciso que estejam predispostas e prontas para esta aventura.

Pretendemos, por fim, a partir destes referenciais teóricos e contextuais, analisar uma quinta forma de abordagem, ou ainda, um novo paradigma de entender a sexualidade, que denominamos "emancipatório e humanista". Emancipatório porque supõe uma profunda reflexão sobre a sexualidade de modo a elucidar suas contradições históricas, discutir suas bases antropológicas, investigar suas matrizes sociológicas e identificar suas configurações políticas. Deste modo, a metodologia que adotamos é a de compreender, no campo da sexualidade, sua relação com a base material e econômica de diferentes sociedades, de modo a tornar claras sua vinculação com relações de poder vigentes.

Esta tarefa exige também deste pretendo educador a grandeza de procurar descobrir as ricas fantasias, desejos e a infinita imaginação que os homens constroem em cada época, em cada período de sua presença no mundo.

A sexualidade emancipatória é aquela que nos dá condições de compreender a dinamicidade, a complexidade, a riqueza única da sexualidade humana. Nesta direção o conceito emancipatório busca superar um conceito de alienação; entendemos que as abordagens delineadas anteriormente, presentes hoje em muitas propostas de educação sexual, poderiam todos ser circunscritos do conceito de alienação, próprio do pensamento marxista. Tanto a sexualidade

biologista reprodutiva, quanto a visão da sexualidade terapêutica descompressiva de massa, como a chamada sexualidade normativa institucional, e o modelo descompressivo consumista vigente, muito mais na realidade prática do que presente nos discursos de educação sexual, estes quatro modelos supõem um homem alienado, supõem uma sexualidade estranhada da dominação livre e única do ser humano. Supõem, quase sempre, a sociedade normatizante, o determinismo biologista, o controle social ou uma fantástica onipotência da subjetividade e, em nenhum destes modelos, temos o ser humano em sua contraditória dimensão de ser livre, determinante e determinado, aberto e condicionado, presente e ao mesmo tempo projetado para o futuro, para além das coisas prontas e estabelecidas.

Essa tensão entre o "aqui e agora", o "Hic et nunc", próprio da filosofia e teologia cristã, e o além, o "ser-para", próprio de uma visão do homem como projeto, ao mesmo tempo em que confere precariedade, esta angustiante capacidade de fugirmos do que é tópico, exige também a reciprocidade da cooperação do outro, de todos os outros, da sociedade, do que é plural.

Então não é possível ver a sexualidade sem compreender estas dimensões, todas entrelaçadas. A visão ou a compreensão emancipatória não confere um egocêntrico direito de decisão subjetivista, pelo contrário, a emancipação ou a intervenção emancipatória só é possível no mundo de homens igualmente livres e emancipados, capazes de trocas gratificantes e significativas, de homens e mulheres que compreendem a dinamicidade do seu ser, e só se empenham e se reconhecem nos outros, na alteridade, na amplitude da vivência coletiva e ampliada.

A sexualidade numa dimensão emancipatória supõe também normas, limites como marcos de sujeitos plenos e não sanções, pecados e medos. Desde o pioneirismo de FREUD, sabemos que a sexualidade sem a coordenação da sociedade é uma força tanto erótica quanto "tanática", derivada de tãatos, que

configura a morte. Não há sociedade sem a normatização da sexualidade. De um lado reconhecemos que a normatização não significa que toda normatização deva ser unilateral, totalitária, vociferante como a história milenar do patriarcalismo nos tem demonstrado. A normatização recusa a anomia e a heteronomia e propõe a autonomia, propõe o equilibrado conceito de compreender as contradições e superá-la dinâmica, arbitrária e dramaticamente no cotidiano, no dia-a-dia, nas condições reais de nosso viver. Ao mesmo tempo, é de fundamental importância destacarmos a necessidade da crítica à sexualidade consumista, esta sim também desumanizadora, reduzindo corpos e pessoas a um conjunto de experiências vorazes, frustrantes e compensatórias de grandes ausências de sentido, sugerindo a existência de problemas, muito mais complexos. A sexualidade não pode ser restritamente compreendida como um conjunto de normas, mas também não se pode compreender socialmente a sexualidade com o discurso da ausência de normas e da onipotência da subjetividade idiossincrática, isto seria o descaso da ciência e da sociedade. Redundaria na abertura de fissuras profundas nas utopias e a negação do homem como um ser político e social. A compreensão emancipatória da sexualidade supõe o recurso às Ciências e a superação do senso comum.

O recurso à ciência, principalmente na sua dimensão não dogmática, não doutrinária, não cientificista, mas uma concepção de ciência dialético-crítica, o retorno ao caráter multidisciplinar da investigação científica, capaz de fornecer elementos que ampliem a visão ao objeto e que nos possa colocar na árdua tarefa de circunscrever suas contradições. O recurso à ciência exige uma investigação de ordem histórica e antropológica, o domínio das vinculações entre os processos econômicos e os processos ideológicos sociais. Exige a séria e competente vinculação entre os modelos de vigência das condições materiais e a divisão social do trabalho, as instituições, a relação clara entre procriação, economia, desejo e erotismo, que nos forneça dados para compreender este espaço

construído desde o matriarcado primitivo, à formação do patriarcado antigo, a sexualidade medieval celibatária, o modelo procriativo luterano burguês familiar e suas variantes até a sexualidade consumista do pós-guerra.

Somente um embasamento teórico-histórico, uma consciência de globalidade, serão capazes de oferecer um distanciamento, o necessário para não nos perdermos num pragmatismo crasso, para superamos um imediatismo incapaz de dar conta do real, ineficiente na análise, obtuso na compreensão e portanto estéril na propositura. É preciso buscar uma forma que venha a superar esta contradição, tanto na crítica aos modelos tradicionais quanto na recusa dos modelos quantitativos e consumistas. Não podemos perder o pressuposto de totalidade, no sentido do que a função da educação sexual é uma intervenção de ordem social.

A escola, na sua função formativa e informativa, produtora de homens, desencadeia comportamentos e formas de vida social que marcam as identidades culturais existenciais de cada ser humano. Assim, embora não seja a função principal da escola, a formação ética reservada ao núcleo familiar, a escola deve contribuir na direção de uma ética social solidária, humanista, responsável e emancipatória. Quando homens e mulheres, meninos e meninas, alunos e alunas perceberem nos livros didáticos a superação das figuras estereotipadas de "macho e amélia", do menino curioso e da menina bitolada, quando não houver ali discursos e nem comparações de superioridade e inferioridade, quando os livros didáticos não trouxerem mais o preconceito, quando ser homem e ser mulher forem duas dimensões emancipatórias e responsáveis de ser humano, teremos arrancado na construção de uma sociedade mais lúcida, mais humana, mais terna e muito mais responsável.

Assim a educação sexual não é uma intervenção de um conjunto de prescrições biológicas, nem é todavia um conjunto de prescrições moralizantes, não pode ainda reduzir-se a um conjunto de aconselhamentos descompressivos,

pragmáticos, massificantes. Muito menos deve ser encarada como uma prática terapêutico-idealista ou reduzir-se a uma verbalização precipitada e neurótica, masoquista ou rebelde, como variantes de nossas frustrações. A educação sexual é delinear o que é o homem o que é ser mulher, é construir utopias sobre o ser homem, ser mulher; é superar os reducionismos presentes pela construção de horizontes plenificantes e profundamente fecundos. A contribuição da pesquisadora N. VASCONCELOS, é significativa para nossa argumentação, quando afirma que:

"(...) minha vivência e a de homens e mulheres que resolveram se olhar como seres humanos, em vez de se olharem como sexos, demonstra que a gente se livra de uma porção de amarras psicológicas e sociais, porque compreendemos que não é o sexo que faz as pessoas mas elas que fazem o sexo" ⁷.

Esta tese elucida a perspectiva de amplitude do que é ser homem e ser mulher como ser mais plenos. A mesma pesquisadora afirma que, enquanto construção histórica, ser homem e ser mulher organizam formas distintas, positivas e negativas, de "virtudes" e de "defeitos", e que a superação dos defeitos e conseqüente socialização das virtudes produziriam homens e mulheres mais plenos, mais presentes, emancipados, capazes de trocas muito mais gratificantes. Se tal horizonte ainda nos dá referências tanto pessoais quanto políticas, muito mais deveremos desenvolver formas de aplicá-lo pedagogicamente.

Ainda é fundamental distinguir que a concepção emancipatória, além dos recursos científicos e de um projeto antropológico-filosófico solidário, igualitário, necessita de muita criatividade.

Os livros de Educação Sexual que temos, oriundos que são da tradição médico-biologista, da tradição terapêutica-descompreensiva, dos

⁷ VASCONCELOS, Naumi. AMOR E SEXO NA ADOLESCÊNCIA. São Paulo: Editora Moderna, 1985, p. 31.

aconselhamentos consoladores, das soluções mágicas, das mistificações sentimentalóides, dos manuais pseudo-pedagógicos produzidos por jornalistas e médicos baseados em estereótipos caricatos do corpo humano, sem compreender as contradições do pensamento infantil e adolescente, retratam uma profunda crise de criatividade. A educação sexual precisa ser vista não como uma anomalia, como já foi vista, nem como um erotismo devasso, como ainda é encarada, mas deve ser compreendida como uma dimensão da educação geral fundamental,

Que a escola seja capaz de não confundir a educação para uma sexualidade emancipatória com a mera introdução de um espaço na estrutura curricular, uma aula informativa institucional, mas que ela faça um projeto amplo, multidisciplinar, uma intervenção na direção de discutir a significação do ser homem e o ser mulher vigentes e presentes em todos os momentos de vivência escolar e social.

Que a educação sexual seja componente fundamental dos currículos de formação de professores, que a professora, que o educador que se prepara para o magistério, para a pré-escola, para o primeiro grau, o segundo grau, para o magistério superior, possa ter uma ampla informação sobre a sexualidade historicamente construída, sobre a psico-sexualidade infantil, sobre as etapas dos desenvolvimentos sócio-emocionais das crianças, sobre o pensamento e afetividade infantil em cada época, sobre as contradições antropológicas, sociológicas, sobre as dimensões sofridas dos rituais de passagem do mundo infantil para o mundo adulto, sobre os tantos dramas inúteis que acumulamos numa longa tradição de medo e sofrimento.

Que nós possamos elevar o padrão social e cultural da compreensão da sexualidade. Eis aí a base de uma concepção emancipatória. Ao mesmo tempo, a criatividade de educadores que se desdobrem em formar equipes multidisciplinares, onde ao professor de História seja delegado o papel de

fundamentar historicamente as informações necessárias para compreender-se como sujeito, ao professor de Educação Artística de delinear com criatividade própria de nossa cultura, figuras humanizadas, criativas, pedagogicamente eficientes, com a ajuda de pedagogos, de psicólogos, com humanização da fala, do traço, do texto e de suas finalidades.

Para que não tenhamos este medo de falar de nascimento, de coisas da vida e da morte, este silêncio aterrador que nos perturba frente a uma pergunta de criança, que ao falarmos do aleitamento materno tenhamos uma figura humanizada, ao falarmos como nascem os bebês tenhamos cinco ou mais formas de responder carinhosamente a esta pergunta universal - mamãe, como eu nasci? - como eu vim ao mundo?

É lamentável que 2000 mil anos de cultura e há mais de 10 mil anos de agrupamento humano em nossa sociedade, quando uma criança faz esta pergunta o silêncio estupefator toma conta do espaço. As questões da vida e as questões da morte, questões estruturais da condição humana, nós não temos o encaminhamento criativo humanizado capaz de fornecer a estas primeiras perguntas um delineamento e um direcionamento seguro, sereno, capaz de acalmar o perguntante. A visão emancipatória exigirá dos pedagogos, a superação da busca de receituários prontos, nenhum educador estará naturalmente sereno frente às perguntas e manifestações da sexualidade infantil se não tiver um referencial teórico crítico sólido, sobre sexualidade, e se não tiver larga compreensão científica das características da curiosidade e do pensamento infantil em cada etapa de sua construção.

Ao domínio da História da Sexualidade corresponderá uma compreensão científica das fases do pensamento e da afetividade infantil, para numa terceira etapa rigorosamente metódica, termos condições diferenciadas de intervir nas manifestações ansiosas do comportamento infantil sobre sexualidade na escola. A uma curiosidade respondida plenamente, com clareza e com critérios, de

maneira emancipada, corresponderá quase sempre uma serena assimilação das crianças de todas as dimensões da sexualidade em construção.

Esta equipe multidisciplinar, que acreditamos fundamental para levar adiante qualquer projeto de Educação Sexual tende a ser cada vez mais exigente, e ao mesmo tempo dinâmica, pois necessita dominar os conteúdos e a propositura do estado da arte sobre sexualidade em cada época. Isto requer estudo e método, a aquisição de uma linguagem própria e a construção de categorias pedagógicas eficientes para o diálogo que educa. Não podemos firmarmos no senso comum, na superficialidade das opiniões, no voluntarismo "bem-intencionado" ao cúmulo de, muitas vezes, por trás da bandeira da liberdade de pensamento construir formas de reproduzir mediocridades, preconceitos e equívocos históricos. Requer-se dos educadores a precisa fundamentação, clareza e discernimento, cômico de sua responsabilidade formadora.

Exige, ao mesmo tempo vontade, determinação política e pedagógica. Um projeto de educação sexual emancipatório deve ser assumido pela escola como um todo, não se faz sexualidade com voluntarismo, mesmo bem intencionado, nem com o determinismo normativo hierárquico, de cima para baixo, pois todos eles padeceram, na crítica histórica, de contradições e ineficiências.

2. RAZÃO E CIÊNCIA COMO FUNDAMENTOS DA PRÁXIS LIBERTADORA

A concepção emancipatória deverá portanto, ser científica, crítica, criativa, e ao mesmo tempo cultural e politicamente aberta e livre. A crítica histórica dos papéis sexuais nos permite dizer que só é possível criar uma concepção ampla da sexualidade nas crianças e jovens por aqueles que **acreditam na liberdade, a liberdade dos homens e das pessoas assumirem com plenitude seu papel único de sujeitos.** Partimos da questão de que é preciso considerar a determinação política que os próprios educadores trazem sobre o mundo, a sexualidade e a sociedade. A clássica questão: "quem educa o educador?" - embora não seja imediatamente objeto de nossa análise merece ser premissa fundamental para empreender tal proposta educacional.

Fazemos educação sexual não para a repressão ou para o estímulo, muito menos para a negação, fazemos educação sexual porque os homens tem na sexualidade uma dimensão ontológica irreduzível. A sexualidade é uma dimensão humana fundamental, nenhuma sublimação de poder compensa o fracasso sexual, nem estético, nem econômico, pois a sexualidade é a dimensão híbrida do desejo e da sociedade, dos afetos e paixões, das realizações e das incompletudes emancipatórias, uma das formas mais claras das utopias existenciais e políticas. Ao mesmo tempo um projeto pedagógico de educação sexual emancipatório deverá ter em conta uma relação profunda entre o núcleo familiar e a intervenção escolar, não a substituição imediata do papel da família, mas ao mesmo tempo a crença na co-responsabilidade, a colocação de palavras de ordem como a solidariedade e a igualdade sobre sexo, deverá não somente interferir na criança, mas deve ter vinculações orgânicas com a família e a comunidade, de modo a desencadear a elevação da compreensão da

sexualidade, não vista como prevaricação, pecado, permissivismo, mas vista serena e claramente como uma forma de viver o sexo e suas contradições. É visto que é preciso não romantizar as relações sexuais afetivas em todos os níveis, considerando sempre os devidos cuidados pedagógicos que envolvem a capacidade de entendimento de nossos interlocutores para tornar transparente que o desejar, o amor e a vivência da sexualidade carrega também inúmeras perdas e danos.

O homem ama porque é incompleto, deseja porque não tem imediatamente tudo o que quer, isto é, próprio de sua condição humana; é esta busca de ampla e profunda "vontade querente que não se sacia na vontade querida" que marca a empreitada humana, na célebre definição de Maurice BLONDEL.

Sim, é preciso que eduquemos nossas crianças para as perdas que a vida encerra, ensinemos aos nossos adolescentes a enfrentar e conviver com as frustrações, que fazem parte do existir. Ainda é plenamente atual o texto do eminente teórico da educação Jean Jacques ROUSSEAU, na sua obra "EMÍLIO", onde afirma que "é preciso educar para a dor, pois a dor é um componente da vida humana"⁸, nos múltiplos sentidos desta palavra. Estas considerações sobre os projetos emancipatórios, muito mais do que delinear metodologicamente tal projeto, devem ou podem conferir-se como pressupostos filosóficos, políticos e antropológicos de uma intervenção emancipatória apresentação pedagógica da sexualidade infantil e adolescente. Os educadores conscientes deste papel secundário, pela ordem, de intervenção podem fiar-se, não somente na sua potencialidade ou onipotência, mas na sua qualidade. Nossas crianças e nossos alunos deverão nos ouvir, se a relação que tivermos com estas for anteriormente qualitativa. Não sustentamos uma intervenção emancipatória sobre as crianças se não tivermos uma atitude de coerência entre nossas palavras e ações. Só assim

⁸ Citado por STAROBINSKI, J. JEAN-JACQUES ROUSSEAU. A TRANSPARÊNCIA E O OBSTÁCULO. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1991, p. 37.

seremos fiadores de uma visão da sexualidade mais próxima de um ideal humanista e solidário, se anteriormente já tivermos construído com os alunos esta visão emancipatória nas múltiplas exigências da vida social.

Isto não se constrói de maneira artificial, num projeto à parte da escola, do currículo, do cotidiano. Não se pode acreditar que programas no atacado possam dar conta das sexualidades desconexas em quaisquer lugares e épocas, que manuais e livros técnicos venham a suprir a compreensão única do educador.

Por isso a sexualidade não se encontra desvinculada de todo este processo educacional sócio-político. Resta-nos dizer que a ação emancipatória na construção da sexualidade humana encontra-se hoje incipiente em nosso país, estes pressupostos exigentes estão muito além do que se tem como doutrinação. A concepção emancipatória da sexualidade humana numa dimensão pedagógica não prescinde da criatividade e nem das contribuições próprias de cada ação educacional, não há um modelo pré-estabelecido que salvificamente venha, qual um demiurgo, organizar a dilacerada condição da sexualidade e apresentá-la messianicamente na escola, como panacéia consoladora de todos os males. Cabe ao educador, em seu afã e em seus limites históricos e institucionais, imbuído de uma compreensão emancipatória do mundo, criar condições de desencadear nas crianças uma visão positiva do seu corpo, da sua existência e das potencialidades de amor e desejo que carregam em si.

Os educadores sensibilizados com uma visão científica da sexualidade poderão, formados adequadamente para tal tarefa, desencadear processos legítimos de uma reflexão emancipatória sobre sexualidade, daí decorre a defesa de cursos de formação especializados para educadores sexuais.

Ainda que haja abismos provocadores entre as múltiplas formações, acredito que o encaminhamento mais adequado seja o de provocar uma exigente

e rigorosa especialização em educação sexual junto ou além das graduações e licenciaturas existentes ⁹.

É fundamental acompanhar o desenvolvimento histórico das experiências institucionais em curso na realidade do ensino superior brasileiro, que podem tornar-se um fecundo paradigma para outros projetos posteriores, no campo da Educação e dos movimentos de pesquisa em Educação Sexual.

Por outro lado, em que pese os poucos conhecimentos que dispomos sobre o mesmo, grupos como o GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual), de envergadura nacional, protagonizado pela sexóloga Marta Suplicy ¹⁰, prevalecendo uma concepção hegemônica emancipatória, tende a ser paulatinamente superado, apesar das eventuais contribuições que tenha realizado ao ensino da educação sexual na escola.

Montado sobre o paradigma terapêutico-descompressivo, abarcaram a questão da escola como uma consequência mercadológica e muitos dos seus quadros não tem conhecimento pedagógico da realidade escolar, a própria compreensão da possibilidade de uma intervenção sexual a partir de um "manual ou guia prático" mostra suas vinculações pragmáticas com as mentalidades americanas. Assim, apesar de sua amplitude, sua possível fecundidade teórica, sua potencialidade crítica tende a ser reduzidíssima, pois correm o risco de ser confundidos como meros agrupamentos técnicos com alguma repercussão propagandista e até prestar-se ao consumo esporádico de agentes educacionais, além é claro, da compensação econômica de seus membros. Mas, não terão repercussões de caráter político ou eticamente proeminente na mudança dos

⁹ Cumpre destacar neste trabalho a estrutura curricular e o pioneirismo da Especialização em Educação Sexual realizado pela UDESC, em Florianópolis, SC, a partir de 1993, como primeiro curso de Especialização em Educação Sexual no Brasil e um dos primeiros institucionalizados em nível de pós-graduação na América Latina. O curso de Especialização em Educação Sexual da Universidade Estadual de Santa Catarina iniciou suas atividades em 1993, oferecendo 30 vagas, com grande demanda. A concepção estrutural do curso é centrada na História da Sexualidade e na compreensão sócio-política de sua constituição, com 210 h/aula nesta perspectiva. Em 1995 formou-se a primeira turma de especialistas, contando já com uma segunda turma em estudos de aprofundamento.

¹⁰ Sediado em São Paulo e coordenado pela sexóloga MARTA SUPPLICY, o Grupo Trabalho em Orientação Sexual produziu materiais sobre sexualidade e Educação sendo incorporados por projetos do MEC (Ministério da Educação e Cultura) em 1991-1993.

papéis sexuais vigentes ou até na intervenção qualitativa e emancipatória da escola.

Nesta direção propomos que a educação sexual seja vista como uma necessidade pedagógica, a ser construída não a partir da sua especialidade, mas a partir da fundamentalidade desta edição na condição humana, e na construção da pessoa integral; criança, adolescente, jovem e adulto. É preciso que novas publicações, novas reflexões venham a delinear com clareza os avanços e limites da apresentação educacional da sexualidade humana, retomando seu lugar ontológico em nossa construção como ser. A concepção emancipatória é ainda um desejo e uma utopia, que possa estar presente em múltiplas propostas regionais, grupos de intervenção, na construção de uma sexualidade solidária, humanista e crítica. Retomamos aqui o conceito rousseauiano de "liberdade", não no sentido vertiginosamente descompressivo ou romantizado, liberdade enquanto experiência plena de si próprio, com as responsabilidades pertinentes ao reconhecer-se único e ao mesmo tempo, junto com outros seres humanos. A teoria da subjetividade de inspiração marxista retrata claramente estes limites e estas potencialidades, no brilhante ensaio de DORAY, e SILVEIRA ¹¹, que aponta nesta direção. Não nos cabe aqui fazer uma grande apoteose sobre este projeto, mas muitas de nossas compreensões históricas de sexualidade estão profundamente marcadas por ideologias negativistas do homem. A antropologia marxista é altamente utópica, pois reserva ao homem e sua luta a tarefa de construir-se sempre de maneira renovada e dinâmica, contrapondo-se aos pessimismos anti-humanistas de inspiração católica, luterana e algumas delas radicadas no imaginário nascido do escravismo antigo, Grécia, Roma, conforme pudemos desenvolver no primeiro Capítulo deste trabalho.

A humanidade contemporânea, ao mesmo tempo que tem condições de reconhecer a crise dos paradigmas sócio-políticos e dos fundamentos da vida

¹¹ SILVEIRA, P. e DORAY, B. ELEMENTOS PARA UMA TEORIA MARXISTA DA SUBJETIVIDADE. São Paulo: Editora Vértice, 1989, 208 p.

humana, tem condições também de abandonar muitas das supostas verdades prontas, dogmáticas, acabadas, e colocar-se em marcha para uma nova visão de si, de seu futuro, de suas potencialidades. Isto é o que chamamos de ação emancipatória, e não nos furtamos a uma compreensão política deste pressuposto. A "consciência possível" ¹² de cada época, uma grande contribuição de GOLDMAN, faz com que engendremos na ação emancipatória a crítica dos modelos vigentes, mas ao mesmo tempo possamos ver no presente as bases do futuro e, com a paixão weberiana, nos seja possível indicar algumas utopias, ou pelo menos características delas.

RILKE, poeta alemão, em 1904, ao falar em suas cartas sobre a questão do amor, apontava elementos que não estavam presentes em muitos dos autores de então, a consciência possível da época era superada por um veemente desejo de verdade e uma apaixonada lucidez...

"Esta humanidade que no sofrimento e na humilhação amadurece a mulher, virá à superfície quando esta romper as algemas de sua condição social. (...) Um dia a moça existirá, a mulher existirá. E estas palavras, "moça", "mulher" não significarão apenas o contrário de "homem", mas qualquer coisa de individual, valendo por si mesmo; não apenas um complemento, mas um modo completo da vida: a mulher na sua autêntica humanidade" ¹³.

Assim é possível delinear hoje alguns cenários para a retomada destes valores humanos. Num deles a consciência trágica aponta para uma compreensão devastadora, a chamada globalização do mundo, da economia e da cultura nos levaria a um atropelo consumista, a uma ditadura do consumo e da técnica que ligaria nossas redes de sentido aos múltiplos Shopping Centers, celulares, carros importados, e haveria uma proliferação ampla do consumo de

¹² GOLDMAN, Lucien. DIALÉTICA E CULTURA. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, p. 36.

¹³ RILKE. R. M. POEMAS E CARTAS A UM JOVEM POETA. São Paulo: Editora Ediouro, 1992, p. 130.

coisas, da vigência totalitária da mercadolatria de coisas e de corpos. Neste cenário ocorreria o triunfo da sexualidade consumista e a desumanização orwelliana do próprio homem. O "admirável mundo novo", presente nas utopias cinematográficas recentes, seria o domínio do poder do consumo, a alienação do desejo e a negação da sexualidade humana, fecunda, livre e amorosa.

No segundo cenário teríamos a hecatombe nuclear, geo-política onde homens-estados, homens-coisas seriam vencidos pela lógica perversa da morte, do poder e da força. Também aí não haveria lugar para o amor e para afetividade. A guerra atômica e a morte químico-nuclear são aterradoras o bastante para encurtar a descrição.

E num terceiro cenário, a ser duramente construído, prevaleceria a Justiça Social, a ampla distribuição dos bens e riquezas, que a humanidade construiu e acumulou, material, culturalmente e espiritualmente. E neste cenário as injustiças sociais seriam racionalmente diminuídas, as máquinas seriam controladas e redimensionadas em função dos homens e de seu viver, não da lógica perversa do lucro e da ganância, materializados no trabalho exploratório e alienado. A natureza seria respeitada e resgatada, a relação do homem com a mesma posta em novas formas, e nesse espaço a ciência prestaria serviços aos homens excluídos e atenderia suas necessidades.

Este seria o espaço do desejo e da afetividade, da erótica plena, de homens livres, da completa superação de formas de machismo, de violência sexual e de violências políticas, de vivências neuróticas e de intolerâncias competitivas. Os seres humanos teriam a ciência e o desejo, o conhecimento e a paixão como formas de apenas superar o reino da necessidade pelo reino da liberdade. É certo que os contornos deste mundo ou destas utopias deverão ser claramente postas em propostas políticas onde a consciência da sociedade política seja ampliada, e a erradicação de injustiças históricas deverão ser encaminhadas na realidade dos conflitos, pois que ninguém é capaz de desejar

plenamente em situações de miséria e opressão, e ninguém é capaz de amar sem poder desejar.

É preciso que superemos esta luta social entre os consumidores potenciais e o exército de deserdados e vingadores, a grande massa de excluídos, na expressão de W. BENJAMIN, para que talvez possamos superar o dilema entre o centro da cidade e a periferia, pois o dilema permanece desafiador. Num país em franca guerra civil, necrófilo, onde a morte, o seqüestro, a chacina e a fome, a miséria e o medo convivem, o medo apavora classes sociais e pessoas, homens e mulheres, a vivência do desejo será uma descarga compensatória dos fins de semanas para a manutenção do status, para aliviar a miséria das vidas gastas nas semanas sem sentido das segundas-feira.

Buscamos a metodologia dialética para alavancar uma proposta política que supere os atuais modelos de poder vigentes em nossa sociedade. Os fundamentos da dialética nos fazem reportar ao materialismo histórico que consideramos ser a expressão mais clara de uma proposta política anti-intelectualista e originalmente popular. Esta qualidade do materialismo histórico resulta, no dizer de FERNANDES ¹⁴, na oposição entre as formas de luta e a força da opressão, a partir das categorias de classe. O materialismo histórico ainda permanece lúcido e revolucionário, pois mantém as características que lhe deram origem, continuando capaz de superar aquelas condições que o fizeram surgir, permanecendo um instrumental atual de modo a elucidar as forças econômicas e políticas que determinam a passagem do século XX para o século XXI.

O pensamento libertador e a ação transformadora das classes oprimidas apontam o mundo como utopia socialista humanizadora, na célebre tese de LENIN, "Socialismo ou Barbárie", onde o desejo será pleno, onde todos poderão desejar, possuir e ser possuídores, e isto só será possível numa sociedade sem

¹⁴ Citado por NUNES, C. A. APRENDENDO FILOSOFIA. Campinas: Editora Papyrus, 1986, p. 93.

dominantes ou dominadores, solidificada sobre novos valores e novas formas organizacionais.

Assim uma nova sexualidade só será possível numa nova sociedade, uma sociedade calcada não sobre os pressupostos da opressão e dominação, entre as pessoas, entre classes sociais, entre os sexos, mas na libertação e na reciprocidade, na complementaridade e na solidariedade. Tais pressupostos emancipatórios são fundamentais para o delineamento de novas relações entre os sexos, e não podem estar alheios a discussões sobre educação sexual nas escolas. O mundo solidário é um mundo erótico, um mundo humanizado, equivale dizer que as utopias deverão ser tomadas sob a razão eficiente e a vontade unilateral. Que estas utopias possam sustentar-se num projeto filosófico e antropológico capaz de dar suporte a grandes mudanças políticas, pois as mudanças políticas são as que alteram o mundo. Não podemos, em que pese a contribuição teórica, ficar nas teses idealistas, pois as idéias não movem o mundo, são as ações políticas que o transformam, as idéias podem motivar os homens, e os homens, pela sua ação e em conjunto, mudar este mundo.

Isto requer o auxílio da dialética para que a prática não seja vista como um amontoado empirista e sinônimo cronológico de "tempo de serviço", ou reduzida a uma pálida noção de um conjunto operacional de coisas. Que a teoria não seja vista como um quadro ou uma grade abstrata de significações, onde a prática seja retomada como a ação reflexa, muito diferente da compreensão de prática como acúmulo temporal, como tempo de serviço, ou ainda confundida como conjunto mecânico de uma operacionalidade obtusa. Torna-se medida necessária resgatar a compreensão da teoria como a articulação exigente com a realidade, produzindo a via de mão dupla, de tal modo que a prática lance questões aos pressupostos teóricos e a teoria tenha a capacidade de criticar o real, e não reduza-se somente a uma fossilizada arqueologia de generalizações insossas.

Assim teoria e prática envoltas numa práxis transformadora poderiam moralmente retomar velhas verdades do materialismo histórico, - "não há teoria revolucionária, sem prática revolucionária", e não há prática revolucionária sem teoria revolucionária. Os educadores que buscarem compreender a educação sexual a partir de fundamentos teóricos revolucionários e críticos estarão realizando plenamente a premissa inicial deste trabalho. Não há educação sexual sem uma completa, verdadeira e profunda reeducação da própria sexualidade, pois esta compreensão dinâmica e dialética de que somos todos constituídos, desejo e desejados, desejantes e desejosos é que nos faz produzir tão tenazmente esta reflexão. Nós todos somos aprendizes, todos vivemos e constituímos este mundo como aprendiz permanente. Este limite, ao mesmo tempo em que é um limite, é também o desafio que faz avançar nosso horizonte e nossa liberdade, o nosso tempo é o amanhã, a nossa vontade é o desejo, o nosso meio a liberdade e a ciência.

Nestes pressupostos, uma educação sexual emancipatória supera de vez os guias e manuais, as informações biologistas, as normatizações moralizantes e institucionais, a estereotipia didática, as intervenções disciplinares, os discursos organizacionais e passa a fazer uma crítica profunda das relações de poder entre homens e mulheres, entre classes sociais, entre grupos etários. Deste modo, retomamos a ciência com paixão. E a ciência e a paixão colocadas a serviço de um projeto libertador, são as armas com que a humanidade sempre provocou grandes mudanças e transformações. A poesia, o delírio dos teólogos, o misticismo dos monges, deverão estar junto com a lucidez dos sábios, e com o trabalho rigoroso dos pesquisadores para que as questões do homem sejam trabalhadas de maneira plena. Educação sexual não é uma engenharia de genitais, nem pode ser um conjunto de prescrições parenéticas. Educação sexual é a compreensão do homem todo, a compreensão em sua plenitude e esta pergunta já nos põe a filosofar, a pesquisar e a engendrar novas formas de

compreender o homem e o mundo. A visão emancipatória não se reduz a uma análise pragmática e que oporia homens e mulheres, mas aponta na direção de um mundo livre onde homens e mulheres sejam educados para vivenciar o desejo e para deixar que outros possam vivenciar também. Então esta educação sexual não parte da negação da sexualidade, mas da sua afirmação, e neste sentido deverá, através dos limites históricos da "*scientia sexualis*" fazer irromper a "*ars erotica*", nesta direção não se pode admitir que haja uma realização do homem se frustrar sua própria alma, amante, desejante, querida e querente.

Para tanto convidamos os educadores a ir além deste trabalho de modo a inscrevê-lo como uma contribuição a grandes perguntas que o homem é capaz de fazer em cada época. No dizer de MARX, "nenhuma sociedade coloca perguntas para as quais não tenha embrionariamente algumas respostas". (MARX, K.;1987, p. 631).

O encaminhamento pedagógico destas questões tem exigido dos educadores uma sólida formação em Ciências Humanas, visto que as formas históricas de apresentação de um discurso biologistista ou normativo sobre sexualidade tem acentuado um conceito de cientificidade aparentemente neutro que esconde ou impede uma reflexão ético-política mais ampla. Não desconhecemos a necessidade de uma formação biológica, acompanhada das mediações interpretativas da psicologia e das ciências que lhes são correlatas, nem contudo abdicamos da necessidade de recursos metodológicos motivadores e eficientes na apresentação da sexualidade. Mas temos a certeza de que prevalecem sempre os elementos nascidos de uma fundamentação científica que se configure a partir da concepção filosófica e política decorrente da visão de mundo que os educadores ostentam.

3. A SUPERAÇÃO DO CETICISMO POLÍTICO E ÉTICO

Esta é a tarefa para quem busca compreender a trama da sexualidade envolta nas significações mais amplas da sociedade e da subjetividade mais lídima. A conquista de uma sexualidade humanizada, voltada para as maiores potencialidades de vida de todo ser humano demanda uma séria crítica aos tecnicismos e domínios institucionais da sociedade tecnológica. O sexo-produtivo, o sexo-quantitativo, o sexo-eficiência refletem esta dimensão tecnocrática. Ainda nesta interpretação crítica nos auxilia o pensamento de MARCUSE, ao afirmar:

"Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. Oblitera, assim, a oposição entre existência privada e pública, entre necessidades individuais e sociais. A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social. A tendência totalitária desses controles parece afirmar-se ainda em outro sentido - disseminando-se pelas áreas menos desenvolvidas e até mesmo pré-industriais e criando similaridades no desenvolvimento do capitalismo e do consumismo. Em face das particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de "neutralidade" da tecnologia não mais pode ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas"¹⁵.

Isto requer a compreensão de que não há neutralidade na ciência nem pode haver. Não há neutralidade, por conseguinte, no cientista ou no educador.

¹⁵ MARCUSE, H. IDEOLOGIA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1967, p. 18-19.

Vivemos numa sociedade de conflitos e a perspectiva de conflitos não pode ser interpretada numa dimensão psicossocial, mas estrutural, marcada por condições de poder, objetivas e reais. A compreensão de todas as fundamentações de diferentes discursos sobre as sexualidades nos torna mais lúcidos e menos inocentes, do ponto de vista ideológico. Estamos vivendo um tempo de contradições e somos chamados a posicionarmo-nos neste mundo de diferenças e conflitos. Nossa opção não deve ser apriorística, marcada por sentimentalismos conjunturais ou posições emocionais. Deve ser racional e crítica, voltada para o resgate da Razão e da Utopia como potencialidade essencialmente humana de mudar a realidade vigente.

É certo que não compreendemos o resgate da racionalidade do ponto de vista tecnocrático, mas de uma concepção de radicalidade e globalidade, como ainda nos adverte MARCUSE:

"Quanto mais racional, produtiva, técnica e total se torna a administração repressiva da sociedade, tanto mais inimagináveis se tornam os modos e os meios pelos quais os indivíduos administrados poderão romper sua servidão e conquistar sua própria libertação. Sem dúvida, a idéia de impor a Razão à uma sociedade inteira é paradoxal e escandalosa - embora se possa discutir a correção de uma sociedade que ridiculariza essa idéia enquanto transforma sua população em objetos de administração total. Toda libertação depende da consciência de servidão e o surgimento dessa consciência é sempre impedido pela predominância de necessidades e satisfações que se tornaram, em grande proporção, do próprio indivíduo. O processo substitui sempre um sistema de condicionamento por outro; o objetivo ótimo é a substituição de falsas necessidades por outras verdadeiras, o abandono da satisfação repressiva" ¹⁶.

A apresentação da sexualidade na escola não pode ser vista como uma das formas desta "satisfação repressiva" que nos aponta o pensamento de

¹⁶ MARCUSE, Herbert. op.cit. p. 28.

MARCUSE. Ao delinear uma forma de intervenção sobre as significações possíveis da sexualidade humana, numa dimensão pedagógica, deveremos colocar sempre a chave política como forma estrutural para seu equacionamento, de modo a desencadear um despertar que a libertação de uma sexualidade repressiva dependerá de processos amplos a serem construídos por homens e forças de transformação radicais.

A superação dos controles somente poderá acontecer se pudermos descortinar a ideologia dominante e suas práticas de persuasão. Isto requer, em particular, um profundo apelo para que os educadores compreendam os tentáculos de uma concepção de vida presentes nos atuais rituais dos meios de Comunicação Sociais vigentes. Talvez seja uma forma inicial de desencadear esta consciência trágica da realidade de concessão repressiva e compulsiva a que estamos todos submetidos.

MARCUSE adianta:

"... na realidade, nem a utilização dos controles políticos em vez dos controles físicos (fome, dependência pessoal, força), nem a mudança no caráter do trabalho pesado, nem a assimilação das classes ocupacionais, nem a igualação na esfera do consumo compensam o fato de as decisões sobre a vida e a morte, sobre a segurança pessoal e nacional, serem tomadas em lugares sobre os quais os indivíduos não têm controle algum. Os escravos da civilização industrial desenvolvida são escravos sublimados, mas são escravos, porquanto a escravidão é determinada "pas par l'obéissance, ni par la rudesse des labeurs, mais par le statu d'instrument et la réduction de l'homme à l'état de chose.". Esta é a forma pura de servidão: existir como um instrumento, como uma coisa. E esta forma de existência não é ab-rogada se a coisa é animada e escolhe seu alimento material e intelectual, se não se apercebe de que é uma coisa, se é uma coisa bonita, limpa e móvel. Inversamente, ao tender a espoliação para tornar-se totalitária em virtude de sua forma tecnológica, os próprios organizadores e administradores se tornam cada vez mais dependentes da maquinaria que eles organizam e administram. E essa dependência mútua não mais é

a relação dialética entre Senhor e Servo, já rompida na luta pelo reconhecimento mútuo, mas, antes, um círculo vicioso que inclui tanto Senhor como Servo. Os técnicos de fato dominam, ou será o seu domínio oriundo daqueles que confiam nos técnicos como seus planejadores e executores?"¹⁷.

Além da superação do conceito de neutralidade, estas premissas exigem a completa crítica de que a questão da sexualidade possa ser uma análise técnica ou imparcial. A sociedade industrial, que no Brasil não precisou mais do que 50 anos para deitar solidamente suas raízes, massacrando a histórica constituição de uma ética do campo e não dando margens a uma "ética da cidade", tem seus mecanismos eficientes de poder e de controle, tanto sobre os discursos e as práticas como pela construção oficial do próprio imaginário de cada período ou época.

A linguagem sobre a sexualidade também é um tema que deve ser considerado pelos pedagogos e educadores. Não temos propriamente uma linguagem humanizada para tratar da sexualidade. Ao considerar a linguagem comum, marcada pelos conceitos do senso comum, acentuadamente machista e preconceituosa, poderemos também questionar o alcance da linguagem fria e calculista dos módulos científicos que, na grande maioria dos textos sobre Sexualidade e Educação, limitam-se a descrever os "aparelhos genitais" e a fisiologia dos órgãos sexuais, numa constituição asséptica e distante da realidade própria da maioria dos educandos. Há uma certa urgência em construirmos uma linguagem humanizada para abordar a questão pedagógica da sexualidade.

A afirmação clássica de L. WITTENGENSTEIN "os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo" permanecem como um desafio para os educadores e semiólogos.

¹⁷ MARCUSE, Herbert. op. cit. p. 50-51.

A questão da linguagem deveria ser mais amplamente discutida nos cursos institucionais de investigação e pesquisa sobre a Sexualidade e Educação, pois envolve dimensões essenciais da cultura e da expressão existencial. Nesta direção MARCUSE diz:

"Se o comportamento lingüístico bloqueia o desenvolvimento conceptual, se ele milita contra a abstração e a mediação, rende-se aos fatos imediatos, repele o reconhecimento dos fatores que estão por trás dos fatos e, assim, repele o reconhecimento dos fatos, bem como do conteúdo histórico destes. Tal organização da locução funcional é de importância vital na sociedade e para ela; serve de veículo de coordenação e subordinação. A linguagem funcional unificada é uma linguagem irreconciliavelmente anticrítica e antidialética. Nela, a racionalidade operacional e behaviorista absorve os elementos transcendentais, negativos e de oposição da Razão" ¹⁸.

Contrapor-se a esta linguagem administrada, cientificista, parece ser um dos suportes da contra-ideologia necessária para a transformação das atuais categorias de apreender a sexualidade e encaminhar um discurso pedagógico gratificante e libertador sobre a mesma.

¹⁸ MARCUSE, H. op.cit., p. 102.

4. A NOVA SEXUALIDADE EM VISTA DE UMA NOVA SOCIEDADE

A possibilidade de uma nova concepção de sexualidade não passa pelo esmero técnico e pela nova qualificação da linguagem somente. Requer uma compreensão mais ampla, centrada nos eixos de poder da sociedade capitalista onde vivemos. As estruturas de morte e negação da vida, presentes na esfera do trabalho e da vida cotidiana, marcadas pela exploração e por inúmeras formas de desigualdades ou injustiças não poderão nunca instituir formas gratificantes de prazer e de plenitudes. Numa sociedade onde alguns gozam do que muitos produzem, a raiz da alienação econômica, haverá também uma conseqüente alienação sexual e dos desejos. Ao mundo das mercadorias frias e opacas correspondem relações de uso e de medo, incapazes de propiciar perspectivas de encontros. Todavia, a despeito de todas as teorias pessimistas, apesar das inúmeras dificuldades propostas pelas conjuntura, ousamos continuar acreditando que dos exércitos de excluídos e que pode vir alguma mudança ou transformação. A contra-ordem real, marcada por muitos projetos de ser que não foram plenamente realizados encontra-se em movimento para novas sínteses formais de poder e de saber. Na raiz das opressões existe o oprimido que será o agente mais vigoroso da nova ordem social. A atividade inconformista e indestrutível das classes oprimidas encontra-se em marcha para novos surtos de civilização.

Sobre este movimento continua extremamente atual a observação de MARCUSE:

"Contudo, por baixo da base conservadora popular está o substrato dos párias e estranhos, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, os desempregados e os não-

*empregáveis. Eles existem fora do processo democrático; sua existência é a mais imediata e a mais real necessidade de por fim às condições e instituições intoleráveis. Assim, sua oposição é revolucionária ainda que sua consciência não o seja. Sua oposição atinge o sistema de fora para dentro, não sendo, portanto, desviada pelo sistema, é uma força elementar que viola as regras do jogo e, ao fazê-lo, revela-o como um jogo trapaceado. Quando eles se reúnem e saem às ruas, sem armas, sem proteção, para reivindicar os mais primitivos direitos civis, sabem que enfrentam cães, pedras e bombas, cadeia, campos de concentração e até morte. Sua força está por trás de toda manifestação política para as vítimas da lei e da ordem. O fato de eles começarem a recusar a jogar o jogo pode ser o fato que marca o começo do fim de um período"*¹⁹.

Esta marcha indestrutível não tem a ansiedade do tempo. Ela nasce das contradições materiais e ideológicas desta sociedade de desigualdades, onde indivíduos atomizados são postos contra seus semelhantes pela força das condições objetivas de sobrevivência. Numa sociedade de iguais haverá a possibilidade de relações plenas de sentido e fecundas em desejos e prazer. Nossa preocupação como educadores consiste exatamente em descobrir os sinais desta nova realidade, perscrutar seu bramido de modo a propor antecipadamente suas características epifânicas.

Novas relações de trabalho e de pactos sociais tenderão a restaurar a força erótica presente na condição humana. A sociedade mercadológica perdeu o espectro do amor, constituindo-se numa sociedade de coisas e de burocracias, inclusive a de ordem consumista no próprio privado da família e da sexualidade, para não focar de imediato o mundo do trabalho ou da sociedade política constituída. Quando um homem encontrar-se outra vez frente a seus semelhantes, de maneira transparente e confiante, sem as máscaras de uma cotidianidade massacrante, sem os receios de uma violência simbólica inibidora, poderemos retomar as vivências abertas de uma nova antropologia do prazer.

¹⁹ MARCUSE, Herbert, op. cit., p. 235.

A ética da contemplação, do desejo comedido e profundo, dos encontros indescritíveis entre essências e subjetividades plenas será marcada por novas liturgias e rituais de amor, confiança, dignidade e admirável enamoramento.

Julian MARIAS, assim define, antecipando este tempo, a contradição e os paradoxos do amor:

"O enamoramento consiste no fato de a pessoa da qual estou enamorado se converter em meu projeto. Não se trata simplesmente de certos atos meus se referirem a ela, nem mesmo de que esses atos sejam "amorosos"; posso "amar" uma pessoa da qual não esteja enamorado; essa pessoa será o objeto de meus atos, causa e destinatário de certos sentimentos; poderíamos dizer que essa pessoa ocupa um lugar relevante em minha circunstância, pode ser uma porção irrenunciável da mesma. Outra coisa é ao me ver a mim mesmo, isto é, ao projeto vital em que consisto, descobrir-me inexoravelmente envolto nessa outra pessoa; não é simplesmente que me projete para ela mas que me projeto com ela, ao projetar-me encontro-me com ela como inseparável de mim. Sem ela, propriamente não sou eu. O que significa, literalmente, que sou outro do que - antes de enamorar-me - era. O enamoramento consiste, pois, em uma mudança de minha realidade, o que poderíamos chamar uma variação ontológica"²⁰.

Esta capacidade de amar não pode prescindir de uma plena realização das sexualidades emancipadas, de modo a constituir-se a base de novos projetos de convivência e de busca das finalidades possíveis da condição humana. Esta capacidade de enamorar-se constitui a plenitude humana que entrega seu ser num projeto de restauração dos sentidos potenciais da vida humana. MARIAS, ainda falando desta perspectiva de modo biográfico, afirma:

"O enamoramento não tem muito que ver com sentimentos, paixões, emoções, etc., porque não se trata de vida psíquica e sim de vida biográfica, isto é, de minha vida pessoal. O enamorado ocupa-se de mil coisas, pensa em inúmeros temas,

²⁰ MARIAS, Julian. A MULHER NO SÉCULO XX. São Paulo: Ed. Convívio, 1989, p. 186-187.

*passa por diferentes humores; seu psiquismo volta-se a outras realidades que não são a amada; mas nunca mais está só: projeta-se misteriosamente com essa pessoa inseparável, na presença e na ausência. O homem e a mulher enamorados se necessitam mutuamente para ser cada um quem é - o eu que cada um tem de ser - enquanto varão e mulher. Meu projeto inclui a mulher de quem estou enamorado. E a impressão de "eternidade" que o enamoramento provoca está justificada porque aquele que ama, ainda que seja há pouco tempo, ama agora a partir de sua realidade de sempre, e sente que tem de ser, igualmente, para sempre. Se estou constituído pelo amor a uma mulher, é contraditório não a amar, já que o enamorado é aquele que ama tal mulher"*²¹.

Uma sociedade projetada para novas relações de trabalho e de convivência necessariamente exigirá novos padrões de relações materiais e objetivas entre homem e mulher. A revolução russa de 1917 transformou profundamente o imaginário político dos homens deste século ao propor novas formas de relação políticas e sociais entre classes e pessoas. Alexandra KOLLONTAI, em memorável romance, denunciava que as mudanças políticas e as mudanças nas relações de trabalho tinham ainda sido marcadas pela insuficiência, no que se refere aos papéis culturais de homem e de mulher. Afirmava, com certa amargura, que as mulheres russas conquistaram muitas frentes e posições sociais relevantes mas não tinham logrado alterar profundamente uma cultura patriarcal milenar que pesava sobre todos. Seu apelo:

*"Portanto, aprendam com isso, todos vocês homens que, com sua cegueira, fazem sofrer as mulheres, e saibam que se magoarem o coração de uma mulher, estarão matando o amor que há nele"*²².

²¹ MARÍAS, Julian, *idem*, p. 188.

²² KOLLONTAI, Alexandra. *UM GRANDE AMOR*. São Paulo: Ed. Rosa dos Ventos, 1992, p. 36.

Nesta direção, a questão da mulher permanece como um horizonte a ser ainda descortinado. Muitas coisas já foram ditas e denunciadas: a violência cultural, a violência física, a ideológica machista, o mito do amor materno, a suposta inferioridade da mulher, os estatutos ideológicos e jurídicos do machismo patriarcal, a rede de cumplicidade das instituições patriarcais etc. todavia é preciso ir além da denúncia. Estamos num tempo em que há urgência de novas proposituras eficientes e abrangentes, de modo a dar ao debate da questão da mulher um novo padrão de qualidade política e ética. As lutas das mulheres são bandeiras de todos quantos buscam uma nova sociedade. NIN, assim compreende esta dialética do feminino:

"Segundo minha própria observação, acho que a mulher não separou, como o homem, amor e sensualidade. Amor e sensualidade estão geralmente interligados na mulher; ela precisa amar o homem ao qual se entrega e ser amada por ele. Na relação amorosa ela precisa estar segura de que se trata de amor e de que o ato sexual representa apenas uma parte da troca ditada pelo amor. Os homens costumam se queixar de que as mulheres necessitam de segurança e exigem provas de amor. Os japoneses reconheceram essa necessidade e antigamente era de regra que o homem escrevesse, após uma noite de amor, um poema que deveria chegar à amada antes do seu despertar. Não seria esta uma maneira de vincular o ato amoroso ao amor?"²³

A sua crítica aos atuais modelos de identificação do que seja feminino, ou ainda, a cristalização de um tipo de comportamento aparentemente superficial não pode ser desconhecido. Ela insiste em que a nova mulher deva ser sujeito de novas significações sobre sua própria ontologia, de modo a contribuir com ela em todos os campos da ação humana, do político ao estético, do cultural ao econômico, do trabalho aos campos da ciência e da pesquisa mais avançada. No entanto não se pode deixar de reconhecer os limites de uma determinada

²³ NIN, A. EM BUSCA DE UM HOMEM SENSÍVEL. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980, p. 9-10.

compreensão conjuntural das lutas feministas, esgotados em suas próprias contradições. Afirma ainda:

*"Acho que as mulheres reparam até hoje numa partida precipitada ou na falta de respeito ao ritual que foi cumprido; elas ainda precisam das juras, do telefonema, da carta, gestos que fazem do ato sexual um ato único, e não anônimo e puramente sexual. Pode ser que esse aspecto desapareça - ou não - na mulher moderna, decidida a renegar todos os componentes de sua antiga personalidade, e que ela chegue a separar o sexo do amor, o que, na minha opinião, diminuirá o prazer e prejudicará a qualidade do ato amoroso. É o conteúdo afetivo do ato amoroso que o realça, o eleva e o intensifica. Como a diferença entre um solista e as ricas variações de uma orquestra"*²⁴.

Ainda que os contornos desta nova sociedade não estejam plenamente vislumbrados, temos a ousadia de propor uma rigorosa crítica de nossas formas de viver atuais. Um programa emancipatório de sexualidade e educação deverá fornecer instrumentos teóricos para uma busca particular e inalienável de sentido para as existências humanas. O que temos hoje visto é uma grande ausência de sentido. FROMM, descrevia a sociedade americana dos anos 60, modelo das sociedades contemporâneas, como uma sociedade vazia de sentido. Sua crítica permanece atual e questionante das bases de nosso viver presente. As formas burocráticas de convivência e as condições materiais impessoais de produção, até para não apontar suas matrizes exploratórias, apontam para a ausência de ser:

"Temos um grau de alfabetização, superior a 90 por cento da população. Temos rádio, televisão, cinema, um jornal diário para todos. Mas, em vez de nos proporcionarem o que há de melhor na literatura e na música, esses meios de comunicação, suplementados pelos anúncios, enchem a cabeça das criaturas de coisas as mais ordinárias, carentes de senso de realidade; de fantasias sádicas que as criaturas de cultura mediana se

²⁴ NIN, A, op. cit, p. 10.

*sentiriam embaraçadas em alimentar ainda que vez por outra. Mas enquanto as mentes de todos, jovens e velhos, são assim envenenadas, providenciamos alegremente para que nenhuma "imoralidade" seja mostrada nas telas. Qualquer sugestão no sentido de o governo financiar a produção de filmes e programas radiofônicos destinados a ilustrar e aprimorar a mente do nosso povo seria também recebida com indignação e acusações em nome da liberdade e do idealismo. Reduzimos a média das horas de trabalho, à metade do seu total de há cem anos. Temos hoje mais tempo livre do que os nossos ancestrais poderiam sequer sonhar. Mas que aconteceu? Não sabemos como usar esse tempo livre; tentamos matar o tempo que economizamos ao trabalho e ficamos contentes quando termina mais um dia"*²⁵.

Nenhum homem pode furtar-se a este encontro com a dimensão de sentido de sua existência. SÓCRATES (469-399 a.C.) afirmava, num ensinamento milenar: "uma vida que não é examinada não merece ser vivida". Esta afirmação desafiante continua a cobrar de todo ser humano uma busca objetiva das razões maiores de seu existir. Não temos dúvida que a contabilidade das perspectivas afetivas oferece um dos componentes fundamentais para esta análise ou busca. As estruturas atuais de uma sociedade tecnológica não são diversas daquelas primeiras formas de ver o mundo criadas pela condição humana em sua evolução cultural. É ainda FROMM que nos interpela com seu pensamento:

*"O problema da existência do homem é, portanto, único em toda a Natureza: ele saiu da Natureza, por assim dizer, mas ainda está nela; é em parte divino e em parte animal; em parte infinito, em parte finito. A necessidade de encontrar soluções sempre renovadas para as contradições de sua existência, de encontrar formas cada vez mais elevadas de unidade com a Natureza, com seus próximos e consigo mesmo, é a fonte de todas as forças psíquicas motivadoras do homem, de todas as suas paixões, seus afetos e ansiedades"*²⁶.

²⁵ FROMM, Erich. PSICANÁLISE DA SOCIEDADE INDUSTRIAL. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1970, p. 19.

²⁶ FROMM, Erich, op. cit., p. 38.

Já apontamos as referências de uma antropologia marxista para o encaminhamento destas grandes contradições humanas. A denúncia de um homem decaído não é propriamente original do humanismo marxista. Ela advém dos humanismos existencialistas que tanto sucesso fizeram neste século. O marxismo acentua as características humanas de otimismo e de possibilidade potencial de alterar as condições atuais de vida e constituir novos mundos onde o homem possa plenamente ser realizado. MARX afirmava:

*"O dinheiro transforma as forças humanas reais e naturais em idéias meramente abstratas, e, portanto, em imperfeições, e, por outro lado, transforma as imperfeições reais e fantasias, as forças que só existem na imaginação do indivíduo, em forças reais... Transforma a lealdade em vício, os vícios em virtudes, o escravo em senhor, o senhor em escravo, a ignorância em razão, e esta em ignorância... Quem pode comprar valores é valente, embora possa ser covarde... Considera o homem como homem, e suas relações com o mundo como relações, e só poderá trocar amor por amor, confiança por confiança etc. Se deves gozar a arte tens de ser uma pessoa artisticamente preparada; se queres influir em outras pessoas, tens que ser alguém que exerça sobre elas uma influência realmente estimulante e propulsora. Todas as tuas relações com o homem e com a Natureza têm de ser uma expressão definida de tua vida real, individual, correspondente ao objeto de tua vontade. Se amas sem despertar amor, isto é, se teu amor como tal não produz amor; se, mediante uma expressão de vida como pessoa que ama não fazes de ti mesmo uma pessoa amada, então teu amor é impotente, é um infortúnio"*²⁷.

²⁷ MARX, Karl, citado por FROMM, Erich, op. cit., p. 134-135.

5. TÓPICOS PARA UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOBRE SEXUALIDADE E SOCIEDADE

Na medida em que compreendemos a sexualidade como constituída histórica e socialmente somos levados a lutar por uma sociedade onde as forças vitais mais plenas e gratificantes do ser humano estejam plenamente satisfeitas e projetadas. Isto requer uma mediação sócio-analítica que venha a superar as atuais formas de viver e de produzir o significado da vida contemporânea. A sexualidade consumista deve ser plenamente denunciada e superada pois não se trata de uma sexualidade envolta em rituais ou formas de encontro entre sujeitos mas torna-se a válvula de escape para sexualidades atomizadas vivenciadas por indivíduos ausentes de si, incapazes de relações amorosas fecundas e densas de sentido subjetivo e histórico político.

O culto ao corpo, destituído de uma matriz política de globalidade reduz-se a um culto fetichista ou mercadólatria, que não encontra limites pois situa-se nos ditames do capital ou dinheiro. O corpo não encerra valores estéticos ou espirituais para esta nova, ou velha, compreensão da corporeidade capitalista. O elixir do corpo belo, das formas atraentes e narcisistas de cativar, prender, seduzir e possuir povoam os imaginários coletivos de nosso tempo. Acrescente-se ao elixir deste corpo-belo a triunfante explosão do culto à juventude. A idade jovem alcançou significações inusitadas em nosso tempo, contrapondo-se aos milenares conceitos de respeito e dignidade dos velhos. O tempo do capital exclui os velhos como improdutivos. O sagrado exercício da sexualidade exige a imolação dos corpos jovens. FINKIELKRAUT, denuncia esta incomensurável fixação no ideal de juventude de nossas imagens de vida atuais ao dizer:

"Hoje em dia, a juventude constitui o imperativo categórico de todas as gerações. Uma neurose caçando outra, os quarentões são teenagers prolongados; quanto aos Antigos, não são mais honrados em razão de sua sabedoria (como nas sociedades tradicionais), de sua seriedade (como nas sociedades burguesas) ou de sua fragilidade (como nas sociedades civilizadas) mas se e somente se souberem ficar jovens de espírito e de corpo. Em uma palavra, não são mais os adolescentes que, para escapar do mundo, se refugiam em sua identidade coletiva, é o mundo que corre desesperadamente atrás do adolescente. E como nota Fellini, com certo estupor, essa inversão constitui a grande revolução cultural de época pós-moderna: "Eu me pergunto o que pôde ter acontecido em um dado momento, que espécie de malefício pôde impressionar nossa geração para que, repentinamente, tenha começado a ver os jovens como os mensageiros de não sei qual verdade absoluta. Os jovens, os jovens, os jovens... Que se tivesse dito que estavam chegando em suas naves espaciais (...) Somente um delírio coletivo para nos ter feito considerar garotos de quinze anos como mestres depositários de todas as verdade" ²⁸.

O sentimento que nos impulsiona a denunciar estes atuais messianismos consiste na crença da perspectiva de uma sociedade de iguais. Não podemos desconhecer que tal condição esteja extremamente determinada pela estrutura das forças materiais e políticas de nosso tempo. Numa sociedade igualitária haverá tempo para o corpo da criança desabrochar com a curiosidade ansiosa de saber de si, haverá tempo para o corpo adolescente compreender subjetivamente suas energias e potencialidades, haverá tempo para o corpo de homens e mulheres superarem o bramir da morte que pesa sobre as individualidades sobrecarregadas do princípio da produção, haverá tempo para o corpo dos velhos refletirem todas as experiências gratificantes vivenciadas com plenitude. Será a sexualidade prazerosa a medida da plenitude dos corpos livres.

Somente a superação das solidões institucionais nos permite antever esta nova sociedade. MÉSZARÓS, aponta a solidão da contemporaneidade como

²⁸ FINKIELKRAUT, Alain. A DERROTA DO PENSAMENTO. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1986, p. 152-153.

um dos elementos nascidos da concepção individualista burguesa do homem. A superação desta solidão dar-se-ia pela superação das categorias burguesas de compreender o homem. O ilustre pensador afirma:

"Talvez nada ilustre melhor o caráter contraditório desses desenvolvimentos que as respostas paradoxais dos escritores à solidão, desde Rousseau até os nossos dias. A desintegração progressiva das ligações sociais, a crescente atomização da sociedade, a intensificação do isolamento dos indivíduos, uns em relação aos outros, e a solidão, necessariamente inerente a essas tendências de fragmentação e privatização, foi, ela própria, o produto da alienação. E, mesmo assim, os protestos dos escritores modernos contra a alienação e a desumanização freqüentemente fazem questão de insistir na proclamada "soberania" do indivíduo, fazendo da situação alienante da solidão uma virtude, afirmando, assim, o que originalmente pretenderam negar" ²⁹.

A antropologia de inspiração marxista não se confunde com os resultados históricos dos movimentos políticos vivenciados pelas sociedades contemporâneas protagonizadas pela ideologia política marxista. A antropologia marxista é um recurso teórico que pretende subsidiar a prática vigente numa completude de significação dialética. Nada mais reducionista do que confundir os movimentos históricos reais com as idéias e fundamentos antropológicos ou filosóficos decorrentes do pensamento de MARX.

A antropologia marxista afirma a vida, a esperança e a inusitada condição de mudança da realidade do mundo. Não se deleita nas dimensões de morte e de medo, próprias das antropologias contemporâneas fragmentárias, originadas na individualidade burguesa ou no otimismo idealista liberal.

CAMUS, aponta este "medo da morte" que tomou conta da sociedade contemporânea, usando sempre a metáfora do romance, para entabular um

²⁹ MÉSZARÓS, Istvan. FILOSOFIA, IDEOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: Ed. Ensaio, 1986, p. 260.

diálogo mais ou menos trágico e velado sobre as condições dilaceradas do tempo presente:

*"Compreendia que ter medo daquela morte que ele encara com uma angústia de animal era também ter medo da vida. O medo de morrer justificava um apego em limites a tudo o que é vivo no homem. E todos aqueles que não tinham praticado os gestos decisivos que enobrecem uma vida, todos aqueles que temiam e exaltavam a impotência, todos tinham medo da morte, pela sanção que ela imprime a uma vida de que sempre tinham ficado distantes. Não tinham vivido suficientemente, nunca tinham vivido. E a morte era um gesto que priva para sempre de água o viajante que procurou em vão acalmar a sede. Mas, para os outros, a morte era o gesto fatal e piedoso que tudo apaga e tudo nega, que sorri de igual modo à aceitação a à revolta"*³⁰.

Este medo da morte marcou a busca imediata de uma voluptuosidade vivida na sexualidade. Não se pode deixar de relacionar esta incessante busca de prazer que tomou conta de nossas sociedades com o esvaziamento das perspectivas utópicas de alterar as condições objetivas do mundo político. A cidade contemporânea determinou a morte do homem e a conseqüente exaltação da máquina, ou ainda, reduziu o homem às dimensões da máquina, quer no seu corpo, quer no seu espírito, quer na razão, quer na vontade. GUSDORF, aponta o dilaceramento da cidade como uma das grandes frustrações ontológicas atuais ao dizer:

"A cidade contemporânea, na sua imensidão, não pode ter um centro, ela tem diversos ou nenhum. O centro é o lugar adequado para a reunião da comunidade cidadina, para as cerimônias e os jogos, para o mercado e para o desfile militar ou civil. Ora, nenhum recinto é materialmente próprio para reunir a população de uma grande cidade, e, de resto, por toda espécie de razões, é impensável concentrar onde quer que seja, milhões de indivíduos, todos os habitantes de São Paulo, por exemplo. Assim se explica o desaparecimento da praça, cuja importância

³⁰ CAMUS, Albert. A MORTE FELIZ. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1968, p. 219.

na cidade antiga foi acima indicada. A agora, o fórum, desapareceram das urbanizações modernas. Nas cidades européias da Idade Média, da Renascença ou da idade clássica, as praças admiráveis, orgulho arquitetural da cidade, foram transformadas em pontos de estacionamento, porque é preciso estacionar os automóveis em excesso, em algum lugar. A máquina expulsou o homem dos lugares privilegiados que lhe haviam sido reservados. A cidade foi na história da humanidade, um fator de humanização; ela contribui hoje para a desumanização do homem. Nas ruas, nas praças, nos passeios, nas esplanadas, outrora, o pedestre encontrava o pedestre. Agora as avenidas converteram-se em autódromos em que os motoristas agarrados nos seus volantes, vivem segundo o ritmo geométrico e alucinatório dos sinais vermelhos e dos sinais verdes, emblemas do novo espaço-tempo técnico. Ninguém encontra mais ninguém; cada qual se entrega inteiramente a esta fuga para a frente, desvairada, que define a existência humana na última parte do vigésimo século. Outrora pólo de atração, a cidade tornou-se assim um pólo de repulsão. Os prisioneiros do espaço urbano sonham em evadir-se o mais cedo e o mais depressa possível"³¹.

Todas estas características mais globais da sociedade contemporânea burguesa encontram-se plenamente vivenciadas em nosso país. Nossos jovens e adolescentes vivem profundamente a solidão atomizada da cidade de pedra. A melhor metáfora para explicar a perplexidade de jovens e adolescentes frente a cidade desumana encontra-se nas narrações mitológicas mais clássicas, como nos evoca o dilema de ÉDIPO frente à Esfinge. Este animal mitológico, a esfinge, representada simbolicamente como possuidora da face humana, do corpo do leão e das garras da águia representava, num ensaio interpretativo, a aparência humana disfarçando a dimensão animalesca e selvagem do leão e ainda a dimensão traiçoeira e de rapina própria da águia. A sociedade e cidade contemporâneas são, para os jovens, a verdadeira esfinge que parece humana mas encerra as armadilhas perversas do animalesco e da rapina. A esfinge

³¹ GUSDORF, George. A AGONIA DE NOSSA CIVILIZAÇÃO. São Paulo: Ed. Convívio, 1982, p. 59.

endereça, como a Édipo, o seguinte dilema ou enigma: "Decifra-me ou te devoro!"

Numa sociedade superando as dominações, torna-se imperativo afirmar a verdade do homem. GUSDORF proclama:

*"A derradeira verdade do mundo em que vivemos é uma verdade humana. Toda análise que não leva em conta este fato fundamental é uma análise redutora e incompleta. Os cientistas não erram por prosseguirem suas investigações; os técnicos são justificados por aperfeiçoar sempre os meios à disposição da humanidade. Mas os resultados obtidos por uns e outros não são válidos senão sob a condição de estarem situados na paisagem da condição humana, de serem interpretados em função das finalidades próprias da vida na terra dos homens. Desde que esta condição se perca de vista, os resultados mais incontestáveis, os mais verdadeiros não são mais válidos; eles carregam em si os germes da alienação da crise do mundo contemporâneo, em que as verdades são conferidas com os valores, onde os meios são conferidos com os fins"*³².

Na compreensão das silhuetas deste novo mundo que sonhamos lançam-se algumas sementes do presente. Podemos apontar com certa satisfação as lutas dos movimentos emancipatórios da mulher, dos negros, das minorias raciais, dos homossexuais, do terceiro mundo, dos ecologistas e ambientalistas. São fissuras do presente que abrem horizontes de cidadania para o futuro. Muitas das lutas de juventude não foram plenamente vencidas pelo capital. Nem foram incorporadas ou cooptadas pela ordem vigente, devoradas pela esfinge insaciável. Há muita paixão em muitas frentes de luta embrionárias de nosso tempo. GUSDORF acentua o caráter profético destas lutas ao dizer:

"Assim se explica a paixão dos militantes ecologistas de hoje; eles não querem somente salvar algumas vergôntes de relva, ou três árvores ameaçadas numa praça pública num pedaço de

³² GUSDORF, George, op. cit., p. 94.

*terra, em que se projeta instalar uma usina química ou atômica. A relva e a árvore, são para ele emblemas de um respeito à natureza e à vida, revestidos de uma dignidade ontológica. A sacralização do meio natural é uma das formas contemporâneas da busca do ser; ela põe em jogo os valores de simplicidade, de pureza e de inocência. Só um ser desnaturado pode sonhar assim com uma natureza aparelhada de todas as suas virtudes"*³³.

Destacada como foco de significação e de valores que inspirem experiências fundamentais, a sexualidade rege nossa presença no mundo e nossas relações com o próximo, talvez assim possamos explicar a grandiosa energia revolucionária que esta dimensão encerra, desdobrando-se potencialmente numa das mais humanas características. A antropologia que nos fundamenta, também nos permite inibir ou buscar superar os discursos anunciadores da morte do homem. Ainda GUSDORF conclama:

*"É preciso reconhecer aos anunciadores da morte do homem, que eles puseram em evidência o imenso perigo do aniquilamento intelectual e espiritual que representa hoje a cultura de massa"*³⁴.

Com uma ironia sem precedentes SARTRE anuncia a "idade da razão" como a capitulação do homem contemporâneo frente a todas as determinações de nosso tempo. Em seu celebre romance, como todos os grandes existencialistas, preferindo a linguagem metafórica do romance literário filosófico ao discurso direto, racional e metódico, SARTRE aponta um estranho jeito de conscientizar-se das contradições que o encerram, ao dizer:

"O epicurismo desabusado, a indulgência sorridente, a resignação, a seriedade de espírito, o estoicismo, tudo isso que permite apreciar, minuto por minuto, como bom conhecedor, uma

³³ GUSDORF, George, op. cit., p. 115.

³⁴ GUSDORF, George, op. cit., p. 190.

*vida malograda. Tirou o paletó, pôs-se a desfazer o nó da gravata. Repetia bocejando: - Não tem dúvida, não tem dúvida, estou na idade da razão"*³⁵.

Esta "idade da razão" à qual alude SARTRE repousa sobre a ausência de esperança e de perspectivas de ação transformadora. A realidade atual, mesmo se considerada nos cenários mais amplos da pós-modernidade ou ainda encarada pelas múltiplas contradições de nossa incipiente experiência de redemocratização do Brasil (1985), não oferece, a priori, uma aprovação positiva. As multidões de jovens e adultos que se encontram frente ao dilema de garantir sua sobrevivência material, nem ao menos tem acesso às pré-condições de entabular uma reflexão de ordem filosófica sobre a existência, tornam-se incapazes, pela cegueira proporcionada pela ideologia, de produzir criativamente quaisquer tematizações sobre a sexualidade vivenciada.

FOUCAULT nos impulsiona a esta longa análise da sexualidade contemporânea, presa aos ditames dos dispositivos de poder e de negação da vida. A aparente estrutura de libertação, anunciada pela Revolução Sexual dos anos 60, se encontra amplamente questionada e superada, por uma estrutura discursiva tão controladora quanto os códigos vigentes anteriormente. Não basta uma compreensão maniqueísta das estruturas de poder e dominação que pesam sobre o indivíduo. É preciso tematizar o próprio poder. O pensamento de FOUCAULT nos determina estas conclusões:

"Mas não se deve esquecer que existiu uma mesma época uma técnica para construir efetivamente os indivíduos, como elementos correlatos de um poder e de um saber. O indivíduo é, sem dúvida o átomo fictício de uma representação "ideológica" da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a "disciplina". Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos; ele "exclui", "reprime", "recalca", "censura",

³⁵ SARTRE, Jean Paul. A IDADE DA RAZÃO. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1945, p. 335.

*"abstrai", "mascara", "esconde". Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção"*³⁶.

A consequência prática desta consideração positiva e objetiva do poder nos proporciona não somente uma atitude de recusa aos códigos vigentes e atuais, aliada a uma ideologia de não-poder. Implica uma interpretação tão lúcida quanto eficiente, que nos faça buscar, desentranhar de nós, de nosso tempo e a partir de nossas possibilidades de ser, novas formas de poder, que venham a estruturar novas experiências de ser e de organizar a realidade material e conseqüentemente, a realidade ontológica, dos seres que existem neste tempo e sociedade.

Ao falar do trabalho feminino, em 1885, ENGELS, já antevia uma nova sociedade onde seria possível estruturar novas formas de poder de modo a garantir a igualdade entre os sexos e a justiça salarial materializada:

"Se os franceses reivindicam, em menor grau que os alemães, a limitação do trabalho feminino, isto se deve ao fato de o trabalho das mulheres nas fábricas tem na França - sobretudo em Paris - menos importância. A igualdade de salário para o mesmo trabalho de ambos os sexos foi exigida, pelo que sei, por todos os socialistas enquanto o sistema geral de salário não tinha sido abolido. Parece-me claro que a mulher trabalhadora necessita de proteção específica contra a exploração capitalista, por razões psicológicas particulares. Os ingleses, que estão na vanguarda da luta pelos direitos formais das mulheres, ficam, mais ou menos, no âmbito da exploração capitalista. Devo reconhecer que me interessa mais a saúde das gerações futuras que a absoluta igualdade dos direitos formais dos sexos no curso dos últimos anos, do modo de produção capitalista. Estou convencido de que uma verdadeira igualdade de direitos entre homens e mulheres só poderá ser verdadeira quando se tiver eliminado a

³⁶ FOUCAULT, Michel. VIGIAR E PUNIR. Petrópolis: Editora Vozes, 1977: p. 172.

*exploração capitalista sobre ambos e o trabalho doméstico privado seja convertido em indústria pública"*³⁷.

Não temos outra esperança que não seja esta. Enquanto permanecem as estruturas mesmas de origem e matriz do capital, sua intrínseca capacidade de exploração e produção da desigualdade, estaremos sujeitos a estas forças de estranhamento e de morte que leva os homens a posicionarem-se como coisas frente aos outros, ou a entender a natureza a partir de matrizes predatórias e destrutivas. A concepção socialista do homem e das relações de produção, mais do que nunca, povoam nossas perspectivas utópicas, para o Terceiro Milênio.

A luta para superar estas condições históricas de opressão passa necessariamente pela consciência utópica renovada ou revitalizada. A carga ideológica destes anos de pessimismo e ceticismo tem pesado muito sobre os que se colocam na vanguarda das lutas políticas e sociais. As classes mais oprimidas da realidade brasileira tem suportado uma centenária cultura de exploração e exclusão. As instituições sociais, entre as quais inclui-se a família e a escola, objeto de nossa análise, estão entre as agências produtoras de uma consciência alienada do mundo e até mesmo uma lassidão permissiva de comodismo e passividade. A ética de uma nova sociedade anunciada exige um desestruturar-se do comodismo e da avaliação cética, exige esperanças e sobretudo, perspectivas de ir ao encontro de novas possibilidades de viver a mudança. Não podemos admitir, deterministicamente, que a ideologia dominante e sua avassaladora potencialidade de imobilização das consciências e de corpos, na direção de uma nova ordem social, tenha quebrado toda resistência e seja capaz de um onipotente ceticismo.

³⁷ ENGELS, F. CARTA A GERTRUD GUILHAUME-SCHACK, IN: TEXTOS SOBRE EDUCAÇÃO E ENSINO. São Paulo: Editora Moraes, 1992, p. 77.

Os alunos que encontramos como interlocutores desta sexualidade dilacerada, vivida entre a compensação frustrante e a concessão repressiva, vivem as experiências mais duras do que a humanidade entende por miséria e exclusão. Não se pode falar das sexualidades reais sem atingir e tentar compreender os sujeitos reais. A vivência desta miséria tem barbarizado as gerações. As condições fundamentais para que os jovens e crianças pudessem adentrar à cultura humana como sujeitos plenos encontra-se truncada pelas estruturas econômicas e sociais de uma sociedade que não universalizou sequer a escola pública fundamental. Vivem no estado mais decadente das misérias materiais e espirituais, como afirma ARENDT:

*"Pobreza é mais do que privação, é um estado de constante carência e aguda miséria, cuja ignomínia consiste em sua força desumanizadora; a pobreza é abjeta, porque submete os homens ao império absoluto de seus corpos, isto é, ao império absoluto da necessidade, como todos os homens a conhecem a partir de sua experiência mais íntima independente de todas as especulações"*³⁸.

A consideração desta desumanização provocada tem, para o pesquisador, um caráter de desafio... pois a luta para se produzir a ciência não se encontra deslocada de um projeto político que venha a superar as causas de nossa opressão. Não se trata de panfletarismo político nem de uma luta idealista sem raízes. É precioso considerar a marcha quase surda dos oprimidos como o motor da história, onde a ciência provoca a compreensão das causas desta opressão para lançar desafios de emancipação.

A educação é uma das instituições mais fundamentais na estratégia destas mudanças e perspectivas de resistência. Mais do que em qualquer tempo estamos convocados a produzir uma sábia e sólida teoria crítica da educação, a

³⁸ ARENDT, Hannah. DA REVOLUÇÃO. São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 48.

fundamentar nossas intervenções no campo da sexualidade. TOMAZ TADEU assim retoma esta possibilidade crítica revitalizada:

*"Uma teorização crítica em educação, enfim, deve ser capaz de teorizar sobre a reprodução e a mudança, a manutenção das estruturas e a possibilidade de modificá-las, sobre o estático e o dinâmico, se é que ela tem alguma pretensão de iluminar nossa prática e nossa ação. Sem uma teoria da reprodução, estaremos cegos, agindo de forma errática, e inconscientes sobre o que determina nossas ações. Sem uma teoria da produção, estaremos incapacitados, ignorantes de nosso papel numa dinâmica social que estará se movimentando, produzindo ou reproduzindo, de qualquer forma. É no cruzamento de ambas que reside a promessa de uma teoria crítica em educação que não nos torne nem prisioneiros da ideologia da livre determinação, nem amarrados pela camisa-de-força da idéia de que somos apenas e inexoravelmente portadores das estruturas"*³⁹.

A sexualidade, portanto, numa perspectiva emancipatória, somente poderá ser compreendida dentro das condições plenas e integradas da realização ontológica, social, ética e política da condição humana. Não há como conceber uma educação sexual deslocada de uma educação para a cidadania, para a convivência de iguais, para uma adequada concepção de si e dos outros que estão ao seu redor. A escola poderá fornecer uma chave informativa em pretensas aulas de Educação Sexual, mas a possibilidade de uma consciência ética e política sobre a sexualidade somente será possível se a escola tiver claro um projeto político-pedagógico de superação das atuais formas de entender o homem, a sociedade, a cultura, os conteúdos e as práticas institucionais escolares. Não se apresenta uma educação sexual dissociada de uma determinada concepção de homem e da sociedade onde vivemos; a escola que procura estabelecer um programa de Educação Sexual emancipatório deverá estar determinada a projetar o espírito crítico de sua comunidade, professores,

³⁹ TOMAZ TADEU, O QUE SE PRODUZ E SE REPRODUZ EM EDUCAÇÃO. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1992: p. 71.

alunos e funcionários, para além da relação internista, institucional. A sexualidade responsável, superando o clichê que se deu a esta expressão será fruto de uma profunda revitalização das finalidades estruturais da escola, voltada para a qualificação de seu cidadãos e sua inserção crítica e autônoma na sociedade de classes.

Não desconhecemos o novo cenário de crise em que vivemos. Ao chamado pós-modernismo, todavia, não concedemos o conformismo e a resignação capitulada. APPLE, M. assim descreve este trágico tempo:

*"Fábricas fechadas, escritórios vazios, milhões de desempregados, dias de fome, cidades decadentes, hospitais superlotados, administrações enfermas, explosões de violência, ideologia de austeridade, discursos fátuos, revoltas populares, novas estratégias políticas, esperanças, medos, promessas, ameaças, manipulação, mobilização, repressão, bolsas de valores temerosas, sindicatos militantes, computadores perturbados, policiais nervosos, economistas estupefatos, políticos astutos, povo sofredor - tantas imagens que pensávamos terem se ido para sempre, levadas pelo vento do capitalismo pós-industrial. E agora elas estão outra vez de volta, trazidas pelo vento da crise capitalista"*⁴⁰.

A pesquisa sobre a sexualidade e a sua articulação com a Educação, do ponto de vista emancipatório, compreende esta crise e não se submete a ela. Os horizontes europeus do final do século XIX, nas clássicas descrições de autores socialistas, não era diferente deste quadro tragicamente pintado por APPLE, no centro do capitalismo. Temos que crer que uma nova onda de sínteses dialéticas haverá de tomar forma nas estruturas temporais e políticas da sociedade contemporânea. A ciência que considera os excluídos e marginalizados torna-se uma ciência redentora, e não uma fria constatação da realidade, tal como muitos dos movimentos filosóficos e estéticos atuais

⁴⁰ APPLE, Michael. EDUCAÇÃO E PODER. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989: p. 19.

constituíram-se, nas sombras do pós-modernismo. Ela será sempre uma consciência resistente, para além da rebeldia, para inscrever-se no caminho das ações revolucionárias.

Michael LOWY comunga esta perspectiva de uma ciência militante, retomando, nas cinzas do pessimismo, o sentimento de pertencimento de classe e potencialidade de uma utopia concreta, ao afirmar:

"Por conseguinte, a superioridade epistemológica da pesquisa proletária não é somente a das classes revolucionárias em geral, mas tem um caráter particular, qualitativamente diferente das outras classes, específico do proletariado, como última classe revolucionária e como classe de quem a revolução inaugura o "reino da liberdade", quer dizer a dominação consciente e racional dos homens sobre sua vida social. Nesse sentido a ciência proletária é uma forma de transição para a ciência comunista, a ciência da sociedade sem classes, que poderá atingir um grau muito maior de objetividade, porque o conhecimento da sociedade deixará de ser a entrada em jogo de uma luta política e social. As limitações que existem no ponto de vista do proletariado, no marxismo, só se tornarão visíveis nesse momento; toda tentativa para "ultrapassá-lo" antes desse período, antes do advento da sociedade comunista mundial, não poderão ser senão recaídas, retrocessos, para o ponto de vista de outras classes mais limitadas que o proletariado. Nesse sentido, efetivamente, o marxismo é o horizonte científico de nossa época" ⁴¹.

Não poderemos dissociar esta vinculação intrínseca entre a possibilidade de uma sexualidade, novas significações sobre a mesma, em uma nova forma de organizar a sociedade. Não se trata, aqui, de uma mudança estritamente técnica, maniqueísta, mas de implantar os pressupostos de uma nova antropologia e uma nova filosofia do homem, só possível numa sociedade de sujeitos, numa convivência de iguais, num pacto de justiça e liberdade. Os corpos livres somente

⁴¹ LOWY, Michel. MÉTODO DIALÉTICO E TEORIA POLÍTICA. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978, p. 33.

serão livre para novas formas de prazer e de novas gratificações quando abolirem os pesados signos de morte que pesam sobre as suas entranhas...

Isto requer uma capacidade humana, consciente e ativa, de rejeitar o pessimismo cético, que não admira, não ama, não espera, apenas constata, apenas lê o mundo sem apropriar-se dele com a energia dos apaixonados, o delírio dos utópicos, o êxtase dos místicos, a eloqüente ação dos revolucionários. SAVIANI questiona a pós-modernidade e seu ceticismo:

"Enquanto pós-moderna, descrê da civilização, perde o caráter de processo histórico e mergulha na mesmice dos signos dissociados de sentido, no vazio de um presente sem perspectivas e nas aparências que já perderam qualquer relação com algum suporte essencial. O pós-modernismo respira uma atmosfera de decadência: "decadência das grandes idéias, valores e instituições ocidentais - Deus, Ser, Razão, Sentido, Revolução, Família" (...). Em lugar da "rebelião das massas" de que trata Ortega y Gasset (1962), própria da modernidade, cabe falar agora da "deserção das massas": deserção do social, isto é, despolitização; deserção da História, de vez que "só o presente conta"; deserção do político e do ideológico traduzida na descrença nos políticos e na "busca da eficácia a curto prazo"; deserção do trabalho caracterizada pelo absenteísmo; deserção da família e da religião (...)." ⁴².

Mesmo os que não comungam a perspectiva de uma antropologia marxista, não podem deixar de considerar a dialeticidade que há entre o sujeito humano e seu tempo, seu mundo, sua realidade. Não há como dissociar estes apelos de negação da ação humana com a história de nossas instituições sociais, econômicas e políticas. A sexualidade vivida, na ansiedade quantitativa, somente poderá ser avaliada como busca desenfreada de sentido, vivenciada numa consciência invertida do real, absorvida com a fugacidade do medo de não-ser, com a marca indelével das forças da morte e dos caminhos da solidão obtusa, da

⁴² SAVIANI, Dermeval. EDUCAÇÃO E QUESTÕES DA ATUALIDADE. São Paulo: Editora Cortez, 1991, p. 102.

incapacidade de amar, da plena impotência de abrir-se aos mundo e aos demais semelhantes.

Mesmo HEIDEGGER, apontava esta sincronia entre a individualidade e o mundo, que reflete densamente entre si seus contornos e reciprocidades, ao afirmar:

*"Ao esclarecermos o "ser-no-mundo", mostramos que, de imediato, um sujeito nu, desprovido de mundo, nunca é; mostramos que ele não chega sequer a ser presenteado. Um "eu" isolado, sem os outros, também está, de imediato, especialmente distante de ser presenteado"*⁴³.

O esforço que empreendemos para apresentar a relação dialética entre os paradigmas de compreensão da sexualidade com as estruturas culturais e sociais de nosso tempo, alinhavada pela possibilidade presente de uma ação de mudanças estruturais, não decorreu de uma simplificação das questões internas do campo da sexualidade ou da educação. A fundamentação de FOUCAULT, nos forneceu substrato para entender que não se capta a sexualidade em suas práticas e aparências, mas em seus dispositivos de poder, que tanto podem estar presentes nas instituições mais oficiais como se apresentam na trama discursiva aparentemente negativa. A este pressuposto acatamos com a metodicidade necessária. Somente não pudemos concordar plenamente com as conclusões de FOUCAULT, descortinadas pela ausência de possibilidade de engendrar novas formas de uma sexualidade revitalizada em todas as dimensões e eixos mais humanizados. Para FOUCAULT, todas as formas de resistência serão impotentes. Configura esta premissa a solidificação do pensamento trágico.

No entanto, optamos por um saber militante, por retomar pressupostos do Marxismo, na análise crítica da Escola, por acentuar a crença na Razão e na ação

⁴³ HEIDEGGER, Martin. TODOS NÓS... NINGUÉM. São Paulo: Editora Moraes, 1976: p. 31.

política de transformação. Buscamos evitar a adequação ao saber fetichizado e incapaz de dizer algo do tempo em que estamos inseridos. Temos o cuidado de não acentuar os caracteres da conjuntura para não comprometer a dialeticidade e cientificidade da pesquisa. ARISTÓTELES (384-322 a.C) já afirmava: "*De individua non fit scientia*". Não temos esta pretensão equivocada. A tese central destas conclusões parciais reside na vinculação entre uma nova pragmática sexual como decorrente de uma nova sociedade, onde códigos de valores venham a superar os atuais construtos institucionais e ideológicos.

BOSI, ao debater a cultura, lança-nos importantes reflexões sobre este "descontínuo" que marca a pós-modernidade. A rudeza de sua descrição fornece elementos para reiterar e ratificar nossa posição de oposição a este pessimismo vulgar e centrar nossa propositura na direção de uma ciência engajada e militante, construção de uma nova forma de viver e trabalhar.

"Hoje, é o desejo do descontínuo e do descentrado, com suas figuras correlatas, que dá um ar de família às expressões culturais. O pendor para o informe e o atípico, para o desgarrado e o eventual, para o mutante e o volátil, trai um gosto difuso que se assume como já não mais moderno e, daí, à falta de melhor termo ou de imaginação conceitual, pós-moderno. O arbítrio, o capricho autocomplacente, o trocadilho que surte de acasos fonéticos, a chulice, a mistura de registros tomada como um valor em si e o alheamento de qualquer vínculo epistêmico ocupam o lugar das doutrinas abrangentes e das certezas positivas ou dialéticas. Há teses universitárias que são feiras de alusões e citações: as melhores padecem de uma erudição turística e carente de nexos lógicos; as piores fazem concorrência ao samba do crioulo doido. Não poucos romances se exibem auto-economisticamente como pastiches de colagens estilísticas. Um artigo da grande imprensa ou uma notícia de telejornal apresenta como verdade objetiva a soma aritmética de duas opiniões que, a rigor, apenas mencionam aspectos díspares de uma dada situação. O princípio, em si razoável, de que é preciso conhecer

mais de um ponto de vista degrada-se quando se concede o mesmo peso à versão do criminoso e à da vítima, ou à palavra do cúmplice e à do queixoso. O interesse bruto das partes é aceito, sem mediações, como testemunho válido a ser entregue à massa inerte dos leitores e espectadores. Barateia-se o juízo de verdade confundindo-o com o pinçamento de detalhes inflados e subtraídos ao seu contexto de significação. A pressa de informar de qualquer modo impele o jornalista a desistir precocemente de achar um critério que faça justiça à trama dos fatos e das palavras, operação que demandaria trabalho e paciência. Para não "perder Tempo" renuncia-se a habitar o tempo da reflexão, o ir-e-vir das partes ao todo, e deste às partes, alvo digno por excelência do espírito científico. Quem testará a honestidade do simulacro?"⁴⁴

Resta-nos, por fim, indagar se a pós-modernidade constituirá, ainda por alguma tempo, a grade de valores dominantes em nossas vidas. A sexualidade consumista, que corresponde ao desejo do descontínuo e do exótico, a ansiosa satisfação imediatista, a fuga do enfrentamento com a precariedade de nossas formas de ser e pensar, ainda com o apelo de quantificação neurótica? O frenesi dos sonhos pornográficos acalmará as desilusões existenciais? São perguntas para as quais a Educação e a Política, dentro da Filosofia, tem mais condições de encaminhar buscas decifrações do que respostas...

Ao propor uma análise filosófica dos pressupostos presentes nos discurso e práticas sobre sexualidade, estamos movidos pela intenção de resistir, entender e encaminhar com nossos semelhantes, práticas comuns de revitalização de nossas utopias. A Educação Sexual na escola deverá ter esta intenção filosófica primordial, a de colocar crianças e jovens diante da inalienável questão de perscrutar, cada uma das fases de sua vida, o ser do homem em seu tempo.

⁴⁴ BOSI, Alfredo. DIALÉTICA DA COLONIZAÇÃO. São Paulo: Editora Schwarcz, 1992: p. 353-354.

Nossa precária esperança sustenta-se sobre a compreensão da dialeticidade da história e do indeterminismo da temporalidade. O futuro que nos apresenta desafios será marcado pela exigente tarefa de não sacrificar a humanização do mundo e das coisas ao progresso científico ou tecnológico.

As novas formas de organização da economia e os impactos da globalização cultural não poderão anular as potencialidades essencialmente únicas do homem e de sua condição social.

"Mas perante o desafio de um universo em que as forças de desumanização são mais poderosas do que nunca, a menor afirmação de não-conformismo é já o começo de um novo equilíbrio" (GUSDORF).

CONCLUSÕES

A natureza de nossa pesquisa não pode admitir conclusões matemáticas ou silogísticas. Adotamos uma forma de construção teórica que contenta-se em expressar algumas considerações, que pretendem ser lógicas sem negar a dinamicidade e infinita possibilidade da realidade e da historicidade das coisas e fatos humanos, que pretendem ser científicas, conquanto tenham nascido dos propósitos de rigor e metodicidade na análise que empreendemos, sem negar ainda a potencialidade arbitrária das condições materiais e políticas desta ciência e saber. Ao final deste trabalho pretendemos explicitar estas considerações que fizemos no decorrer desta pesquisa.

A primeira grande assertiva com a qual nos deparamos é a de considerar a Sexualidade como uma dimensão ontológica do homem. Neste sentido, queremos dizer que só o ser humano, em sua realização existencial e social, constitui uma "sexualidade". Ao buscarmos a linguagem da Ontologia, recorreremos aos domínios da Filosofia, considerando que a Ontologia é a parte da Filosofia que busca compreender aquilo que define o homem como tal, sua "essência", ainda que nos limites estritos da sua dialeticidade histórica, e sua natureza.

Neste sentido, intentamos ampliar a perspectiva científica, num enfoque reducionista, para uma análise filosófica definitiva, mais ambiciosa, própria da Filosofia, continente e determinante da condição humana.

Ao investigar a questão do homem e sua essencialidade humana nosso esforço consiste em procurar ir além de uma perspectiva científica estreita, pois a investigação sobre o homem não é exclusivamente um mero objeto das Ciências Experimentais.

Nesse mesmo esforço, buscamos apartar-nos da linguagem biologistica, descritiva e categórica, para irmos alcançar o nível das razões construídas que atingem campos e horizontes institucionais muito além da concretude que vivemos, muitas vezes marcados pelas frias relações de poder e dominação na vivência dos papéis sociais de Homem e Mulher. A Ontologia pretende ser uma reflexão sobre o homem considerado como um ser, permanecendo sempre como uma definição aberta para as relações de essência e de gênero. Embora privilegiemos esta reflexão centrada nos horizontes da ontologia, levamos em consideração que também as ciências, em suas especificidades, abordam o homem e suas múltiplas formas de ser e viver.

A reflexão ontológica não dispõe somente dos dados empíricos, mas a partir deles esforça-se para alcançar uma amplitude maior, configurando os dados biológicos e empíricos aos códigos de ser e existir, que envolvem reflexões de ordem ética e moral. Nesta conceituação ontológica, a sexualidade humana não poderia ser reduzida a uma "atividade", uma operacionalidade mecânica do homem. A mera identificação de uma sexualidade nos estreitos limites da fisiologia retira da mesma o caráter de expressão única do homem, em sua consubstanciação de gênero, espécie e, ao mesmo tempo, pessoa.

Devemos entender que propriamente o ser humano enquanto racionalidade, emotividade, historicidade, está carregado de qualidades próprias, entre as quais inscreve-se a Sexualidade. A sexualidade, assim compreendida,

carregada das simbolizações culturais e históricas expressa não somente a dimensão ontológica mais geral, mas configura também a liberdade e a originalidade de seu ser. Os processos de simbolização cultural deverão ser encontrados na ultrapassagem dos mecanismos explicativos que identificam a natureza como matriz única da sexualidade humana. Esta pesquisa aponta a realidade da configuração simbólica da sexualidade, que superam as explicações regulares sustentadas sobre condições glandulares, cromossômicas, hormonais, gonádicas ou anatômicas. Não se trata de uma “localização” das causas fundantes da sexualidade, como fossem estas já prontas e acabadas.

A Sexualidade Humana não pode ser vista, portanto, numa perspectiva instintiva ou genital, marcada pela distinção meramente biológica do ser humano. Ela atravessa todas as camadas existenciais do homem, pois a sexualidade não é o que o homem possui, mas sim o que ele é, o que o define como homem, em uma dimensão histórica e existencial únicas. Tudo que o homem projeta, tudo o que exprime, vem carregado desta “sexualidade”, princípio constitutivo primordial de sua “humanidade”. E tal afirmação não se reduz aos ardis do idealismo, encontra-se fundamentada na História, pois desde as cosmogonias mais antigas, mais primitivas, mais longínquas na trajetória das sociedades humanas, os homens procuram entender e explicar a riqueza e a dramaticidade de suas vivências sobre a sexualidade. Desde os mitos cosmogônicos mais antigos, presentes em quase todas as sociedades humanas, numa linguagem própria, vimos nascer as inquietantes tentativas, deste próprio Homem, de identificar-se como um ser dotado de sexualidade e compreender-se como alguém, com uma qualidade que ultrapassa a dimensão meramente reprodutiva.

Desta perspectiva ontológica, que condensa a sexualidade como um componente humano por excelência, superando a condição apenas biológica para entregar-se à constatação de uma dimensão “sexualizada”, tensionada pela História e pelas características próprias e existenciais de cada ser humano, surge

nossa primeira consideração educacional. Não se trata de fazer da “educação sexual” uma abordagem restritiva, parcial, que compreenda a sexualidade de maneira fragmentária e dissociada da constituição única de cada pessoa humana. A Educação Sexual que vislumbramos deverá ser, antes de tudo, uma reflexão sobre as potencialidades de ser e de amar de todo ser humano, de desejar e de fazer-se único em sua história pessoal e social. Não podemos negar o processo de individuação cultural e sociológico que se determina através da história. As abordagens da sexualidade que desprezam ou discriminam a reflexão ontológica, vinculada à sexualidade, abdicam de uma possibilidade especificamente humana de configurar, com a grandeza de cada existência, uma reflexão sobre valores humanos.

Os grupos humanos tornaram históricos e materializados em diferentes formas, os aspectos diferenciados de vivência social desta ambigüidade de gênero: o masculino/feminino. Na análise da construção social das culturas humanas podemos encontrar parâmetros para decodificar a dramaticidade tensional entre realização e poder que marca a diferença entre homens e mulheres em sua expressão social e cultural. A cultura é, portanto, uma determinante precípua, de alcance fundamental para compreender a sexualidade.

Os valores culturais e a institucionalização de comportamentos padronizados, feita pelos povos em diferentes épocas, determinaram algumas matrizes para abordarmos a articulação entre sexualidade, poder e dominação. Os estudos antropológicos e a pesquisa histórica e arqueológica mostram que o masculino e o feminino tem sido tematizados desde as primeiras manifestações culturais humanas. São conhecidos os trabalhos pioneiros de Margareth MEAD, realizados na África nos anos 30, onde se apontam, com firmeza teórica e metodológica, as vinculações entre poder simbólico e sexualidade, independentes da sexualidade biológica, como marcos de uma construção política dos papéis

sexuais. As relações sociais determinam e são pautadas por formas próprias de viver a sexualidade, diferentes para homens e para mulheres. Muitas das instituições básicas dos diferentes grupos humanos guardam semelhanças nas formas estruturais de compreender e transmitir o ser homem e o ser mulher numa determinada época. Constituíram seus modelos sexuais dominantes, sob significações religiosas, mitológicas e institucionais diversas. Estas relações se estabeleceram como relações marcadas pelas estruturas ideológicas de poder.

Assim, não somente apontamos como raiz fundamental de um discurso educacional sobre sexualidade a perspectiva ontológica e existencial, mas também sua construção histórica. As abordagens que não fundamentam suas matrizes teóricas e metodológicas na reflexão histórica correm o risco de perderem-se em sistemas idealistas, etéreos, ahistóricos e conseqüentemente aéticos, conquanto não podem alcançar, nem fundamentar, uma reflexão sobre valores sociais e pessoais. Durante todo o árduo trabalho de constituir esta pesquisa, deparamo-nos com a inquietante e desafiadora necessidade do recurso à História. Para nossa trágica constatação, a grande maioria das abordagens educacionais sobre Sexualidade tratam a perspectiva histórica da Sexualidade com indiferença, e até certo desdém, dado que a fundamentação teórica da maioria destas linhas institucionais é incapaz de compreender a História como realidade.

Esta pesquisa considera fundamentais as expressões e significações da mitologia na explicitação do drama primário da dualidade masculino/feminino. Reporta-se constantemente ao mito e à história como chaves para entender a condição humana historicamente determinada. A sexualidade mítica, em seu fundo axiológico, permanece muitas vezes inacessível ao domínio empírico primário. Para compreendê-la torna-se necessário uma investigação sobre o conjunto simbólico que envolve a própria linguagem da mitologia. Há

hoje estudos que atingem a complexidade e riqueza dos paradigmas mitológicos.

Ao buscarmos uma fundamentação teórica na História, ao considerarmos os mitos primordiais que constituíram a teia de valores dos primeiros grupos humanos, não estamos fazendo uma busca exótica, aparentemente externa a nós, supostamente sem razão para a inconseqüente indiferença das pessoas de hoje com relação ao seu passado e às suas raízes existenciais e sociais. Consideramos que não há educação sexual sem uma ampla reflexão sobre o que é ser homem e ser mulher numa sociedade de desigualdades e diferenças brutais de formas de apropriar-se até da condição humana.

O eixo cultural do Oriente esboçara sempre sem discriminação a tensão entre a sexualidade masculina e feminina como características propriamente humanas, primeiramente oriundas da religião, como princípios constitutivos de inspiração religiosa. Esta tensão explicitada no pensamento tradicional Chinês antigo, como círculos compostos de duas partes iguais, representado como complementares e contrapostos, a união contraditória entre luz e sombra, o "YNG e o YANG", que a posteriori foram também representadas pelas civilizações babilônicas e egípcias numa interpretação hermafrodita de toda realidade religiosa primeva, sempre a partir da mesma unidade tensionada, do masculino e do feminino.

Cumpramos lembrar que não temos a intenção de angelizar o oriente e satanizar o ocidente, simplesmente, na consideração das diferenças conceituais sobre sexualidade. Seria uma contradição, uma visão pouco dialética. A cultura japonesa, a cultura hindu e a própria cultura chinesa são terrivelmente machistas e reservam condições humilhantes para a mulher. A cultura árabe segue nesta mesma trilha. Se há coisas maravilhosas e simbologias ricas de sentido no oriente, há também a contraparte que merece ser refletida.

Muitas divindades antigas guardaram esta dualidade dinâmica primordial. Mesmo a representação do dia e da noite, realidades cosmogônicas primárias, sempre esteve diretamente ligada à sexualidade dual, masculina e feminina. PLATÃO, no Simpósio, narra um mito do surgimento do homem e da mulher definindo a beleza dos corpos e a origem da androginia primária. É importante compreender o caráter dualista do pensamento platônico, sem todavia tornar isto um suporte estrutural da compreensão que temos da contemporaneidade hodierna.

A dimensão da unidade primitiva através de Eros, segundo PLATÃO, seria a interpretação básica de uma condição humana de incompletude. Não há porque não referir-se também às cosmogonias fundamentais do Ocidente, ainda que marcadas por outras contradições. A cosmovisão hebraica já consagra uma dualidade diversa da matriz igualitária oriental. O Livro do Gênesis, que marca as primeiras páginas bíblicas, já afirma uma identidade submetida do feminino pelo caráter institucional de um patriarcado já constituído, até mesmo na tradição levita que consagrou a tradição escrita sacerdotal da sociedade hebraica.

O que nos revelam estes mitos, senão a mesma surpresa ontológica? O discurso sobre sexualidade sempre esteve associado, na história dos homens, à identidade de seus deuses e de seus mais altos ideais éticos, estéticos e religiosos. Eximir a sexualidade destes fundamentos antropológicos e axiológicos é empobrecê-la, retirar dela precisamente sua maior identidade, aquela marcada pela significação humana. Estas são algumas idéias que solidificam-se neste estudo bibliográfico. Os projetos de abordagem da sexualidade que falam de significações antropológicas e éticas estão longe de serem hegemônicos em nossas escolas. Os manuais mais comuns são insípidos tratados de anatomia, assépticas descrições de "aparelhos reprodutivos". Neste estudo afirmamos nossa utopia em envolver a reflexão e os discursos sobre sexualidade numa dimensão ético-existencial.

Apresentar aos alunos e interlocutores sociais que o homem é permanente tensão entre o masculino e feminino, concretizado na figura do homem-varão e do homem-mulher, assumindo aqui uma terminologia de Leonardo BOFF. Nele há uma unidade plural e uma identidade continuamente em disputa, num processo dialético de negação entre o indivíduo e o coletivo, da identidade para a diferença e da diferença para a identidade. Hoje a Biologia é quase incapaz de superar, pelas formas padronizadas de sua constituição como conhecimento, muitas vezes o mais lírico simplismo pitoresco das descrições míticas. Todavia, a Filosofia, através do esboço de uma Ontologia, busca ir além das diferenciações empíricas, consegue demonstrar exatamente a tensão já captada pela construção mitológica. O presente estudo aponta para a possibilidade de um discurso emancipatório sobre sexualidade que refaz em cada pessoa a pergunta fundamental sobre as razões de seu ser no mundo e na história, a partir do que é dado: o mistério de um ambivalente masculino/feminino ontológico e ôntico. Tematizar o que seja o masculino e o feminino, é uma tarefa desafiadora, é uma busca de compreensão cultural da própria hominização da natureza.

Ao avançarmos neste estudo convencemo-nos de que a história nada mais é do que uma luta constante entre a manifestação desta sexualidade e suas inesgotáveis experiências de particularização. Podemos crer assim que as possibilidades e virtualidades da sexualidade se materializam na história. Não uma história repetitiva, mas sim uma história tensionada pelas macro - estruturas políticas e ao mesmo tempo criadora e estivadora da individualização e constituição própria de cada ser humano. Nesta direção a pesquisa aponta a necessidade de uma investigação sobre sexualidade que revista-se de elementos científicos, dado que a ciência é a forma de superarmos o senso comum, mas que não se reduza a um conjunto asséptico de descrições empíricas frias e desencarnadas. A sexualidade alarga as possibilidades de auto-realização

pessoal, social, e torna-nos capazes de refazer a admiração própria da reflexão humana.

Defendemos firmemente uma abordagem da sexualidade sobre suportes éticos, sociais e filosóficos que não se restrinja a uma mera informação descritiva dos aparelhos genitais adquiridos pela evolução biológica.

Ao mesmo tempo que consideramos a marcha difícil da construção da sexualidade negada, sofrida, reprimida pela história, não admitimos reduzir sexualidade a esta dimensão de uma maneira determinista. Ampliamos a interpretação para vislumbrar a possibilidade de uma concepção de sexualidade mais harmônica, mais aberta e realizadora do humano, inserida num projeto de sociedade onde o mundo do trabalho, o mundo das relações de poder e o mundo das relações pessoais e institucionais que definem a vida social, também sejam todos marcados pelo "ethos" de liberdade, justiça e igualdade.

Somente neste mundo, antecipado pela perspectiva utópica, poderemos buscar realizar a dimensão da felicidade sexual como parte fundante de todo ideal de plenitude e felicidade. Ao empreender um discurso sobre sexualidade e educação teremos que cancelar, em nossos interlocutores, a possibilidade de um discurso sobre a felicidade humana, sobre a realização de si e dos outros, sobre as possibilidades de encontros e experiências únicas de gratificação subjetiva e social. A significação desta felicidade só pode, nos parece, ser oferecida pela reflexão filosófica e histórica.

A satisfação do desejo e busca incessante de uma idealização da plenitude, ainda que se dê dentro dos padrões culturais mais diversos, quase sempre se faz acompanhar de uma significação que a transcende. Talvez seja a sexualidade humana uma das mais sensíveis composições de sentido presentes no imaginário humano, pelo suposto elo que provoca entre amor e ódio, morte e vida, acorrentados ao negar e fazer-se sempre contraditoriamente em tudo o que

existe. No entanto, recusamos a uma apresentação maniqueísta da dicotomia entre repressão e promoção da sexualidade.

Tivemos a oportunidade de demonstrar que a proliferação de práticas sexuais atuais, não se orientam para a libertação ou o convívio integrador entre homens e mulheres. Nossa interpretação básica, a partir de FOUCAULT, é a de considerar que a multiplicação de novas práticas e discursos sobre sexo são novas formas de controle e de racionalização das ausências de sentido. Hoje a ação histórica e semiológica da sexualidade processa-se numa estrutura ou sistema de desumanização profunda.

O gozo do corpo visto como uma experiência tópica e extremamente egoísta não consegue explicitar a busca do sentido mais ontológica, torna-se portanto uma ação individuada, "egóica", para abusar do neologismo, voltada sobre si mesma, que nos arranca dos limites da subjetividade e nos priva de uma dimensão propriamente de encontro. Esse processo, presente e sacralizado na mídia e no imaginário erótico atual, embora provoque um suposto encantamento das massas desumanizadas e barbarizadas, não pode ser considerado como extensão da revolução sexual histórica sonhada nos anos 60 e profundamente negada pelo desenvolvimento histórico recente. Estas conexões entre cultura e sexualidade estiveram presentes constantemente em nosso estudo.

Ao lançar mão de uma interpretação dialética da sexualidade, estivemos atentos para demonstrar a própria dialeticidade do sexo. Para nós esta dialeticidade, conquanto toda instituição social e humana seja uma experiência própria do ser do homem, dá-se na íntima conexão que permeia todos os aspectos da realidade. Ela nasce da consideração que não há áreas estanques entre o mundo da subjetividade e o mundo do trabalho ou o campo das representações sociais e políticas. O campo humano é o nosso campo. Sexo, poder, religião e erotismo encontram-se nas mais profundas expressões da alma

humana presentes na história e na cultura. O caráter dialético afirma a dinamicidade entre o desejar e o ser, entre a essência humana e suas manifestações concretas. Projeta uma corporeidade não sublimada, não idealizada, não marcada por significações dualistas e estanques, campos maniqueístas que se negam repulsivamente, mas sólida justaposição de dores e utopias, flagelos e desejos, amores e êxtases próprios das mais genuínas formas de ser. Por conseguinte, conclui-se que há a mais densa conexão entre o mundo do trabalho e o erotismo. Disto decorre uma sexualidade responsabilizada ética e politicamente em todo homem e mulher. O mundo do trabalho deve ser o mundo da ação humana, pois o homem é, em nossa modesta interpretação um ser que ama e que trabalha.

O trabalho aqui não significa uma operação extrínseca, meramente ativa, operacional, estranha ao próprio homem, mas sim o que lhe é próprio: transformar-se e transformar a natureza, modificar o real, produzir sua vida e ser produzido por ela, realizando assim a dimensão essencialmente ontológica do próprio homem. Esta experiência historicamente constituída é marcada por relações sociais capitalistas, que constituem sistemas econômicos e instituições que registram o poder da operação de certos grupos sociais sobre outros.

A dialeticidade que buscamos imbrica a dimensão de sentido na forma dura da realidade social. A Filosofia abre caminho para a mais exigente Sociologia e esta novamente tematiza o ser do homem, em diferentes dimensões. Mais ainda, a dialeticidade da sexualidade expressa-se no reconhecimento histórico de que a sexualidade reprimida é resultante de uma sociedade desigual e injusta, apontando injunções utópicas, pois numa sociedade projetada para a realização plena do homem no trabalho, a sexualidade seria também a expressão admirativa e epifânica desta liberdade de ser. Na experiência histórica plena, somente alcançada pela esperança da dissolução de todas as opressões, a

sexualidade e o trabalho acresceriam um contínuo fluxo de sentido inominável ao núcleo da realização humana.

O caráter utópico desta perspectiva metodológica pretende resgatar a tensão entre história e política, entre o que é a realidade e o mundo que desejamos, entre o que sonhamos e desejamos ver realizado no horizonte cultural e político dos homens. A sociedade de iguais que deve superar a repressão sobre os corpos, materializadas nas formas de exploração e alienação do desejo e do ser, consubstanciados pelo modelo social que dilacera, que anula a corporeidade, que aliena o desejo e a própria vontade jogando-a para o nível das coisas e objetos, só poderá ser alcançada quando superarmos a experiência de sofrimento e isolamento individualista que o próprio capitalismo impôs, em sua marcha histórica, a homens e mulheres.

O mundo de objetos e banalizações que tão duramente vivemos, talvez somente possa ser superado a partir de uma retomada de valores muito próprios, de simbologias aquiescedoras do afeto e da proximidade, que recolocam Eros como filho da igualdade e da justiça.

O indivíduo opaco, preso a si mesmo, atomizado, na direção de compreender-se como co-responsável pelas formas de ser de seu tempo, poderá sentir, na potencialidade de ser-mais, na possibilidade de um encontro, não a negação de si, como apresenta a simbologia da antropologia liberal, mas a ampliação infinita de seu ser. A transcendência histórica, marcada pela ação política, inscreve-se também na antítese dos totalitarismos de todo o tipo, rejeita a supressão das liberdades, condena toda ideologia que se enclausura no monolítico exercício do poder. A possibilidade de uma convivência possível entre os homens, da superação dos contextos atuais de domínio e de destruição, não é alcançada numa sexualidade quantitativa, perseguida por individualidades vorazes e insaciáveis.

Reconhecemos a necessidade de uma âncora filosófica nos diversos programas de Educação Sexual atuais. Esta preocupação decorre do caráter institucional da escola e dos rituais de significação cultural reservados a esta. Mas não prescindimos da perspectiva que guardamos da educação como intervenção social. Acreditamos que educar é convocar todo homem a crescer como pessoa e projeto humano e a compreender-se como tal. Educar é produzir condições, a partir de sua própria experiência de evocar a existência na sua gratuidade, na dimensão da convivência com o outro e na possibilidade da felicidade. Fazer um discurso lógico do erótico, a partir de contornos históricos, não torna-se, portanto, uma tarefa fácil. A razão histórica e a razão lógica não podem ser contrapostas ao discurso ético ou subjetivo, erótico e individual, se considerarmos a tensão dialética fundante da condição humana, conforme temos apresentado nestas páginas. Em todas estas pré-condições dadas, podemos discorrer, presentes nas abordagens tipificadas que tentamos constituir, responsabilidades éticas.

A análise histórica e cultural da vivência da sexualidade humana, tal como a propusemos como suporte de uma abordagem emancipatória da sexualidade, não somente nos permite vislumbrar os laços que nos unem aos diferentes modelos hegemônicos da sexualidade, mas também nos podem oferecer condições de interpretar os caminhos e limites institucionais do presente, para que, como sujeitos e pessoas, enfrentemos com firmeza reflexiva e serena dimensão filosófica as mudanças e as próprias tendências atuais de vivência social. Somos tomados da tênue, mas firme esperança de que novos discursos sobre sexualidade venham a incluir fundamentos teóricos e meios sociais mais eficientes para elevar a compreensão do senso comum.

De modo geral, podemos dizer que a atualidade discute mais as supostas vantagens e utilidades da educação sexual do que seus fundamentos éticos e políticos. Muitas das constatações que apresentamos neste trabalho

fundamentam-se em tópicos dissociados de qualquer rigor científico. Algumas abordagens parecem receituários morais ou rituais de busca de prazer, delimitados os seus sentidos. Torna-se necessário acentuar que a dimensão educacional deste trabalho acaba por exigir que todo aluno seja convocado ou convidado a definir os conceitos e a filosofia de vida que subjaz a Educação geral. Ou seja, aquilo que se afirma na abordagem da sexualidade, ou pelo menos os mesmos pressupostos, valem para a concepção da educação mais geral. A educação sexual não se configura numa área separada das demais abordagens das ciências humanas e sociais. O caráter restritivo, muitas vezes frio e descarnado das descrições sobre a sexualidade, presentes nas nossas escolas não são expressões únicas de um campo especial, marcado pela sexualidade. Pode ser que ali se materializem significações mais intensas. Mas a miséria das abordagens, apontadas neste estudo, dizem mais da sociedade como um todo e encontram-se como sintomas de todos os demais campos de ação humana que logramos vislumbrar.

Não há portanto, como fugir de uma "filosofia da sexualidade", tanto quanto possível, na direção e intenção de ampliar a consciência de nossas contradições éticas e estéticas atuais. Reafirmamos nosso propósito de lutar por ver triunfar uma abordagem teórica e metodológica que acentue os valores subjacentes aos comportamentos humanos. Não é fácil compreender o mundo político que conforma os diferentes tipos de discursos que a sociedade hoje ostenta. O jovem brasileiro, marcado por uma conjuntura de expropriação, deveria ser levado a investigar-se como um ser de responsabilidades sobre uma ética social dada.

Numa sociedade onde os valores, considerados absolutos até bem pouco tempo, foram duramente abalados destruindo uma ética mais ou menos padronizada e, gerando uma variabilidade de comportamentos individualizados

sem unanimidade quanto às normas morais, talvez seja idealista demais falar de uma concepção de sexualidade “emancipatória”.

Não tememos esta acusação. Em todos os momentos do presente trabalho procuramos reforçar todas as iniciativas e possibilidades institucionais encontradas para conscientizar o educando das dimensões éticas da sexualidade, levando-o a compreender a desafiante significação de sua própria vida e corporeidade, entrelaçando-a com os rituais de poder e as prescrições da sociedade, são muito mais exigentes do que considerar a sexualidade como descrições anatômicas ou fisiológicas. Apontamos sempre que a sexualidade emancipada só pode ser realidade numa sociedade que venha a superar os atuais sistemas de poder e representação de valores.

A educação sexual tem, portanto, uma responsabilidade primeira muito clara, a de constituir-se como uma reflexão que deve considerar os valores sociais, isto é, abrir o debate sobre a questão dos valores, embora consideremos a multiplicidade de abordagens possíveis neste campo. Assim, sua urgência não precisaria ser mais enfaticamente justificada.

Nossa experiência de educador nos mostra que a educação sexual mais aceita pelos alunos é precisamente aquela que pretende levar a cada um deles a compreensão básica da vida social, falando de afetividade e respeito, da liberdade e do desejo, da responsabilidade e de valores, temas que muitas vezes não tratam de descrições anatômicas mas que serão o suporte de uma vivência e de uma ética e para a prática ou conduta sexual. Talvez lograsse maior eficácia o educador que não estivesse convicto de seu papel de definir uma radiografia do permitido ou do proibido, mas que estivesse convencido muito mais a apostar na reflexão criteriosa sobre as conseqüências de uma sexualidade autônoma, livre e responsável.

Nossa reflexão mostra que a Educação Sexual não deve restringir-se a modelos de discursos estereotipados sobre valores ou vincular-se a um

doutrinarismo religioso ou moralista. A prática destas abordagens tem sido um redundante fracasso. A sexualidade numa dimensão emancipatória decorre de uma ética humanista que deve ser alcançada através de uma investigação do que é ser homem, do que significa viver em sociedade, conviver, do que é entender as diferenças sexuais como diferenças complementares.

O resultado desta reflexão nos levou a questionar os pressupostos da prática de Educação Sexual atualmente em vigor nas escolas. A maior parte do presente trabalho dedicamos a esta busca de sentido sobre sexualidade. A sexualidade na escola continua a ser marginalmente compreendida, tal como a deseducação sexual corrente na sociedade consumista e a ausência dos discursos institucionais mais fundamentados na globalidade da abordagem. Esta constatação exige de nós, educadores, uma veemente denúncia, de modo a questionar a ética do egoísmo, do individualismo, do medo e da repressão, marcada por controles, tabus e preconceitos, que vigora em nossa sociedade. Ao buscar extrair a sexualidade desta marginalidade institucional na escola não podemos prescindir da necessidade de balizar alguns suportes que visem reverter a atual situação. Neste sentido, ousamos afirmar que uma educação sexual deve ser produzida a partir da investigação segura e científica das vivências da sexualidade numa determinada sociedade, densa de possibilidades de abordagens multidisciplinares e pluralistas, de modo a questionar os atuais discursos reducionistas e unilaterais. Resulta isto na delimitação de alguns contornos do que entendemos ser tarefa de uma abordagem emancipatória da sexualidade.

A abordagem emancipatória, para garantir os fundamentos de sua compreensão, pauta-se por alguns pressupostos:

- 1° A responsabilidade de resgatar a compreensão ampla do corpo como uma totalidade, uma "filosofia do corpo" que

não oponha uma racionalidade funcionalista, uma compreensão da "alma" contra a corporeidade, significando-a como decadente ou pejorativa. Uma compreensão de totalidade redonda numa Estética, no sentido filosófico do corpo. Torna-se fundamental apresentar esta globalidade para resgatar a própria respeitabilidade de cada homem sobre si mesmo. A compreensão dialética fundamenta-se numa interpretação da corporeidade não-clivada de si, não apartada de si, não fragmentada, não oposta a uma essência, compreendida como apriorística ou espiritual.

2° A educação sexual mais ampla já está presente na sociedade, os papéis sexuais são construídos desde as aquisições primeiras da condição humana, que passam pela aquisição da linguagem, pela significação do que é ser homem ou ser mulher nesta determinada sociedade. Estas idéias podem ou não ser reforçadas pela intervenção da escola. A escola não é responsável primeira pela construção destes papéis, mas torna-se uma instituição fundamental na organização emancipatória da sexualidade. A criança, para além do grupo circunscrito da família, deve receber na escola uma referência fundante para a aquisição emancipatória da sexualidade, para a constituição de uma afetividade social superando o egocentrismo afetivo primário.

3° Um terceiro item será o de não divorciar a sexualidade de outros aspectos da vida, a vida intelectual, o mundo do trabalho e a estrutura sócio-política. Esta dimensão é a que

melhor explicita a dialeticidade da sexualidade, pois supõe que o homem é um feixe de relações humanas, do trabalho ao mundo das relações interpessoais, passando pelas variantes do desejo, do mundo da linguagem e da estrutura sócio-política. Todas estas articulações estão vinculadas a um determinado modo de produzir-se como homem e de transformar a natureza. A dialeticidade da sexualidade deve ser, portanto, premissa fundamental de todo aquele que se dedica à Educação Sexual.

- 4º Um quarto ítem diz respeito à dimensão didática de tratar as manifestações da sexualidade. Todos os educadores devem estar instrumentalizados para a compreensão dos diferentes níveis de desenvolvimento humano, lógico-cognitivo e sócio-afetivo. Muitas das abordagens que pesquisamos e acompanhamos em escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental não contam com uma metodologia científica para analisar a criança e seus modos próprios de processar sua apropriação de conhecimentos e experiências. A didática para o ensino da Sexualidade não deve ser confundida com uma casuística, de contornos exemplares, mas ser sim uma sólida compreensão das etapas de transformação das categorias cognitivas e sócio-afetivas das crianças, de modo a oferecer-lhes informações seguras e compatíveis com seu entendimento e assimilação. Tal solidez e rigor de uma análise científica, histórica e antropológica da sexualidade não determinam uma competência única. Será sempre necessária uma instrumentalização metodológica de modo a compreender a

evolução global, lenta e árdua, da sexualidade, desde a infância à vida adulta, de modo a não enfocar fragmentariamente a sexualidade como campos restritos do mundo infantil, adolescente, adulto ou de “terceira idade”. Podemos vivenciar de diferentes maneiras a sexualidade, mas há todo um contínuo próprio, tanto que o homem, em diferentes formas e etapas de sua existência, vive a mesma dinamicidade vital da sexualidade, com diferentes conotações e formas de expressão ou sentidos. Não há muitas sexualidades. Há uma transformação enriquecedora, que obedece aos processos vitais e culturais próprios, mas a sexualidade é um todo e não dividida ou apropriada de maneira estanque nas diferentes fases da vida.

Resgatar portanto, na dinâmica formação dos educadores, uma metodologia de compreensão não referenciada à sexualidade etariamente fragmentada, torna-se uma das premissas fundamentais de qualquer proposta de educação sexual.

- 5º Um quinto aspecto a ser considerado decorre da luta política para a superação dos modelos ou abordagens estereotipadas da sexualidade, tal qual o presente estudo buscou tipificar. Esta luta deve fundamentar-se numa determinação política sólida que somente alcança expressão se pudermos elevar o padrão da discussão teórica. A globalidade do debate sobre sexo, trabalho e poder deverá despertar um novo embrião axiológico e novas formas de discursos que retratem a sexualidade em sua amplitude, presente sempre em todas as utopias que visem superar

todas as formas de dominação no mundo do trabalho, no mundo político e na relação entre os sexos. A utopia de uma sociedade entre iguais é o suporte ideológico de uma sexualidade livre e igualitária.

Não há possibilidade de estruturarmos formas de dizer o desejo se não tivermos alavancado formas de projetar o homem e suas relações com o mundo, com os outros e com a natureza. Os projetos de uma abordagem emancipatória da sexualidade deverão sempre nascer da investigação mais profunda do sentido da vida humana em sociedade.

- 6º Por fim, toda abordagem da Educação Sexual que busque pautar-se pelos princípios anunciados anteriormente, de conceituação subjetiva e social emancipatória, tem possibilidade de fornecer a todo educando uma perspectiva de buscar a felicidade. Felicidade esta que não se constitui numa mera justaposição de informações psíquicas ou de categorias descritivas, mas da ampla responsabilidade sobre si mesmo, superando a banalização consumista que sustenta a industrialização de um ideal de sexo e felicidade alienadas. Apontamos a necessidade de compreender o nosso tempo, as grandes mudanças de valores que ocorreram na conjuntura do Pós-Guerra, para contextualizar a erupção do discurso sobre sexualidade. Abrir a palavra sobre sexualidade, significa equipar-se com a linguagem e a razão para fazer a contabilidade de uma história recente muito contraditória e muito sofrida. O ideal otimista sobre a evolução do sujeito humano e a configuração da própria vida humana sofreram fortes abalos. A crença na razão

científica e no Estado, consubstanciação da razão política dos moldes do século dezenove, foi duramente criticada, mudando intrinsecamente o rumo dos movimentos internos do capitalismo ocidental, sobretudo no Ocidente. Esta contextualização não pode ser olvidada. Nossos jovens interlocutores somente entenderão as infinitas possibilidades de seus desejos se tiverem condições de identificá-los no contexto da conjuntura de seu tempo e de seus pares. A perda das silhuetas do futuro e o peso de um passado repressivo levaram os discursos para o elogio do presente, do hodierno, do que é tópico. O desenvolvimento de uma sobrevida consumista do capitalismo pós-guerra, aliado ao estrondoso desenvolvimento tecnológico de um determinado modelo de "comunicações", encontrou na sociedade reprimida um violento e vigoroso apelo promocional. É este o contexto da pós-modernidade, no qual a sexualidade dilacerada encontra-se sempre presente. Confunde-se com o ideal de uma felicidade ôntica possível. A sexualidade, nas matrizes da pós-modernidade, torna-se a panacéia redentora da crise existencial. Esta reflexão conjuntural tem que estar presente nos projetos de Educação Sexual. A promessa da possibilidade de um suposto encontro, o inconsciente desejo de integrar-se com a alteridade, junto à constatação da incapacidade absoluta desta realizações, marca a contradição desenfreada da busca sexual.

Ao capitalismo dominante importa a quantidade, sua ritualística sugere esta quantificação como simulacro da possibilidade de encontro. Aos agentes importam os rituais

tornando tudo e todos peças de um mesmo jogo estrutural. A realidade gritante apresenta-se como o cenário de um ser humano perdido de si mesmo não pode dissociar-se da responsabilidade ética de refazer este ideal de felicidade, criticando o que é oferecido como tal. Neste universo a sexualidade é a religião do consumismo, o bálsamo das existências dilaceradas, o "elan" vital que suspende a opacidade do cotidiano por uma suposta epifania do sentido, provocando artificialmente uma articulação entre o paraíso perdido e o futuro impossível.

A possibilidade de uma educação sexual emancipatória deve consolidar o ideal de uma sociedade mais justa, superando as alienações estruturais da vida hodierna. Hoje, ao denunciar a fragmentação das abordagens sobre educação sexual, buscamos descrever os contornos de uma concepção emancipatória, que possa superar a desumanização e o embrutecimento físico, moral e mental de todos aqueles que vivem condicionados pelas relações capitalistas de trabalho.

Ao falar do "homem omnilateral", isto é, do homem capaz de buscar realizar em si uma totalidade de capacidades, a uma totalidade de consumo e gozo, que pode ser alcançada por todo ser humano, a compreensão dialética supera a exclusão presente na sociedade. Essa referência social é fundamental para que nossas crianças e adolescentes não se tornem vítimas da ação consumista ou mesmo, elas mesmas, transformadas em meros objetos de comércio ou adestrados instrumentos de trabalho.

A sexualidade na compreensão dialética e emancipatória tem como objetivo social a elevação cultural dos trabalhadores com a conquista de sua emancipação política e conseqüente emancipação afetiva. O homem que trabalha com as mãos deverá também trabalhar com o cérebro, com o coração e com o desejo, vivenciados na dimensão da corporeidade plena. Ao propor novas lutas institucionais ao falar do desejo dos corpos e da possibilidade de uma nova sociedade, estamos apresentando uma alternativa, como um esforço solidário dos homens entre si para buscar mudanças nas condições materiais e sociais de sua existência.

- 7º Tais mudanças só poderão ser realizadas pela construção de instrumentos institucionais que garantam a transformação da sociedade política numa sociedade de iguais.

A ética que difunde uma visão de mundo que impõe hábitos e costumes das classes dominantes como universais, negando a contribuição dos trabalhadores, talvez somente possa ser superada por uma ética de igualdade trazida pelos trabalhadores. A Educação Sexual que pretendemos tem as marcas de outros segmentos sociais, historicamente marginalizados e muitas vezes submetidos a um processo de embrutecimento constante.

A política que constitui a estrutura de poder de uma sociedade regulada por mecanismos de morte e dominação, somente poderá ser superada de maneira plena por um novo pacto de poder que não se fundamente na coerção ideológica institucional, mas que respeita as maiorias como

sujeito de seus modos de entender o mundo e a si próprias, tornando as classes trabalhadoras emancipadas, livres e capazes de superar a dominação a que historicamente foram submetidas. Neste sentido, a articulação entre a escola e a educação sexual tem um papel fundante, absolutamente novo, pois estarão condicionados a um ideal de mundo e sociedade completamente diverso do atual. Esta articulação deverá também redimensionar a família. Não há ainda condições materiais capazes que nos permitam sonhar com a superação da família patriarcal, embora a família moderna não guarde mais muitos traços do que fora nossa tradição cultural. A família que pretendemos ter como interlocutora deverá estar liberta dos meios institucionais de poder e dominação que pesam especialmente sobre as mulheres e crianças. Novos papéis sexuais deverão nascer de novas significações destas figuras institucionais. Mas a escola, enquanto vista como uma intervenção social mais ampla, tanto poderá fazer o reforço das estruturas atuais quanto sua crítica, de modo a ampliar a possibilidade de uma sociedade de iguais.

Ao final do presente trabalho reconhecemos a herança institucional e histórica que recebemos, numa longa tradição de poder e repressão. Vivenciamos uma deseducação sexual milenar, opondo corpos e desejos, instituindo jeitos e mentalidades alienantes, desumanizantes e embrutecedoras. A barbárie humana não radica-se num primitivismo cronológico, ela pode ser encontrada nos mercados de coisas e pessoas da sociedade globalizada.

Talvez seja uma tarefa inglória aquela que nos impulsiona a seguir afirmando uma educação sexual libertadora, principalmente na tão conhecida instituição escolar que conhecemos.

A presença de discursos e práticas de educação sexual na escola, não tem feito nossos alunos mais felizes ou mais conscientes de sua unicidade como ser e de sua responsabilidade inalienável sobre o outro, seu semelhante, e a sociedade. Estamos procurando novas formas de construir a significação da sexualidade como forma de expressão mais genuína do que é o próprio homem. Assim, a responsabilidade que disto decorre configura a mais original conceituação do que seja o erotismo em si, um amor que inquieta-se na busca da alteridade, "paixão que anseia", na extasiante simbolização de *Eros*.

A recusa da normatividade não pode ser inseqüente. Para realizarmos o ideal educativo somos levados a uma radical responsabilidade de apresentar uma crítica das estruturas vigentes no mundo estabelecido para tecer profecias e utopias possíveis que nos desacomodem da perplexidade enfadonha de um cotidiano sem sentido. Nossos pressupostos configuram-se como proposituras, para além da denúncia, sem retirar a precariedade desta possibilidade utópica de vivenciar a sexualidade emancipada.

A nossa compreensão é que a sexualidade não pode ser compreendida a não ser enquanto expressão densa e única de toda existência humana. Quando nossas significações

sobre o desejo e a sexualidade rastreamos o que de melhor pudermos sonhar e construir, estaremos reconstituindo, mais uma vez, uma inalienável virtude humana, a de assumirmos a história, o futuro e a possibilidade da felicidade, em nossas mãos.

“A paixão é a força essencial do homem que busca com todas as forças atingir seus objetivos”. (MARX, K.: 1987, 621).

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Laure. **Os Bordéis Franceses**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- AGOSTINHO, Santo. **A Virgindade Consagrada**. Adendos e Organização Geral de Nair de Assis Oliveira, São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- _____. **Comentários da Epístola de São João**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- _____. **Confissões**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- _____. **Santo Agostinho**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1984.
- ALBERONI, Francesco. **O Erotismo**. 2. ed., Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.
- ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o Marxismo Ocidental**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- _____. **Passagem da Antiguidade ao Feudalismo**. 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ANDRÉ, Cresson. **Aristóteles**. Lisboa: Ed. Setenta, 1981.

- ANDRY, Adler. **De Onde vêm os Bebês?** 24. ed., Rio de Janeiro: Jose Olímpyo Ed., 1968.
- APPIGNANESI, Richard. **Conheça Freud.** São Paulo: Proposta Editorial, 1979.
- APPLE, Michael. **Educação e Poder.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1989.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1989.
- _____. **Da Revolução.** São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Ed. Guababara, 1981.
- ARIÈS, Philippe e BEJIN, André. **Sexualidades Ocidentais.** 3. Ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- ARISTÓFANES. **A Revolução das Mulheres: A Greve do Sexo.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1988.
- ARISTÓTELES. **Política.** Brasília: Ed. da UNB, 1985.
- ASSOUN, Paul Laurent. **Freud e a Mulher.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.
- BADINTER, Elisabeth. **O Mito do Amor Materno.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.
- _____. **Um é o Outro.** 4. ed., Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- BARROSO, Carmem e BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e Juventude.** 3. Ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1990.
- _____. **Sexo e Juventude - um Programa Educacional.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.
- _____. **Educação Sexual: Debate Aberto.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.

- BARROSO, Carmem e COSTA, Albertina. **Mulher, Mulheres**. São Paulo: Ed. Cortez, 1983.
- BASSANEZI, Carla e outros. **A Mulher na Idade Média**. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.
- BELL, Alan. **Homossexualidade**. Texto utilizado pela Fundação Carlos Chagas no Curso Educação Sexual. 1979.
- BENJAMIN, Walter e outros. **Os Pensadores**. São Paulo: Ed. Abril, Cultural, 1983.
- BERGE, Alan. **Educação Sexual e Afetiva**. São Paulo: Ed. Agri, 1968.
- _____. **Sexo e amor**. Rio de Janeiro: José Olímpio Ed., 1976.
- BERNARDI, Marcello. **A Deseducação Sexual**. São Paulo: Ed. Summus, 1985.
- BETTELHEIM, Bruno. **Freud e a Alma Humana**. 9. ed., São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.
- BIBLIA SAGRADA, 52 ed. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Meredsous (Bélgica), pelo **Centro Bíblico Católico**. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1986.
- BONAPARTE, Marie. **La sexualidade de la mujer**. Buenos Aires: Ed. Paidos, 1964.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 1992.
- BROWN, Péter. **Corpo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1990.
- BULPORT, Andre e outros. **O Sexo do Trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1986.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. São Paulo, Ed. da UNESP, 1991.
- CABAS, Alonso. **A Função do Falo na Loucura**. Campinas: Ed. Papyrus, 1988.

- CALDERONE, Mary. **Falando com seu Filho Sobre Sexo**. São Paulo: Summus Ed, 1986.
- CAMUS, Albert. **A Morte Feliz**. Lisboa: Ed. "Livros do Brasil", 1968.
- _____. **A Peste**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1973.
- CARDOSO, C. **Uma Introdução à História**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- CARDOSO, Iredé. **Mulher e Trabalho: Discriminações e Barreiras no Mercado de Trabalho**, São Paulo: Ed. Cortez, 1980.
- CAVENACCI, Massimo. **Diáletica do Indivíduo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- CHARBONEAU, Paul. **Amor e Liberdade**. São Paulo: E.P.U., 1968.
- _____. **Educação Sexual**. São Paulo: E.P.U., 1980.
- _____. **Moral Conjugal no Século XX**. São Paulo: E.P.U., 1968.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: esta nossa desconhecida**. 11. ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- CONFORT, Alex. **Os prazeres do Sexo**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.
- CONSTANTINE, Larry e MARTINSON, Floyd. **Sexualidade Infantil. Novos Conceitos, novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Roca, 1984.
- COSTA, Jurandir. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 3. ed., Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989.
- COSTA, Moacir e outros. **Cem Dúvidas Sobre Sexo**. São Paulo: Ed. Gente, 1994.
- _____. **Macho Masculino Homem**. Porto Alegre: LPM Editores, 1986.
- DARMON, Pierre. **O Tribunal da Impotência**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.

- DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.
- DEMAREST, Robert. **Fisiologia do Sexo e Controle da Natalidade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.
- DIDEROTI, Thomas. **O que é uma mulher?** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1991.
- DRAGUNSKY, Luis. **O Mito do Sexo**. São Paulo: Proposta Editorial, 1981.
- DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.
- DUSSEL, Enrique. **El Dualismo en la Antropología de la Cristiandad**. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1974.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. Vol. 1, Ed. Cosmos: Lisboa: Liv. Martins Fontes, 1970.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1981.
- _____. **Dialética de la Naturaleza**. Buenos Aires: Ed. Problemas, 1941.
- ENGELS, Friedrich e MARX, Karl. **Textos Sobre Educação e Ensino**. São Paulo: Ed. Moraes, 1992.
- ENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucill. **Feminismo como Crítica da Modernidade: Releitura dos Pensadores Contemporâneos do Ponto de Vista da Mulher**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos Ltda., 1987.
- ERDIGLIONE, Armando. **Sexualidade e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- EVANGELISTA, João. **Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-Moderno**. São Paulo: Ed. Cortez, 1991.

- FAZENDA, Ivani e outros. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.
- FERNANDES, Julia. **Sexo: Verdades e Mentiras**. São Paulo: Ed. Globo, 1995.
- FERRY, Louis. **Pensamento 68**. São Paulo: Ed. Ensaio, 1985.
- FINKIELKRAUT, Alain. **A Derrota do Pensamento**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.
- FONTANELLA, Francisco. **O Corpo no Limiar da Subjetividade**. Campinas: Tese de Doutorado, UNICAMP, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- _____. **História da Sexualidade, A Vontade de Saber**. 9. ed., Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.
- _____. **História da Sexualidade, O Cuidado de Si**. 3. ed., Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.
- _____. **História da Sexualidade. O Uso dos Prazeres**. 5. ed., Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- _____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.
- FOUGEYROLLAS, Pierre. **Ciencias Sociales y Marxismo**. México: Ed. Fondo de Cultura Economica, 1981.
- FOUREZ, George. **A Revolução Sexual**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.
- FREUD, Sigmund. **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade**. Lisboa, Ed. Livros do Brasil, 1982.
- FROMM, Erich e outros. **Marcuse Polêmico**. Lisboa: Editorial Presença, 1969.
- FROMM, Erich. **A Arte de Amar**, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1960.

- _____. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. 6. ed., Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1986.
- GARAUDY, Roger. **Introducción al Estudio de Marx**. México: Ed. Era, 1975.
- _____. **Toda a Verdade: Maio de 1968-fev. de 1970**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- GAY, Peter e outros. **Sigmund Freud e o Gabinete do dr. Lacan**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- GAY, Peter. **A Paixão Terna**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.
- GOLDEMBERG, Maria Amélia A. **Educação Sexual: Uma Proposta, Um Desafio**. 4. ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1988.
- GOLDENSON, Kirk. **Dicionário do Sexo**. São Paulo, Ed. Ática, 1989.
- GOLDMANN, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- _____. **Dialética e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.
- GRACIANO, Miguel. **Aquisição de Papéis Sexuais na Infância**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: (25):29-43, jun., 1978.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção Diáletica da História**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1981.
- _____. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**.
- GRANDINO, André. **Sexo ou Sexualidade**. Porto Alegre: LPM Ed., 1987.
- GRIMM, Robert. **O que é amar?** Aparecida: Ed. Santuário, 1984.

- GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular: Pulsões Políticas do Desejo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- GUSDORF, Georges. **A Agonia da Nossa Civilização**. 2. ed., São Paulo: Ed. Convívio, 1982.
- GUYTON, Arthur C. **Tratado de Fisiologia Médica**; função reprodutora e funções sexuais masculinas e funções sexuais e hormônios femininos. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1977.
- GYKOVATE, Flávio. **Sexo e Amor para os Jovens**. São Paulo: Autores Associados, 1979.
- HAMILTON, E. **Sexo com Amor**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.
- HART, John. **Teoria e Prática da Homossexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1983.
- HASTINGS, Dustin. **Um Psiquiatra Fala de Sexo no Casamento**. São Paulo: Livraria Manoele, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. **Todos Nós, Ninguém**. São Paulo: Ed. Moraes, 1976.
- HIGHWATER, Jamake. **Mito e Sexualidade**. 1. ed., São Paulo: Ed. Saraiva, 1992.
- HITE, Shere. **O Relatório Hite**. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1991.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era das Revoluções**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984.
- HOCQUENGHEN, Guy. **A Contestação Homossexual**, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.
- HOFFMAN, Martin. **O Sexo Equívoco**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1970.

- JAIMES, René. **Sexualidad Humana y Relaciones Personales**. Nueva York: Federación Internacional de Planificación de la Família, 1978.
- JARMAN, Catherine. **Evolução da Vida**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1970.
- JOLIVET, Regis. **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir Ed., 1987.
- KAPLAN, Helen Singer. **Manual Ilustrado de Terapia Sexual**. São Paulo: Manoele, 1978.
- _____. **A Nova terapia do Sexo**. 2. ed., São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1979.
- KINLANDER, H. Frederick. **Educação Sexual nas Escolas, Preparar para a Vida Familiar**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.
- KLEIN, Melanie. **Vida Emocional dos Civilizados**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1965.
- KOLLONTAI Alexandra. **Um Grande Amor**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1990.
- _____. **A Nova Mulher e a Moral Sexual**. São Paulo: Ed. Global, 1982.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.
- KRAMER, Heinrich e SPREENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. 6. ed., Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.
- KUJAWSKY, Gilberto. **A Crise do Século XX**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- KUPPER, Maria Cristina. **Freud e a Educação**. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.
- LANGER, Susanne. **Ensaio Filosóficos**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1971.
- LAPLANCHE, J. **Vida e Morte em Psicanálise**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1985.
- LAURSEN, N. e WHITNEY, S. **O corpo da mulher**. São Paulo: Ed. Abril, 1990.

- LEITE, Edmund. **A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- LEPAGNEUER, Hubert. **Antropologia do Prazer**. Campinas: Ed. Papyrus, 1985.
- LIBÂNEO, João. **A Volta à Grande Disciplina**. São Paulo: Ed. Loyola, 1983.
- _____. **Pastoral numa Sociedade de Conflitos**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.
- LIEF, Harold. **Sexualidade Humana**. Orientação médica e Psicológica atual, Rio de Janeiro, Ed. Atheneu, 1979.
- LIMA, Celso. **Genética Humana**. São Paulo: Ed. Harper e Row, 1980.
- LIMA, Delcio. **Comportamento sexual do Brasileiro**. 3. ed., Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1978.
- LIMA, Helena. **Educação Sexual Para Adolescentes**. São Paulo: Iglu Ed., 1989.
- LINDZEY, Hall. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: EPU, 1984.
- LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexos**. Trabalho: dominação e resistência. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.
- LOWY, Michael. **Método Dialético e Teoria Política**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.
- MACHADO, José. e OLIVEIRA, Albertina. **O segredo da vida**. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1981.
- MACHEL, Samora e outros. **A Libertação da Mulher**. 3. ed., São Paulo: Ed. Global, 1982.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem**. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1973.
- MANTEGA, Guido. **Sexo e Poder**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.

- MARAGON, Eduardo. **Masturbação; pecado ou problema?** Família Cristã, São Paulo: 544: 50-1, abr 1981.
- MARCILIO, Manuel. **A Mulher Pobre na História da Igreja latino Americana.** Col. Cehila, Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização.** 8. ed., Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.
- _____. **Ideologia da Sociedade Industrial.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1967.
- MARÍAS, Julian. **A mulher no século XX.** São Paulo: Ed. Convívio, 1981.
- MARIE, Elisabeth e outros. **Aborto: um direito da mulher sobre seu próprio corpo.** São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- MARTINS, Celso. **O Sexo e o Amor em Nossas Vidas.** Capivari: Ed. e Gráfica do Lar/ABC do Interior, 1987.
- MARX, Karl. **Escritos de Juventud.** México: Ed. Fondo de Cultura Economica, 1987.
- _____. **Miseria de la Filosofia.** Moscú: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1963.
- _____. **A Origem do Capital: A Acumulação Primitiva.** São Paulo: Ed. Fulgor, 1989.
- MASTER'S, Willian. e JOHNSON'S, Virginia. **A conduta sexual humana.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.
- _____. **O Vínculo Do Prazer.** Rio de Janeiro, Ed. Record, 1988.
- MATARAZZO, Maria. **Arte de amar.** São Paulo: Ed. Três, 1982.
- MAYLE, Peter. **De onde viemos.** São Paulo: Ed. Mosaico, 1973.
- _____. **O Que Está Acontecendo Comigo?** São Paulo: Ed. Mosaico, 1975.

- MAZEL, Jacques. **As Metamorfoses de Eros, O Amor na Grécia Antiga**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988.
- MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988.
- MEDINA, João. **O Brasileiro e seu Corpo**. Campinas: Ed. Papyrus, 1987.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.
- MÈSZAROS, Istvan. **Filosofia, Ideologia e Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Ensaio, 1986.
- MIELNIK, Isaac. **Instrução Sexual na Escola**, São Paulo: Ed. Ibrasa, 1987.
- MONTESSORI, Maria. **A Criança**. Lisboa: Portugália Ed., 1966.
- MORA, José Ferrater. **Cuatro Visiones de la História universal**. Madrid: Ed. Alianza, 1984.
- MOTT, Luiz. **O Sexo proibido: Virgens, Gays, e Escravos. Nas Garras da Inquisição**. Campinas: Papyrus, 1988.
- MURARO, Rose. **Sexualidade da Mulher Brasileira**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.
- _____. **A Mulher no Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1992.
- _____. **Libertação Sexual da Mulher**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.
- NEILL, Arthur. **Liberdade sem Medo**. São Paulo: Ed. Ibrasa, 1970.
- NETTO, José. **Crise do Marxismo e Ofensiva Neoliberal**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Os Pensadores**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983.
- NIN Anais. **Em busca de um Homem Sensível**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

sanitários e psicossociais. São Paulo: SS/CSTE, 1978. Série D, Divisão de Saúde Materna e da Criança, 14).

SARTRE, Jean Paul. **A Idade da Razão.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Educação e Questões da Atualidade.** São Paulo: Ed. Cortez, 1991.

SBRASH, Rev. **Sexualidade Humana.** Vol. 1, n. 1, São Paulo: Iglu Ed., 1990

SCHELKY, Helmut. **Sociologia da Sexualidade.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1968.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade.** São Paulo: Ed. Companhia das letras, 1988.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

SHRYOCK, Haroldo. **O Moço e Seus Problemas.** Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1969.

SILVEIRA, Paulo e DORAY, Bernard. **Elementos para uma Teoria Marxista da Subjetividade.** São Paulo: Ed. Vértice, 1989.

SISSA, Giulia e DETIENNE, Marcel. **Os Deuses Gregos.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1990.

SNOEK, Jaime. **Ensaio de Ética Sexual.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.

SUPLICY, Marta e outros. **Sexo se Aprende na Escola.** São Paulo: Ed. Olho D'Água, 1995.

SUPLICY, Marta. **Papai, Mamãe e Eu.** São Paulo: FTD, 1990.

_____. **Sexo para Adolescentes.** S.Paulo: FTD, 1988.

NUNES, César. **Aprendendo Filosofia**, Campinas: Ed. Papirus, 1986.

_____. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas: Ed. Papirus, 1987.

O'CONNOR, Jerome. **São Paulo e a Moral de Nossos Tempos**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1975.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da Diferença: O Feminino Emergente**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

PARKER, Richard G. **Corpos, Prazeres e Paixões**. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

PAULY, Lodi. **Namoro**. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1988.

PIAGET, Jean. **A Noção de Tempo na Criança**. São Paulo: Ed. Record Cultural, 1984.

PLASTINO, Carlos Alberto. **A aventura freudiana, elaboração e desenvolvimento do conceito de inconsciente em Freud**. Rio de Janeiro: UFRJ, Tempo Brasileiro, 1993.

PLEKHANOV, Georg. **A Concepção Materialista da História**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980.

POHLENS, Max. **L'uomo greco**. Firenze: La nuova Itália, 1976.

POMEROY, Wardell. **Sexo sem Riscos na Era da AIDS**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1986.

PRADO, Caio. **Diáletica do Conhecimento**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1969.

PRIORE, Mari de la. **História da Criança Brasileira**. Campinas: Ed. Contexto, 1992.

REED, Evelyn. **Sexo contra Sexo ou Classe contra Classe**. São Paulo: Proposta Editorial, 1984.

- REICH, Wilhem. **A Revolução Sexual**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.
- _____. **A Função do Orgasmo**. 15. ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- RILKE, Rainer. **Poemas e Cartas a um Jovem Poeta**. São Paulo: Ed. Tecnoprint S/A, 1989.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio ou Da Educação**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S/A, 1992.
- ROUSSELLE, Aline. **Pornéia: Sexualidade e Amor no Mundo Antigo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- RUBIN, Isadore e KIRKENDAL, Lester. **Sexo e Adolescência**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1968.
- RUFFIÉ, Jacques. **O Sexo e a Morte**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988.
- RYCROFT, Charles. **As idéias de Reich**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1971.
- SABA, Georg. **Sexo e Educação: é natural?** Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1969.
- SADER, Emir e outros. **Pós-neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1995.
- SALLES, Catharine. **Nos Submundos da Antiguidade**. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- SÃO PAULO (P.M.S.P.) Secretaria da Educação. Prefeitura do Município. **Projeto de Orientação Sexual**. São Paulo: SE/PM, 1989.
- SÃO PAULO (S.E.E./CENP) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Sexualidade Humana; uma abordagem curricular com enfoque educativo**. Avaliação. v.2. São Paulo: SE/CENP, 1984.
- SÃO PAULO (Secretaria da Saúde). Coordenadoria de Serviços Técnicos Especializados. Instituto de Saúde. **A Adolescência; aspectos médico-**

- TADEU DA SILVA, Tomaz. **O que Produz e o que se Reproduz em Educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1992.
- TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1980.
- TORDJMAN, Gilbert. **As Chaves da Sexologia**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1972.
- TRIVIÑOS Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Atlas, 1992.
- TROTSKY, León. **Da Velha à Nova Família**. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- ULIANOV, Vladimir. **Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática**. São Paulo: Ed. Livramento, 1975.
- _____. **Materialismo y Empiriocriticismo**. Buenos Aires, Ed. Estudio, 1970.
- VAINFAS, Ronaldo. **História e Sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.
- VASCONCELOS, Naumi. **Os Dogmatismos Sexuais**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1971.
- _____. **Sexo e Amor na Adolescência**. São Paulo: Ed. Moderna, 1992.
- VÁSQUEZ, Adolfo. **Filosofia da Praxis**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1968.
- VEYNE, Paul. **A Elegia Erótica Romana**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- ZAIDAN, Michel. **A crise da Razão Histórica**. Campinas: Ed. Papyrus, 1987.